



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES**

ELIANE CRISTINA NOGUEIRA FERREIRA FONSECA

**BANDAS E FANFARRAS ESCOLARES:
PROCESSOS DE ENSINO NA PREPARAÇÃO PARA O FESTIVAL DE BANDAS E
FANFARRAS DE SANTARÉM (PA)**

**Belém – Pará
2016**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES

ELIANE CRISTINA NOGUEIRA FERREIRA FONSECA

**BANDAS E FANFARRAS ESCOLARES:
PROCESSOS DE ENSINO NA PREPARAÇÃO PARA O FESTIVAL DE BANDAS E
FANFARRAS DE SANTARÉM (PA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Lia Braga Vieira

Linha de Pesquisa: Interfaces em Arte, Cultura e Sociedade.

Belém – Pará
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Fonseca, Eliane Cristina Nogueira F., 1981-
Bandas e fanfarras escolares: processos de ensino
na preparação para o festival de bandas e fanfarras de
Santarém (Pa) / Eliane Cristina Nogueira F. Fonseca. -
2016.

Orientadora: Lia Braga Vieira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte,
Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2016.

1. Música - Instrução e ensino - Pará. 2.
Música - Santarém / PA. 3. Bandas - Música. I.
Título.

CDD 23. ed. 784.098115



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Aos trinta (30) dias do mês de junho do ano de dois mil e dezesseis (2016), às nove (09) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a presidência da orientadora professora doutora Lia Braga Vieira ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V “da Aprovação ou Reprovação da Dissertação”, presenciar a defesa oral de Dissertação de Eliane Cristina Nogueira Ferreira Fonseca, Intitulada: **Processos de Ensino na Preparação para o Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém – PA.**, perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, pelos professores doutores **Sonia Maria Moraes Chada da Universidade Federal do Pará e Lília Neves Gonçalves da Universidade Federal de Uberlândia.** Dando início aos trabalhos, a professora doutora Lia Braga Vieira, passou à palavra a mestrand, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestrand, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito **EXCELENTE** com distinção, e recomendação de publicação de parte ou capítulo da referida Dissertação. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestrand, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Lia Braga Vieira agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestrand. Belém-Pa, 30 de Junho de 2016.

Profª. Dra. LÍA BRAGA VIEIRA

Lia Braga Vieira

Profª. Dra. SONIA MARIA MORAES CHADA

Sonia Maria Moraes Chada

Profª. Dra. LILIA NEVES GONÇALVES

Lília Neves Gonçalves

ELIANE CRISTINA FONSECA

Eliane Cristina Nogueira Ferreira Fonseca

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas nesta dissertação, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com a expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura

Local e Data _____

Ao meu amado filho, Davi.

AGRADECIMENTOS

A Deus. Meu amado Deus... O Seu amor me sustenta.

A você, Professora Lia Braga. Obrigada por ser quem você é. A sua companhia é um presente de Deus na minha vida.

À banca examinadora desta dissertação, pelas contribuições na construção desse trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte – Universidade Federal do Pará e aos seus professores, pela dedicação em seus ensinamentos.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

Aos regentes Anderson Campos, Dennis Sousa, Douglas Farias e Reinaldo Junio pela generosidade em dividir comigo as suas memórias.

A ti, meu filhinho, meu exemplo de coragem. Minhas lembranças ao teu lado, neste tempo que passou, serão variadas. Lembrarei de todas com amor. Tua voz perguntando: “Já terminou, mãe? ”, ecoará para sempre, assim como lembrarei do teu sorriso ao ouvir os meus “sins”. Obrigada por me esperar.

A você, meu esposo, Agostinho Júnior, por estar ao nosso lado. Seu comportamento de amor nos enche de felicidade.

Aos meus amados pais, José Quaresma Ferreira e Maria Luzenilda Ferreira, meus exemplos de perseverança.

Grata, Lúcia Gomes, pelas tuas orações e palavras de apoio.

Ao amigo e irmão Padre Alessandro, muito obrigada.

Às escolas de Santarém por onde andei e pude ver e ouvir as experiências de alguns daqueles que contribuem para que suas Bandas e Fanfarras existam naquele município.

Ao meu irmão Otávio Ferreira e cunhado Marcelo Pedroso, pelo apoio na coleta dos documentos em campo.

Aos queridos Júlio Lages, Leonice Nina e Monique Marinho, grata pela atenção e disponibilidade ao ceder informações necessárias para o andamento desta pesquisa.

A todos aos quais pedi auxílio nessa jornada, meu sincero agradecimento.

Quem constrói histórias, compartilha memórias.

Lucília de Almeida – História Oral: Memória, tempo, identidades

RESUMO

Esta dissertação apresenta pesquisa sobre processos de ensino em bandas de música que participaram do IX Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém (PA) – 2015. O objetivo geral consistiu em investigar os processos de ensino nas bandas e fanfarras escolares na preparação para referido Festival. A importância desta pesquisa está na necessidade de investigar a educação musical em Santarém, em face de seu destaque cultural na vida social local, em especial o ensino em banda no contexto da educação básica na preparação para o Festival de Bandas e Fanfarras Escolares, como contexto gerador de práticas socioculturais e educativas que podem ajudar a identificar processos de ensino na atuação de professores de música deste município. Foram aplicadas entrevistas em história oral junto a quatro instrutores e/ou regentes de três bandas de três escolas públicas daquela localidade. As entrevistas foram transcritas, textualizadas e por fim transcritas em narrativas. Assisti a ensaios dessas bandas, bem como às suas apresentações nos desfiles cívicos e no Festival e fiz a descrição densa, detalhada e extensiva do que observei em campo. As informações foram interpretadas analisadas a partir das noções de *habitus* e campo. Os resultados da pesquisa apontaram “princípios”, “métodos” e “procedimentos técnicos” que parecem ser as marcas de uma pedagogia própria do mundo das bandas e fanfarras escolares de Santarém – pelo menos daquelas que investiguei e participam dos desfiles e do Festival e neste pretendem alcançar destaque. São modos de sentir, pensar e agir a uma vez artísticos e sociais, reciprocamente implicados que denomino de “pedagogia do todo”, porque já não se trata de um ensino estritamente musical, mas artístico e também de gestão, no qual se ensina e se aprende a fazer tudo.

Palavras-chave: Bandas Escolares, Fanfarras Escolares, Ensino da Música, Música em Santarém – PA.

ABSTRACT

This dissertation presents research on teaching processes in music bands that participated in the IX Band and Fanfares Festival of Santarém (PA) – 2015. The overall objective was to investigate the processes of teaching in school bands and fanfares in preparation for that Festival. The importance of this research is the need to investigate the musical education in Santarém, in the face of their cultural highlight in the local social life, especially school band in the context of basic education in preparation for the Band and Fanfares School Festival, as context generator of socio-cultural and educational practices that can help identify processes of teaching music teacher performance of this municipality. Interviews were administered in oral history with four instructors and / or conductors of three bands of three public schools in that locality. The interviews were transcribed, textualized and finally “transcriadas” in narratives. I attended the trials of these bands, as well as their performances in civic parades and Festival and made dense, detailed and extensive description of what I observed in the field. The information was interpreted analyzed from the *habitus* concepts and field. The survey results showed "principles", "methods" and "technical procedures" that seem to be the marks of a characteristic of the world pedagogy of school bands and fanfares of Santarém – at least those who investigated and participate in the parade and Festival and this They aim to achieve prominence. Are ways of feeling, thinking and acting as artistic and social reciprocally involved which I call "pedagogy of all" because it is no longer a strictly musical education, but artistic as well as management, which is taught and learn to do everything.

Keywords: School Bands, School Fanfares, Music Education, Music in Santarém – PA.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	Orquestra “Sustenidos e Bemóis”, em 1916.	22
Fotografia 2	Orquestra Jovem “Wilson Fonseca”.	22
Fotografia 3	Entrevista com Anderson Campos. Santarém (PA), 2015.	33
Fotografia 4	Vista interior do portão de acesso principal a Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	34
Fotografia 5	Vista interna da obra em andamento na Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	34
Fotografia 6	Entrevista com Dennis Sousa Lima. Santarém (PA), 2015.	52
Fotografia 7	Entrevista com Reinaldo Junio Costa. Santarém (PA), 2015.	65
Fotografia 8	Douglas Farias. Santarém (PA), 2015.	80
Fotografia 9	Praça da entrada da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	96
Fotografia 10	Vista do lado direito da quadra da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	97
Fotografia 11	Ensaio da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	99
Fotografia 12	Ensaio da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	100
Fotografia 13	Momento final do ensaio da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	102
Fotografia 14	Pintura na parede da sala da Banda Marcial da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	107
Fotografia 15	Professor Dennis orientando um estudante de trompete da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	108
Fotografia 16	Estudo em grupo de alguns integrantes da “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	109
Fotografia 17	Grupo de integrantes da “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	109
Fotografia 18	Ensaio do naipe de percussão da “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	110
Fotografia 19	Ensaio da Fanfarra da Escola “Dom Anselmo Pietrulla”. Santarém (PA), 2015.	112
Fotografia 20	Ensaio da Fanfarra “Dom Anselmo Pietrulla”. Santarém (PA), 2015.	112
Fotografia 21	Limpeza de instrumento na Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	115
Fotografia 22	Ajustes em instrumentos de percussão na Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	116
Fotografia 23	Faixa exposta na frente da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	117
Fotografia 24	Limpeza de instrumentos de percussão na Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	117

Fotografia 25	Jovens integrantes da Fanfarra “Frei Ambrósio Tito Viana” preparando instrumentos. Santarém (PA), 2015.	118
Fotografia 26	Troféus recentes conquistados pela Fanfarra “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	118
Fotografia 27	Estandarte da Fanfarra “Frei Ambrósio Tito Viana”. Santarém (PA), 2015.	119
Fotografia 28	Material de cenário usado na apresentação da Fanfarra “Frei Ambrósio”, no ano 2014, cujo tema foi “Circo”. Santarém (PA), 2015.	120
Fotografia 29	Componente limpando instrumento. Escola “Frei Ambrósio” Santarém (PA), 2015.	121
Fotografia 30	Integrantes da Banda Marcial da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	122
Fotografia 31	Ajustes nos instrumentos. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	123
Fotografia 32	Produção de faixa para o desfile da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015	124
Fotografia 33	Integrantes da Banda Marcial da Escola “Pedro Álvares Cabral” antes do desfile. Santarém (PA), 2015.	124
Fotografia 34	Parte do público sob a arquibancada. Santarém (PA), 2015.	126
Fotografia 35	“Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral” junto a alunos com faixas de protestos. Santarém (PA), 2015.	130
Fotografia 36	“Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	131
Fotografia 37	“Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral” marchando rumo à finalização do desfile. Santarém (PA), 2015.	131
Fotografia 38	Coordenador da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio” posicionado à frente da fanfarra segurando o lançador de fumaça. Santarém (PA), 2015.	132
Fotografia 39	“Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	133
Fotografia 40	“Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio” em frente ao palanque. Santarém (PA), 2015.	133
Fotografia 41	Corneteiros da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	134
Fotografia 42	Finalização do desfile da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	135
Fotografia 43	Naípe de trombones. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	136
Fotografia 44	Garoto saxofonista executa música seguindo o registro na partitura. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	137
Fotografia 45	Alguns integrantes da banda executam uma sequência de músicas selecionadas para o Festival. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	138
Fotografia 46	Algumas meninas e meninos que tocam surdo e bombo ensaiam a sua parte coreográfica. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	139
Fotografia 47	Percussionistas ensaiam a coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	140

Fotografia 48	Pratilheiras ensaiam a coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	141
Fotografia 49	Ensaio de naipes. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015	142
Fotografia 50	Guilherme reproduz uma das sequências rítmicas executada durante os ensaios da percussão. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	143
Fotografia 51	Um integrante da banda ensina Guilherme a executar uma sequência rítmica. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	144
Fotografia 52	Ensaio na quadra, sob o olhar de Dennis, o regente. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	145
Fotografia 53	Integrantes da banda limpam espaço da escola após uso para o ensaio. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	146
Fotografia 54	O regente Douglas e outros integrantes da fanfarra fazendo ajustes nos instrumentos. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	147
Fotografia 55	Público no lado de fora da escola, assistindo aos ensaios através dos portões de acesso ao local. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	151
Fotografia 56	Ensaio da performance. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	151
Fotografia 57	Ensaio da performance. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	152
Fotografia 58	Ensaio de naipes. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	152
Fotografia 59	Dennis rege a banda com seu filho no colo. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	153
Fotografia 60	Dennis rege o grupo de cima de um muro baixo. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	153
Fotografia 61	Finalização do ensaio. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	154
Fotografia 62	Dennis organiza os instrumentos no carro. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	154
Fotografia 63	Componente costurando figurino. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	156
Fotografia 64	Anderson ajudando na confecção dos adereços para os instrumentos de percussão. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	156
Fotografia 65	Alan cobre a lateral de um bombo com um tecido de juta. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	157
Fotografia 66	Douglas fixa esponjas na parte interna dos bombos usando um grampeador. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	158
Fotografia 67	Componentes reajustam instrumentos de percussão. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	159
Fotografia 68	Componente com instrumento acoplado nas costas e executado utilizando duas solas de sandália de borracha. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	160
Fotografia 69	Componente costura fita <i>led</i> na borda da capa do uniforme. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	161

Fotografia 70	Douglas assume o serviço. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	161
Fotografia 71	Integrante exhibe as baquetas dos bombos preparadas para o Festival. Escola “Dom Anselmo I”. Santarém (PA), 2015.	162
Fotografia 72	Componente com troféu da premiação do primeiro lugar da categoria “Fanfarra Simples”. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	163
Fotografia 73	Componente com barbantes entrelaçados nos dedos indicadores e médios das mãos direita e esquerda para evitar que a baqueta caia. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	163
Fotografia 74	Coreógrafa faz penteado em integrante da fanfarra. Componente faz o mesmo penteado em outra integrante. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	164
Fotografia 75	Integrantes da fanfarra minutos antes do início da competição: olhos lacrimejantes, rostos paralisados, sem sorriso e silenciosos. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	166
Fotografia 76	O regente Douglas e a fanfarra. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	168
Fotografia 77	A fanfarra em execução musical e coreográfica. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	168
Fotografia 78	O regente Douglas, as balizas e os instrumentistas da fanfarra. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.	168
Fotografia 79	Integrantes revestem com plástico adesivo dourado os revólveres de madeira a serem usados como adereços pelos pratinheiros e pratinheiras da fanfarra. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	169
Fotografia 80	Alegorias. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	170
Fotografia 81	Componentes se preparam para a apresentação. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	172
Fotografia 82	O regente Anderson dá orientações aos integrantes da fanfarra. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	173
Fotografia 83	Integrantes vestem seus figurinos e colocam seus adereços. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	174
Fotografia 84	Integrante, sob longo manto azul, é carregada aos ombros de outro jovem. Menção à imagem de Nossa Senhora. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	177
Fotografia 85	Componentes apresentam coreografia intercalada com encenações teatrais. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	178
Fotografia 86	Componentes participam da execução musical e coreografia. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	178
Fotografia 87	Destaque aos corneteiros. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	179
Fotografia 88	Apresentação da “rainha do rodeio”. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.	179
Fotografia 89	Momento oração antes da apresentação. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	181
Fotografia 90	Instrumentistas de percussão. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	182

Fotografia 91	Integrantes executam seus instrumentos e participam da coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	182
Fotografia 92	Coreografia compartilhada por dançarinas e instrumentistas. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	183
Fotografia 93	Instrumentistas participam da coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	183
Fotografia 94	Instrumentistas e dançarinas compartilham coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	183
Fotografia 95	Panorama geral da banda marcial. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.	184

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E EBREVIATURAS	20
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 – PREPARAÇÃO: O DITO	32
ANDERSON CAMPOS, REGENTE DA “FANFARRA COM MELODIA” DA ESCOLA ESTADUAL “FREI AMBRÓSIO”	33
O contexto	33
A narrativa	36
<i>Iniciação musical</i>	36
<i>Atuação em bandas como auxiliar e instrutor/regente</i>	37
<i>Formação na Licenciatura em Música na Universidade do Estado do Pará – UEPA</i>	38
<i>Componentes das bandas</i>	40
<i>Ensaio / Ensino</i>	44
<i>Festival</i>	47
<i>Outros projetos</i>	51
DENNIS DE SOUSA LIMA, REGENTE DA “BANDA MARCIAL” DA ESCOLA “PEDRO ÁLVARES CABRAL”	52
O contexto	52
A Narrativa	53
<i>Formação</i>	53
<i>Espaços de atuação</i>	55
<i>Ensino / Ensaio</i>	56
<i>Festival</i>	60
<i>Infraestrutura e a sua gestão</i>	64
REINALDO JUNIO COSTA, REGENTE NA “BANDA MARCIAL” DA ESCOLA “PEDRO ÁLVARES CABRAL”	65
O contexto	65
A narrativa	67
<i>Formação</i>	67
<i>Ensino</i>	68
<i>Componentes</i>	72
<i>Apresentações, Desfile Cívico, Festival</i>	74

<i>Repertório e arranjo</i>	76
<i>Coreografia</i>	77
<i>Parcerias, apoio da escola, oportunidades</i>	78
DOUGLAS FARIAS, REGENTE DA “FANFARRA SIMPLES” DA ESCOLA “DOM ANSELMO PIETRULLA”	80
O contexto	80
A narrativa	81
<i>Formação</i>	81
<i>Atuação</i>	83
<i>Ensaio / Ensino</i>	83
<i>Festival</i>	89
<i>Infraestrutura e parcerias</i>	90
CAPÍTULO 2 – PREPARAÇÃO E COMPETIÇÃO: O VISTO	92
PREPARAÇÃO	92
Santarém, 1º de julho de 2015.	92
<i>A chegada</i>	92
<i>Primeiros contatos</i>	93
Santarém, 2 de julho de 2015	95
<i>Visita à Escola “Pedro Álvares Cabral”</i>	95
<i>Ensaio na Escola “Frei Ambrósio”</i>	97
Santarém, 3 de julho de 2015.	102
<i>Visita à Escola “Frei Ambrósio”</i>	102
Aula de flauta doce	102
Ensaio da fanfarra	103
Santarém, 4 de julho de 2015.	104
<i>Ensaio da Fanfarra da Escola “Frei Ambrósio”</i>	104
Santarém, 10 de julho de 2015.	106
<i>Ensaio da Banda Marcial da Escola “Pedro Álvares Cabral”</i>	106
Santarém, 11 de julho de 2015.	111
<i>Visita à escola Municipal de Ensino Fundamental “Dom Anselmo Pietrulla”</i>	111
Santarém, 5 de setembro de 2015.	113
<i>Visita à Escola “Pedro Álvares Cabral”</i>	114

<i>Visita à Escola “Frei Ambrósio”</i>	116
<i>Visita a Escola “Dom Anselmo”</i>	121
<i>Mais uma visita à Escola Estadual “Pedro Álvares Cabral”</i>	121
DESFILÉ	125
<i>Assistindo do palanque ao desfile da Semana da Pátria</i>	125
Santarém, 6 de setembro de 2015.	135
<i>Visita à Escola “Pedro Álvares Cabral”</i>	135
Santarém, 7 de setembro de 2015.	146
<i>Visita à Escola “Dom Anselmo”, 9h00</i>	146
<i>Acompanhando o ensaio na Escola “Pedro Álvares Cabral”</i>	152
<i>Acompanhando o ensaio geral na Av. Tapajós (orla da cidade) da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral”</i>	154
FESTIVAL	155
Santarém, 8 de setembro de 2015.	155
<i>Visita à Escola “Frei Ambrósio”</i>	155
<i>Visita à Escola “Dom Anselmo”</i>	158
<i>Acompanhando o trajeto do ônibus</i>	165
<i>Fanfarras “Dom Anselmo”: a hora da competição</i>	167
Santarém, 9 de setembro de 2015.	169
<i>Acompanhando a preparação e apresentação da “Fanfarras com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”</i>	169
<i>Acompanhando a preparação da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral” minutos antes do Festival, na escola antes de irem para a orla</i>	173
<i>Fanfarras “Frei Ambrósio” na concentração</i>	174
<i>Hora da competição</i>	175
<i>Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral” na concentração antes da competição</i>	180
<i>Apresentação da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral” no Festival</i>	181
<i>Avaliação dos regentes da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral” após a apresentação</i>	184
CAPÍTULO 3 – REFLEXÕES SOBRE O DITO E O VISTO: VALORES EMERGENTES – O OLHAR DA PESQUISADORA	185
FORMAÇÃO	185
ATUAÇÃO	189
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS	201

REFERÊNCIAS	204
APÊNDICES	208
ANEXOS	211

LISTA DE SIGLAS E EBREVIATURAS

AES	Associação dos Estudantes de Santarém
BAMPAC	Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral”
CPR	Comando de Policiamento Regional
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FANDAP	Fanfarra “Dom Anselmo Pietrulla”
FASEPA	Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará
IESPES	Instituto de Esperança de Ensino Superior
PPDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PTRAN	Pelotão de Trânsito
SEMA	Secretaria de Meio Ambiente
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SEMJEL	Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UMES	União Municipal dos Estudantes de Santarém

INTRODUÇÃO

No campo de estudo da educação musical, as bandas de música são bastante consideradas em pesquisas que resultaram em dissertações e teses, como as de Magalhães (2003), Lima (2005), Gonçalves (2007), Moreira (2007), Nascimento (2007), Costa (2008), Gislaghi (2009), Almeida (2010), Kandler (2011), Amorim (2012), Silva (2012), Westrupp (2012), Nina (2015), entre outros trabalhos encontrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (<http://bdtd.ibict.br/vufind/>). Essas pesquisas abrangem as diferentes realidades das bandas de música de várias regiões do país.

Esse levantamento é apenas um recorte que aponta o interesse que tem havido nos últimos anos em torno de investigações no campo das bandas de música. Ainda há como fontes para o levantamento do estado da arte, o banco de dissertações e teses do portal de periódicos da CAPES e os anais e revistas da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM. Esta última é importante fonte, pois sempre estão registrados resultados de pesquisas dos programas de pós-graduação brasileiros em torno dos principais temas e certamente deve haver publicações na temática do ensino nas Bandas de Música.

De todo modo, as pesquisas mencionadas e, certamente, outras abordam várias dimensões relacionadas à pedagogia. Naqueles casos, observei as dimensões político-pedagógicas, pedagógico-formativas docente e de ensino. Esta pesquisa se situa na dimensão do ensino.

O contexto desta pesquisa é a cidade de Santarém – PA localizada na região oeste do Pará, que ocupa uma área de 22.886. 624 km², com 290.521 habitantes segundo dados do IBGE (2014). Sua distância em relação à capital do estado é de 1.400 km.

As pesquisas do maestro Wilson Fonseca (1912-2006) registram que a música neste município é manifestação cultural muito presente. Segundo o autor, ela aparece em atividades como bandas e corais, consideradas de grande importância para a sociedade local.

Segundo Fonseca (2008), a história da existência de bandas neste município é centenária, desde o primeiro grupo musical, o da Sociedade Filarmônica “Santa Cecília”, datada de 1878, criada por Francisco Assis dos Santos. A esta banda se seguiram outras: “Banda Perseverança” (1910); “Banda Filarmônica Santarena”, que encerrou suas atividades no ano de 1917; “Sinfonia Franciscana” (1918); “Banda 7 de Dezembro” (1907 – 1923); “Banda 3 de Junho” (1924), antiga “Banda 7 de Dezembro”; as orquestras “Grêmio Antônio Braga” (1908), “Sustenidos e Bemóis” (1912), “Assembleia Jazz-band” (1925) e a “Euterpe-

Jazz” (1930), todas criadas e dirigidas por Agostinho da Fonseca, com instrumentos de sopro, cordas e percussão; Banda “Prof. José Agostinho” (1963).

Fotografia 1: Orquestra “Sustenidos e Bemóis”, em 1916.



Fonte: Acervo da autora.

Atualmente, além desta banda, com mais de 50 anos em atividade, há também a Orquestra Jovem “Wilson Fonseca”, antiga “Banda Wilson Fonseca” fundada em 1996 pela então superintendente da Fundação Carlos Gomes, Prof.^a Glória Caputo, e dirigida por José Agostinho da Fonseca Neto até o presente. Esta banda foi gerada pela Escola de Música “Wilson Fonseca” (1994), atual Instituto “Wilson Fonseca”.

Fotografia 2: Orquestra Jovem “Wilson Fonseca”.



Fonte: Acervo da autora.

Há ainda as bandas de corporações militares como: Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e Exército.

Observando a realidade das bandas de música em Santarém, na atualidade, pude constatar que estes conjuntos estão presentes no contexto das escolas regulares de ensino fundamental e médio, principalmente nas escolas públicas estaduais e municipais. É também por meio de bandas e fanfarras que crianças, adolescentes e jovens aprendem música nas escolas, que por isso se constituem em um espaço de grande importância para o seu ensino e aprendizagem.

Cada vez mais esta atividade está sendo estimulada no âmbito da escola de educação básica, com o apoio de diversos setores e órgãos governamentais. O exemplo disto são as bandas marciais escolares como: “Banda Marcial Almirante Soares Dutra” (2010), da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Almirante Soares Dutra”, “Banda Marcial Força Alvi Verde” da Escola “Terezinha de Jesus Rodrigues” (2012), “Banda Marcial Pedro Álvares Cabral” (2011), da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Pedro Álvares Cabral”, “Banda Marcial Álvaro Adolfo da Silveira” (2010), da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Álvaro Adolfo da Silveira”, “Banda Marcial Frei Gilberto” (2012), da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Frei Gilberto” (2012) e outras.

Estas bandas não são tão recentes. Elas iniciaram como fanfarras. Algumas há duas ou mais décadas. Observei que com o passar dos anos vão sendo incluídos os instrumentos de sopro. Inicialmente a corneta e mais tarde, em algumas delas, também constatei a presença de instrumentos como clarinetes, flautas, trompetes, saxofones, sax horns, trombone e eufônio. É possível perceber uma quantidade de estudantes de música que tocam instrumentos de sopro nas bandas escolares. Isto é observado nos desfiles da Semana da Pátria promovido pela Prefeitura Municipal de Santarém através da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e Festival de Bandas e Fanfarras escolares, promovido pela Prefeitura Municipal de Santarém através da Secretaria de Esporte e Lazer, de 2006 a 2009, e da Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer (SEMJEL), de 2010 a 2014.

A contextualização desta pesquisa acima historiada constitui as raízes da minha formação em banda de música, iniciada na Escola de Música “Maestro Wilson Fonseca”, atual Instituto “Wilson Fonseca” em Santarém, cuja “Banda Maestro Wilson Fonseca” (1996) integrei como flautista, desde o ano 1998. A Escola de Música “Maestro Wilson Fonseca” se constituía em um dos polos de interiorização da Fundação Carlos Gomes, criado em 1993, pela então superintendente Prof.^a Glória Caputo, em convênio com a Prefeitura Municipal de Santarém.

Em 2000, ano em que foi implantado, em Santarém, o curso de Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Música da Universidade do Estado do Pará, iniciei a graduação. A maioria dos discentes desta turma atuava em bandas de música. Apenas três dos quinze alunos não integravam esse tipo de grupo. Hoje, alguns destes professores atuam em bandas escolares.

São alguns destes profissionais que conduzem o ensino de instrumentos de sopro e percussão às crianças, adolescentes e jovens de escolas públicas de educação básica. A complexidade dessa trajetória de formação docente é analisada pela pesquisa de Nina (2015), que tratou sobre essa realidade ao fazer um estudo em história oral que narra e reflete sobre as relações entre os saberes adquiridos em banda de música e na Licenciatura em Música da UEPA/ Santarém.

A presente pesquisa, que vem sendo desenvolvida também no contexto de Santarém, pretende abranger outro fenômeno que também envolve esses professores, instrutores e/ou regentes. Trata-se dos desfiles e festivais de banda realizados naquele município.

Nas pesquisas de Pereira (2008), encontramos registros sobre as fanfarras escolares e o Festival de Santarém. Segundo ele, a presença da fanfarra nas escolas regulares se deu por volta dos anos de 1970 e por falta de documentos não é possível obter esta informação com exatidão. O pesquisador ressalta que os festivais foram grandes incentivadores para a presença destes grupos no contexto escolar. As primeiras fanfarras de escola pública foram as fanfarras da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Álvaro Adolfo da Silveira e da Escola Estadual Rodrigues dos Santos. As escolas particulares ou filantrópicas, como o Colégio São Raimundo Nonato, Colégio Dom Amando, Colégio Santa Clara e Colégio Batista Sóstenes Pereira de Barros também foram pioneiras.

Pereira (2008) registra que os primeiros festivais foram organizados pelo “Lions Tapajós Clube”. Ele baseia a sua pesquisa em relatos de instrutores destas primeiras fanfarras de escolas públicas e particulares de Santarém. E através das memórias do regente da fanfarra do Colégio Dom Amando e de registros em troféus, o pesquisador identifica que o primeiro Festival de Fanfarras de Santarém aconteceu em 1975. Segundo suas pesquisas, o final da década de 1970 e início de 1980 foi um período em que, além das escolas estaduais mencionadas acima, outras escolas estaduais organizaram suas fanfarras. Mais tarde, com o aparecimento de grupos com diferente formação instrumental, foram instituídas categorias para a competição: “Fanfarra Simples” (somente percussão) e “Fanfarra com Melodia” (instrumentos de percussão, cornetas e cornetões).

Em conversas informais mantidas por mim com regentes de bandas escolares de Santarém, foi-me informado que no ano 1988, o Festival de Bandas e Fanfarras passou a ser organizado pela Associação de Estudantes de Santarém (AES). A partir deste ano, mais escolas organizaram seus grupos para a competição.

Naquelas conversas também foi mencionado que, em 2007, o “Festival de Bandas e Fanfarras” passou a ser organizado pela prefeitura local. Atualmente, conforme pude constatar no Regulamento do IX Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém – 2015, três categorias nas quais os grupos musicais escolares podem competir são indicadas da seguinte forma: “Fanfarra Simples”, “Fanfarra com Melodia” e “Banda Marcial”. A primeira categoria corresponde aos grupos cuja formação instrumental consiste em instrumentos de percussão que não produzem melodia. A segunda categoria é para os grupos que, além de instrumentos de percussão, utilizam também cornetas e cornetões lisos e em quaisquer tonalidades. A terceira categoria citada deve conter o instrumental característico de “Banda Marcial”, ou seja, além dos instrumentos de percussão, também são considerados instrumentos como: liras, glock, clarinete, flauta transversal, trompete, trombone, tuba, sax e outros.

As performances no Festival são as mais esperadas pelos participantes das bandas e fanfarras. Movidos pela competição, planejam e ensaiam para as apresentações nos festivais de Santarém. É a grande culminância de um processo que há muito tempo faz parte do cotidiano da escola e da comunidade santarena.

Atualmente, inúmeros elementos compõem a apresentação das bandas e fanfarras escolares em Santarém: figurinos dos mais coloridos e elaborados aos mais simples, fantasias ou uniformes militares, regência coreografada ou tradicional, balizas de banda ou dançarinos, músicos que dançam e/ou tocam e/ou encenam durante a execução instrumental, fumaça, luzes, painéis, alegorias e outros elementos cênicos; rock nacional e internacional, música regional e de outros continentes, o som “maciço” das cornetas e cornetões que contagia os espectadores das “Fanfarras com Melodia”, a variedade instrumental e as coreografias estilizadas nas “Bandas Marciais”...

Todos esses elementos revelam que não é mais somente a música o aspecto único trabalhado por essas bandas, mas que à música estão integrados e com ela compartilham o protagonismo. Tal situação, que difere do que seria uma apresentação tradicional de desfile de bandas, chamou atenção e fez emergir o interesse desta pesquisa pelo processo de ensino “do todo” em bandas de música que participam desse festival, cujas demandas parecem ser específicas, e que para serem atendidas devem ter suas marcas que sinalizam uma “pedagogia do todo”, isto é: um conjunto de princípios, métodos, técnicas, materiais e demais elementos,

inclusive de gestão, que viabilizem o alcance dos objetivos desse grupo social. Parto do pressuposto de que toda prática social tem sua pedagogia, como conjunto de saberes que encaminham à educação (*à priori*, transmissão modos de sentir, pensar e agir) de pessoas para que se integrem ao grupo social correspondente a essa prática social, garantindo a continuidade da existência desse grupo.

Daí a pergunta desta pesquisa:

Quais aspectos emergentes do ensino em bandas e fanfarras na preparação para o Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém definem a “pedagogia do todo” utilizada por seus regentes?

Em face da pergunta acima, tracei como objetivo geral deste estudo: investigar os processos e procedimentos da “pedagogia do todo” emergente no ensino em bandas e fanfarras escolares na preparação para o Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém-Pará.

Os objetivos específicos consistem em: identificar os elementos didáticos (métodos, técnicas e materiais) que emergem desse ensino e delinham aquela pedagogia; descrever como estes elementos são desenvolvidos por esses instrutores e/ou regentes; analisar como a “pedagogia do todo” emerge das demandas sócio musicais do Festival, e seus significados pedagógico-sociais no ensino de música aqui estudado.

Embora haja registros das atividades de bandas de música em trabalhos de conclusão de curso da Licenciatura em Música da Universidade do Estado do Pará, em monografias e em algumas publicações, como o *Meu Baú Mocarongo* (2006) de Wilson Fonseca e *Sociedades de Euterpe* (1985), de Vicente Salles, principais fontes musicológicas sobre bandas de música em Santarém, ainda são escassos os registros relacionados à Educação Musical.

Considero necessário abordar a educação musical em Santarém em seus processos de ensino para a compreensão de suas realidades educacionais musicais. Em especial, e em face de sua importância local, destaco o estudo do ensino em banda no contexto da educação básica. Nesse sentido, realizar investigação sobre a educação musical especificamente sobre o ensino na preparação para o Festival de Bandas e Fanfarras escolares é importante para se conhecer esse contexto como gerador de práticas socioculturais e educativas que ajudem a identificar processos de ensino na atuação de professores de música deste município.

Esta pesquisa se circunscreve à compreensão do ensino na preparação para o Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém. Trata-se de um estudo qualitativo, que busca interpretar e entender o fenômeno investigado.

A pesquisa foi realizada em campo. Inicialmente, fiz um levantamento de todas as Escolas Estaduais de Santarém que possuem banda ou fanfarra e quem são seus regentes e/ou instrutores. Identifiquei 41 escolas com banda ou fanfarra e 36 regentes e/ou instrutores, alguns atuando em mais de uma escola.

Quadro com lista de escolas com banda ou fanfarra e respectivos regentes. Santarém – PA, 2015.

Nº	ESCOLA	REGENTE
01	Centro Educacional Caixinha do Saber	Ramon Rodrigo dos Santos
02	Colégio Dom Amando	Pedro Fernando Liberal e Júlio Heleno Lages
03	E.D. São Francisco	Rafael Carlos Moreira
04	E.E.E.F.M. Dom Thiago Ryan	Evandro Leal
05	E.E.E.F.M. Frei Othmar	Edvan Felipe Brito
06	E.E.E.F.M. José de Alencar	Wilker Vieira
07	E.E.E.F.M. Júlia Passarinho	Rian Douglas Gonçalves
08	E.E.E.F.M. Nª Senhora Aparecida	César Henrique Azevedo Sousa
09	E.E.E.F.M. Pedro Álvares Cabral	Dennis de Souza Lima e Reinaldo Junio Costa
10	E.E.E.F.M. Rio Tapajós	Sem regente temporariamente
11	E.E.E.F.M. Rodrigues dos Santos	Clebson Andrew Leal Mota
12	E.E.E.F.M. Terezinha de Jesus Rodrigues	Cristophe Pereira do Vale
13	E.E.E.M. Maestro Wilson Fonseca	Edmilson Silva
14	E.E.E.M.F. Almirante Soares Dutra	Fábio da Costa Ferreira
15	E.E.E.M.F. Álvaro Adolfo da Silveira	José Candido
16	E.E.E.M.F. Frei Ambrósio	Anderson Campos
17	E.E.E.M.F. Madre Imaculada	João Maciel
18	E.M.E.F. Eilah Gentil	Meive Eliane Cardoso de Oliveira
19	E.M.E.F. Ambrósio Caetano Corrêa	Virlande Lima Miranda
20	E.M.E.F. Deputado Ubaldo Corrêa	Dennis de Souza Lima
21	E.M.E.F. Rosilda Wanghon	Meive Eliane Cardoso de Oliveira
22	E.M.E.F. Frei Fabiano	Daniel Feitosa Mendes
23	E.M.E.F. Hilda Mota	Shosuke Leônidas Okada
24	E.M.E.F. Maria de Lourdes	Eude Igor Almeida Lima
25	E.M.E.F. Princesa Isabel	Anderson Campos
26	E.M.E.F. Afro Amazônida	Jony Carlos Marques de Oliveira
27	Escola Carequinha	Claudir de Jesus
28	E.M.E.F. Dom Alselmo Pietrulla	Douglas Farias
29	E.M.E.F. Joaquim Maia	Meive Eliane Cardoso de Oliveira
30	E.M.E.F. Nª Sª de Fátima	Drailton Feitosa
31	E.M.E.F. Jader Barbalho	Silvam Pereira dos Santos
32	E.E.E.M Onésima Pereira de Barros	Douglas Farias
33	E.M.E.F. Deuzuita Freire Matos	Temporariamente sem regente
34	E.M.E.F. Dra. Maria Amália Queiroz de Souza	Raony Gleyson Sousa Lima
35	E.M.E.I.E. F Haroldo Veloso	Patrick Rogério Rocha da Silva
36	E.M.E.F Tiago Xisto	Rosires Rocha Batista
37	E.E.E.F.M. Romana Tavares Leal	Marcinei Assunção
38	E.M.E.F. Nova Esperança	Miguel dos Anjos
39	E.M.E.F. Felipe Patroni	Rodrigo Rodrigues
40	E.M.E.F. Frei Gilberto Wood	Marcio Rodrigo de Sousa
41	E.E.E.F Maria Uchôa Martins	Ernelio Silva

Fonte: Históricos de desfiles cívicos, sites diversos, instrutores e regentes.

Foram envolvidos instrutores e/ou regentes e instrumentistas que desenvolviam diretamente o ensino musical em preparação para o festival. Dentre essas pessoas foram entrevistados o regente da “Fanfarra com Melodia” da Escola Estadual “Frei Ambrósio”, o regente da Fanfarra da Escola Municipal “Dom Anselmo Pietrulla” e os regentes da Banda Marcial da Escola Estadual “Pedro Álvares Cabral”.

O critério para a escolha das escolas consistiu na disponibilidade dos instrutores e/ou regentes. Quanto aos instrutores e/ou regentes, estes foram escolhidos por estarem disponíveis para esta pesquisa, por terem participado de Banda e ou Fanfarra e ter atuado no ensino musical em preparação para o festival a partir de 2010.

Os procedimentos para esta pesquisa abrangeram observações em campo, incluindo visitas a cada escola durante as aulas e ensaios para o Festival nos meses de julho e de setembro de 2015, pois neste período a preparação para o Festival e desfile da Semana da Pátria se intensifica. Em setembro, assisti ao Desfile Cívico na orla da cidade e ao Festival de Bandas e Fanfarras também na orla da cidade.

As observações contextualizadas foram possíveis a partir de minha inserção – de apenas alguns dias daqueles meses de julho e setembro – no campo, onde convivi dia a dia com “práticas, hábitos, rituais e concepções sem pré-julgamentos ou preconceitos pessoais para compreender a cultura dos grupos” (CHIZZOTTI, 2011, p. 72), no caso, das bandas “Frei Ambrósio” e “Pedro Álvares Cabral” e da fanfarra “Dom Anselmo Pietrulla”. Fiz anotações, utilizei filmadora, e gravador de celular para registrar as cenas que partilhei. Minha observação foi participante, pois interagi com as pessoas, circulei pelos espaços e em alguns momentos (raros) colaborei em atividades.

As anotações das minhas observações foram organizadas em texto, que consiste em descrições detalhadas e extensivas, “das atitudes, ações, comportamentos *in loco*” (MARTINS, 2009, p.75). Busquei ser fiel à perspectiva dos regentes e componentes das bandas e da fanfarra envolvidas nesta pesquisa.

As entrevistas com os instrutores e/ou regentes foram realizadas em julho e setembro de 2015 com base em um roteiro com perguntas abertas sobre métodos, técnicas, materiais e processos avaliativos que desenham o ciclo docente desses profissionais em preparação para o festival. Foram gravadas e filmadas individualmente, sendo o local e a duração determinados pelo colaborador (entrevistado).

Nas entrevistas, foram utilizados procedimentos técnicos da história oral, pois apreendi as narrativas, com o intuito de “recolher testemunhos” objetivando “promover análises de

processos” (MEIHY e HOLANDA, 2011, p.18) de ensino em bandas e fanfarras para o festival de Santarém.

Neste trabalho, a história oral é percebida no sentido definido por Meihy e Holanda (2011, p.19): “uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos”.

Para Alberti (2005, p.25), a entrevista em história oral se caracteriza por mostrar “o que é potencialmente possível em determinada sociedade ou grupo, sem esgotar todas as possibilidades sociais” e pela possibilidade de ser usada no “estudo da forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado”.

As entrevistas foram transformadas em documentos escritos por meio de três etapas: transcrição, textualização e transcrição.

Para Alberti (2004, p.174), “a transcrição constitui a primeira versão escrita do depoimento, base de trabalho das etapas posteriores”. Nesta pesquisa, a transcrição foi absoluta, isto é, foram registrados todos os detalhes que reportam às circunstâncias vividas no momento da entrevista e que dão base à compreensão sobre o discurso: ruídos, gestos, expressões faciais, deslocamentos, interrupções. “Trata-se, portanto, de trabalho meticuloso, ao qual toda atenção deve ser dispensada” (idem).

Sobre a textualização, Evangelista (2010, p.175) explica que “quando nos detemos nos procedimentos específicos da história oral adotada”, a textualização é a segunda “de um conjunto de três etapas” e “corresponderia à uniformização do texto, através da supressão das perguntas [na forma interrogativa, inserindo-as na forma indireta] feitas pelo entrevistador, que agora passam a fazer parte de uma narrativa linear”. A textualização consiste especialmente na organização das ideias, que na fala coloquial emergem dispersas, interrompidas, retomadas, repetidas, ausentes de cronologia. Ainda que a cronologia atribua à realidade um caráter linear, ela é didática no sentido de permitir a compreensão dos acontecimentos como efeitos. Observo que a cronologia aqui não reporta à biografia, em que se buscam evidências de fatos e suas lógicas; antes, o objetivo é tão somente de inteligibilidade do conteúdo.

Após a textualização, procedi à terceira etapa, a da transcrição. Esta consiste em texto no formato de narrativa na 1ª pessoa do singular, muito próxima da fluência da escrita literária. A intenção é de que o leitor sinta no texto a presença do entrevistado lhe contando de forma clara e objetiva a sua história de vida. Pode-se dizer que é nesta etapa que se encontra a história oral em sua plenitude.

A obra “Augusto & Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos” (MEIHY, 2006) é um exemplo do quanto a transcrição reorganiza, na escrita, o depoimento. Esta é uma opção formal de escrita da história oral.

Importante esclarecer que, na transcrição, fatos do passado são narrados, presentificando “toda a história evocada” no “momento da narrativa” (MEIHY, 2006, p. 164). Portanto, quem conta o faz no tempo presente. Isto significa que o fenômeno é percebido do ponto de vista de quem fala no momento em que fala; que os fatos são narrados não na perspectiva do tempo remoto vivido, mas a partir de todas as experiências posteriores que levam a reviver o fenômeno no presente, lente que o filtra não como fora, mas como é no olhar contemporâneo.

Concluídas as transcrições, o texto foi entregue aos colaboradores para conferência e autorização de uso na pesquisa e publicações dela decorrentes.

Por fim, cumpridas as três etapas de passagem do oral para a escrita, seguiu-se a interpretação e análise das transcrições. Aqui, o trabalho de hermenêutica (estudo do texto oral ou escrito, que fundamenta a análise interpretativa das entrevistas) não é obrigatório, mas será feito em virtude de se tratar de uma pesquisa acadêmica, que faz essa exigência. Busquei, no entanto, evitar o que Meihy (2006, p. 128) considera “exercícios intelectuais empobrecedores e esfriados pela operação disciplinar”.

A perspectiva da interpretação e análise será compreensiva, conforme Dilthey (*apud* ALBERTI, 1996, p. 13): “O processo de compreensão aparece como um “se-colocar-na-posição-de”, como um “tornar a vivenciar [...]. Compreender é o reencontrar do eu no tu...”. Embora o alvo da interpretação seja o texto narrativo, o que se pretende é alcançar a percepção da experiência vivida, a fim de compreender os processos de ensino e aprendizagem musical e seus significados pedagógico-sociais.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos. O primeiro apresenta as narrativas dos regentes entrevistados, na íntegra, sobre o trabalho que fazem nas respectivas bandas e fanfarra (como selecionam repertório, participantes, como procedem, espaços de ensaio etc.) e aspectos antecedentes deste trabalho (origem musical, formação, atuações anteriores, perspectivas e expectativas). Diz respeito aos valores anunciados pelos agentes de ensino durante a preparação para a competição.

O segundo capítulo apresenta a descrição densa do observado em campo e registrado em diário, fotografias e filmagens: o ensino, a participação das bandas nos desfiles cívicos e Festival e os ensaios de véspera.

No terceiro capítulo, constam as reflexões sobre o visto e ouvido: valores emergentes – o olhar da pesquisadora sobre os elementos didáticos (métodos, técnicas, materiais e processos de avaliação) que emergem do ensino, como eles são desenvolvidos pelos regentes e a relação entre as escolhas pedagógicas e as demandas sócio musicais do Festival. Aqui, as discussões são orientadas por noções de *habitus* e *campo*.

CAPÍTULO 1 – PREPARAÇÃO: O DITO

Neste capítulo, apresento os depoimentos dos entrevistados coletados no mês de julho de 2015, em plena fase de preparação aos desfiles cívicos e ao Festival, ocorridos daí a dois meses, em setembro de 2015.

Os depoimentos dos entrevistados estão escritos na forma de narrativas na 1ª pessoa. Cada depoimento é precedido de uma descrição do campo nos momentos que precedem e durante cada entrevista. Tais descrições “situam” as entrevistas no tempo e no espaço de sua realização, e devem ajudar a entender as narrativas considerando as condições do colaborador/entrevistado em face das interferências do ambiente e da entrevistadora.

Quanto às narrativas, estas são os “olhares” dos próprios regentes/instrutores sobre suas formações musicais e atuações – processos e procedimentos de planejar, ensinar, instruir, preparar, reger música, bem como de se relacionar com os alunos/instrumentistas. À medida que eles contam suas histórias de formação e atuação, revelam os valores e crenças que fundamentam suas escolhas em seus trabalhos como instrutores/regentes, permitindo perceber a “prática musical como um processo de significado social, capaz de gerar estruturas que vão além de seus aspectos meramente sonoros” (CHADA, 2007, p. 4).

As recorrências e as excepcionalidades das práticas de educação musical narradas pelos regentes/instrutores que orientam as práticas musicais de seus alunos/instrumentistas permitem conhecer mais do que histórias pessoais, que se revelam recortes da história social local da música e de uma educação musical que a constrói e difunde.

ANDERSON CAMPOS, REGENTE DA “FANFARRA COM MELODIA” DA ESCOLA ESTADUAL “FREI AMBRÓSIO”

Fotografia 3: Entrevista com Anderson Campos. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

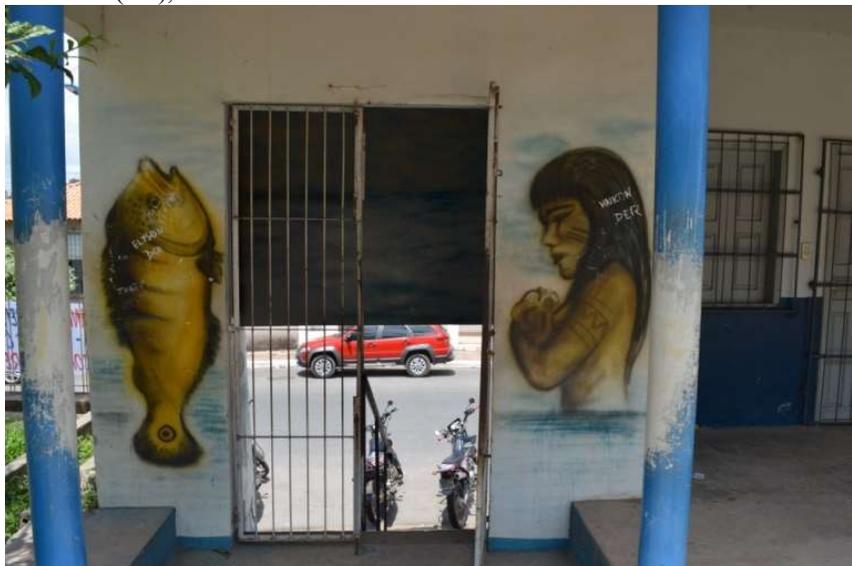
O contexto

Enquanto aguardava o horário de encontrar o Anderson, li algumas páginas do texto sobre entrevista em história oral indicado por minha orientadora. Estava ansiosa e nervosa. Nunca havia entrevistado alguém. Às 12 horas recebi uma mensagem do Anderson via celular: “Tudo ok pra hoje 14 horas???”. Às 13h18min, Anderson envia outra mensagem adiando o encontro para às 14h30min. Às 14h15min peguei meu equipamento (câmera filmadora, câmera fotográfica, *tablet* e celulares), subi a rua até a escola, parecendo uma vendedora ambulante de equipamentos eletrônicos. No curto e cansativo percurso, levando além dos equipamentos de gravação, duas sacolas e um tripé para a câmera, muitas coisas passaram em minha mente como: ser paciente, saber escutar, seguir o roteiro, porém não ficar dependente dele, mostrar interesse pela conversa. Estas lembranças soavam, naquele momento, como regras. Organizar, posicionar o equipamento, dar *play* etc. me deixavam em pânico. Minhas habilidades eram incompatíveis com estas ações, embora houvesse treinado muitas vezes ligar e desligar equipamentos. Mesmo assim esperava que tudo ocorresse bem. Pretendia avançar em grande parte a entrevista, pois eu não tinha muito tempo. Passaria apenas nove dias em Santarém.

Cheguei à escola e aguardei sentada na escada em frente ao portão de entrada. O portão estava fechado. A rua estava deserta. Fiquei com medo. Anderson chegou quase às três horas

da tarde. Ele chegou com dois capacetes pendurados no braço. Vestia calça jeans e camisa social.

Fotografia 4: Vista interior do portão de acesso principal a Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: acervo da autora.

Ao entrar, ficou perceptível a obra que estavam fazendo na escola. Havia muitas carteiras escolares empilhadas no lado de fora das salas. Muita poeira. Alguns operários estavam realizando o serviço de construção e reforma da escola. Lembro que antes de iniciarmos a entrevista, foram deixados alguns instrumentos musicais naquele local. Eram trombones e trompetes guardados no estojo. Eu perguntei se ali seria a sala de música. Ele respondeu que estavam “tentando que fosse”.

Fotografia 5: Vista interna da obra em andamento na Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: acervo da autora.

Fomos para a sala de vídeo. Lá havia alguns equipamentos de áudio visual, como televisão e DVD. O espaço era climatizado e havia ventiladores de teto. A iluminação estava baixa. Eu tentava disfarçar a insegurança. O Anderson pareceu bem à vontade e disposto, porém ele me avisou que estava aguardando um telefonema importantíssimo. Liguei os aparelhos e começamos a conversa.

Iniciamos às 15h20min. Enquanto Anderson dividia a sua atenção entre o seu celular e eu, conversamos sobre sua formação. Ele me contou sobre o início do seu envolvimento com fanfarras. Tentei não interrompê-lo e segurei minha ansiedade. Anderson fala bastante. Ele lembra os anos em que desenvolveu atividades em banda como auxiliar de outro regente, lembra as escolas por onde passou e como eram os ensaios nesses lugares. O celular toca algumas vezes. Ele olha, mas não atende. Diz não ser importante. “É um menino da banda”, diz ele. Seu telefone toca mais uma vez, então ele atende. Nossa conversa é encerrada neste momento. Desligo o gravador e após o Anderson dizer poucas palavras ao telefone ele revela o motivo do telefonema. Disse que havia sido convidado a levar seu currículo a um determinado lugar para concorrer a uma vaga para professor itinerante de Arte. E precisava sair naquele momento. “O salário é bom”. Ele só não sabia como ficariam os ensaios da banda. A oferta de emprego seria para começar a trabalhar em agosto. Fiquei em silêncio. Depois desejei-lhe sorte.

A entrevista durou um pouco mais que doze minutos. Voltei cedo para casa. Foi um bom treino. Estava animada e pensativa. Outras perguntas e curiosidades emanaram daquela conversa. Transcrevi o áudio da entrevista naquele mesmo dia. Percebi minha imaturidade e o entusiasmo ao mesmo tempo, naquela conversa. Vi-me entrando em uma caixa de surpresas, em um universo sobre o qual eu nada sabia. Minhas impressões até então eram somente de um festival de bandas visto em uma coleção de DVDs, em vídeos na Internet, conversas informais com amigos regentes atuantes em bandas escolares e a vaga e ao mesmo tempo marcante lembrança de ouvir minha mãe chamar: “Corre! Lá vem a banda!” Eu tinha mais ou menos nove anos, já estava deitada em minha cama, pronta para dormir, mas levantava e corria para ver um grande grupo de estudantes marchando tocando “diferentes tambores” e corneta.

Nessa época do ano – julho, agosto e setembro – era o som destes instrumentos que ecoava nos bairros de Santarém. Eu participava e assistia aos desfiles da Semana Pátria. Minha mãe nunca permitiu que eu tocasse na banda da escola ou assistisse ao concurso de bandas que aconteciam nos estádios daquele município. Ela julgava ser perigoso. Aqueles grupos eram vistos pela sociedade como grupos constituídos por jovens mal educados. Lembro que

os desfiles, naquela época, eram transmitidos ao vivo, através da rádio e TV. Mais tarde, aos doze anos, ingressei em uma Escola de Música, isto me proporcionou integrar a banda de música daquela instituição e apagou o desejo de participar daqueles grupos de percussão e cornetas que eu apreciava em minha infância nos desfiles cívicos.

Como integrante da banda, pude assistir, pela primeira vez, ao concurso de bandas organizado por uma das associações, pois era comum participarmos do evento como convidados. Tocávamos marchando. E, confesso que depois de estudar um instrumento de sopro e aprender a ler partitura, o som das cornetas e percussão tornou-se desinteressante para mim. Meus colegas de banda caçoavam da desafinação entre os instrumentos daqueles grupos e eu me enchi de preconceitos. Com o passar do tempo e a maturidade adquirida com os estudos acadêmicos, voltei a apreciar essa atividade musical. As reflexões e curiosidades a respeito daquele grupo de pessoas unidas objetivando fazer música para participar de uma competição, sem recursos necessários e com uma atuação que exige habilidades que vão além de saber tocar um instrumento, vieram à tona após as primeiras conversas que mantive com o Anderson.

Encontrei com o Anderson outras vezes para dar prosseguimento à entrevista, sempre na escola e sempre entrecortada por demandas de alunos ou de ligações telefônicas. Segue abaixo a narrativa resultante dessas sessões de conversas.

A narrativa

Iniciação musical

Meu envolvimento com a música começou no ano de 1998, quando ingressei na Escola Terezinha de Jesus Rodrigues. A fanfarra de lá era grande. Passaram fazendo os convites nas salas e eu me interessei. Fiz o teste para tocar caixa, mas não sabia nada! Eu me lembro da primeira caixa que eu peguei. Tinha muita gente no teste! Eu tinha mais ou menos 12 anos de idade. Por felicidade, passei no teste. Eu não tive nenhum preparo para fazê-lo.

Minha vida musical desde a infância foi dentro da fanfarra. Na fanfarra simples e na fanfarra com melodia eu tocava caixa e repique. As aulas, na época em que eu era componente, eram bem diferentes de hoje. Na Escola Terezinha, nós fazíamos os ensaios na área coberta, separados por naipe e em forma de quadrado. Caixas, surdo, pratos e bombos. O instrutor passava o toque para os respectivos naipes e nós íamos aprendendo. Não era aula separada. Era ensino coletivo. Cada um no seu momento. Ia fluindo. A percussão fluía durante o ensaio.

Sempre foi assim. Nosso instrutor não tinha auxiliar nessa época. Ele desenvolvia todo o ensino.

Quando eu era pequeno, no Terezinha, eu só tive um professor: o Adailton. Eu não lembro o sobrenome dele. Ele me deu oportunidade. Ele ficou à frente da fanfarra dessa escola no período de 1998 a 2004. No período que eu toquei, foi o único instrutor. O Adailton também assumiu a fanfarra da Escola José de Alencar para levá-la em outra categoria no Festival. Ele precisava de um auxiliar e eu fui com ele. Eu continuei tocando na Escola Terezinha de Jesus Rodrigues. Mas em 2003, eu saí da fanfarra da Escola Terezinha e o Adailton ficou com um auxiliar lá. Eu só fiquei auxiliando o Adailton na fanfarra da Escola José de Alencar. Depois que eu fui para a Escola Madre Imaculada, a gente se separou.

Atuação em bandas como auxiliar e instrutor/regente

Em 2000, o regente da fanfarra da Escola “Terezinha de Jesus Rodrigues” me escolheu como auxiliar para ajudá-lo na fanfarra de outra escola: a “Lameira Bittencourt” na cidade de Oriximiná, a cerca de doze horas de barco de Santarém.

De 2002 a 2005, eu fui auxiliar do Adailton na Escola José de Alencar. Em 2005, esta fanfarra acabou. Lembro-me da história da fanfarra da Escola “José de Alencar”: funcionou de 1998 a 2000, parou e depois voltou em 2002 com o Adailton regendo e eu auxiliando. Em 2005, parou novamente. Quando eu voltei em 2011, nós fizemos um investimento de quatro mil reais. Compramos instrumentos novos, pois os que tinham lá haviam sumido. Eu tinha outra mentalidade. Eu queria comprar poucos instrumentos. Por exemplo: caixa tenor, quinto tom, bombo de afinação, trompete e trombone para fazer uma banda de música, mas eles queriam ver uma fanfarra novamente. Respeitei a decisão deles. Resumindo: eu trabalhei em dois períodos na Escola José de Alencar: como auxiliar de 2002 a 2005, voltei em 2011 como regente oficial e fiquei até 2013. Sempre em categorias diferentes, para não gerar briga.

Em 2006, recebi o convite da Escola “Madre Imaculada”. Fiquei lá por dois anos.

Em 2008, eu recebi o convite para assumir a banda da Escola Rodrigues dos Santos. Pesquisei sobre as cornetas e cornetões e lá fiquei de 2008 a 2013. Começamos com fanfarra com melodia. Hoje, é uma banda marcial. Lá, aconteceram alguns imprevistos sobre remuneração. O diretor não aceitou o valor que eu pedi. Mostrei a ele como o trabalho estava fluindo. Falei que iria precisar custear a minha formatura e que eu estava estudando. Então chegamos ao acordo que não dava mais.

A banda da Escola “Frei Ambrósio” atendeu à minha oferta e eu fui para lá. Eu percebi que lá eu iria ter uma estrutura bem maior que na Escola Rodrigues dos Santos. Comecei fazendo uma participação na abertura dos jogos. Foram duas semanas preparando. Foi rápido! Em 2012, eu fiquei como regente oficial. E estamos lá até hoje. Eu fiz um projeto pensando na mudança de categoria no ano de 2015 e 2016 que é o que nós estamos fazendo, aplicando agora a musicalização através da flauta doce. A intenção não é acabar a fanfarra. É fazer os dois trabalhos, e então quando estiver bem enraizada a banda marcial, nós vamos parar a fanfarra.

Trabalhei como voluntário por muito tempo. Comecei como voluntário no “Terezinha” e no “José de Alencar”, depois os alunos pagavam mensalidade e até hoje existe essa prática. Em 2012, na Escola “Frei Ambrósio”, a metade da mensalidade era paga pelos alunos e a diretora repassava a metade do que entrava na cantina da escola. Em 2013 e 2014, foi só mensalidade paga pelos alunos. Nós cobrávamos uma taxa de dez reais. Agora nós estamos com outra modalidade. Fizemos comissões de alunos, então cada comissão tem a sua cota. Corneta tem sua cota, percussão tem sua cota, percussão dividida – bombo, caixa e surdo – tem a cota dela. Eles trabalham e cobram mensalidade. Fica à critério deles. É uma ajuda de custo.

Formação na Licenciatura em Música na Universidade do Estado do Pará – UEPA

No ano de 2010, apareceu a oportunidade de ingressar como aluno do curso de Licenciatura em Música da UEPA, em Santarém. O professor Júlio e o professor Korona, que eu já conhecia dos trabalhos com fanfarra, incentivaram-me a ingressar na UEPA. Prestei o vestibular e passei.

No entanto, recorro de que quando terminei o Ensino Médio, eu não tinha esse pensamento de ingressar no ensino superior ligado à Música. Eu fiz vestibular para o curso de Engenharia Civil da Universidade Federal do Pará. Passei na primeira fase, que era Português, Matemática e Redação. Na época, colocaram meu nome lá no quadro de honra do “Terezinha”. Passei na primeira fase disputando com todo mundo do Estado. Mas não passei na segunda fase. Fiquei decepcionado e não quis mais estudar.

Eu já era auxiliar de banda, mas não ganhava dinheiro extra. Não era o foco principal da minha renda. Eu trabalhei como vendedor externo no Armazém Paraíba, paralelo às atividades com banda durante cinco anos. Às vezes, eu esquecia o trabalho no Paraíba e focava só na banda. Por exemplo, hoje o trabalho com a banda no Frei Ambrósio começa em março,

mas antigamente nós começávamos nos meses de maio e junho. Julho e agosto eram só para ensaio.

Eu saí do Armazém Paraíba em 2008 e entrei mais um ano na Mônaco, concessionária de motos. Eu trabalhava com a banda da Escola Rodrigues dos Santos. Quando o período de ensaio da banda se aproximava, eu ficava agoniado. Eu tinha que dar conta da banda.

Em 2010, o Júlio e o Korona me convidaram para fazer o cursinho de música no Almirante. Disseram que eu era bom no que eu fazia. O Korona estava se formando e o Júlio já tinha se formado. Até então, o meu conhecimento musical era empírico. A partir daquele cursinho, tive acesso a um conhecimento mais científico sobre a música. Eu gostei. Fui aprendendo teoria musical e me encantando. E estudei, estudei e passei no habilitatório em música. O cursinho começou em agosto, parou por causa da Semana da Pátria e depois voltou. Eu voltei para o cursinho no final de setembro e fiquei até a prova. Eu não tinha fé em que eu ia passar. Mas aí meus amigos me incentivaram.

Quando eu passei no vestibular e me deparei com a turma, vi-me em um nível mais baixo do que o deles. Eu sabia que eu era limitado. Que eu tinha começado a estudar música há pouco tempo, e eu sabia que havia pessoas da orquestra, da filarmônica, outros com outras vivências maiores que a minha. Eu comecei a me esforçar, estudar o que eu achava que era fraco e fui me saindo bem. Fiquei com medo porque a primeira matéria foi “Apreciação Musical” com o professor Amilcar e todos os outros alunos falavam assustados sobre a matéria. Foi muito legal. Ele colocava música para tocar. Ele solfejava tudo. Meu Deus, aquele professor sabe muito! Eu perguntava para Deus o que eu estava fazendo lá. Fui aprovado na matéria. Fiquei só para a terceira avaliação em uma disciplina: “Técnicas de Estudo e Pesquisa I.” Mas das outras eu dei conta. Foram quatro anos de muito aprendizado com os colegas.

Depois que eu passei a gostar mesmo, eu tomei à frente da turma para fazer eventos. Fizemos a Banda de Música da Universidade. Ninguém registrou isso. Mas fizemos, por um pequeno período, a Banda de Música da UEPA, aqui em Santarém. Fizemos duas apresentações. A vice-reitora pediu que eu fizesse um documento para recebermos uma bolsa. Essa bolsa nunca veio. Eu não tive como segurar os meninos porque todos tinham compromisso. Não tinham esse incentivo. Até hoje eu tenho a pasta de repertório que nós tínhamos preparado para banda de música. Foi muito legal. Tenho saudades da UEPA. Tenho vontade de voltar para dar aula.

Antes de eu ingressar na UEPA, em relação ao trabalho com bandas escolares, eu priorizava concurso. A competição pela competição. Hoje em dia não. Nós trabalhamos o ensino voltado para a educação musical dentro da escola. Apresentações em festas, datas

comemorativas da escola, como: Abertura dos Jogos, Feira de Ciências, aniversário da escola, festa junina, Feira de Artes, Feira Cultural. Essas atividades promovidas pela escola e também apresentações fora dela. Nós desenvolvemos o ensino da música durante o ano todo. No final do ano têm as apresentações de Natal. Com o ingresso na UEPA, eu pude vivenciar isso. A banda podia apresentar-se em outros lugares. Antes era voltado só para o concurso. Ainda participamos de concurso, mas não com aquele pensamento. Se ninguém promover o concurso, a banda vai existir do mesmo jeito. Claro que não com aquela ânsia dos componentes. Porque eles gostam da competição. Muitos foram criados nesse meio. É legal a competição. A competição nos faz crescer. Ganhando ou perdendo.

Componentes das bandas

Na Escola José de Alencar, todos os componentes da banda eram de gangue, mas me respeitavam. Eu chamava a atenção de forma rígida. Por exemplo: em 2005, estávamos acompanhando a escola particular “Saber da Infância” na Avenida Plácido de Castro. Naquela época, a minha namorada que, hoje é minha esposa, tocava. Eu não a poupava das chamadas de atenção. Eu avisei que na frente do palanque eu iria fazer uma mudança na percussão da música “Aquarela do Brasil”. Pedi que prestassem atenção nessa parte. Eu daria uma pausa de quatro tempos e então iniciariamos a música “Aquarela do Brasil”. A banda era grande. Tinha mais ou menos sessenta componentes. Só percussão. A minha esposa entrou errado. Ela fez a banda parar na frente do palanque. Então, eu respirei, voltei para o começo e continuamos. Só eu sabia o quanto eu estava com raiva. Para mim foi uma vergonha. Naquela época, eu pensava no *status*. Eu não pensava que poderiam acontecer imprevistos durante as apresentações. Não tinha maturidade para aceitar que o meu grupo poderia errar e, nesse caso, eu deveria colocá-los “para cima”. Eles já haviam passado vergonha. Eu não deveria derrubá-los. Hoje eu tenho um pensamento diferente.

Bom, quando voltamos para a quadra do “José de Alencar”, a diretora nos deu cem reais para comprar lanche. Nesse dia, voltamos para a escola andando. Era perto. Mandei que marchassem sob o sol quente durante trinta minutos para marcar passo. E eu lá na sombra. Isto era para que eles aprendessem a nunca mais fazer vergonha para mim. Depois fiquei pensando que eu tinha pouca idade e eles eram grandes e de gangue, e que se um moleque daqueles quisesse me bater eu ia apanhar e chorar. Eu fiquei com pena deles e comprei lanche e tudo ficou resolvido.

Certa vez, dois irmãos, ex-detentos, que tocavam na banda dessa escola, desentenderam-se. Eles eram da “ganguê da baixada” no bairro da Esperança, divisa com o bairro Jardim Santarém. Um deles esfaqueou o irmão mais velho. Eles não me falaram nada e foram para o ensaio. A vítima denunciou. A banda estava ensaiando quando o policial chegou com uma arma em punho na frente da banda, sem pedir autorização. Um dos dois irmãos, chamado Ericleito, jogou o instrumento que ele tocava e pulou o muro. O policial correu, mas não o pegou. A banda ficou tranquila. Ninguém se desesperou. Todo mundo continuou em forma. Eu sempre falei isso para eles: mesmo que mundo se acabe não saiam do lugar. Fiquem com o instrumento de vocês. Respeitem o instrumento que vocês têm. Isso é um instrumento musical. Alguém pensou muito para inventá-lo. “Está com o instrumento? Postura. Pode chegar o presidente, o rei. Postura!” Um músico tem que ter postura e elegância. Depois que o policial foi embora, começou o zum-zum-zum. Eu lembro muito bem desse episódio. Hoje o regente de lá, eu acho que é um ex-aluno meu. Perdi o contato com a escola.

Na Escola “Frei Ambrósio”, a fanfarra agrega muitos ex-alunos, então é uma forma de alguns que já saíram da escola, que trabalham, que são pais de família, participarem. Eles criaram essa “veia” com a fanfarra dessa escola.

Nós enfrentamos muitas barreiras na “Frei Ambrósio” com relação aos recursos. Muitos professores que estão à frente dos projetos não querem incluir a banda. Nós damos razão aos professores, porque até então os projetos são para inserir o aluno da escola. O projeto que foi entregue à escola, para colocar no Projeto Político Pedagógico diz que há uma cota para ex-alunos, egressos e comunidade em geral. A intenção é fazer a banda marcial com 70% de alunos da escola.

Muitos egressos não têm tempo, e aí eles acabam não se encaixando na metodologia da banda de música. Precisa ter tempo para estudar o instrumento, para a teoria musical, para manusear o instrumento que é diferente de uma corneta ou de um cornetão. É uma maneira diferente de cuidar do instrumento. O instrumentista tem que ter tempo para estudar, senão ele fica no mesmo lugar. Para esses veteranos, é mais cômodo ficar na fanfarra. A intenção é fazer os dois conjuntos em paralelo. Eu penso que com o tempo, a fanfarra vai deixar de existir, mas eu posso me enganar. Pode ser que os dois trabalhos permaneçam paralelos, fortes. Só que nós temos que focar no que nós queremos. Ninguém vai agradar a dois senhores. Uma hora nós teremos que decidir o que queremos para o futuro.

Antes de mim, na fanfarra do Frei Ambrósio, eu lembro que os regentes eram o João, o Korona, o Miguel e o Osmarino. São os que eu me recordo. Houve um tempo em que o Cândido veio com os músicos da Orquestra Jovem “Wilson Fonseca”.

Atualmente, temos cerca de 80 inscritos na banda. Todo ano nós estudamos uma estratégia para não perder os alunos, pois como não há recurso, eles custeiam as suas despesas: pagam mensalidade, camisa de ensaio, cap, uniforme etc. Se tiver adereço para o concurso, eles custeiam. A escola não ajuda em nada. Eu acho errado. O aluno faz aparecer o nome da escola. O troféu fica na escola. Não é o nome do aluno que aparece. Então eu acho isso muito errado, mas é a nossa realidade. Quando chega esse período, começa com 90 alunos. Todo mundo quer, mas quando começam as cobranças, nós percebemos que há uma queda no número de componentes. Chegam a mais ou menos 60. Assim, nós vemos quem realmente quer. Nós deixamos bem claro, na primeira reunião, que a escola trabalha assim e que eles que têm que pagar. Passamos todo o orçamento para eles se planejarem. Ninguém chega em cima da hora e diz: “Olha, tem que pagar isto!”. Não. No primeiro dia da reunião eles já sabem que eles vão ter esses gastos.

Mas o “Frei Ambrósio” sempre se apresenta com mais de 70 componentes. Não menos que isso. Em 2012, ano que nós fomos campeões, tínhamos em média 90 componentes. Eu deixei claro para eles que, como o espaço já estava se tornando pequeno para o que nós queríamos, nós iríamos mexer muito na banda, teríamos que ter um número adequado, que é o que eu penso quando eu vou fazer coreografia. Eu penso em tudo. Quantidade de corneteiros, quantidade de pratos e vou fazendo os desenhos geométricos da coreografia. Faço uma síntese do que nós vamos apresentar em concurso. Isso tudo no papel, nas minhas anotações “doidas”. E aí eu defino a quantidade de componentes.

No ano de 2012 eu fechei com 80 componentes. Dez ficaram de fora, pois no dia do concurso a costureira não aprontou a roupa. Eu tive que refazer toda a coreografia. Os chamei em cima da hora. Tive que colocar componente com roupa diferente. Como o nosso tema era ritmo junino, eu conversei com os jurados e disse que eles iam fazer solo. Porque realmente eles eram destaque. Eu dei a roupa para quem era destaque. Porque uniformidade é um critério. E nós tiramos 10. Não que eu tenha burlado as regras. Eu fiz uma adaptação. O jurado deu 10. Isso deu o que falar depois que saiu o DVD! O regulamento tem um duplo sentido. Quem interpreta pode fazer à sua maneira. E eu leio muito o regulamento. Por isso que eu tive essa ideia. Eu sabia que eu tinha argumento para isso. E aí, fomos campeões. Foi o maior “chororô.” Nós nos superamos. Eu gostei muito da atitude dos meninos que não participaram da apresentação, pois eles foram lá para frente da banda, oraram com a banda e choraram na frente da banda. Entrou todo mundo chorando no concurso. Se fosse eu, eu nem ia aparecer! Eu ia ficar com raiva! Eu “tirei o chapéu” para os meninos. O título foi deles. Foi o troféu

mais bonito de todos os tempos. Um dos troféus está na Escola Almirante e o outro está na Escola “Frei Ambrósio”. Foram os maiores troféus dados em premiações.

Ao longo dos anos, eu fui aprendendo que um dia é pouco para dizer se o aluno tem potencial ou não para tocar. Eu não gosto da palavra “peneira.” Para concurso sim. Quem tiver vontade, participa. E aí nós damos oportunidade. Se a pessoa quer tocar surdo, ela vai para o surdo. Se ela não estiver bem no surdo, eu a coloco para tocar pratos. Se ela não estiver bem nos pratos, eu a coloco na caixa. Se ela não estiver bem na caixa, eu a coloco para tocar bombo. Se ela não estiver bem no bombo, vai para a corneta. Até adaptar-se. Às vezes a pessoa vê que não é para ela e pede para sair, mas não somos nós da coordenação que determinamos isso. A oportunidade é dada.

Eu ainda insisto, porque é muito fácil, como professor, ficar com aquelas pessoas que estão bem; mas cadê o meu desafio como professor? Desafio em ensinar aquele que não tem o talento, que não tem a coordenação motora? Eu costumo dizer para eles que quem não tem coordenação motora é uma pessoa tetraplégica. Todo mundo tem coordenação motora! Depende de estímulo e incentivo. Eu fico feliz em ver os alunos tocando. Esse ano tem uma menina que é muito ansiosa. Eu comecei a ensinar as primeiras notas na corneta si bemol, as notas sol e dó. Assim é mais prático para eles. Ela queria aprender todas as outras notas, então ela ficava com raiva. A primeira coisa que eu falo para eles é que se tirarem som, para mim está bom demais.

Eu gosto de ver mulher estudando corneta. Antigamente havia um preconceito em relação à menina tocar corneta. “Prato é só para menina”. “Menino que toca prato é homossexual”. Eu estou começando a “desvirtuar” isso. Em 2011, na banda do Rodrigues, eu preparei nove meninas para tocar corneta através de teoria musical. Eu estava no primeiro ano da faculdade, eu queria colocar em prática o que eu estava aprendendo. Eu ouvi de alguns alunos, que eu estava “doido”. Saíram da banda. Foram para a concorrência. Disseram que só porque eu tinha entrado na faculdade eu queria fazer ler partitura na corneta. Tudo bem! Comecei e depois eles “tiraram o chapéu”. Foram campeões conosco em 2012 e hoje me respeitam muito. Eu enfrentei isso. E hoje eu gosto que meninas toquem corneta. Mas ainda existe esse preconceito. Ontem, no ensaio, a maioria eram meninas e fluiu.

Antigamente nós pensávamos assim: era bom o componente que furava a pele do instrumento ou quem tocava forte a corneta. Hoje eu digo que se o componente fura a pele do instrumento é porque ele está tocando errado. Ele está batendo no instrumento. Eu quero que ele toque.

Ensaio / Ensino

Na fanfarra da Escola “José de Alencar”, onde auxiliei o Adailton, os componentes ensaiavam muito. Nós começávamos antes das duas horas da tarde e íamos até às dezenove horas. Eu lembro que nós ensaiávamos na área coberta, depois íamos para a quadra ensaiar a marcha, ou para a feirinha do antigo aeroporto que fica perto da escola. Nesse período não era coberta. Agora fica trancada. É um espaço bem amplo.

Primeiro nós aprendíamos os toques de percussão e depois ensaiávamos a marcação de passo. Todo mundo junto. A gente nem sentia o cansaço. Era como se fosse um momento de lazer e de fazer amizades. Hoje tem o celular, WhatsApp, Facebook, praças. Naquela época não tínhamos acesso a isso. Eu acho que nem a Rua Rosa Vermelha das Faculdades Integradas do Tapajós era asfaltada.

Eu lembro que quem era da banda era popular na escola. A banda era grande. Nessa época, uma banda com 60 componentes era considerada pequena. Nós sempre nos apresentávamos na avenida com mais ou menos 90 e até com 115 componentes. A maioria percussão. Quando virou fanfarra com melodia, a maioria dos instrumentos também era de percussão. Os ensaios aconteciam de segunda a sábado. Quando se aproximava a Semana da Pátria, nós ensaiávamos também aos domingos. Íamos ensaiar à noite em frente ao prédio da Prefeitura, pois às 19h00min “batia a campã” de entrada para os alunos da noite, então não podíamos fazer ensaio na quadra da escola para não perturbar as aulas do turno da noite. Às vezes, íamos para a pista do antigo aeroporto.

O instrutor era muito respeitado pelos alunos. Ele conquistou a amizade dos componentes. Ele sempre teve o controle, sempre foi amigo e não era de ficar chamando a atenção, gritando. Raramente ele fazia isso. Às vezes, ele chamava a atenção porque a conversa entre os componentes estava demais, ou então as coisas não davam certo, e ele se irritava.

Atualmente, estou trabalhando na Escola “Frei Ambrósio”. As aulas de música para a fanfarra geralmente estão começando em março, por causa da greve. Com essa greve atual, nós não sabemos como vai ser. As aulas começaram duas semanas depois do período normal. Nós fazemos reuniões, discussões antes de começar.

Lá, também estou trabalhando, além da fanfarra, com a banda de música. Eu ensino a técnica do instrumento, pois sei a técnica de todos os instrumentos. Depois eu trago um aluno meu que toca na banda de música da Escola Princesa Isabel ou da Escola Almirante. O professor Júlio sempre vem ministrar aulas aqui.

Quando eu fui para o Colégio “Dom Amando”, eu estudei trompete. Depois que eu entrei na UEPA, fui aprendendo o dedilhado do clarinete e da flauta transversal, as posições do saxofone tenor, do trombone. Eu sei um pouco de saxofone alto, mas não estudei mais. Eu sabia que mais tarde eu iria precisar. Eu uso o “Da Capo”, ensino as posições da escala natural para cada instrumento. Quando eu percebo que eles já aprenderam a ler, então eu trago alguém que entende para ensinar.

A banda de música do Frei Ambrósio começou em março. Estávamos com três músicas: “Dança do Tipiti”, “Feira Santarena” e “Tema da Vitória”. Eu peço para alguém fazer o arranjo para banda de música.

Em abril, o ensaio é direcionado. Cada um no seu naipe. Como as férias começaram agora, ainda estamos nos organizando. Sábado nós vamos fazer ensaio por naipe. De cinco e meia às seis e meia. Vamos nos encontrar na quadra só às seis e meia. Eu costumo dizer para eles que não é preciso ensaiar durante dez horas, cinco horas. Em meia hora de ensaio se estiver todo mundo focado e os ensaios por naipe estiverem fluindo, um ensaio é o suficiente. Eu costumo dizer para eles que quando nós vamos para apresentações não há segunda chance.

Nós os preparamos por naipe. Nós vemos como está a marcação de passo, a postura, a técnica, a dinâmica as peças musicais. Durante a semana, a corneta vai para a sala de aula para tocar lendo partitura e tirando as notas do quadro. Esse trabalho eu faço mais com as cornetas. Eu toco corneta, mas não sou especialista.

Eu costumo passar o que eu quero para os meninos mais antigos. Distribuo-os em pequenos grupos e ensaiamos. Eu gosto de chamar os chefes de naipe para executarmos o que queremos. Da mesma forma eu faço com a percussão. Nós ensaiamos separados. É bem melhor.

Para ser chefe de naipe nós verificamos a disciplina, o relacionamento com os componentes. Particularmente, eu gosto de dar a responsabilidade àquele que é indisciplinado, bagunceiro. Existem também exceções. Pode ser aquela pessoa que é quieta, tranquila e precisa desenvolver a liderança. Os mais bagunceiros são os que querem ordem quando estão à frente. Esta função também pode incluir um iniciante. Por exemplo, o rapaz do quadriton me deixou surpreso. Eu o chamei e ele conduziu o ensaio. É uma pessoa que eu vou olhar de outra maneira. Vou dar mais oportunidade. Vou passar técnicas de regência para prepará-lo. Até mesmo para eu olhar de fora. Porque quando eu estou regendo eu acabo me envolvendo com música e às vezes não está legal, eu estou no meio e me iludo. Deixando alguém reger, eu tenho uma visão bem melhor da banda.

Com a percussão, eu costumo trabalhar de maneira coletiva. Eu uso o método “Da Capo” e tenho os meus métodos. Não tenho nada escrito, mas tenho os meus métodos. Ensino as figuras musicais para percussão. Eu uno as cornetas e fazemos um estudo coletivo de aquecimento e preparação. Às vezes eles conseguem fazer a escala. Ensino técnicas de regência. Eu trabalho isto com eles porque em 2011 começou a disputa de regentes. Essa pontuação não soma no total de pontuações da banda. Eu ganho, desde 2011, como melhor regente na minha categoria. Mas não que eu me prepare para isso. Eu quero que a banda esteja pronta.

Em 2012, ano em que nós fomos campeões, eu acreditava que eu não iria ganhar. Eu fazia o *levare*, mas eu contava em voz forte no meio da apresentação. Todo mundo ouvia. No DVD nós ouvimos. Eu pensei: “Quem sabe a técnica vai ouvir e vai tirar ponto!”. E eu ganhei com uma pequena diferença, mas ganhei. Na parte que eu tinha que contar em voz forte era a parte em que todos ficavam de cabeça baixa. Não tinha como eles acertarem sem olhar. Mas eu os preparo, digo o que é o *levare*, falo o que é o compasso quaternário, compasso binário. Geralmente não tem ternário. E até mesmo ficaria esquisito, não é? Digo para eles como vai ser a regência. Se vai ser o binário composto, o quaternário composto. Mostro na teoria o que eles sabem fazer na prática. Eu explico para eles o que é a técnica de regência, o olhar do regente, a concentração. Às vezes eu me chateio com eles porque alguém entra no tempo errado, alguém quer adivinhar. Não! A banda não é mecânica. Ela tem regente. “Vocês têm que prestar atenção!”. Preparo todos eles para essa parte.

Enfim: nós fazemos dois a três ensaios semanais, voltados para teoria musical, sem muito som para não criar problema com a comunidade. Às vezes a comunidade denuncia na SEMA, Secretaria de Meio Ambiente. Para não gerar esse problema, nós geralmente ensaiamos por uma hora. Neste ano, nós adotamos uma nova metodologia. Nós começamos com aulas teóricas nesta sala e depois nós praticamos meia hora no instrumento.

Uma metodologia que eu vou começar a usar semana que vem é caixa de som e a música. Eu ensino a letra independente se a gente vai tocar ou cantar. Eles aprendem a ouvir. Eu sempre faço assim: quando o Festival se aproxima nós ensaiamos primeiro com a caixa de som e com o instrumento, mas sem tocar. Nós iniciamos o ensaio de uma música nova primeiro ouvindo a música. Eles ouvem no celular também. Depois, nós pegamos as partes principais das músicas, ouvem pedaço por pedaço. Aprendem pedacinho por pedacinho. Depois que eu percebo que está bom, eu prossigo ensinando. Em seguida nós ensaiamos toda ela. Depois nós vamos afinando.

Uma música demora cerca de três dias para ficar pronta. Essa música eles aprenderam rápido. Agora nós estamos afinando. Eu vou fazendo mudanças. Ouço, verifico se está bom ou não, ou se está faltando mais dinâmica. Então eu mudo. Quando a música é executada sem parar, indica que já é possível inserir uma nova música. Depois nós ensaiamos com a coreografia.

Às vezes, é para eu ver como é que está o som deles de várias formas. A fanfarra se arruma em forma de quadrado, círculo ou meia lua. Eu coloco a percussão atrás e as cornetas na frente. Eu deixo os sopros em destaque.

Festival

Algo que marcou naquela época na Escola José de Alencar foi o nervosismo que eu sentia quando chegava o dia da competição. Aquela ansiedade... No ano em que eu toquei, os festivais eram disputados no estádio. Então eram muitas bandas daqui de Santarém e cidades vizinhas. A pressão era grande. Eu não sabia se ia garantir ou não na hora da entrada. Eu lembro muito bem dessa parte da competição. Tinha muita rivalidade. Chegava a ter briga entre componentes devido a não aceitar a derrota. Era uma rivalidade que ia além do gramado. Acabava o Festival e a rivalidade continuava. Havia uma rivalidade entre as fanfarras com melodia da Escola “Frei Othmar” e Escola “Frei Ambrósio” e entre as fanfarras da “Escola Terezinha” e Escola “Plácido de Castro”. Eram rivais até a morte. Podia perder para todos, porém se um ficasse na frente do outro, já estava de bom tamanho.

Em reuniões antigas, eu tinha rivalidade aflorada; depois eu mudei, graças a Deus! O nosso regente era tranquilo nas reuniões, mas havia regentes de outras bandas, como os regentes da fanfarra com melodia das escolas “Frei Othmar” e “Frei Ambrósio”, que discutiam. Agrediam-se nas reuniões. O Festival já começava nas reuniões. Um puxava para um lado, outro puxava para o outro. Às vezes até por nomenclatura. Discussões sobre o que era Banda Marcial ou Fanfarra. A rivalidade era bem aflorada.

Eu lembro que em 2008 a fanfarra da Escola José de Alencar ficou em segundo lugar. Perdeu para a fanfarra da Escola Rodrigues dos Santos. Foi muito duro. Em 2009, os componentes acreditaram. Fizemos um ótimo trabalho e ficamos em último. Injustamente. Em 2009, eu recebi o convite para ajudar na Escola “Maria de Lourdes”. Nesse ano, fomos campeões na categoria Fanfarra Simples. As coisas começaram a melhorar.

No mesmo ano de 2009, eu estive à frente de uma reunião com todos os regentes, na Escola Madre Imaculada. Estávamos nos organizando para dizer “não” ao governo. Os

governantes ficaram sabendo dessa reunião. Seria uma perda muito grande para eles. Eu achei um desrespeito o governo não nos ter chamado para conversar sobre o Festival. Nós queríamos uma satisfação. Na segunda reunião, final de junho, no Frei Ambrósio, as pessoas se manifestaram dizendo que queriam fazer concurso. Como a maioria gosta e isso é bom para apresentar o nosso trabalho, a maioria aceitou. Eu sabia que provavelmente nós iríamos perder, pois havia uma fanfarra concorrente que estava melhor do que a nossa. Em 2009, eu briguei por um Festival que eu sabia que eu ia perder. Eu podia ter evitado. Se eu não tivesse encabeçado a reunião, não teria concurso e eu não teria perdido, mas faz parte. É melhor ter o nosso segmento forte do que um ano parado.

Eu comecei a ganhar concurso em 2009. Até 2009, eu nunca tinha sido campeão como regente. E isso pesava muito. Os outros regentes me olhavam como uma pessoa de talento, que ia fazer sucesso uma hora ou outra. Todos os outros que começaram comigo já tinham ganhado concurso e eu não. Mas isso nunca mexeu com o meu ego. Continuei fazendo o meu trabalho.

Em 2008 e 2009, o “Frei Ambrósio” não participou de concurso. O objetivo era formar a banda de música, mas não vingou. Eles desfilaram na Semana da Pátria, mas não concorreram no Festival. Em 2010 e 2011, participou do concurso com o Osmarino na regência. Em 2012, eu assumi a fanfarra. A Escola “Frei Ambrósio” já participou na categoria fanfarra simples e fanfarra com melodia. Em 1998, disputou conosco quando eu tocava no “Terezinha”. Eu tive a felicidade de ganhar do “Frei Ambrósio”.

Eu gostei do tema da fanfarra nos anos de 2012 e 2013. Foram passos de quadrilha. Em 2012, numa reunião sobre o concurso, nós dissemos o tema que iríamos apresentar. Quando anunciei que o tema era ritmo junino, muita gente riu. “Tu vais colocar quadrilha em fanfarra?”. Afirmaram que escolhi este tema porque eu havia dançado quadrilha. Eu ouvi esse comentário. Fiquei calado; porém, foi um dos melhores anos. De fato, eu dançava quadrilha. Comecei a dançar em 1998. Era uma atividade paralela à banda. Eu comecei a dançar na Estrela Brasileira. Fui puxador da quadrilha porque eu dançava bem. Hoje eu não danço nada. Em 2000, eu fui para quadrilha Big Ben. Fiquei cinco anos lá. É uma das melhores daqui de Santarém. Representamos Santarém no festival nacional em Brasília. No período em que iniciavam os ensaios da banda, eu tirava um tempinho e ia para a quadrilha. Quando eu chegava do ensaio, no final de semana, eu tomava banho, vestia a roupa e ia dançar. Geralmente eu pedia para sair cedo do ensaio da banda aos sábados. Era neste dia da semana que nós dançávamos bastante. O regente entendia que era o que eu gostava de fazer.

Em 2013, eu trabalhei cultura nordestina. A fanfarra “Frei Ambrósio” tocou xaxado, quadrilha, forró etc. Nós ficamos em segundo lugar por pouca diferença. O primeiro lugar foi da fanfarra da escola Madre Imaculada. Hoje em dia tem uma banda de música nesta escola. É do Programa “Mais Educação”.

Nós pensávamos que a Prefeitura iria cumprir o compromisso de pagar a premiação. O prêmio eram dois clarinetes e dois saxofones. Isso iria ajudar a banda de música. Foi complicado, pois os alunos já estavam no período de trocar de instrumento. Então eu resolvi parar e agora eu voltei. Só que nós vamos voltar de uma maneira diferente. Sax e clarinete vão ficar na flauta doce. E também quem quiser estudar flauta transversal. Entrou muita gente nova na flauta. Eu vou fazer um grupo de quinze a vinte flautistas, cinco trombones e cinco trompetes. Vamos trabalhar com os instrumentos que temos. Quando chegar a premiação, veremos o que fazer.

Este ano está sendo proveitoso porque nos outros anos, como eu estava na faculdade, eu repetia as músicas. Eu repetia o repertório da Semana da Pátria. Só trabalhava músicas novas para o concurso. Eu decidi que não iria fazer arranjos para dois repertórios, pois não teria tempo. Eu colocava uma ou outra música. Neste ano, eu coloquei seis músicas novas para a Semana da Pátria. Então, o repertório se renovou. Eles ficaram muito animados com arranjos novos, bem trabalhados, contraponto, harmonia legal.

Quanto ao repertório da fanfarra, quem escolhe é a coordenação da banda. Temos a diretoria e os chefes de naipe. A diretoria é formada pelo Celso, que é o coordenador, dois alunos antigos da banda, o Rogério e o Aníbal, e o Alan que é quem trabalha com a coreografia.

O Rogério e o Aníbal trabalham conosco pesquisando música, coreografia e tema. A maior parte do arranjo, quem faz sou eu. Nós ouvimos as músicas, verificamos como será feito e pensamos no todo. Eu faço estes arranjos para corneta e para percussão. Alguns alunos dão ideias. Às vezes nós fazemos o arranjo com os chefes de naipe. Eu escrevo ou gravo quando vem uma ideia para a percussão na cabeça. Eu pego celular onde eu estiver, e gravo. Faço a rítmica com a voz mesmo. Eu anoto tudo sobre a coreografia.

Estamos ensaiando quatro músicas: duas são da “Banda Calypso”, a música “Galera de cowboy” e “Rei do Gado”. Tem uma música para entrada da fanfarra e que eu ainda vou começar a ensaiar nesta semana. Nos últimos anos eu estou fechando o repertório em quatro músicas. Três para tocar à frente do jurado e uma para a chegada. Esse ano eu quero fechar com cinco. Quatro na frente dos jurados e uma para entrada. São sete minutos de apresentação. É o regulamento que diz. É parecido com o nacional.

Fiz um trabalho melhor porque não tem mais a faculdade. Era muito trabalhoso lá. E agora estamos trabalhando o repertório para o concurso. Se houver concurso. Nós não sabemos se terá ou não. Ainda não reuniram conosco.

Quando eu faço o arranjo eu penso sempre qual o caráter da música. Tem música que eu considero que pode ser usada no final da apresentação no concurso. Existem músicas que podem ser tocadas na abertura. Nós procuramos visualizar a nossa apresentação. Perguntamos: “Qual música tem ‘cara’ de entrada? É explosiva? Para marchar? Essa aqui é mais tranquila. Vamos começar com esta, ‘tipo’ uma introdução, causando expectativa”. Nós verificamos essas características da música, no arranjo original dela. Nós vamos organizando e colocando numa ordem. Avaliamos qual música fica melhor no início, no meio e no fim.

No início do ano cada naipe tinha seu dia, o naipe de cornetas, por exemplo, vinha todo dia. Tinha um dia que eu trazia o bombo, então eu ensaiava o bombo e a corneta. Noutro dia, eram os pratos e assim por diante. Para eu me aproximar deles. Eu acho que facilitou o trabalho. Eles aprenderam as músicas muito rapidamente.

Eles estão com dificuldade em algumas músicas porque eles não conhecem. São pessoas muito novas, não conhecem a “Banda Calypso”. Nem todos ouviram. Eles são da geração do tecnobrega. Eles têm essa dificuldade. Foi a mesma coisa no ano passado. Nós levamos o tema relacionado ao circo. Era música voltada para criança. Eles sentiram dificuldade na música do “Balão Mágico”, “Uni duni tê” que eram da nossa época e eles não conheciam.

A música determina a coreografia. Antigamente nós pensávamos muito na coreografia. Esquecíamos o lado musical. De uns anos para cá eu priorizei a qualidade musical. Então, a coreografia depende da música. Se eu perceber que a coreografia vai atrapalhar o desempenho do aluno, no sopro principalmente, eu tento melhorar. Não proponho aquela coreografia porque eu quero um som melhor.

Para iniciar o ensaio da coreografia, os componentes fazem a rítmica com a voz, sem o instrumento. Por exemplo, no horário da aula do turno da noite, nós ficamos até às 20h só marcando passo, eles fazem a rítmica na boca junto com a coreografia.

A maioria dos nossos alunos é inteligente. A fanfarra do “Frei Ambrósio” tem essa característica. Parece que nós atraímos alunos bons. Eles se desenvolvem muito rápido aqui no “Frei Ambrósio”. No primeiro ano, eu senti muita dificuldade para implantar a minha metodologia de ensino. A banda não pára. É movimento todo tempo. Depois que eles se acostumaram com o meu estilo, eles já sabem o que eu quero. A aprendizagem deles é muito rápida! Eu costumo dizer que eu sou “meio doido”. Eu mudo as coisas. Se aparecer uma ideia

melhor, o que eu ensinei hoje eu mudarei. Às vezes, eu preciso que alguém me freie, senão chega o dia da apresentação, e eu continuo mudando. Eu digo para eles que eu só faço essa “gracinha” porque eu preparei meu grupo para isso. Chegamos a fazer um “F” e um “A” grandões às vésperas do concurso de 2013. A banda se desmontava todinha. Eles aprendem muito rápido.

Àqueles que têm dificuldade, nós damos mais atenção. Eu peço para os chefes de naipe se aproximarem, pois, às vezes o aluno ele tem receio de aproximar-se do professor, não é? Eu chego com ele pergunto qual é a dificuldade. É complicado fazer esse acompanhamento. É muito complicado porque a banda é muito grande. Mas nós tentamos. Nós não temos tanta dificuldade assim. Tem um ou outro aluno em cada naipe, e nós tentamos trabalhar.

Geralmente há pessoas assistindo ao ensaio da fanfarra. São os namorados dos componentes, ou curiosos, ou ex-alunos que tocavam na banda. Hoje, a esposa do rapaz que toca bombo estava assistindo. A maioria é acompanhante dos integrantes da banda. Quando tem aula na escola, alguns alunos ficam assistindo ao ensaio.

Outros projetos

Eu também tenho mais dois projetos de música em outras duas escolas no turno da manhã. Um na Escola “São José Operário”, no bairro do Livramento e outro na Escola “Ester Ferreira”. São projetos de banda de percussão. Depois de setembro, quando acabar o desfile, eu vou inserir a flauta doce. É um projeto meu e a escola abraçou. Eles entraram em contato comigo por indicação de alguém e depois eu apresentei meu projeto e eles abraçaram a causa.

DENNIS DE SOUSA LIMA, REGENTE DA “BANDA MARCIAL” DA ESCOLA “PEDRO ÁLVARES CABRAL”

Fotografia 6: Entrevista com Dennis Sousa Lima. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

O contexto

Ao chegar a Santarém, dia 2 de julho de 2015, logo entrei em contato com o professor Dennis, regente da Banda Marcial Pedro Álvares Cabral. Dennis disponibilizou-se a encontrar-me na tarde deste mesmo dia, mas para mim não era possível. Decidi ligar e em um breve telefonema, marcamos a entrevista para o dia seguinte. Pedi informações sobre os dias de ensaio e aulas da Banda Marcial daquela escola e ele informou-me que a banda estaria em atividade às segundas, quartas e sextas. Pedi que ele escolhesse o local para nos encontrarmos. Mais tarde liguei novamente e ele resolveu marcar a conversa para o dia 13 de julho no local do seu trabalho. Dennis me informou o endereço e avisou-me o que neste dia ele estaria no ensaio da banda da Polícia Militar. No dia 10 de julho, ao visitar a escola Cabral, falei com o Dennis sobre a nossa futura entrevista e ele sugeriu que antecipássemos a conversa para o dia 12.

Era domingo, 12 de julho quando fui ao encontro do professor Dennis no local que ele havia escolhido para conversarmos: a Universidade do Estado do Pará, Campus de Santarém, onde ele cursava mais um módulo da pós-graduação em Dança Educacional instalada naquela instituição. Dennis marcou às 17h00min.

Ele veio até mim e avisou que ainda estava apresentando um trabalho para a disciplina “Criação”. Pedi que eu o aguardasse. O vi tocar trompete durante a apresentação de uma coreografia dançada por alguns participantes do curso. Fiquei por lá esperando a aula acabar.

Às 18h33min iniciamos a entrevista. Dennis parecia bem à vontade. Teceu algumas brincadeiras em relação ao nosso passado enquanto colegas de banda. Ele fez questão de lembrar-me o quanto ele não gostava de cantar nas aulas de canto coral.

Posicionei os equipamentos ali mesmo em um pequeno *hall* próximo à escada de acesso às salas de aula daquela universidade e ao som do canto de passarinhos iniciamos nossa conversa. O dia ainda estava claro. A conversa durou um pouco mais de uma hora. Dennis fala muito rápido e suas respostas foram longas a cada pergunta. Era um vai e vem de recordações sobre a sua atuação como componente e instrutor de banda. Em meio a revelações sobre estratégias para o ensino e aquisição de materiais, Dennis expôs os caminhos percorridos para alcançar resultados positivos com o seu grupo e não escondeu a insatisfação pela falta de apoio suficiente para o seu projeto.

O sol já havia se posto quando nos despedimos.

A Narrativa

Formação

Eu não tive formação musical na minha infância. Eu sempre gostei de banda de escola. Fanfarra. Insistentemente pedi à minha mãe para eu entrar na fanfarra da Escola “José de Alencar”, apesar de eu estudar na “Escola Rodrigues dos Santos”. Eu ingressei na banda daquela escola e participei do Festival como componente, tocando caixa ou tarol, como me ensinaram a nomear. Os instrutores eram o Sandro e depois o Adailton, conhecido como D’Jay. Fiquei naquela escola durante o ano 2000.

O instrutor tocava e nós repetíamos. Eram sequências rítmicas de forma cumulativa com o objetivo de tocar uma sequência completa. A disposição da fanfarra no espaço era em forma de quadrado. Cada naipe em um dos lados: caixa, bombo, prato e surdo. Quando tinha corneta, ela ficava mais atrás. A formação para ensaiar era sempre assim. Depois que a sequência dos toques estava toda pronta, formava-se uma fila militar para tocar e sair marchando. O instrutor normalmente tinha um ou dois auxiliares.

Nesse período, os instrutores de banda não tinham formação alguma. Eles conheciam mais ou menos percussão e começavam a ensaiar. Claudir, Korona, Draw, essas pessoas não tinham formação. A formação em música que se tinha era na escola particular “Dom Amando” ou na Escola de Música, que é mais recente.

Na Escola “Rodrigues dos Santos”, eu conheci a Adriana que estudava saxofone na Escola de Música. Comentei com ela que o meu sonho era aprender a tocar sax e trompete. Eu não sabia que existia Escola de Música em Santarém. A Adriana me levou até lá e me apresentou o professor Anthymio. Ele me perguntou se eu tocava corneta. Eu disse que sim. Eu menti para ele, pois eu queria entrar na Escola de Música. Eu tocava caixa. Ele marcou um teste para o dia seguinte. Então eu liguei para um colega meu, o Reinaldo, e pedi que ele viesse até a minha casa, pois eu teria que aprender a tocar corneta naquele dia.

Eu passei a noite toda treinando e no outro dia, à tarde, fui fazer o teste com o Anthymio. Ele pediu que eu soprasse no trompete. Eu consegui. Então eu comecei a aprender música. Isso foi em junho do ano 2000. Nessa época eu fazia o segundo ano do ensino médio na escola “Rodrigues dos Santos”. Tinha 17 anos. Já era velho para estudar música.

No “Rodrigues dos Santos”, eu comecei a “botar as manguinhas de fora” e a tomar o lugar do instrutor, porque ele era meio fraquinho. Ele faltava muito. Nós tocávamos um pouquinho melhor, então começamos a ensinar os outros. O instrutor nos deixou na mão e eu e o Reinaldo assumimos a banda junto com outro colega. O Reinaldo sabia tocar um pouco de corneta. Como já mencionei, foi ele quem me ensinou. Um ensinava para o outro. Quem sabia um pouco mais passava para o outro. Era assim que funcionava.

Geralmente os instrutores de banda não sabiam tocar corneta, outra pessoa ensinava. Como eu havia ingressado na Escola de Música em 2000, eu comecei a ensinar corneta. Eu trabalhava com o Korona e o Draw. Foi com quem eu mais trabalhei.

Houve um ano em que eu cheguei a tocar em sete fanfarras. Toquei no “José de Alencar”, “Belo de Carvalho”, “Frei Othmar”, “Álvaro Adolfo”, “Pedro Álvares Cabral”, “Batista” e outros. Ensaiei no “Frei Ambrósio também”. Eu toquei caixa na fanfarra das escolas “José de Alencar”, “Felisbelo Jaguar Sussuara”, “Belo de Carvalho”, “Rodrigues dos Santos”. Eu ia lá, tocava em uma banda e voltava para tocar em outra. Eu gostava muito. Eu tinha aptidão para percussão, mas eu tive oportunidade de aprender a tocar trompete, então eu optei por seguir no trompete.

Como eu já estava na Escola de Música há algum tempo e sabia tocar corneta melhor que outros corneteiros da cidade, eu ia só para brincar com os outros nos ensaios. Eles mandavam os corneteiros irem embora por nossa causa, pois assumíamos os seus lugares na fanfarra.

Em 2005, entrei para o curso de Licenciatura em Música da UEPA. Eu também fiz uma pós-graduação em Educação Musical. Falta eu entregar o artigo. Agora eu estou terminando uma em Dança Educacional. Estou fazendo realmente o curso de Dança.

Espaços de atuação

Como instrutor de fanfarra eu comecei em 2003, juntamente com o Júlio e com o Reinaldo lá em Oriximiná. Nós já tínhamos uma base. O Júlio tinha começado a ensinar algumas coisas na Escola “Almirante Soares Dutra” e eu na Escola “Rodrigues dos Santos” junto com o Reinaldo. Então, surgiu o convite para nós ensinarmos uma fanfarra em Oriximiná, na Escola “Santa Maria Gorete”. Enfrentamos o desafio. Júlio, Reinaldo e eu passávamos uma semana no Município e voltávamos para Santarém.

Eu trabalhei três anos no trânsito e trabalhei na parte administrativa do Comando de Policiamento Regional – CPR. Há três semanas eu passei para a banda. Eu só ajudava na banda quando tinha apresentação. Eu não era fixo na banda. Quando eu entrei na polícia, eu fiquei uns dois ou três meses, passei no Pelotão de Trânsito – PTRAN e lá eu fiquei. Era melhor. E agora é melhor eu ficar na banda. Eu saio meio dia da banda, então dá tempo de eu dar aula na escola. Por enquanto eu estou fixo na banda da polícia.

Eu toquei em banda de baile, por isso eu saí da Escola de Música. O diretor disse para eu escolher entre a banda Tapajoara e a Escola de Música. Na Tapajoara eu ganhava em torno de três mil reais por mês. Na Escola de Música eu ganhava uma bolsa no valor de R\$ 380,00. Eu já tinha vinte anos!

Quando eu entrei na Polícia, eu saí da Tapajoara. Eles tocavam muito. Hoje eu voltei a tocar numa banda de baile, só para não ficar parado. Toco somente em formatura, casamento, uma, duas vezes no mês. Às vezes nem toco.

Meu instrumento é trompete, mas eu passei um tempo na polícia tocando trombone. Eu disse a eles que eu não queria tocar trombone. Desde que eu saí da Escola de Música eu não estudo de verdade. Como eu estava em outra função, na polícia, que não era música, então eu não estudava. Só quando eu ia para o “Cabral”. Nesse período que não tem muito aluno, eu consigo estudar trompete. Eu voltei a estudar porque eu estou na Banda da Polícia. Eu disse que não ia mais tocar trombone. Somente para tirar dúvidas dos alunos na escola.

Meu ingresso na Polícia Militar coincidiu com o período em que eu estava terminando a faculdade. Nessa época, a minha ida frequente para a Escola “Cabral” ficou comprometida. Eu só ia dar umas dicas, algumas aulas. Depois desse período, os alunos participaram de festivais, mais eu não estava muito presente. Eles participaram do Festival executando também a corneta. O “Cabral”, desde a época que eu não tocava, sempre teve fanfarra com melodia.

Estou na Escola “Pedro Álvares Cabral” desde 2007. Saí da Escola “Rodrigues dos Santos” porque quando tentei implantar o projeto de música por meio da flauta doce, a gestão posterior à do professor Bernardo, diretor que nos apoiava, disse que não queria aquela atividade na escola. À convite do Senhor Branco, que gostava do nosso trabalho, fomos para a Escola “Cabral” e levamos os alunos da fanfarra da Escola “Rodrigues dos Santos” conosco. Em 2011, quando concluí os cursos da polícia e a faculdade, implantei o projeto de música na Escola “Pedro Álvares Cabral”. Começamos no final de 2011 e estamos até hoje neste projeto que sempre foi para banda marcial. Antes do projeto de música, o que tínhamos era fanfarra com melodia.

Ensino / Ensaio

O nosso objetivo é a musicalização dos alunos. Eu musicalizo os alunos de sopro. A percussão do “Cabral” não é musicalizada. Eu tentei musicalizar a percussão, mas como as pessoas que estão lá são mais velhas, trabalham ou são casados, não querem mais ter aulas de musicalização. Para mudar isso eu musicalizo os alunos que estão entrando agora. O Reinaldo ensina de acordo com o método dele. Ele ensina há um bom tempo. Os alunos aprendem rápido. Ele ensina de forma imitativa.

Na minha visão, a musicalização não é somente para o Festival de Bandas. Isto é uma consequência. Vivência musical. Mesmo que eles não sejam músicos, mas sejam boas pessoas. É para vida deles. Então nós só damos um intervalo no Natal e Ano Novo. Nós fazemos uma pausa, um recesso. Normalmente até meados de janeiro. Depois voltamos e o projeto continua independente de a escola estar funcionando, de férias ou em greve. Quando termina a Semana da Pátria as pessoas saem. Ficam somente aqueles que realmente querem estudar música. Aqueles que só querem Desfile e Festival somem. Principalmente quem faz a percussão. Àqueles que querem realmente estudar, eu me dedico mais; aos que não querem muita coisa, vamos dando um jeito. Em momento algum o ensino de música é voltado para o Festival.

Eu tenho que dar aula de todos os instrumentos, pois o salário que eu ganho não dá para pagar todo mundo. Faço trabalho voluntário. Ninguém quer dar aula de graça a não ser eu e o Reinaldo. Eu tive que aprender um pouco de cada instrumento. O único que eu tenho dificuldade é a flauta transversal. Não sei nem tirar som.

O projeto é uma coisa bonita, mas ninguém quer dar aula de graça. A minha esposa reclama, pois eu não ganho nada. De vez em quando ela perturba; depois ela esquece.

Eu, sozinho, aprendi todos esses instrumentos. Peguei o instrumento e o método e aprendi só. Isto foi na Escola “Cabral”. Existem métodos que te ensinam as posições, dedilhados. Iguais aos métodos de flauta doce. Fui aprendendo só o básico e ensinando para eles. Aprendi a tocar sax e trombone sozinho, e também toco clarinete. É uma mistura de Divaldo e Anthymio. Eu tive que aprender, não teve outro jeito. As pessoas não querem vir. Eles cobram para dar aula. Eu compro palheta, lubrificante e não tem como pagar professor. Eu e o Reinaldo somos voluntários.

Os líderes de naipe nos auxiliam; são os que estão tocando há mais tempo comigo, desde 2008, com exceção da Jô que entrou em 2012. Eles conseguem tocar um pouquinho melhor, já têm uma base. Eu procuro delegar a eles funções, mas com a minha orientação. São muitos naipes, tenho que ficar olhando um a um e por isso não dá para eu oferecer suporte adequado para cada um. O Carlinhos é o líder do naipe de trompete. O Dodó, que é o Johny, dá suporte para trompete, trombone e sax. O Anthymio me ajudou com flauta transversal. Ele ensinou as meninas no início. Elas conseguem tocar um pouquinho, então estudam sozinhos e eu só vou dando orientações.

Atualmente, eu estou ensinando trompete sozinho porque o Calinhos passou na faculdade e só agora nas férias é que ele está podendo me ajudar. O Johny está dando aula em uma escolinha do interior. O Johny me acompanha desde a Escola “Rodrigues dos Santos”. Por exemplo: agora eu vou viajar, passar 15 dias fora e eles vão ficar tomando conta da banda. O Johny, o Carlinhos, a Jô vão ficar dando essa assistência para os alunos. A Jô toca clarinete, o Carlinhos toca trompete e o Johny é multifuncional. Ele toca um pouco de sax, trombone, eufônio. Eu já dei as informações iniciais sobre como tocar trombone para o Reinaldo. Ele já tem a base. Ele vai tomar conta dos alunos de trombone enquanto eu estiver fora.

Atualmente, Reinaldo e eu dividimos o trabalho. Ele ensina a percussão e eu fico com os sopros. Fica difícil tomar conta de tudo ao mesmo tempo. Mas quando eu quero dar aula para eles em conjunto, eu carrego o quadro grande que está na sala da banda e coloco lá fora. Eu também projeto lições do método Da Capo usando data show para eles tocarem. Uso o meu computador. Durante o ano tentamos ao menos uma vez na semana fazer o ensaio geral. Eu os reúno no auditório, afinamos, tocamos escalas e uma lição do método Da Capo.

Desde o ano passado, eu tento utilizar sempre o método Da Capo. Porque são lições iguais para todos os instrumentos. Fica mais fácil, pois tenho que iniciar todos os instrumentos. Se eu fosse ensinar Arbas para um, Amadeu Russo para outros, ia ser complicado para mim.

Os alunos fazem um estudo individual e depois todos se unem para ensaiar a música que está no método. Quando percebo que um músico consegue aprender um pouco mais

rápido, direciono para outro método um pouquinho mais avançado. E assim segue. O Da Capo ensina o que é clave de Sol, o que é compasso. Isso é bom, pois eu não faço musicalização através da flauta doce e nem coral, eu vou musicalizando através do instrumento. Eu sempre quis usar esse método. Eu sempre achei chato coral, pois eu não gosto de cantar.

Eu faço teste com eles em cada instrumento e vejo em qual eles foram melhor. Mas eu pergunto qual é a vontade deles. Se algum deles não se sair bem no instrumento, mas quiser aprender, eu não impeço. Eu o deixo tentar. Dou duas semanas de aula para ele. Tento todas as maneiras, nota longa, com paciência. Chega um momento em que o próprio aluno percebe que não dá e pede para trocar de instrumento. Então ele vai para um instrumento que realmente ele tem mais aptidão.

Eu tive um sonho de aprender sax ou trompete. Eu via, achava bonito e queira aprender. Porque nós queremos aprender o que mais vemos: sax, trombone e trompete vemos na banda de forró, no Jô Soares... O aluno não conhece outros instrumentos.

Eu tenho um aluno muito bom no trombone, hoje; mas ele começou no trompete. Ele era muito ruim no trompete apesar de ser esforçado. Ele estudava todo dia. Eu sugeri que ele tocasse trombone, mas ele não queria; porém, tentou. Até hoje ele está aí. Até o ano passado ele ensinava os meninos de trombone. Ele virou um bom trombonista. Não é aquele aluno virtuoso, mas é muito esforçado. Um aluno que estuda todo dia. Tem um som bonito.

No “Cabral” eu não tenho projeto de flauta doce. Então, eles já entram diretamente no instrumento: trompete, trombone, sax, clarinete, flauta transversal e eufônio.

A avaliação do desempenho dos alunos é feita individualmente. Tem aluno que tem muito talento, aptidão, aprende rápido, mas fica para trás. E tem aluno que não tem facilidade em aprender um instrumento, porém não falta aos ensaios, estuda e evolui muito. O Gean não tem tanta facilidade, mas hoje ele está tocando trompete e apesar de ele ter um sério problema de ritmo, ele é muito esforçado. Ele evoluiu bastante. Está com um som bonito e consegue uma extensão maior no instrumento ao contrário de outros que começaram junto com ele e que tem muita facilidade, mas não estudam.

Também acompanhamos o progresso dos alunos na escola, pois se o rendimento deles cair, nós conversamos com ele. Neste ano, não fizemos esse acompanhamento por causa da greve. Faremos essa verificação no segundo bimestre. Se a nota cair, nós chamaremos para conversar. Se no terceiro bimestre continuar, nós suspenderemos e avisaremos que é preciso estudar. Os alunos têm que dar conta das duas coisas. Mesmo que ele não seja um excelente musicista, tem que estudar para a vida dele.

Todo este trabalho de ensino, ensaio e avaliação é realizado três vezes na semana, por mim. Desde o final do ano passado, eu trabalho às segundas, quartas e sextas. Agora, nas férias, o Johny e o Carlinhos vão abrir as salas para estudar também às terças e quintas e eu só venho às quartas e sextas.

Eu tento chegar à escola por volta de 17h30min. fico até às 19h30min. A aula individual no instrumento dura uma hora e meia. Não adianta ficar mais do que isso, pois não haverá rendimento. Porém, no período do Festival, nós ensaiamos até às 21h00min, na escola.

Como o meu trabalho é voluntário, faço-o na minha folga. Pela manhã trabalho na polícia, à tarde eu sou professor no município. Eu saio do município e corro para a Escola “Cabral”. Minha esposa quer me matar por causa disso.

Às vezes os alunos pedem para ensaiar todo dia. Eu digo não. Entendo que eles devem ter algum tempo para fazer outras coisas, para não se sentirem sufocados por estarem todos os dias da semana na escola. Por esta razão, eu deixo os alunos levarem o instrumento para casa no final de semana, para estudarem em outro espaço. Além disso, eu também preciso ter tempo para mim e para a minha família. Eu estou com 32 anos e tenho mulher e filho, preciso sair para passear com eles, para ela não ficar com raiva, não ficar possessa. É preciso saber dividir. Abraçar muito a causa faz esquecer das outras coisas que são até mais importantes do que o projeto. Eu estou tentando dividir.

Para o empréstimo dos instrumentos, nós temos um cadastro com o nome de todos os integrantes da banda. Normalmente, 95% são alunos da escola e os demais são amigos da escola, a gente conhece, sabe onde moram. A permissão é somente para os finais de semana, não mais do que isso.

As aulas de instrumento de sopro funcionam o ano todo. A percussão normalmente pára. Só ensaiamos no período de preparação para o Festival. Durante todo o ano só fica uma caixa e um bombo por causa das apresentações periódicas da banda. Queremos comprar uma bateria. Com a bateria é bem melhor.

Eu, muitas vezes, também ensino a coreografia. Na banda do “Cabral”, eu faço assim: ensino a música, uno com a percussão, observo a execução e penso na coreografia. Eu crio a coreografia, mas dou liberdade para os alunos criarem. Formamos um grupo de alunos. Eles dão as ideias e eu vou orientando. Peço para pesquisarem sobre o tema e também criarem a coreografia. Quando eles me mostram, eu verifico a dificuldade dos passos e a originalidade do tema. Se eu estiver de acordo, incluo. Todos devem conseguir fazer. Músico é normalmente um péssimo dançarino e dançarino é um péssimo músico. Eu observei isso na pós-graduação em dança da qual participo.

Eu ingressei na pós-graduação em dança, porque no ano passado a coreografia da banda do Cabral foi avaliada com a nota 7,5. É uma nota baixíssima. Nós perdemos o Festival por causa da coreografia. Eu fiquei muito decepcionado, pois eu considerei ótima a coreografia. Eu não sabia o que havia acontecido. A criatividade foi avaliada com a nota 7,5. Eu não sabia mais o que fazer. Então apareceu a pós-graduação em Dança Educacional. Vi a possibilidade de descobrir o que estava errado. Decidi cursar. Se eu não gostasse, eu pararia. Eu gostei e terminarei em setembro deste ano de 2015.

Eu sempre tive um pouco de aptidão para dança. Eu ensinava todas as danças para as festas juninas da Escola de Música: quadrilha, xote... Eu aprendia rápido. Eu olhava a quadrilha, copiava os passos e ensinava para a Orquestra Jovem. Parecia que eu era dançarino, mas eu não era dançarino.

Mas o fato é que as bandas estão muito grandes, não dá para tomar conta dos instrumentos de sopro, cuidar da percussão e ainda fazer coreografia. É preciso dividir o trabalho. Eu só oriento. Na coreografia, eu tento não me envolver muito porque senão eu não dou atenção aos alunos no ensaio. No ano passado aconteceu isso: eu começava o ensaio das músicas, de repente eu ia lá para o ensaio da coreografia. Acabei deixando o ensaio das músicas de lado. Quando cheguei ao Festival eu senti que eles tinham perdido um pouco da afinação. Percebi que a articulação não estava igual.

Festival

Antigamente, a participação do Festival de Bandas consistia em somente tocar e marchar durante 30 minutos. Nesse período, por volta de 1998, o Festival de Bandas não era próximo da Semana da Pátria. Era em outubro ou final de setembro.

Todas as escolas, das quais fui integrante da fanfarra, participaram de festivais. Os festivais aqui em Santarém sempre foram muito grandes. Até o diretor da Escola de Música participava como regente da banda do Colégio “Dom Amado”. Isto foi na época em que o Lions Club era o responsável pelo Festival.

Os critérios para a competição eram: harmonia, ritmo, afinação, marcha, garbo, alinhamento, cobertura. Na época, não existia coreografia; então não cobravam isso.

Quem inventou a coreografia no Festival fomos nós, Reinaldo e eu, com a fanfarra da Escola “Rodrigues dos Santos”. Trouxemos e ganhamos o Festival. Desde então, todo mundo faz coreografia.

Já atuando na Escola “Cabral”, em 2011 nós não participamos do Festival. Em 2012 nós participamos e ficamos em último lugar. Foi o primeiro ano de nossa participação. Todo mundo nervoso. Em 2013, nós ficamos em segundo lugar, e em 2014 nós ficamos em quarto.

Em 2015, nós não sabemos se vai ter Festival. De todo modo, neste ano, os alunos de instrumentos de sopro do “Cabral” são novatos, pois os que ensaiavam desde 2011, em sua maioria saíram. Só tem crianças, a maioria com 11, 12, 14 anos. Estão começando agora. Este é o primeiro ano em que a maioria deles está tocando. Quando chega esse período [a cerca de dois meses do Festival] nós escolhemos um tema e trabalhamos nele. Se ficar legal, nós vamos para o Festival. Se não, não tem problema. Eles são conscientes disso.

Hoje temos mais ou menos 50 componentes. Só percussão e melodia, sem contar com grupo de dança. No Festival, participamos com mais ou menos 60 componentes no total.

No mês de julho, os alunos começam a aparecer. Mesmo que nós não estejamos objetivando participar do Festival. Em agosto vêm muitos alunos. Então temos que dizer não, pois a banda já está pronta. No mês de julho encerramos a entrada dos integrantes dos sopros. Caso um ex-aluno queria tocar, aí nós permitimos o ingresso. Ele vem, estuda um pouco e relembra. As músicas são fáceis. Nós tentamos encerrar a entrada de alunos na percussão no começo de agosto. Não entra mais ninguém. Até porque hoje em dia, o Festival de Bandas tem coreografia. Então não dá para entrar em cima da hora como era antigamente. Antigamente quando eu tocava em muitas escolas, eu ensaiava uma semana e já sabia tudo. Hoje em dia não. Tem coreografia. É um show, um espetáculo. Não dá mais para tocar em mais de uma banda. O regulamento nem permite isso. Tem que ensaiar muito para sincronizar. Ensaiamos, no mínimo e regularmente, durante um mês. O ideal é mais.

Os alunos que tocam na banda da Escola “Cabral” são todos da escola. Tem escola que chama músico da Escola de Música. Só que eu penso que se eu chamar o aluno da Escola de Música ou da Filarmônica, eu não vou deixar algo na escola. Não haverá legado, pois ano que vem eu quero sair e eles não virão tocar. Então, todos os alunos são da escola. Alguns alunos que não são da escola, mas são da comunidade pediram para estudar música na escola Cabral. É o caso do Carlinhos e do Patrik. Eles eram da Escola São “Raimundo Nonato”. Já terminaram o Ensino Médio. Começaram a estudar música comigo e estão até hoje.

Dois alunos foram tocar na banda da Escola Almirante, um dos motivos é que um deles está namorando uma menina de lá. Ele tentou trazê-la para a banda do Cabral, mas o pai dela não deixou. Ele teve que ir para lá. Alguns saem da banda porque vão amadurecendo e precisam trabalhar, terminar os estudos. Normalmente quando a pessoa termina o terceiro ano, ela fica no máximo mais um ano tocando, não consegue conciliar. Tenho um aluno que

trabalha no *shopping*. Sai de lá às 10 horas da noite. Ele manda mensagem dizendo que vai ensaiar, mas não dá. Não é possível ele ensaiar.

Quanto à sequência das músicas para o Festival, eu deixo o Reinaldo decidir. Ele pensa na ordem das músicas e em como será a percussão. Eu faço o arranjo baseado nisso. Em seguida, eu converso com ele e verifico se a passagem de uma música para outra está boa, se dá certo, se será necessário cortar. Montamos a sequência definitiva das músicas à medida que vamos ensaiando. A sequência deste ano quem escolheu foi o Reinaldo. Ele montou tudo. Este ano serão três músicas e um solo de percussão porque são oito minutos para a apresentação.

O ideal é escolher um tema e selecionar músicas com andamentos parecidos para não sair do contexto. Por exemplo, não colocar *rock* pesado próximo ao *pop rock*. O Reinaldo queria muito tocar *rock* e me convenceu. Eu não gosto, pois não conheço. Meu repertório de pop rock é fraquíssimo, então ele procurou as músicas, escolheu, me mostrou e perguntou se eu estava de acordo. Então eu comecei a ensinar. Nós passamos para o Rafael e o Gedel e eles fizeram o arranjo. Eu encomendei e paguei para eles fazerem por que para mim é complicado, além de não ter computador, pois só agora a gente conseguiu um computador com muita luta; eu não tenho tempo vago para fazer essas partituras. Eu sou muito fraco para fazer essas partituras. Demoro muito a fazer um arranjo, porém, a parte que a percussão toca, eu ou o Reinaldo criamos, mas geralmente é ele.

O repertório para outras apresentações é definido por mim de acordo com as minhas observações sobre o nível técnico dos alunos – além do Festival e do Desfile, nós fazemos apresentações públicas. Ano passado nós tocamos bastante. Fizemos apresentações no IESPES, na UFOPA e na escola. Este ano nós não fomos a nenhum lugar ainda porque como está começando agora, não tem repertório. A não ser quando chega esse período. O objetivo é aprender músicas e fazer algumas apresentações periódicas na escola.

Para o repertório dessas apresentações, opto por algumas músicas conhecidas, por exemplo: “Asa branca”. Toda bandinha que começa tem que tocar essa música. Já tocamos Michael Jackson, carimbó, forró, MPB, músicas de Natal para as apresentações natalinas na cidade. Estas músicas vão formando um repertório acumulado.

Primeiro nós escolhemos uma música que seja fácil de tocar, que não tenha muita articulação senão eles não conseguem tocar. E mesmo que a articulação seja fácil, ainda assim eles têm dificuldade. Se a música for legal, mas a melodia dela for complicada, nós decidimos por não incluí-la no repertório. Ano passado nós queríamos tocar quadrilha, mas as articulações das músicas de quadrilha são muito difíceis. Se eu tenho dificuldade para tocar essas músicas à primeira vista, imagina eles! Não tem como nós tocarmos quadrilha. O

maestro Barry, de Belém, veio numa época dessas ministrar cursos na Escola de Música. Ele nos orientou que deveríamos nivelar a banda pelo mais fraco. Então a gente procura nivelar a banda pelos iniciantes. Para os alunos que tocam há mais tempo não ficarem desestimulados, nós reunimos para fazer um repertório diferenciado. Eles tocam, junto comigo, músicas mais difíceis.

Agora em julho estamos aprendendo as músicas do Festival em um tom bem baixo para todo mundo conseguir tocar.

Normalmente, no Festival de Bandas, quem rege é o Reinaldo porque eu gosto de ficar lá no meio tocando, cantando, pulando. Este ano, se a gente chegar a um consenso, eu acho que sou eu quem vai reger. Não estou muito a fim não, mas parece que serei eu; o Reinaldo vai tocar esse ano. Às vezes quando falta algum aluno de trompete eu toco e rejo.

Na Semana da Pátria, tem ensaio para puxar uma escolinha, então quem rege pode ser um aluno que já está há mais tempo. Ele vai à frente da banda, pois às vezes eu estou trabalhando e o Reinaldo também. Então o Tales, o Dodó ou Deane podem ir à frente da banda.

Infraestrutura e a sua gestão

Temos 5 clarinetes, 5 trompetes, 5 trombones, um sousafone, um eufônio, 4 flautas transversais, dois sax altos e dois sax tenores. Nós emprestamos o sousafone, o trompete e o trombone da polícia, porque tínhamos poucos.

Nós temos muitas cornetas adquiridas através do programa ““Mais Educação””. Mas há dois anos não recebemos dinheiro desse programa. Ano passado não veio e este ano também não. Está difícil. Tem que dar a manutenção dos instrumentos, comprar palhetas...

Nós adquirimos instrumentos através das promoções junto com a Direção e com a premiação do Festival. Os prêmios oferecidos aos campeões são instrumentos musicais.

O Reinaldo constrói instrumentos de percussão em sua oficina. Foi ele quem construiu os nossos. Ele faz excelentes instrumentos, porém mesmo que ele faça muito bem, um nunca sai com a mesma afinação do outro.

Outras escolas têm instrumentos de sopro e não usam porque o professor não tem preparo. Então nós trocamos, com essas escolas, instrumentos de percussão por instrumentos de sopro. Quando termina a Semana da Pátria, ou no final do ano, quando a direção pede o levantamento anual dos instrumentos, nós devolvemos.

Também não temos espaço físico para ensaiar. A quadra que nós tínhamos foi demolida para erguer um ginásio, que há três anos nunca saiu dos pilares. Ainda deixam ensaiar lá, de vez em quando. Em um prédio atrás da quadra mora um juiz, desembargador. Eles reclamam e há confusão. Quando nós ensaiamos lá, depois das 19h00, temos que ensaiar em “silêncio”: o som com a voz e a percussão toca com o dedo. Quando o ensaio é somente com os instrumentos de sopro, nós vamos para o auditório. Não dá para fazer coreografia lá.

Hoje em dia é proibido ir para praça e não pode ensaiar na rua. Temos que ensaiar do jeito que dá. Embaixo da árvore, na pequena área coberta onde acho bem melhor, pois no auditório é mais fechado, tem muito eco. Neste caso, a tendência é tocar fraco. Nós tocamos muito ao ar livre, pois temos que nos acostumar a tocar forte para o Desfile.

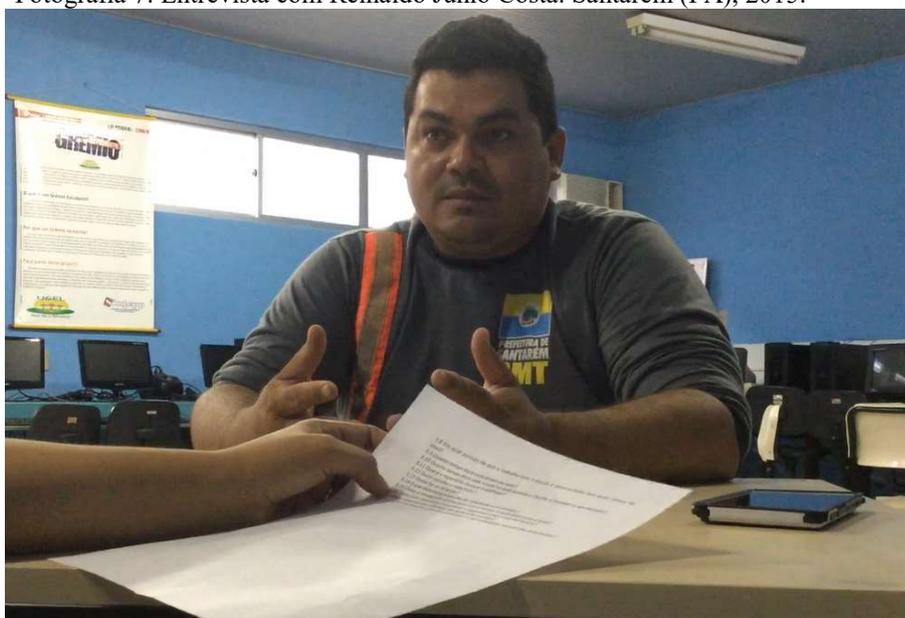
Os professores da escola reclamam do barulho que atrapalha a aula. Embora eles adorem, achem bonito e admirem o trabalho no dia Sete de Setembro, na hora em que nós precisamos da compreensão deles para dar aula, não temos. Mesmo tocando fraco, nessa hora a compreensão é zero. Às 19h, eu tenho que parar porque é o horário de início da aula da noite. Em meia hora não dá para fazer muita coisa. Não tem condições. Até pensei em parar o projeto. Então, chegou o período de férias e disponibilizaram o auditório e o laboratório de

informática. Por enquanto nós vamos ensaiar lá. Se não houver espaço disponível, então vamos ter que parar. Na sala da banda não tem como dar aula.

Eu gostaria que houvesse mais apoio do Estado. O projeto de música é um dos raros projetos que funciona nas escolas. Principalmente no Programa ““Mais Educação””, que oferece um leque de projetos, a maioria deles desativados, porque só conseguem funcionar durante determinado período. O projeto de música é um dos que continuam, mas o governo não dá apoio nenhum. Não dá estrutura.

REINALDO JUNIO COSTA, REGENTE NA “BANDA MARCIAL” DA ESCOLA “PEDRO ÁLVARES CABRAL”

Fotografia 7: Entrevista com Reinaldo Junio Costa. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

O contexto

Depois de tentar encontrar algumas vezes o Reinaldo, um dos regentes da Banda Marcial da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Pedro Álvares Cabral”, para iniciarmos a entrevista, consegui marcar a conversa em seu local de trabalho. Reinaldo é fiscal de trânsito do Município de Santarém. Ele trabalha durante o dia e me informou que ele mesmo administra seu horário de serviço. Demorei um tempo na manhã do dia 13 de julho até encontrar a Secretaria de Transporte do Município. O motorista não sabia onde era aquele endereço, mesmo com as indicações de pontos de referência. Após um *insite* do motorista,

conseguimos chegar ao local. Reinaldo marcou às 11 da manhã. Cheguei um pouco antes desse horário. Aguardei sentada em um banco de madeira ao lado de fora do estabelecimento. Era um lugar com muita poeira e sem asfalto. Alguns minutos depois, levantei-me e fui até uma das janelas de vidro de um atendente disponível e perguntei sobre o Reinaldo, se havia chegado. Ele não sabia. Fiz um telefonema para o Reinaldo e ele não atendeu. Aguardei mais uns instantes.

Algum tempo depois, Reinaldo retornou a ligação pedindo desculpas e marcando a conversa para outro momento. Então marcamos para a tarde deste mesmo dia na Escola “Cabral”, antes do ensaio da banda. Cheguei a escola por volta das 16h00min. Reinaldo chegou um pouco depois em uma motocicleta, vestido com o seu uniforme de trabalho: camiseta com o símbolo da Secretaria de Transporte, calça e bota. Estacionou a sua moto na parte interna da escola. Ele parecia bem cansado. Estava uma tarde muito quente.

Reinaldo me cumprimentou com a sua voz mansa. A mesma voz que eu havia percebido no momento em que conduzia os ensaios observados por mim. Ele solicitou ao vice-diretor, que naquele momento estava na escola, uma sala para podermos conversar. Fomos para a sala de multimídia.

Posicionei a filmadora e os aparelhos celulares para iniciar a gravação. E ali, separados por uma mesa, iniciamos a conversa. Eu não poderia imaginar o que o Reinaldo me falaria. Suas experiências com banda e fanfarra enriqueceram seu discurso. Aquele rapaz, tímido, manso e que me deixou esperando naquele local pela manhã – talvez aquele local não nos proporcionasse o que aquela sala proporcionou – agora “falava pelos cotovelos” e me contou a sua trajetória, experiências, ora com incertezas, ora com segurança, demonstrando liderança e espírito de equipe.

Foram quase 120 minutos de conversa, divididos em dois momentos, pois o horário de expediente do vice-diretor findou e ele precisou retirar-se da escola e acionar o alarme.

Fomos para a sala de informática. O vice-diretor avisou que o Dennis ficaria com a chave. A conversa fluiu em meio ao vai e vem de situações e experiências vividas por Reinaldo desde o tempo em que ele era estudante e só apreciava o trabalho da fanfarra da sua escola até, finalmente, ingressar e participar como componente e logo em seguida como instrutor de banda. Suas habilidades foram orgulhosamente apresentadas em seu discurso.

Decerto essa conversa tenha funcionado como uma válvula que acionou suas memórias, principalmente quando ele recorda sobre o seu envolvimento inicial com a música. Sua fala, nos primeiros minutos, era cheia de pausas. Precisei de um pouco de paciência até

entender que talvez o Reinaldo não tivesse tido, em sua vida, oportunidade ou tempo para responder ou pensar em perguntas como: “Como tudo começou?”

A narrativa

Formação

Meu envolvimento com a música começou por influência do meu pai. Ele toca violão e canta. O gosto pela música veio da minha família.

Em 1995, na Escola “Belo de Carvalho”, em que eu estudei, havia uma fanfarra. Eu me identifiquei muito com o som dos instrumentos e da forma como tocavam. Comecei a me interessar. Nós havíamos nos instalado recentemente no bairro. O meu pai era professor de Educação Física naquela escola. Ele nos matriculou e no primeiro dia de aula a banda da escola recepcionou os alunos novos.

Meu pai nunca permitiu que eu participasse da banda. Mas eu ia assistir aos festivais de banda no estádio. Coloquei na minha cabeça que o dia em que eu tivesse liberdade, eu iria entrar na banda. Terminei o Ensino Fundamental no “Belo de Carvalho”.

Passei a estudar na Escola “Rodrigues dos Santos”. A primeira coisa que eu fiz foi entrar para a banda dessa escola. Eu tocava caixa clara. Passei somente um ano como componente “orelha”, na gíria. No ano seguinte, mudou o instrutor da banda desta escola. Veio outra pessoa, o Sandro, professor de Inglês. Ele trouxe o Dennis para participar como componente e ajudá-lo. Eu me identifiquei com o Dennis. Nós nos destacamos como componentes, pois éramos mais experientes. Desde então, nós tocamos juntos.

Eu me interessei pela corneta. Eu consegui uma corneta pequena com o Sandro e comecei a estudar. Comecei a soprar, e fui criando o meu próprio método de ensino sem saber do que se tratava. Não passei por musicalização, não passei por flauta doce que é o que nós fazemos hoje. Fui direto para o instrumento de bocal, aprendendo por repetição, com os erros. Aprendi a tirar a escala na corneta de dó a dó, cinco notas. No ensino convencional, conseguir executar o dó 2 é um sacrifício para o aluno. Dó 3? Isso eu fazia com facilidade, sem saber nome de nota. Só sabia que os sons eram diferentes no ouvido.

O Dennis ficou interessado em ingressar na Escola de Música. Ele pediu que eu o ensinasse a tocar corneta para ele fazer o teste. Eu já dominava a corneta. Fui a casa dele, comemos aquela farofa de ovo. Era assim.

Eu o ensinei do jeito que eu havia aprendido. Do jeito que eu tinha me adaptado ao instrumento. Ele passou no teste. Acho que o Fabrício, irmão do Anthymio, era quem avaliava. Acho que o teste exigia mais a coordenação motora, e isso nós já tínhamos por causa da percussão. Então ele ingressou na escola e aprendeu a tocar trompete. O Charles, amigo dele que o influenciou, já estava na Escola de Música. Esse foi o primeiro período de minhas experiências com música.

Em relação ao ensino da corneta, antes era assim: o instrutor escolhia uma música, por exemplo, “Aquarela”. Ele perguntava como era essa música. Quem conseguisse tocá-la somente com o ritmo, soprando na corneta, já era considerado importante. Para tocar corneta era necessário somente produzir som no instrumento. Este som não precisava ter uma afinação definida. Tinha definição só do que era agudo e do que era grave. Só o ritmo era importante. O cara tocava do jeito que conseguia e pronto! E era legal naquela época. As pessoas que ensinavam não tinham nenhum tipo de conhecimento sobre música. Era ensinado de qualquer jeito. Isso começou a mudar quando o pessoal da Escola de Música começou a tocar nas escolas estaduais.

Ensino

Eu sempre fui de igreja. O Dennis sempre foi de Igreja. Eu sempre fui bem instruído pela minha família. Tive uma boa formação. Trabalhei com grupo de jovens. Fui coordenador do grupo de jovens. Nós sempre tivemos o pensamento de que a banda é um instrumento para dar uma oportunidade para juventude. E mesmo sem saber direito como funcionava, nós estávamos no rumo certo. E quando nós víamos o que as pessoas faziam – os componentes ensaiavam com bebida alcoólica – eu falei: “Não, isso não é para mim”.

Então, nós fomos tocar com uma pessoa que consideramos legal, o Drailton. Ele era baterista e tinha conseguido vários títulos aqui na cidade. Ele era também o regente do “Cabral” e da banda de música da Igreja Batista. O propósito desta banda de música era apresentar-se no Congresso da Paz. Nós tocamos com ele. Foi muito bonita a apresentação que nós fizemos. Nesse período, a gente dominava somente a percussão, que abrangia os instrumentos básicos. Naquele tempo era o “treme terra”, caixa clara, surdo e prato.

O nosso regente não ficava somente no “Rodrigues dos Santos”. Ele tinha contrato com outra escola do estado, a escola “Felisbelo Jaguar Sussuarana”. Nós tínhamos pouco tempo para ensaiar e ele queria férias em julho que é o período que nós temos mais tempo para realizar as atividades com a banda. Os componentes não entendiam o porquê de ele querer

dar férias para a banda em julho, no ápice dos ensaios. Fomos atrás de informações e descobrimos que ele estava servindo em outras escolas. Como nós já víamos como era a questão da liderança com os alunos e já tínhamos um pouquinho mais de conhecimento, decidimos conduzir os ensaios. Desde esse momento nós não nos consideramos mais como alunos. Isso aconteceu em 1999.

Houve uma assembleia para escolher o novo regente da banda. Perguntaram: “Vocês querem o Reinaldo com o Dennis ou vocês querem o Sandro?”. Os alunos escolheram: “O Reinaldo”. Nós tomamos a frente dos trabalhos e no final do ano o diretor achou melhor chamar pessoas mais experientes. Ele chamou o Valdir. Não me lembro do sobrenome dele. Nós ficamos de escanteio.

Em 2003, depois da experiência tremenda com o Draw na fanfarra da Escola “Cabral” – lá éramos responsáveis pelos componentes que tocavam corneta – e outros conhecimentos que fomos buscar, nós voltamos para a Escola “Rodrigues dos Santos” a convite da secretária daquela escola, a Sra. Vita. Ela era uma pessoa muito bacana e apoiava nossa estadia lá como regentes. Ela conseguiu convencer o diretor a nos aceitar. E como nós éramos alunos egressos do “Rodrigues”, isto facilitou. O Dennis já estava na Escola de Música. Era outro cenário. E nós voltamos como regentes propriamente ditos do “Rodrigues dos Santos”. Primeiramente com percussão, por causa da falta de estrutura. Expomos nossas ideias que eram diferentes de outros tempos em Santarém. Nós conseguimos reunir muitas pessoas. Os instrumentos estavam sucateados. Foi muito trabalhoso. No nosso primeiro ano como regente nós conseguimos o segundo lugar no concurso. No segundo ano, em 2004, nós fomos campeões. Eu me orgulho disso.

Nossa maneira de pensar, de fazer a banda do “Rodrigues dos Santos” no tempo que estivemos lá, mudou a maneira de pensar sobre banda em Santarém. Faz um tempão que não ganhamos um título. Mas hoje eu tenho orgulho do que eu fiz pelo movimento de bandas. Primeiramente mudando a cabeça das pessoas, pois fanfarra em Santarém era uma coisa anarquista, marginalizada. Nós viemos com a ideia de fazer da banda um instrumento, como eu ouvi de um sargento da PM: “A gente trabalha primeiramente com a pessoa, com a formação do ser humano. Depois a gente vê se ele vai querer ser um músico”.

O nosso objetivo não é formar um músico profissional. É dar ao aluno, à pessoa, ao componente, uma oportunidade. Não estou afirmando que ele não vá ser um músico, mas ele vai vivenciar a disciplina que a banda traz, a concentração, o cooperativismo. Isso nós conseguimos fazer. Existem alunos que querem participar sem objetivo algum, pois de certa forma, lhe dá *status*. Mas nós conseguimos fazer essa mudança. Você não vê o meu aluno sair

daqui e ir para uma praça “encher a cara” de cachaça ou ir preso. A polícia não vem aqui atrás dos meus alunos. O aluno é sempre instruído a sair do ensaio e ir para casa. Mesmo assim as coisas acontecem...

Outra coisa também que mudou foi o ensino da iniciação musical. Nós conseguimos trazer um pouquinho para dentro das fanfarras. Naquele tempo nós não ensinávamos a tocar por repetição, de qualquer jeito. Nós não fazíamos mais isso: “Olha: aqui é um dó, isso aqui é um sol, isso aqui é um mi.”. Era algo mais organizado, com fundamento.

Nós começamos a dar aula de iniciação musical para eles. Nesse período nós conseguimos atrair alunos tanto da escola como de escolas de outros bairros. Vinha aluno do Santarenzinho ter aula de iniciação musical. Tinha gente que saía da aula do “Álvaro Adolfo” e ia para o “Rodrigues dos Santos”. Tinha gente do “Frei Ambrósio”, apesar da rivalidade. A sala que a gente chamava de “inferninho”, pois ficava de frente para o sol, era lotada de aluno. Você via várias fardas. Eu achava muito legal.

Em uma determinada época, o máximo que se conseguia eram dez, quinze pessoas para tocar corneta. Aí você percebe que têm, em uma sala, trinta, quarenta pessoas para receber aula de iniciação musical. O Dennis dava aula de iniciação musical. Ele tinha uma faixa de 30, 40 pessoas. No lado de fora eu dava aula de corneta, cornetão para umas 30, 40 pessoas também sem contar com a percussão que estava parada.

Na época, o diretor falou para o Dennis que não queria nenhum movimento na escola fora do período da semana da pátria. Então o Dennis falou para mim que não dava mais para ficar, pois poderia acontecer uma desavença. Do jeito que o atual diretor queria, não dava para fazer. Aí eu falei: “Não dá para ti, então, não dá para mim também”. E nós saímos.

Em 2006, viemos para a Escola “Pedro Álvares Cabral”. Quando nós chegamos aqui, encontramos um cenário igual ao que nós deixamos lá no “Rodrigues”. Nós falamos: “Pelo amor de Deus, é remar contra a maré”.

Eu me lembro do que um professor famoso me disse sobre outro professor quando lhe perguntou por que ele havia saído do movimento de bandas. Ele disse que o ciclo era muito curto. O ciclo do “Rodrigues dos Santos” é só ensino médio, apenas 3 anos, e 1 ano no máximo ele estudando, trabalhando para prestar vestibular, ou trabalhando, casado, com filho. Quando nós escolhemos um aluno, pensamos nessa questão.

Nós decidimos sair. Nós já tínhamos sido campeões, lá. Fomos procurar um lugar bom para ficar. Queríamos pegar esses alunos mais cedo, de sétima, oitava. Nós chegamos a Escola “Pedro Álvares Cabral” com cenário pior. Tem a gangue do “Cabral”, mas não é toda essa marginalidade que existe. Essa escola sempre foi muito mal interpretada. Ocorria que antes,

quando terminava o ensaio era aquela bagunça, cenário que nós éramos contra, mas que com certeza era o que a galera gostava.

Nós transformamos essa realidade. Antes era só ensaio, ensaio, ensaio... Hoje não; hoje os alunos das bandas têm aula de música, aula de trompete, aula de caixa, aula de percussão. De vez em quando tem um *workshop*, uma apresentação, alguém de fora vem dar aula. Antes não, antes esse conhecimento não existia o objetivo era só aquela apresentação. Hoje não. Tem aula de dança nas bandas. Tem uma pessoa que cuida do corpo coreográfico, das balizas, das bandeiras, da cenografia. Os cursos evoluíram bastante.

Lá no “Rodrigues”, o aprendizado sempre foi no “decoreba”; aliás, até hoje. Eu acho que poucas bandas fazem questão da partitura para percussão, sempre foi de ouvido. O instrutor fala e faz o que ele quer que o aluno execute. O instrutor tem que decorar a peça inteira para poder passar para o aluno a peça inteira e ele aprender de forma independente. O Dennis me ajudava nas aulas de percussão. Aliás, nós nos ajudávamos. Nós trabalhávamos juntos. Depois de um tempo, ele trabalhou só com a parte dos sopros aqui no “Cabral” e eu sempre com a percussão. Nesse ano, nós vamos inverter. Ele não vai tocar conosco. Nós ensinamos e tocamos também porque o nosso material humano é pouco. Esse ano eu vou tocar.

O aluno que está começando a aprender é o mais assistido. Dividimos o grupo por nível, no caso da percussão. Para o método dar certo é preciso que tenha uma pessoa mais experiente ao lado de quem está iniciando. Como tudo para o iniciante é novo, a atenção dele está em mim. Tudo que eu disser para ele fazer, ele fará, mas o conhecimento só fixará se tiver alguém ao lado dele fazendo a mesma coisa. O companheiro ao lado servirá mais do que o próprio regente.

Nós ensinamos a divisão rítmica de uma música. Depois que todos aprendem a divisão rítmica de uma música, eu separo a música em partes e vou montando o ritmo. Eu peço para a pessoa mais experiente de cada naipe ensaiar seu grupo.

A divisão por naipe geralmente acontece quando nós vamos ensaiar para o concurso. Todos os líderes de naipe têm a liberdade para criar seus movimentos coreográficos e sua maneira de tocar. Assim é mais fácil. Todos opinam e também decidem o que vão fazer.

Foi difícil reunir a parte de sopro, então esse ano eu não parei a percussão. É muito mais fácil fazer o trabalho com a percussão. Eu tenho as pessoas mais próximas da escola. Eles são as pessoas mais fiéis da banda. O maior volume é a percussão. Se a percussão estiver ensaiando eu vou ter um sinal lá da banda “a banda não parou, o trabalho lá”. Os alunos do Dennis estão há três, quatro anos. Eles vêm só para tocar. Então, fica mais fácil ter a banda.

Se percussão estiver pronta, assim que chegar a partitura, os sopros vêm. Foi o que aconteceu, as partituras chegaram e os alunos vieram estudar. Ele ficou dando aula para os alunos novatos. Conseguimos ter um resultado. E até agora está dando certo.

Eu fabriquei alguns “pedes” para auxiliar os alunos de caixa. Eles precisam de mais tempo de prática no instrumento. O instrumento exige. Eu não tinha dinheiro para comprar, então eu mesmo construí. Assim eles puderam treinar desde cedo, além de ouvirem as músicas que eu enviei via WhatsApp. Todos ouviram. Agora só estamos ensaiando. Já estamos na segunda quinzena de julho.

Quando os meus alunos saem daqui do “Cabral” e chegam as outras bandas, são ditos como melhores, como pessoas de nível maior de aprendizagem, que entendem o que estão fazendo. Esse ano veio uma pessoa de outra escola, que tem um regente super renomado, porém, não consegue tocar o que eu ensino para ele. É assim que eu avalio os meus alunos: através do que eles conseguem fazer aqui ou fora daqui. Quando eles saem para tocar por aí, se dão bem. Quando outras pessoas vêm de outras bandas, sentem dificuldade. Não sei se é o método. Eu acredito que os meus alunos são bem instruídos.

Lá no “Rodrigues dos Santos” as aulas eram coletivas. O espaço era pequeno. O espaço do “Rodrigues dos Santos” todo é espaço que nós temos aqui. Um pavilhão para ensaiar. A quadra que tinha era pequena. Nós ensinávamos a parte da percussão individualmente e depois juntava tudo, mas todos estavam no mesmo local. Para diminuir o som, nos batíamos no aro dos instrumentos, só para marcar o ritmo e depois juntava todo mundo. Quando a sequência de percussão estava pronta, aí nós íamos para a rua. O que nós sempre achamos muito prejudicial para nós porque tinham outras bandas do bairro central que também não tinham local para ensaiar. Eles tinham que se desviar do som dos outros instrumentos. Nós usávamos as praças. Hoje é proibido.

Aqui no “Cabral”, há dois anos nós estamos cobrando bastante uma postura militar, marcial. Isto é para nós nos adequarmos ao concurso. É um critério para a competição e fica bonito. O Dennis é militar e tem experiência nisso. E nós chamamos o Charles também para dar uma aula sobre postura. Ele toca na banda do 8º BEC.

Componentes

Observamos que antes eram pessoas mais velhas que participavam da banda. Estudantes do turno da noite. Tinham duas pessoas que assumiam a banda aqui no “Cabral”. Ficavam revessando entre eles. O último que veio para cá foi o Corona. O jeito de trabalhar

era o mesmo. A partir do momento em que nós conseguimos mudar, começamos a dar aula, o pessoal mais velho começou a perder o seu espaço, não se interessou. As crianças, os adolescentes eles são mais interessados pelas aulas. Hoje, os nossos alunos são crianças e adolescentes.

Não fazemos teste no “Cabral”. Se o aluno quer entrar na banda ele escolhe um instrumento. Na primeira avaliação, verificamos se o aluno se adapta ao instrumento que ele escolheu. Se ele não se adaptar, ele experimenta outros até encontrar o instrumento adequado. O aluno que entra para a percussão, com o tempo, nós direcionamos para o instrumento melódico. O teste que nós fazemos é de aptidão musical para verificar em qual instrumento ele terá embocadura, pré-disposição para tocá-lo. Ele não depende desse teste para permanecer na banda. Esse é o nosso método. Basta querer. O aluno tem que querer mais do que eu. Ele só não toca se ele não quiser mesmo.

Nós temos um exemplo: um dos nossos primeiros alunos, queria tocar trompete, mas naquela época nós estávamos precisando de trombonista. Embora ele tivesse passado no teste para trompete, ele estudou trombone. Teve muita dificuldade para tocar trombone. No final, ele foi o aluno que mais se destacou, pois é esforçado. Hoje ele está na banda do Almirante. Ele nos traiu. Mas é sem ressentimento. Um dia ele volta.

Hoje nós vamos chegar a faixa de 45, porque nós demos uma pausa esse ano. As nossas aulas não voltaram no período de sempre. Por causa da greve. Tivemos problemas para a divulgação. Mesmo assim nós mantivemos os alunos. Estava no nosso plano, esse ano, fazer a renovação do ciclo. Formar novos alunos.

O projeto geralmente só pára no período de dezembro. Um recesso. E depois do desfile da semana da pátria dá uma pausa porque antes da semana é bastante estressante. No mês de agosto é muito estressante. Neste ano, a banda parou porque os alunos não vieram. A maioria dos nossos alunos não são do bairro. Os poucos alunos que são do bairro permaneceram no projeto. Nós sofremos bastante com isso. A aula começou mês passado, 20 dias antes das férias. Depois parou uma semana.

Existem tantas coisas lá fora. Tantas coisas ruins que chamam a atenção dos alunos: televisão, celular, pornografia. Se nós que fazemos uma coisa boa, não nos adequamos a essa velocidade desses outros meios, vamos deixar o que nós consideramos bom para os nossos alunos para trás. Porque é muito mais fácil eu pegar um celular a pegar um instrumento para tocar. Eu entendo que a parte mais interessante para o aluno é soprar o instrumento. Principalmente quando ele não sabe. Eu não vou passar um calhamaço de teoria para ele. O aluno não quer ler e escrever. Ele quer tocar. Hoje nós primeiro ensinamos a parte mais fácil

que é tocar o instrumento. Junto a este aprendizado, nós ensinamos a ler. E então agimos de acordo com as necessidades, dificuldades, curiosidades de cada aluno. O ouvido é trabalhado primeiro. Eu entendo que se a gente for musicalizar primeiro nós vamos perder esse aluno. Ele não vai se interessar. Ele acha mais fácil pegar uma bola, atar uma rede, jogar futebol. Ele acha mais fácil jogar o handebol, basquete na quadra. Ele acha mais fácil ficar aqui na praça namorando.

Tem aluno que só vem nesse período. Mas antes ele estar aí do que ali na esquina roubando ou vendendo droga. Eu não vou excluir um aluno desses.

Apresentações, Desfile Cívico, Festival

O objetivo maior são as apresentações e os desfiles. Nós sempre fomos chamados para outras apresentações do município. Embora hoje o maior atrativo para o aluno seja o concurso. Sem aluno nós não temos a banda. O maior atrativo para ele é participar, se exibir no concurso, não que seja o foco principal. Os alunos entendem dessa forma. Se tiver oportunidade, nós tocamos em casamentos também.

Particpei do desfile em Oriximiná com a Fanfarra Simples da Escola “Santa Maria Goreth”. A parte da melodia nós sempre levávamos daqui. Lá, nós trabalhávamos somente com a percussão. Era uma banda de 200 componentes. Loucura.

O único ano que nós não participamos do Festival foi em 2010, porque o Dennis estava no período de TCC dele, e ele se afastou. Eu fiquei sozinho. Sozinho mesmo. Ainda trabalhávamos somente com corneta. Às vezes um trompete, um trombone para fazer parte do desfile na música que nós queríamos fazer melhor. Foi o ano que deu tudo errado aqui, não aprontou a farda e nós não fomos.

No ano seguinte fui à casa do Dennis. Quando a mãe dele me viu, disse: “É problema, é “Cabral”, com certeza é banda. Reinaldo vem aqui em casa, vem chamar meu filho para perdição, para banda. Olha menino, esse negócio não dá futuro!”! Vão trabalhar, vão estudar, esse negócio de banda não dá futuro”!!”. E nós na farofa de ovo. Voltamos para o “Cabral” e dissemos como queríamos. De novo trabalhamos mais um ano só com corneta.

O primeiro regulamento da nova versão de concurso de bandas foi feito por mim, pelo Dennis e pelo Júlio Heleno. Esse modelo foi feito em 2005, e é usado até hoje com alterações. Eu tenho uma matriz dele em casa. Todos os integrantes da banda ficam por dentro dos critérios de avaliação que existem nele.

Hoje tem uma portaria da Secretaria Municipal de Meio Ambiente que permite ensaios somente até às 18 horas. A pessoa que criou essa portaria desconhece a realidade das bandas, pois nas escolas do Estado o horário das aulas vai até às 18h00min. Os estudantes estão se preparando para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, vestibular. Às vezes a aula vai até às 18h20min. Fizeram uma portaria específica para o ensaio das bandas até às 18 horas. É inviável ensaiar ao mesmo tempo em que os estudantes estão recebendo aula. É barulho para todo lado. Se for dessa maneira, o ensaio deve ser em local apropriado. O Estado ou o Município vão oferecer esse local apropriado? No horário das aulas regulares da escola não dá. Aí nós vamos precisar parar a cultura. Parar os trabalhos.

Eu me ofendo, pois acredito que o trabalho que eu executo para o município é muito maior do que o benefício que o município ou o estado me dão. Eu trabalho na escola como voluntário. O movimento de bandas hoje é movimento de cunho educativo mais organizado que há. Por exemplo, aqui em Santarém, a organização, do Festival de Dança, formada por muitos grupos de carimbó e quadrilhas, não reúne o público que as bandas conseguem reunir. O ensino nestes grupos é diferente, o objetivo é diferente. Outra situação é o carnaval onde o único objetivo é festejar, extravasar, extrapolar e tudo que o carnaval oferece. Existem vários patrocinadores, verbas destinadas para um pouquinho de apresentação sem qualidade, com uma estrutura enorme, com pouco público. Nem se compara a massa que as bandas trazem.

Avaliando o trabalho que as bandas executam: um trabalho anual, onde a maioria é voluntário, com uma organização interna, ou seja, não é a comunidade e nem o poder público quem organiza. Qualquer pessoa do governo que realizar o concurso não precisará de nada além de marcar as datas, pois as outras coisas as próprias bandas realizam.

No concurso, a orla da cidade fica totalmente lotada, tomada de pessoas do início até a dispersão. Hoje, a mesma geração que fez mudanças no contexto das bandas, está tentando se organizar como entidade. Trazer o que as pessoas que organizam esse tipo de evento não trazem. O trabalho que nós executamos para o município é bastante benéfico, mas nós não temos retorno. Por exemplo, eu quero montar uma banda de música que toca sentada, com repertório variado, justamente para me adequar a essa questão de proibição de ensaio, mas eu não tenho uma sala. A Escola “Pedro Álvares Cabral” não me dá estrutura. Porém, o futuro do nosso projeto é esse. Fazer uma Banda de Música.

Com essa portaria nós não sabemos como iremos fazer, pois costumávamos ensaiar até às 21h00. Os alunos mais novos, dependentes de autorização, após o ensaio eram deixados em casa pelo Dennis. Agora eu não sei como faremos para ensaiar, pois não poderemos mais

ensaiar neste horário. No prédio próximo à quadra onde ensaiamos mora desembargador e promotor de justiça.

Repertório e arranjo

Nós sempre tivemos a ideia de fazer música do povão porque nós sempre víamos as outras bandas tocando. Quando nós começamos com Banda Marcial, nós sempre víamos a banda da Escola de Música tocando música regional. Era legal. Nós vemos as outras bandas sempre tocando um determinado estilo de música. Por isso nós tentamos fazer música para o povão. Música de massa, alegre, festiva. Esse ano nós vamos trabalhar com *pop rock*, *rock* nacional, anos noventa e músicas como J Quest, Los Hermanos. O pessoal de 20 e 30 anos vai gostar bastante. Eu escolhi as músicas. Lembrou-me o tempo da escola. E aí, como até hoje não saiu da mídia, a gente resolveu fazer. Ano passado nós tocamos música americana e não nos demos muito bem. Fizemos coreografia em conjunto, muita movimentação. Fomos mal interpretados pela comissão julgadora. Ficamos em último lugar. Esse ano será *rock* dos anos 90. O Dennis diz que não é *rock*, mas ele não entende nada de *rock*. *Rock*. Los Hermanos, Skank, J Quest. Brasileira.

Eu impus as músicas, pois galera da banda queria tocar *funk*, mas estávamos com alunos iniciantes e gostaríamos que todos participassem. Eles só poderiam participar se tocássemos músicas mais fáceis, com notas mais longas. Os alunos iniciantes não conseguem tocar colcheias, semicolcheias, fusas. Esse ano, além de baixar o tom das músicas, nós também escolhemos músicas mais melódicas. Esse foi o principal critério. Tínhamos dois temas se que se encaixavam perfeitamente nesse critério. Notas baixas, músicas conhecidas e figuras longas, que era um tema mais voltado pro nordeste como Luiz Gonzaga e Dominginhos. São músicas mais fáceis de tocar. Mas uma roupagem nova. Aqui é “Cabral”. Tem que ser uma coisa mais “Tchan!”. Eu sempre optei pelo *rock*. O Dennis escolheu o Rei do Baião e eu escolhi *rock*. A galera daqui da banda, o povão, queria *funk*, mas que nós vamos apresentar de melodia em *funk*? Eles não entenderam isso. Os arranjos são mais difíceis, embora fáceis e repetitivos, são mais difíceis para se tocar por um aluno novo. Então eu decidi, eu montei a apresentação e a gente pagou para um arranjador fazer, um colega do Dennis chamado Jedel. Ele cobra R\$ 70,00 por arranjo. Disse ao Dennis que não tinha essa quantia. Nós vamos tocar 5 músicas. Isso custa R\$ 350,00. Então eu tive a ideia de baixar um programa na Internet que edita música. Eu organizei, fiz os cortes e sequência das músicas do jeito que vai ser, dando sentido a elas e caracterizando o tema dentro de uma apresentação de sete minutos e ao invés

de entregarmos cinco músicas, entregaremos um *pout pourri*. Depois nós pretendemos mudar o final do arranjo, fazer uma “gambiarra” na música para a apresentação.

Coreografia

Ano passado, na hora de criar foi assim, nós demos oportunidade para um aluno nosso fazer a parte de movimentação. Toda movimentação ele trouxe no bolso dele. E como ele não tinha técnica, não tinha o dom de falar, nós falamos o que ele queria que acontecesse. A parte de dança, eu e o Dennis que fizemos. Nós aprendemos a coreografia antecipadamente e depois repassamos para o grupo. Esse ano nós queríamos contratar uma pessoa para cuidar da coreografia da banda, mas não vai ter, vamos ficar com os velhinhos de novo.

A princípio nós dançávamos coreografias exigidas pelos ritmos que tocávamos. Por exemplo, tocávamos carimbó, então dançávamos carimbó. A mesma coisa era o forró, o *dance* e o *funk*. Hoje nós precisamos de algo a mais como a cênica. Eu não sei como é que vai ficar atualmente, porque nós vamos tocar *rock in roll* e *rock in roll* não tem coreografia. Vamos fazer movimentações, vamos fazer mais deslocamento. Estou pensando.

Eu e o Dennis sabemos fazer tudo: dançar, montar coreografia, fazer percussão, tocar trombone, tocar trompete. Então nós fazemos tudo. Mas a questão é que nós queremos começar a preparar alguém para deixar esse trabalho. Alguém mais novo. Nós queremos fazer outras coisas. Cuidar de outras coisas. Nós ainda não achamos a pessoa que vai ficar no nosso lugar. Saiu o Korona, entrei eu e com certeza no dia em que a gente sair, a banda vai lá para baixo e nós não queremos que isso aconteça. Nós queremos que a pessoa dê continuidade. Por isso nós abrimos mão de fazer coreografia, de planejar e gastar aquele tempão para fazer isso. Delegamos responsabilidades porque o nosso tempo é curto e o tempo que eu estiver ensaiando percussão, eu não posso dar assistência na parte das balizas.

Parcerias, apoio da escola, oportunidades

Quando nós chegamos aqui nesta escola, o antigo regente tinha uma banda de 90 pessoas. Era o mesmo problema a Escola “Rodrigues dos Santos”. A maioria do material era sucateado, não tinha um som adequado ou era emprestado de outras pessoas. O nosso pensamento era trabalhar somente com o nosso material. Nós não emprestamos nada para ninguém. Os instrumentos são tombados pela escola. Se tem 20 instrumentos, a banda será

formada com 20 instrumentos. Este foi um dos motivos que fez com que houvesse evasão de alunos.

Com base na iniciação musical, nós conseguimos também trazer os parceiros. Os professores da Escola de Música: Luciano Queiroz, Eude Lima, Charles Almeida e Anthymio Figueira foram dar aulas lá no “Rodrigues”. No começo, o Charles deu aulas de musicalização, mas nós sempre trabalhamos com o Anthymio.

Quando o João Bernardo passou a ser diretor da escola, ele nos deu oportunidade. Ele gostava do trabalho que nós fazíamos. Eu sempre gostei muito do desfile da banda da Escola “Álvaro Adolfo” e “Rodrigues dos Santos” no tempo do João Bernardo. Eram desfiles bonitos de se observar. Nós aprendemos muita coisa com ele. Mas ele se aposentou e entrou o Augusto que não tinha a mesma mentalidade que o João Bernardo.

Eu lembro que nós mesmos fazíamos e consertávamos instrumentos. Nós trabalhávamos por meio de coleta de aluno para termos renda. Nós nem fazíamos questão de dinheiro. Menino novo não pensa nessas coisas. No tempo em que ficamos lá, nós conseguimos juntar um caixa para investir em um material melhor. E aí eu acho que ele não percebeu, não deu atenção para esse movimento. No primeiro ano de atividades nesta escola nós fizemos uma base fixa de percussão. No segundo ano conseguimos manter essa base e fomos campeões. No terceiro ano nós íamos levar trompete, trombone para quem tocava corneta e fazer uma bandinha de metal, pois o Dennis já estava tendo aula na Escola de Música há três anos e poderia ensiná-los.

Em um determinado período, nós já estávamos com um conhecimento bastante amplo. Então, fomos até o Dirceu, o diretor e falamos que a partir daquele momento ele iria dizer o que ele queria para a banda. Se ele queria que a gente continuasse fazendo daquele jeito ou se ele queria que nós ensinássemos mais coisas, já com o intuito de transformar a banda numa banda marcial. Ele perguntou como funcionava e nós explicamos. Em três meses nós conseguimos fazer um aluno tocar um instrumento melódico. Não vai se tornar aquele músico da Escola de Música, mas já vai servir para o propósito, aí ele vai se aprimorando com o tempo. Se a banda ficar como está, não precisamos de mais ninguém, pois só nós dois iremos dar conta. Para eu fazer um corneteiro tocar, são três meses também. Se compararmos 20 “corneteiros” com 20 “músicos”, qual será o mais bonito? Qual será o mais bem visto? Serão os “músicos”. E com o mesmo tempo de estudo. Então ele concordou desejando que a escola fosse melhor vista. Eu disse que, primeiramente depende dos instrumentos que nós vamos escolher e que para cada instrumento precisa de um professor. Ele perguntou: “Mas como? Se a gente não consegue nem pagar vocês? E o material?” Explicamos sobre o material, valores.

Então ele retornou àquela outra proposta, que era ficar com as cornetas na banda por mais um ano.

Ele viu como é que funcionava. Sofrendo demais com o pessoal de corneta. Resolveu tentar fazer. O primeiro material comprado foi o recurso do Programa Dinheiro Direto na Escola – PPDE, que o governo manda para as escolas. Nos anos seguintes, foi com o Projeto “Mais Educação”. Veio uma verba para a escola e nós conseguimos justificar com o Conselho e o Conselho aprovou. Começamos realmente fazer o trabalho de musicalização. Foi algo que deu mais trabalho do que a gente pensava. No final o resultado é satisfatório. O “Cabral” já participou de todas as categorias que foram implantadas no Festival.

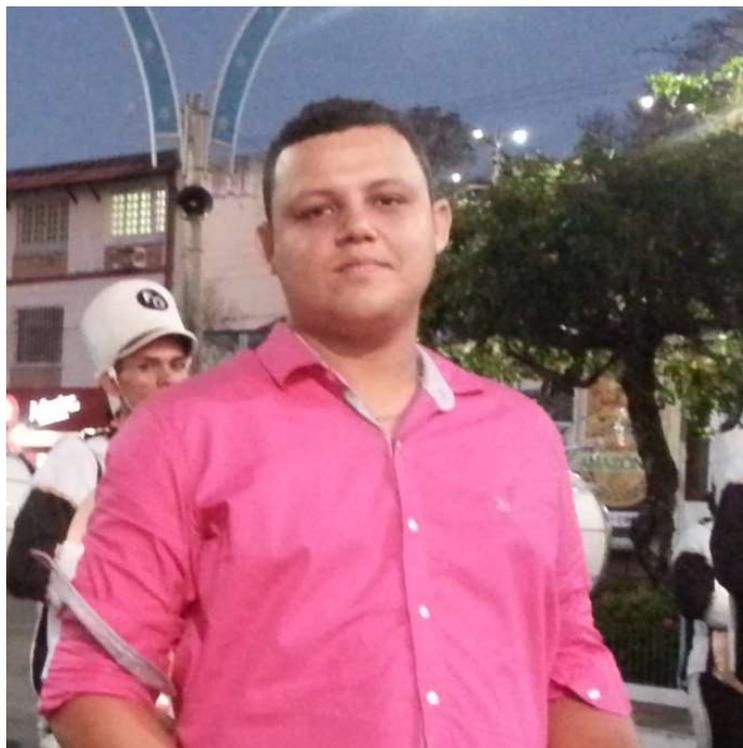
Não cobramos dinheiro de aluno. Tudo que nós temos hoje está sucateado. Os alunos estão ficando experientes e o material continua o mesmo. Não conseguimos trocar ainda. É nossa intenção. Dos instrumentos de percussão nós estamos cuidando bem.

No início do ano, o Dennis não estava interessado em fazer acontecer as atividades aqui no “Cabral”, pois faltava um incentivo financeiro. Tem um incentivo do “Mais Educação”, mas ele não pode receber porque ele é concursado do Município. Ele estudou, se formou, aí vem para cá dar aula como voluntário. Nós usamos o nosso transporte. Gastamos combustível. Tem um gasto, tempo. Essas coisas vão, de certa forma, desgastando a pessoa. No ano passado foi bastante estressante, mesmo assim nós continuamos. Falei para o Dennis que o dinheiro vem de alguma forma, mesmo que não estivéssemos recebendo agora, mas vem de alguma forma. Se nós não fizermos o trabalho, vem outra pessoa e vai receber do mesmo jeito.

Há algumas semanas que ouço nos discursos do Dennis a palavra “nós”, pois antes ele só falava “vocês”, pois entregou a parte artística para os alunos realizarem e parte musical eu que organizei. Se ele fala “nós” é porque ele já está se incluindo. Isso é muito bom. É legal quando ele quer fazer as coisas. Todos os anos que nós nos propomos a trabalhar juntos são difíceis, mas no final é sempre satisfatório. Ele conseguiu uma pessoa, que é seu colega, para ensaiar as balizas. Não sei como é que pagaremos, mas iremos pagar. Para sair tudo bacana.

Eu faço instrumentos de percussão. Tenho oficina. Faço réplicas. Eu atendo ao “Mais Educação” também. Eu tiro uma verba por fora.

DOUGLAS FARIAS, REGENTE DA “FANFARRA SIMPLES” DA ESCOLA “DOM ANSELMO PIETRULLA”



Fonte: Acervo da autora.

O contexto

Conseguí o contato do Douglas, instrutor da Fanfarra da Escola Municipal Dom Anselmo Pietrulla através da diretora daquela instituição. Ela também informou onde o Douglas trabalhava. Liguei e não consegui contato. Fui até o local do seu trabalho e falei pessoalmente. Douglas avisou que os ensaios da fanfarra ocorriam diariamente a partir das 18h00min. Pedi sua permissão para assistir aos ensaios e realizar as entrevistas.

Por volta das 18h00min do dia 11 de julho cheguei a Escola Dom Anselmo. Na entrada, vi alguns jovens e uma senhora colhendo medidas dos estudantes para iniciar a confecção dos uniformes que seriam usados pela fanfarra nos desfiles e festival. Aguardei o ensaio iniciar sentada em volta da mesa do pequeno refeitório próximo ao portão de acesso à escola.

Douglas chegou em uma moto, estacionou próximo de onde eu estava sentada, saudou alguns integrantes da fanfarra que estavam lá, foi até mim e me cumprimentou. Levantei e o acompanhei até outro banco mais próximo da quadra para assistir ao ensaio daquele fim de tarde. Douglas sentou ao meu lado e rapidamente perguntei apontando para uma sala de onde eu via sair instrumentos, se aquela seria a sala da banda. Ele disse que lá é onde os instrumentos estão guardados. Ele ressaltou que “cada um cuida do seu instrumento como se fosse seu próprio filho”. Ele foi até aquela sala e conversou por alguns minutos com os

integrantes da fanfarra. Observei de longe, pois senti que ele gostaria de falar em particular. A entrevista aconteceu após o ensaio daquele dia.

A narrativa

Formação

A música é presente em minha vida desde a minha infância. Os meus irmãos são músicos. Tocam bateria, teclado, baixo, guitarra e outros instrumentos. Meu pai, meus tios que moram em Belém e meus avós também são músicos. O meu pai toca guitarra. Minha mãe canta e meu avô tocava violino aqui em Santarém.

Eu comecei conhecendo os instrumentos de cordas: violão, cavaquinho e bandolim. Depois passei um tempo no teclado. Eu queria buscar mais e fui para os instrumentos de sopros: flauta, corneta, trompete, enfim, diversos instrumentos de sopro. Depois voltei para os instrumentos de cordas. A guitarra foi o instrumento ao qual eu mais me adaptei e no qual me desenvolvi mais. Eu comecei a tocar em banda de forró, mas eu percebi que não era aquilo realmente o que eu queria.

Eu tenho um primo que era regente de uma fanfarra famosa em Santarém. A fanfarra da escola “Belo de Carvalho” O nome dele é Gide Vieira da Silva e ganhava diversos concursos aqui. Ele começou na fanfarra da Escola “Plácido de Castro”. Naquele tempo, essa escola fazia parte da “elite”. Eu sempre ia olhar os ensaios deles, mas eles não deixavam que eu participasse porque eu era pequeno e considerado sem aptidão musical.

Participei de três cursos na UFOPA: canto, regência de banda e fanfarra. Cursei quatro semestres de Licenciatura em Música na UEPA. Não desisti, eu tranquei. Fui para o IESPES fazer bioquímica. Ainda estou cursando. Estudo à noite, mas pretendo voltar para Música. Até porque os meus colegas já se formaram e estão trabalhando.

O meu primeiro ano como componente de Fanfarra foi na Escola “Júlia Gonçalves Passarinho”. Fiz o teste e fui selecionado. Eu fiz o teste para um determinado instrumento, mas não tinha mais vaga na banda para tocar aquele instrumento. Então eu fiz o teste para um instrumento que eu não queria tocar, mas tinha esperança que eu mudaria para o instrumento que eu realmente queria, pois eu tinha certeza que alguém iria faltar ou desistir. Fiz o teste para tocar surdo.

No primeiro dia de ensaio eu vi que faltava gente na caixa. Eu passei mais ou menos quatro meses ensaiando na caixa. Eu aprendi muita coisa. O regente de lá era um militar. Ele

cursava o quarto semestre da Licenciatura em Música. Ele foi o meu primeiro instrutor, regente, professor. Eu aprendi muito com ele. Como aluno, eu o criticava muito, pois só nos colocamos no lugar do professor quando nós somos professores. Hoje em dia eu agradeço porque eu aprendi muita coisa com ele. Eu percebi que eu não precisaria gritar na frente de uma banda. Eu não precisaria falar palavras para os meus alunos me obedecerem. Eu sempre trabalho a disciplina em primeiro lugar.

Naqueles quatro meses eu toquei caixa e me destaquei, então fui para o repique que era um instrumento mais rápido. Do repique eu fui para o último estágio da percussão, o quadriton.

Eu não gostei mais de tocar naquela fanfarra e fui visitar outros ensaios. Assisti ao ensaio da fanfarra da Escola “Belo de Carvalho”. Eu percebi que lá o ritmo era melhor, era mais dinâmico comparado à fanfarra da Escola “Júlia Passarinho”. Então eu resolvi ir para lá. Eu criei uma rivalidade entre a fanfarra da Escola “Belo de Carvalho” e a fanfarra da Escola “Júlia Passarinho”, naquele ano. Era uma rivalidade que envolvia ameaças físicas. Foi complicado.

Certo dia eu estava tocando a minha caixa, eu era o último da fila, claro, pois eu tinha acabado de ingressar na banda. Então o meu antigo professor chegou, puxou a cadeira, sentou e viu o meu primeiro ensaio. Depois foi embora e isso repercutiu alguma coisa. Nesse ano, nós perdemos para a Escola “Júlia Passarinho”. Ficamos em segundo lugar por meio décimo. Os jurados do concurso da Prefeitura, no ano 2009, eram todos militares. Foi “peixada”. Nós estávamos melhores musicalmente e na parte coreográfica.

Então fomos para o concurso da AES que era o concurso mais cobiçado. A fanfarra da Escola Júlia Passarinho não foi disputar o concurso, por medo. Neste ano nós fomos campeões. No ano seguinte, subimos de categoria. Fomos para a categoria fanfarra com melodia. Começamos um trabalho com as cornetas. Eu não sabia tocar corneta. Comecei a aprender com um colega e fui me destacando. Ele me deu a frente da banda, o grupo das cornetas. Porém eu tinha que estudar bastante, então não dava para eu continuar.

Ficamos em segundo lugar no concurso da UMES, que aconteceu no estádio. Nesse ano, a fanfarra com melodia da Escola “Almirante” ganhou esse festival. Eu resolvi que eu não iria mais ser componente.

Atuação

Sei que é uma responsabilidade grande assumir uma banda. É complicado. A minha primeira escola como regente e professor foi a Escola “Haroldo Veloso”. Eu não tinha apoio, então eu desisti no primeiro ano. O meu segundo ano foi em uma escolinha menor, particular. Comecei esse trabalho e por medo, eu desisti. Porque eu penso que se eu vou tentar uma coisa é para surpreender a todos.

O meu sonho era construir uma banda aqui na Escola “Dom Anselmo”. Porém, não tínhamos recursos e nem apoio da direção da escola, quando a direção mudou, fui chamado e informado que iria receber apoio, mesmo sem a escola ter condições. Eu disse à Diretora da escola que eu conhecia uma pessoa que fazia instrumentos baratos e que fornecia nota fiscal. Ela aceitou e ajudou. Então, em 2012, começamos o processo de investimento em instrumento.

Nós trabalhamos voluntariamente. Eu recebi proposta da “Escola Rio Tapajós”. Iria ser remunerado. Eu já recebi proposta para assumir a percussão da banda da Escola “Pedro Álvares Cabral”, mas eu não quis. Eu não trabalho por dinheiro nessa área de música e sim pelo amor. É o que nós construímos aqui. Aqui eu considero uma segunda casa. Quem recebe pagamento é a coreógrafa e a coordenação.

Eu sou assistente administrativo naquela loja onde você me viu e também sou assessor, graças a Deus. Então eu não vivo só disso. Eu estou esperando uma vaga no estado como sócio educador na FASEPA.

Ensaio / Ensino

Nos primeiros ensaios deste ano, nós tínhamos quatro instrumentos de cada tipo. São esses os alunos que são a nossa base hoje. Toda fanfarra tem que ter uma base. Essa base é formada pelos alunos de fora.

Comecei os ensaios mesmo sem experiência. Com muita dificuldade. Muitos não acreditavam. Principalmente os moradores vizinhos que vinham fazer reclamações por causa do barulho. Comecei sozinho, sem coordenação nenhuma. Eu convidei a Paula, nossa coreógrafa. Nesse tempo, a Paula estava começando a dançar então eu entreguei a parte coreográfica para ela, mas sempre orientando em alguma coisa. Conseguimos o terceiro lugar naquele ano, 2013. Foram 14 bandas para trás.

Eu vejo a música como uma fonte de inspiração, como uma forma lúdica de transformar a mentalidade desses alunos aqui. Essa escola era uma escola muito problemática em termos de violência. No começo não podíamos nem sentar aqui à noite. Aquele componente que pediu a sua caneta naquele momento era violento com as pessoas aqui. Mas

a música transformou a vida dele. Hoje ele estuda. Ele não passava de ano escolar. Há dois anos ele é aprovado no fim do ano letivo. Ele vai concluir agora. A música transformou a vida dele. Ele é um exemplo. O vigia da escola comenta sobre ele.

Outro exemplo é o senhor Leandro. Eu o encontrei jogado na rua sem ter onde morar. Eu dei uma oportunidade para ele. Eu entreguei a banda nas mãos dele. E ele cumpre até hoje essa responsabilidade. Eu dei uma chance para o Leandro, Marcionei e o Valber. Eles estão viajando. São eles que coordenam comigo. E dei uma chance à Paula. Hoje a Paula é uma das coreografas mais procuradas pelas bandas de Santarém, ela faz parte da nossa base e da nossa base ninguém sai. Nós não ganhamos concurso sem ela, sem a minha coordenação e eu. Nós somos uma equipe.

O nosso trabalho é dividido. Antes eu ficava sobrecarregado. Agora não, eu fico só com a música, a Paula com a coreografia e a coordenação, providencia outras coisas. O Negão fica responsável pela parte de marcha, garbo e marcação de passo. A banda está sob responsabilidade dele e da Paula. Graças a Deus meus alunos são disciplinados e obedecem quando eu não estou aqui. É assim que funciona aqui na fanfarra “Dom Anselmo”. Por isso funciona. Não pense que aqui nós somos movidos a dinheiro. Nosso projeto funciona desse jeito. Nós já tentamos colocar o projeto em votação na Câmara. Por enquanto estamos aguardando respostas. Porque nós queremos colocar outras oficinas além da fanfarra. Queremos fazer oficina de instrumentos de sopros, oficina de reciclagem e oficina de violões. Nós temos muito material guardado aqui dentro.

Eu sempre digo que uma banda é um som. Nós precisamos dos alunos mais do que os alunos precisam da gente. Por isso que eu dou valor a cada aluno que eu tenho. Há três anos eu estou à frente de banda; graças a Deus estou no pódio até hoje.

Nós temos um projeto para Banda Marcial. Já temos instrumentos e vamos começar neste ano com flauta doce.

Ao todo, incluindo o corpo coreográfico, que não está aqui porque eles ensaiam em outro lugar, nós temos mais ou menos 70 integrantes.

O Festival não impõe limites de componentes, mas nós temos o nosso limite. Nós levamos qualidade. Nós estamos com 45 componentes na percussão. Dentre eles, temos quadriton, surdo, repique, bombos e agora que vão entrar as dez liras. Eles estão ensaiando em outro lugar. Eu acho que na outra semana eles serão inclusos na banda. Estão estudando música à parte. Eu ensino lira. No momento estes ensaios estão paralisados. Algumas pessoas viajaram de férias. Nós estávamos ensaiando na minha casa aos domingos e na casa de um primo que ajuda neste ensino.

Nunca fiz seleção e nunca fui atrás de aluno. Nós começamos com cinco pessoas nos ensaios. Um aluno chama o outro. Vêm alunos de outras escolas e a banda vai aumentando. Esse ano nós fomos às salas de aula e fizemos um convite, abrimos inscrições para quem quisesse participar da banda. Dos alunos que se inscreveram, 72% eram da Escola “Dom Anselmo”. O restante do percentual veio de fora.

No início das inscrições fica aberta a vaga para determinado naipe. Quando completa o naipe, nós encerramos as inscrições. Se for para fazer uma fila a mais nós aceitamos, pois não pode ter lugar vazio. Não podem entrar duas pessoas sendo que a fila é de quatro. Ou seja: ou entram quatro ou saem quatro. Então, já apareceram pessoas que tocaram no ano passado querendo tocar neste ano e de outras escolas. Eu disse: “Vem para o ensaio e olha. Se completar fila, você entra.”. A pessoa acaba desistindo. Então eu nunca precisei cortar ninguém. Eu fecho o naipe e ninguém entra mais, só sai. Então fica dessa forma para manter a organização.

No começo dos ensaios eu faço uma roda para todo mundo se olhar e perder a vergonha. Nós ensinamos coisas simples: uma técnica, um modo de pegar a baqueta, rebote, colcheia, dinâmicas e andamentos. Não dá para ensinar tudo. Não dá para pegar uma partitura e colocar para o aluno executar. Fanfarra não funciona desse jeito. Nem com Melodia e nem Fanfarra Simples. Tem que ser na prática. Banda Marcial é diferente. Vai para a sala e estuda. Então nós ensinamos de forma que o aluno aprenda imitando. E graças a Deus nós estamos conseguindo. Isto é para o ensaio não se tornar algo chato. Nós trabalhamos de forma lúdica para que o aluno toque brincando, mas leve a sério. É assim que funciona.

Eu sempre quis ensinar teoria musical, mas isso é complicado, pois não temos tempo. Eles são músicos de ouvido e conseguem repetir o que eu faço. Gravam duas sequências se for preciso, sem errar. E isso é muito bom, pois os músicos de partitura não conseguem fazer música só ouvindo. Por exemplo, os meus colegas da faculdade tinham dificuldade em tocar música sem partitura. Eu não. Eu ouvia e tocava em qualquer tonalidade. Eu também toco lendo partitura, mas se eu ouvir, eu toco também. Então eu preparo os meus alunos para tocarem em qualquer escola. Caso saiam daqui, em outro lugar eles também tocarão “de ouvido”. Irão precisar se concentrar, ouvir e memorizar a percussão.

O meu objetivo aqui é formar alunos em música e fazer minha base. Não importa se depois eles vão embora. Eu tenho certeza que o que eu formo aqui vai ficar comigo. O que eu pego pronto sempre vai embora e sempre se acha o melhor. As pessoas que vêm de fora e não aprenderam comigo ficam aqui criticando, pois o método de ensino é diferente do que elas

estão acostumadas, então vão embora. A maioria dos que estão aqui, os disciplinados, são meus alunos.

O meu repertório, neste ano, tem *funk*, *dance* e forró, pois são músicas que agitam. A torcida canta e dança conosco. Até nisso eu ajudei o meu próprio inimigo. Ele tocava “música de velório”.

Ano passado o nosso tema foi “Funk e Dance”. Esse ano, eu quis um tema melhor, bem explicado, então é: “FANDAP (nossa sigla aqui da escola) junto e misturado tocando as melhores”. Eu escolho as músicas e faço os arranjos pensando na melhor sequência para elas. Eu pego só a percussão da música original do jeito que eu achar melhor. Na minha cabeça vai “barulhando” tudo. Todas as sequências de ritmo pertencem às melodias das músicas. Eu quero tocar a música nos tambores. Isso é possível. A forma da batida dá para produzir melodia. Os tambores produzem notas musicais. A sequência de músicas compara-se a uma redação. Tem começo, meio e fim. Não pode colocar o fim no meio e nem o meio no começo. O começo tem que ser explosivo para chamar a atenção dos espectadores. O meio tem que ser algo mais centrado, fraco, piano. O fim tem que ser explosivo também, bem explicado.

Eu não gosto da letra do *funk*, do forró e do *reggae*, mas eu gosto da percussão, do ritmo. Nós tocamos um forró antigo do Felipão. “Forró moral” que fez sucesso em 2008. Desde lá, eu venho guardando essas batidas, mas eu não gosto da letra. O que me interessa é o ritmo. Se eu vejo um ritmo que me chama atenção, que eu sei que dá para fazer algo legal e que é dançante, eu executo. Eu vou organizando *funk* com *funk* para o ritmo não cair.

A primeira música da sequência que nós vamos apresentar este ano é da Shakira, um sucesso na copa do ano passado. A segunda música é de uma banda americana, só transformei. A terceira é um *dance* bem antigo. As outras músicas são atuais como: “O gordinho gostoso” e também outra música americana, o *reggae* do Bob Marley e a última música é o “Funk da Chapeuzinho”. Sete músicas para serem executadas em sete minutos. Sempre em linha reta. Não adianta tocar o *funk* e cair de ritmo. Quebra e morre na hora.

Eu também crio a coreografia. Eu penso onde vai entrar a dança e verifico se funcionará. Nós tentamos e o que não é possível, eliminamos ou adaptamos. Poucas coreografias são da Paula. Ela só dá um brilho. Porque mulher tem que dar brilho. Eu dou a ideia e ela executa. Eu faço as coreografias de acordo com a música que eu vou tocar.

Eu fecho uma parte do arranjo que corresponde a uma das músicas da sequência, dou a música original mais o arranjo que eu fiz para a coreógrafa. Às vezes dou o *clip* da música que eu quero. Por exemplo, eu dei o vídeo original da música “Chapeuzinho” e dei a minha versão e então ela criou baseando-se nisso. Eu sempre digo para ela não copiar coreografia de

ninguém. Ela ouve e cria sozinha. Eu escolho músicas difíceis e fáceis, ao mesmo tempo, para executar tocando e dançando. Difícil aos olhos dos outros e fácil aos olhos dos meus alunos. É difícil para quem está de fora. É fácil dançar e tocar um contratempo da maneira como eles tão tocando e dançando, principalmente os pratileiros. Quando eu fecho a sequência de músicas, se for preciso, eu mudo. Agora eu não estou fazendo mais isso. Ou eu dificulto mais, ou eu facilito. Esse ano eu dificultei mais.

Eu tive dificuldade no primeiro ano, pois eu dancei *reggae* e toquei *funk*. Se é *funk*, temos que dançar *funk*. Se é *reggae*, vamos dançar *reggae*. Os jurados vão perceber isso. Não vamos dançar uma coreografia fraca. A força da música está na coreografia.

Depois do concurso, para fazer uma reflexão, eu pego o DVD e olho primeiro as apresentações das outras bandas para ver no que eles evoluíram e eu olho a minha apresentação mais de mil vezes para poder ver onde foram os erros e poder fazer modificações no futuro. Onde ficamos parados. Eu não gosto que a banda fique parada. Sempre tocando e se movimentando. Eu insisto nisso.

Durante os ensaios eu tive uma dificuldade imensa com uma pessoa que toca bombo. Ela não tinha coordenação motora nenhuma. Nem para tocar parado. Então fizemos a nossa parte como líderes: incentivamos. Eu nunca vou dizer que o aluno não vai conseguir. Eu digo que ele vai aprender. Faremos o impossível para ele aprender. Então nós chamamos o chefe de naipe, aquele que sabe um pouco mais e que sabe incentivar e damos a responsabilidade para ele. Eu digo que eu quero resultado. Hoje eu não vou afirmar que aquele aluno está 100%, mas ele desenvolveu bastante. Ele tinha dificuldades para se comunicar. Atualmente ele dança e perdeu a timidez. Este é um exemplo da maior dificuldade que eu tive. Nós não o deixamos sair da banda. Ele está aqui até hoje. Eu não escolho alunos porque todos nós somos capazes de aprender. Eu fui aluno e me coloco no lugar. Se chegar um aluno rude, ele terá que aprender. Eu não costumo desperdiçar ninguém.

Nós nunca precisamos tirar integrante da fanfarra antes do Festival. Nós começamos ensaiando em naipes nessa sala aqui da escola. Cada naipe tem um líder. Nós chamamos naipe por naipe para conversar sobre as dificuldades. Nós apontamos quem está errando e ajudamos para não ter esse tipo de corte. Nós não afirmamos que todos vão. Nós alertamos: “Olha pessoal, se não melhorar, não vai dar. O nosso compromisso com vocês é no desfile.”

Nós nunca precisamos tirar componentes antes do concurso. Graças a Deus isso nunca aconteceu aqui, pois no meio de junho todo mundo está pronto como estávamos hoje aqui. Apesar do nervosismo. Tenho certeza que eles estavam nervosos, pois o ensaio de ontem foi

dez vezes melhor do que hoje, mas eu te garanto que eu nunca precisei fazer isso. Nunca. Eles aprendem e participam. Quando o concurso acaba eu planejo as ações para o ano que vem.

Em 2015, os ensaios começaram em fevereiro. Em outros anos começamos em março ou abril. Existem escolas que começam em junho, mas é muita coragem em ir para o concurso sem se preparar. A maioria dos alunos deste ano são alunos novos, mas estão tocando no mesmo nível. Alguns alunos foram para outras escolas ou viajaram, ou estão trabalhando. Assim, não é possível mantê-los aqui.

Em média, cada ensaio tem duração de mais ou menos uma hora e meia. Quando o Festival se aproxima, ensaiamos por até cinco horas, todos os dias aqui na Escola “Dom Anselmo”, na quadra da Escola “Rio Tapajós” e na rua. Eu nunca trabalhei com fanfarra grande por causa do espaço aqui, na escola.

Durante a Semana da Pátria, nós desfilamos e ensaiamos. Não é porque eu quero. É porque eles querem vir ensaiar. Já se tornou uma rotina. Eles querem estar aqui ao nosso lado. É um lugar de encontro entre eles. Se eu digo que não tem ensaio, gera briga. Eles me ligam, me cobram e querem que eu esteja aqui com eles.

Nós paramos no final do ano passado, mas eu não queria me afastar daqui. Todo tempo eu estava aqui fazendo projeto, fazendo reuniões para planejar.

Festival

Aqui, em Santarém, existiam os concursos da AES – Associação dos Estudantes de Santarém e UMES – União Municipal dos Estudantes de Santarém. Eram os concursos mais fortes.

Do Festival atual, assisti aos vídeos anteriores e verifiquei uma forma de chegar ao primeiro lugar. Em uma reunião da premiação eu chamei os regentes das fanfarras que ganharam em primeiro e em segundo lugar e disse que para o meu primeiro ano participando do Festival, estava bom o terceiro lugar, mas “esse ano, esse troféu vai ser meu custe o que custar”. Eles riram disso.

Começamos os ensaios da Fanfarra “Dom Anselmo” e eles vinham aqui olhar os nossos ensaios. Eu ainda ajudava. Ajudei muito o Diego, regente de uma fanfarra daqui do bairro. Eu ajudei emprestando e dando instrumentos para eles. Eu fui amigo, dei dicas para eles de formação de fanfarra. O regente do “Cabral”, o senhor Reinaldo, disse que eu estava ajudando o meu inimigo, pois somos concorrentes. Eu não vejo por esse lado. Para mim, quanto mais todo mundo ver, melhor. A premiação vai ser melhor. Eu não queria rivalidade.

Os componentes vinham aqui, saíam falando mal. Eu nunca bati o portão para ninguém. Eu não escondo nada de ninguém. Porque o que eu tenho aqui sou eu quem cria, eu quem faço e executo, então eu não preciso chegar perto do local de ensaio deles, pois eu tenho ouvido absoluto. Os meus colegas de faculdade diziam isso. Se eu ouvir um ensaio, uma sequência toda, eu consigo gravar 90%. E eu consigo executar cada instrumento que eu ouço. Eu não preciso chegar lá e olhar o que ele está fazendo. Eu ouço da rua. Podia escutar de longe e copiar o que ele havia feito. Só que por um lado, a minha presença os ameaçava. Porque só de eu estar lá, eles param o ensaio. Ficam nervosos. Isso causou essa rivalidade entre “Dom Anselmo” e fanfarra “Estrela Negra”.

Em 2014, fomos para o concurso. No concurso, eles se surpreenderam com a nossa estrutura. Todos perguntavam como havíamos conseguido instrumentos. Como conseguíamos ter essa qualidade de som e afinação.

As escolas que eu participei como componente participavam de desfile e Festival e outros eventos. Aqui nós sempre participamos na categoria Fanfarra Simples.

Infraestrutura e parcerias

Nós trabalhamos com parcerias. Temos uma parceria com a Escola “Pedro Álvares Cabral”. Nós fornecemos instrumentos de metal daqui para eles, e eles fornecem percussão para nós. Nós temos uma parceria também com uma escola do sítio. Eu os ajudo lá e eles ajudam aqui. E temos uma parceria também com vereadores daqui da cidade. Diretamente e indiretamente com o prefeito, porque eu sou envolvido com política. Foi isso que nós conseguimos construir aqui. Porque se dependesse do governo federal, não tinha projeto aqui. Como não tem nas outras escolas.

Eu divido o meu tempo com meu trabalho pela manhã e ainda ensaio uma banda em outra escola cujo objetivo é somente participar do desfile. A proposta que a escola fez foi esta. Eu aceitei porque em troca nos dariam instrumentos. Então eu pedi dez liras a eles, pois na fanfarra simples só se usa lira. Não pode usar outro tipo de instrumento que faça melodia, diz o regulamento. Este ano, nós estamos com esse projeto de incluir 10 liras aqui. Por isso que nós estamos tocando música em tambores. Se eu te der o repertório tu vais entender o que nós estamos tocando. Só que nós precisamos da lira para dar brilho. Então, esse ano, nós estamos dependendo disso.

A escola comprou por meio do programa “Mais Educação”: sax, trombone, trompete, flauta transversal e clarinete. E nós conseguimos premiação do concurso também.

No Festival do ano passado, a prefeitura ofereceu como premiação para o primeiro lugar da nossa categoria e da categoria Banda Marcial, uma tuba no valor de R\$ 8.000,00. Eu poderia ter escolhido percussão que é o nosso forte, mas eu escolhi a tuba com a intenção de estender o projeto. Na primeira reunião do concurso eles vão entregar. O prefeito já fez a licitação. As escolas estão escolhendo os instrumentos de que necessitam.

Temos alguns instrumentos alternativos como um instrumento que eu confeccionei, em 2014, usando canos. É um instrumento igual aqueles dos “Blue Mans”, pois eu gosto de criar instrumentos. Eu quero levar três destes instrumentos neste ano, pois é o melhor ano. Eu sabia que ano passado a chance de eu ganhar era de 90%. Então eu não quis usar isso ano passado. Eu só usei um, mas foi show!

Este ano, nós usamos sandálias de borracha para eles treinarem a percussão e não fazer barulho. Nós gravamos a sequência e estamos reproduzindo com a ajuda de uma caixa de som para ensaiar a coreografia. Graças a Deus funcionou. Nós ensaiamos um mês e meio somente com a gravação da sequência das músicas tocadas pelos integrantes da fanfarra. Por isso avançamos bem.

Esta escola tem o programa “Mais Educação”, mas aconteceu algo na SEMED e esse ano não veio verba. Não veio nenhum tipo de verba. Todos os projetos do “Mais Educação” estão parados aqui. Estamos trabalhando com patrocínios, ajudas políticas e com o nosso esforço. Nós fazemos bingo e rifa. Tivemos uma barraca recentemente na festa junina da escola. Graças a Deus, foi a melhor barraca daqui.

Aqui, temos apoio desde a direção até o vigia e as serventes. Por isso funciona. A diretora diz que antes de falar com ela sobre a fanfarra, tem que falar comigo. Porque ela diz que eu sou o responsável. Há essa diferença. Ela me deixa trabalhar. Eu mostro o resultado que ela quer. É por isso que funciona.

CAPÍTULO 2 – PREPARAÇÃO E COMPETIÇÃO: O VISTO

Neste capítulo, descrevo o que vi em minhas visitas às escolas cujos regentes das bandas entrevistei, bem como o que presenciei nos desfiles e nas duas noites do Festival. Trata-se da memória do trabalho de observação no campo da investigação envolvendo: as atividades das bandas; os comportamentos, as falas e as interações dos regentes e dos integrantes das bandas; os espaços, materiais e equipamentos, entre outros elementos.

Esta descrição não deixa de ser uma contraposição às narrativas apresentadas no capítulo anterior, mas que se pretende com elas colaborativa: enquanto aquela traz o ponto de vista dos entrevistados / colaboradores, esta apresenta a percepção da pesquisadora.

PREPARAÇÃO

Santarém, 1º de julho de 2015.

A chegada

Cheguei a Santarém na madrugada do dia 1º de julho de 2015. Angustuada e insegura, pois apesar dos contatos e sondagens iniciais que antecederam esta primeira visita, eu não sabia o que encontraria ali. Estava aflita e me perguntava: “O que estou fazendo aqui?” “Por que não escolhi algo mais próximo de onde moro para pesquisar?” Um antigo professor de música foi apanhar-me no aeroporto. No caminho para a casa onde ficaria hospedada, ele foi relatando problemas com as instalações e apoio da prefeitura local à instituição onde ele atua. Percebi que as coisas não mudaram muito por lá em relação ao incentivo de governantes locais à educação musical.

Ao chegar à casa onde fiquei hospedada, antes de dormir, fiz uma prece: pedi a Deus que me ajudasse a realizar o que estava propondo. Fiquei refletindo, olhei para o meu equipamento e pensei: “Não dá mais para voltar!” E ainda me sentindo reprovada em minhas escolhas, comecei a pensar sobre a minha formação. Sobre aquele lugar. Santarém, minha terra natal. Nada era estranho para mim. Uma das escolas que eu selecionei fica há uma quadra de onde eu estava hospedada. Eu conhecia quase todos os bairros e escolas. Meus pais e familiares moram lá. Meus amigos de escola, de banda, da universidade estavam lá. Essa lembrança aliviou o meu coração, mesmo ainda me sentindo reprovada no que estava propondo. Adormeci. Eram quase 4 horas da manhã.

Primeiros contatos

Acordei às 10 horas. Organizei meu material, fiz alguns telefonemas para avisar sobre a minha chegada, saí em direção à primeira escola que selecionei para fazer as visitas durante a preparação da fanfarra para a participação no Festival de Bandas e Fanfarras de 2015. Do local onde estava hospedada eu podia avistar o muro da escola lá no alto. Subi a inclinada e atualmente denominada Rua “Wilson Fonseca” até a **Escola “Frei Ambrósio”**. O sol estava escaldante.

Eram 11h25min quando me aproximei do portão de acesso principal a escola. Vi uma escada com poucos degraus e uma grade com um cadeado pendurado. Estava aberta. Olhei para dentro da escola e avistei um garoto e pessoas trabalhando em uma obra. Na parede, próximo ao último degrau da escada, um cartaz informando o horário de funcionamento da escola durante o mês julho. A instituição só funcionaria no período de segunda a sexta, das 08h00min às 12h00min.

Fiquei ali parada do lado de fora e não demorou a chegar uma jovem senhora loira. Ela estava apressada. Perguntei se ela era professora da escola. Ela disse que era a coordenadora pedagógica. Disse a ela o meu nome e perguntei o seu. Com um cumprimento, perguntei sobre o horário do ensaio da banda. Ela retrucou: “Por quê? Você tem alguém que quer participar?” Então me apresentei como pesquisadora.

Pierlise foi muito gentil. Disse que eu havia feito a “escolha certa”, pois ali “não pára” e me informou o nome e o número do coordenador da fanfarra da escola. Ela logo adiantou que os horários de ensaio nunca são pela manhã e que “já teve briga!” A Secretaria de Meio Ambiente – SEMA estava fiscalizando, pois a lei que proíbe sons fortes em horários impróprios estava vigorando. Os horários de ensaio estavam mais restritos. Ela foi se afastando e dizendo para eu ligar para o coordenador da fanfarra.

Nesse mesmo dia, por volta das 15h00min, voltei à Escola “Frei Ambrósio” na esperança de encontrar a diretora para apresentar-me e entregar-lhe o ofício de apresentação enviado pela minha orientadora.

Entrei e procurei a sala da direção. Fui recebida pela vice-diretora. Não foi difícil conversar à vontade em sua pequena sala dividida com os demais funcionários, pois coincidentemente a conhecia. Havíamos estudado na mesma Escola de Música em Santarém. Ela falou muito bem da fanfarra enfatizando os prêmios recebidos em concursos. Falou-me das reclamações de vizinhos em relação ao som da fanfarra quando ensaia na quadra e do

processo judicial que um morador próximo à escola estava movendo. Ela afirmou que não havia outro horário para o ensaio, pois os participantes da fanfarra estudavam ou trabalhavam. Portanto, era inviável ensaiar antes das 18 horas. Entreguei o ofício, agradei a acolhida e avisei que a partir daquele dia eu iria iniciar as visitas naquela escola.

Retornei à escola com um amigo, por volta de 16h30min e conheci pessoalmente o Professor Anderson Campos. Anderson estava conduzindo o ensaio da “Fanfarra com Melodia” daquela escola. Quando nos viu, afastou-se do grupo solicitando que um dos integrantes assumisse a regência. Ele veio em nossa direção com um largo sorriso. Cumprimentou meu amigo e depois a mim ao mesmo tempo em que meu amigo me apresentava a ele.

O ensaio estava acontecendo na quadra da escola. “É a primeira vez que ele vai puxar, professora!”, disse ele sorrindo e apontando para o jovem que assumia a regência do grupo de percussão, cornetas e cornetões que ali estava. O grupo estava na formação de círculo, dividido por instrumentos. O jovem estava no meio do círculo carregando um instrumento chamado quadrilon (um grupo de quatro tambores de diferentes tamanhos acoplados e presos na parte da frente dos ombros e que são tocados com duas baquetas, uma em cada mão). Ele conduziu a execução de uma das músicas para o Festival. Eu já havia ouvido aquela música em algum lugar. Só não lembrava onde. Os poucos intervalos de som produzidos nas cornetas e cornetões executavam uma melodia que não era desconhecida para mim. Anderson logo revelou o tema para a competição no Festival de Bandas e Fanfarras de 2015. “Country”. Comecei a identificar a melodia das cornetas e cornetões, mas eu ainda não sabia o nome da música. Para não atrapalhar o trabalho naquele momento, despedi-me:

Depois deste longo dia e depois de a qualquer custo tentar afinar o olhar sobre o universo que estou estudando, já estava com a mente pesada. Voltei para casa. Nenhum pensamento, nenhuma reflexão, nenhum sentimento, apenas o desejo de que tudo acabasse bem. Adormeci.

Santarém, 2 de julho de 2015

Visita à Escola “Pedro Álvares Cabral”

O dia amanheceu chuvoso. Estabeleci alguns contatos e fui ao comércio providenciar um material para a pesquisa (cópias dos ofícios e termos livres esclarecidos, canetas e pastas). Por volta de 10h00min, fui à Escola Estadual de ensino Fundamental e Médio “Pedro Álvares Cabral”. A escola fica localizada em um dos extremos do bairro central da cidade, onde eu estava hospedada.

Durante o percurso até lá, enquanto eu falava sobre o tema de minha pesquisa ouvi da pessoa que me acompanhou até a escola, o seguinte comentário: “Esse pessoal não quer saber de nada! Eles só querem aquela [...] daquele troféu!” Fiquei em silêncio. Ele falou exatamente o que eu não queria ouvir. Não podia crer naquilo. E me perguntei: “Porque só querem saber do troféu?” Acreditava que existiam muitas outras razões que moviam as ações daqueles grupos. Ele também é professor de música, e em outro momento foi regente de uma fanfarra de uma escola do município.

Atravessamos dois portões até entrar na escola. Antes do segundo portão, avistei na área em frente ao primeiro bloco de salas, do lado esquerdo do corredor que dá acesso ao segundo portão, um busto de Pedro Álvares Cabral. Havia uma praça com bancos de cimento e mastros porta bandeira. Do outro lado do corredor, um pequeno espaço de terra com uma árvore. Perto do teto, acima do segundo portão, uma câmera de segurança. Ouvi de meu acompanhante: “Faz tempo que não entro aqui. Não mudou nada!”. Ele estudara naquela escola durante três anos do ensino fundamental, dois deles em uma mesma série.

Fotografia 9: Praça da entrada da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fui até a sala da direção e lá estava sentado em frente a um computador, um rapaz alto e forte. Ao lado dele havia um monitor exibindo as imagens da câmera de segurança instalada em alguns pontos da escola. Ele levantou-se e caminhou até outra mesa. Sentou-se enquanto eu me apresentava a ele. Entreguei-lhe o ofício e ele fez uma rápida leitura. Sem qualquer pergunta, disse: “Tudo bem”. Carimbou, assinou e datou o documento. Disse-me que eu deveria falar com o Dennis, regente da banda marcial, e que a partir das 17h00min ele estaria por lá. Agradei e me retirei.

Ao sair da sala, parei em frente a um grande quadro de avisos fixado na parede do *hall* ao lado da sala da direção, atrás do segundo portão. Nele havia mensagens de boas vindas, textos reflexivos, redações, poemas de alunos, cartazes, fotografias de momentos festivos. Vi fotos da banda fazendo uma apresentação na escola. Em outro grande mural, mais cartazes, conselhos, notícias, incentivos, frases de pensadores famosos refletiam os ideais daquela escola. Nas colunas que apoiavam o telhado do corredor de acesso aos blocos de salas de aula, as seguintes palavras registradas com tinta já desbotada: “RESPEITO”, “ÉTICA”, “FÉ” e “AMOR”. O local estava tranquilo. Ouvei sons de pássaros. Lá tem um bonito jardim. Voltei para casa.

Ensaio na Escola “Frei Ambrósio”

Mais tarde, por volta das 17:00, fui à Escola “Frei Ambrósio”. Sentei na arquibancada que ainda retinha o calor daquele dia e após uma breve observação do que acontecia ao redor, liguei a câmera e a posicionei ao meu lado. Vi os integrantes chegando à quadra onde aconteceria o ensaio. Cada um trazia o seu instrumento. Eles vinham por dois caminhos: pela frente do auditório ainda em construção e por um caminho de terra ao lado do último bloco de salas de aula. Alguns vestiam uma camisa azul. Conseguia ver de longe, nas costas da camisa, o desenho do “Papa Léguas” com um chapéu de *cowboy*. Todos estavam de bermuda e camiseta. O ambiente era de descontração, alguns conversavam, outros olhavam seu celular ou sopravam, percutiam seus instrumentos isoladamente, outros sentavam e aguardavam o início do ensaio.

Anderson, o regente, ficou por ali olhando o seu celular e conversando com integrantes da banda, quando se dirigiam a ele. De longe me deu breve aceno e chamou os integrantes para posicionarem-se na parte esquerda da quadra. O sol ainda não havia se posto. A vista do alto da fortaleza era linda. De lá eu podia ver o encontro das águas do Rio Tapajós e Amazonas.

Fotografia 10: Vista do lado direito da quadra da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

“Bora lá, bora lá, pessoal!”, “Atenção!” “Um! Bora lá!”, “Dois! Atenção”, “Ei! Postura!”. O ensaio iniciou com uma preparação que consistia em a percussão fazer a pulsação

em compasso quaternário enquanto as cornetas e cornetões tocavam as notas sol e depois dó em duas semibreves cada uma. O andamento era moderato. O exercício seguiu com a execução das notas sol, dó e mi. O regente cantou a sequência de notas para as cornetas reproduzirem. Elas repetiram algumas vezes a sequência: sol, dó, mi, dó, sol. A afinação era uma preocupação do regente.

Em seguida, ele iniciou o ensaio da música “Galera de Cowboy”. Consegui identificar a música quando ouvi o refrão. A melodia executada pelas cornetas se aproximava da melodia original que eu conhecia. Durante a execução, ele parou para fazer indicações de regência e ajustes em uma das partes da música. Ele realizou o ritmo do trecho musical com a voz e fazendo movimentos com os braços avisando ao grupo que a entrada deste trecho era logo “em cima”. O trecho foi unido à percussão. Antes, uma pequena orientação a respeito do volume de som. Ele pediu que tocassem mais suave para que ele pudesse ouvir o quadriton.

Durante a música, um grupo de quatro meninas parou de tocar. O regente parou a música e perguntou o que as levou a parar de tocar. Antes que uma das meninas respondesse, ele retrucou dizendo que não era para parar de tocar e que o lugar e momento para errar era aquele. E completou o discurso dizendo: “Se é para errar, que erre bonito!” “Eu ia estranhar se não tivesse errado. Aí eu ia estranhar!”

Entendi que naquele momento ele lembrara que o ensaio estava apenas começando. Depois desta orientação, o ensaio seguiu com a música sendo executada desde o começo. Ele pediu postura. Os trechos que o regente solicitou para a banda foram lembrados a partir da letra da música original.

Dos oito percussionistas que tocavam pratos, somente dois estavam participando, porém, os demais permaneciam de pé segurando o instrumento, com os pés juntos, durante todo o ensaio. Os dois percussionistas que estavam nos pratos pareciam estar criando movimentos à medida que executavam a música.

Anderson anunciou as próximas músicas a serem executadas. “Festa de Rodeio” e “Bang Bang”. Ele regia, hora passeando pelo quadrado formado pelos integrantes da banda, hora voltando-se para as cornetas, hora virado em direção à percussão. Porém, a maior parte do tempo, ele conduzia as cornetas. Um dos percussionistas que tocava bombo parecia “curtir” o arranjo musical ao deixar seu corpo ser embalado pelo ritmo proposto. O regente sinalizava dinâmicas para a percussão e ao fazer o corte final de uma das músicas da sequência, ele advertiu: “Tem que acertar essas tercinas aí!”. Ele passava a mão no cabelo, enxugava o rosto. “É isso aí!”, dizia ele às corneteiras. Todos sorriam e comentavam entre si.

Fotografia 11: Ensaio da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Anderson pediu que a fanfarra se posicionasse no outro lado da quadra. O sol já se punha. Enquanto eles se arrumavam para iniciar o que parecia outra parte do ensaio, o regente orientava uma das corneteiras mostrando-lhe o ritmo da melodia com a voz. Alguns integrantes saíram em direção a um dos blocos de sala de aula. Anderson insistiu em um dos trechos executados pela percussão e solicitou que tocassem realizando as dinâmicas indicadas por sua regência. O trecho deveria ser executado em crescendo e decrescendo. Ele finalizou o trecho e imediatamente se posicionou à frente do grupo. “Vamos lá! Postura!”, anunciando “Festa de Rodeio”, “Bang, Bang” e depois “Galera de Cowboy”.

Anderson insistia para que os integrantes mantivessem a postura. Ele cantava, em um intervalo de terça menor, o trecho da música “Galera de Cowboy” para lembrar como devia ser executado pelas cornetas. Eles executaram a música e no final, uma das moças que tocava surdo, reclamou do seu instrumento comparando o seu som ao de um repique. O ensaio seguiu com a execução das outras músicas. O regente pediu que tocassem “só na manha” o arranjo que consistia em uma sequência de três músicas. As cornetas e cornetões tocaram a melodia dentro das possibilidades técnicas destes instrumentos e com o mesmo ritmo da melodia original. Eu senti necessidade de ouvir a versão original das músicas...

Fotografia 12: Ensaio da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Às 18h30min, Anderson pediu a todos que saíssem para beber água. Alguns integrantes da fanfarra deixaram seus instrumentos no chão ou na arquibancada; outros os levaram consigo. Outros ainda permaneceram na quadra soprando seu instrumento, conversando ou olhando seu celular. Ao retornarem do breve intervalo, os componentes da banda posicionaram-se no mesmo local.

Anderson aproximou-se do grupo e perguntou: “Ei! Posso?”. Todos responderam em coro: “Pode!”. Ele começou a demonstrar um passo da coreografia: “Esquerda, direita, esquerda, direita, pulou, baixou!”, “Esquerda, direita, esquerda, direita, pulou, olhou!”, “Esquerda, direita, esquerda, direita, pulou, jogou o braço!”. Anderson iniciou falando e marchando estas sequências de movimentos. À medida que ele, repetidas vezes, fazia os movimentos, os integrantes tentavam acompanhá-lo fazendo o mesmo. Observei que uma integrante não estava fazendo os movimentos. Anderson interrompeu e orientou: “Ei! Parou! É para me imitar! Deixa eu fazer!”. Ele fez mais algumas vezes, devagar, a sequência “Esquerda, direita, esquerda, direita, pulou, virou!”, “Esquerda, direita, esquerda, direita, pulou, jogou o laço”.

O regente manifestou sua irritação ao ver que o movimento não estava de acordo com o que ele esperava. Alterou o volume de sua voz pedindo que levantassem mais o braço. Anderson mostrou mais algumas vezes e orientou sobre a expressão facial durante os movimentos. Todos sorriram ao verem o exemplo de expressão facial dado por ele. Em meio às repetições, Anderson observava o grupo dizia a eles: “Eita, que eu vou ter trabalho!”.

Eles estavam há cinco minutos treinando o passo. Uma das integrantes continuava sem realizar o movimento. Outra estava com a perna enfaixada, porém fazia muitas vezes o tal passo. Anderson disse a ela que dava “um desconto por causa da perna”. Ele pedia que sorrissem durante a coreografia. “Isso é uma besteirinha e vocês estão errando! Nem chegou à parte que eu quero!”. Não parecia ser fácil para a mocinha que tentava discretamente entrar no passo. O ensaio prosseguiu com mais repetições, acrescidas do passo final que, segundo o Anderson, deve “cair junto com a percussão”. Ele pediu que o grupo treinasse somente o braço para “laçar o boi”. Todos sorriam. Em seguida, ele aproximou-se de um rapaz que estava perto de mim e comentou sobre um determinado passo de quadrilha. E ao som da música forte vinda de um carro estacionado próximo à escola, o ensaio da coreografia prosseguiu.

Todos continuavam segurando o seu instrumento e executando o passo. Anderson foi novamente até a arquibancada e disse a uma moça: “Tu vais ver só um monte de passos de quadrilha!” A moça sorriu. Anderson afirmou, brincando: “É *country*! É *country*!”. Anderson retornou para frente da banda e tentou finalizar com o último passo: Os integrantes deviam dar uma volta completa com o corpo no mesmo lugar. Sem sucesso. Ele mostrou mais uma vez com mais detalhes sobre onde o pé deve parar antes do giro final e que ao girar, as cornetas deverão parar segurando o cinto e a percussão deverá colocar as mãos na cintura. Ele mostrou como devia ser a postura ao girar e disse em tom de brincadeira: “Encarando os jurados lá!”, “Bem bonitão!”, “Carão, carão!”. Todos sorriam das brincadeiras. E mais uma vez realizaram a sequência, finalizando com o giro.

O silêncio, nas pausas dos instrumentos, era o espaço para ouvir os bem-te-vis que chegavam a responder ao som da fanfarra. Todos riram disso. A fiscalização da SEMA não impediu o ensaio ao ar livre. Eles deveriam parar às 19h00min, antes que um morador vizinho reclamasse do “barulho”. A música forte vinda de um carro estacionado no lado de fora da escola continuou durante todo o ensaio. Esforcei-me para ouvir o Anderson falar. O som da fanfarra parou, mas os movimentos da coreografia e a silabação rítmica continuaram.

Anderson ensinou mais um passo. Tocar virado para o lado onde estava o rio, fazer movimentos e mímica. Adaptações. O ensaio foi encerrado às 20h00min. O chão da quadra ainda transmitia o calor daquele dia. Os informes foram dados e uma oração foi feita. Naquele momento, pareceu-me ver um grande time de futebol orando um Pai Nosso, uma Ave Maria e a oração do Divino Espírito Santo. Nem consegui acompanhar de tão rápido e articulado, mas senti o ânimo e a esperança de um grupo que estava ali desde as 18h00min daquele dia 2 de julho de 2015. Alguns haviam chegado às 16h00min na sala de vídeo para receber aula de

flauta doce e teoria musical. Eram as perspectivas futuras do regente para a educação musical na escola. Anderson me disse que ano que vem passarão a “ser Banda Marcial”.

Fotografia 13: Momento final do ensaio da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Santarém, 3 de julho de 2015.

Visita à Escola “Frei Ambrósio”

Aula de flauta doce

Depois de conversar mais uma vez com o professor Anderson, observei sua aula de flauta doce. Segundo ele, aquela aula era a preparação para a criação da Banda Marcial da escola. Como ainda não há instrumentos de sopro como sax, trompete, clarinete etc. suficientes para atender a todos os alunos, estes estão estudando flauta doce. Anderson ensinou elementos de teoria musical como notas e figuras rítmicas. No quadro branco estava o registro da música “Maria tinha um carneirinho”, as figuras musicais (semibreve, mínima, semínima e colcheia) e seus valores representados por números fracionários e a indicação numérica dos dedos utilizados para realizar a posição das notas: sol, lá, si, dó.

Depois de conduzir uma prática coletiva das notas fá e mi grave na flauta doce, Anderson iniciou a leitura destas notas na pauta musical. Ele construiu um exercício registrando no quadro branco estas notas em semibreves. Anderson percutiu uma flauta no quadro indicando a pulsação e nota a ser executada, e todos tocaram juntos. Entre uma prática

e outra do exercício, ele orientou sobre postura das mãos, como emitir um som corretamente e articulação, sempre exemplificando em seu instrumento.

Anderson prosseguiu ensinando outra nota utilizando os mesmos procedimentos; conduziu um exercício que consistia em todos tocarem as notas que ele pronunciava levando-os à execução da escala de dó maior. Percebeu, então, que alguns alunos estavam com dificuldade em realizar o que ele estava propondo. Isto o fez retomar à aula anterior. Os alunos solfejavam a música “Maria tinha um carneirinho” e em seguida executaram no instrumento. Anderson interrompia a execução várias vezes a fim de corrigir e orientar sobre a produção do som, articulação e postura. Ele comentava sobre a valorização do instrumento flauta doce. Ele disse que os alunos não devem menosprezar o instrumento afirmando que tocar flauta não é fácil. Lembrou sobre os cuidados necessários com o objeto e como se comportar com o instrumento nas mãos quando estiver em uma apresentação.

Anderson sempre fazia relação com outros instrumentos da fanfarra ou da banda de música e alimentava perspectivas sobre aprender a tocar flauta e suas possibilidades de execução de repertório. Ele disse aos estudantes que será possível tocar músicas que eles gostam ou músicas regionais como “Feira Santarena”, vinculando a evolução da banda à execução de um novo repertório e outros instrumentos. Falou da emoção que os professores da escola sentirão ao verem o progresso da banda e disse que “a fanfarra tem o seu público”, mas precisa “conseguir outros públicos”.

Anderson anunciou que na próxima aula revisará o conteúdo para aqueles que iniciaram o estudo naquele dia. Após aquela aula, todos foram para a quadra ensaiar a fanfarra.

Ensaio da fanfarra

O ensaio da fanfarra iniciou com um breve discurso do regente falando sobre a sua perspectiva em relação à criação da Banda Marcial da Escola “Frei Ambrósio”. Ele avisou aos integrantes que no dia seguinte haveria ensaio da banda de música. Em seguida, iniciou o exercício preparatório que consistiu em as cornetas tocarem as notas sol, dó e mi, quatro pulsações cada uma. A percussão marcava o andamento. O exercício variou com a utilização de mínimas, semínimas e colcheias para as cornetas. A percussão foi dividida em dois grupos. Cada grupo executou uma sequência diferente contendo semínimas e pausas.

Após cerca de 5 minutos de exercícios preparatórios, Anderson deu início ao ensaio das músicas para o festival. O som ainda desarticulado das cornetas era o motivo para a interrupção da execução. Anderson insistiu em que o naipe tocasse mais acelerado. Os

exemplos sonoros emitidos com a sua voz usando sílabas para diferenciar um som articulado e preciso de um som sem clareza era o seu único recurso naquele momento. Em outra situação ele utilizou a caixa para exemplificar a precisão que deveria ser feita na articulação das cornetas.

A ordem “Postura!” era sempre lembrada antes de iniciar qualquer música. A busca do equilíbrio sonoro entre o naipe de percussão e corneta era uma constante. Sua atenção estava voltada aos instrumentos de sopro. O naipe de percussão aguardava o seu momento de participar do arranjo enquanto o regente orientava os “corneteiros”. Em alguns momentos o regente subiu à arquibancada para reger o grupo. Após isto, ele solicitou que grupos menores executassem o arranjo. Anderson teceu elogios sobre a execução de alguns integrantes.

Após tocarem mais uma vez o arranjo de uma das músicas, o regente pediu que o grupo se posicionasse em filas para iniciar o ensaio da coreografia. Ele realizou novamente o passo ensaiado no dia anterior e pediu aos “faltosos” para ficarem somente observando o ensaio. Anderson exigiu sincronia nos movimentos. O grupo repetiu várias vezes a sequência de passos seguindo as orientações e exemplos práticos dados pelo regente. As cornetas ensaiaram com os instrumentos posicionados e sem produzir som. Somente sílabas rítmicas.

Ao final deste ensaio, todos foram convidados a fazer uma oração. De mãos dadas ouviram outras orientações, perspectivas sobre a coreografia, futura disposição do grupo no local de apresentação, avisos sobre aulas de flauta doce e conselhos para o fim daquele dia. Era noite de sexta feira. Anderson aconselhou: “Quem for sair, divirta-se, mas divirta-se com moderação. A vida é só uma e eu preciso de vocês, vocês fazem parte da minha vida e a minha vida é isso aqui”. A oração veio em seguida por esta intenção.

Santarém, 4 de julho de 2015.

Ensaio da Fanfarra da Escola “Frei Ambrósio”

O ensaio iniciou às 18h45min com exercícios preparatórios conduzidos pelo Anderson. As cornetas tocavam uma nota com a duração de quatro pulsações enquanto a percussão marcava o andamento. O segundo exercício foi acrescido de mais uma nota e, por fim, três notas foram emitidas em oito pulsações cada uma. A percussão continuou marcando o andamento. O grupo estava sob a regência padrão quaternário do Anderson. Entre uma intervenção e outra ele, dava orientações sobre tempo forte e ataque correto na nota,

lembrando sobre tocar junto. Após este breve exercício que durou cerca de cinco minutos, deu início ao ensaio para o Festival.

A preparação da música “Festa de Rodeio” foi o foco neste segundo momento do ensaio. Anderson explicou sobre um determinado contratempo existente no arranjo e orientou a sua execução. Em seguida, sempre lembrando sobre a postura para tocar, o regente solicitou mais uma vez a execução do arranjo. Seus gestos para conduzir a música marcavam as sequências de células rítmicas executadas pelo grupo. Anderson desenhava os ritmos com seus gestos. E andando para frente e para trás, com a cabeça abaixada e gesticulando com seus braços “tocava” aquele “instrumento”. O dia já estava escurecendo. Faltava pouco para as 19h00min. Segundo a lei, eles deveriam parar.

Durante o ensaio, Anderson permitiu que, aos poucos, os integrantes se retirassem do grupo para assinarem o termo livre esclarecido referente à minha pesquisa. Para isso, ele liberou naipes por naipes. Cada vez que um naipes se retirava, Anderson executava mais uma vez a música e orientava especificamente os naipes que permaneciam no grupo. Na ausência dos corneteiros, Anderson cantou a parte enquanto a percussão o acompanhava. Havia ênfase em seus gestos para indicar tempos e contratempos. Ele cantava forte usando a sílaba “dá”. Anderson trabalhou um determinado crescendo que existe no arranjo. Até aí, o ensaio durou cerca de 20 minutos, quando houve um breve intervalo.

Enquanto alguns descansavam ou retiravam-se para tomar água, outros continuavam a tocar em seus instrumentos aguardando o início da próxima parte do ensaio. Passaram-se 10 minutos, o som aleatório dos instrumentos no ambiente só aumentava. Era a consequência da prática individual dos integrantes da banda que estavam espalhados no espaço da quadra e arquibancadas. Vi um rapaz marchando de um lado para o outro com seu par de pratos fazendo malabarismos com o instrumento. Outro rapaz girava a baqueta com suas mãos em movimentos circulares repetidas vezes. O exercício de coordenação motora entre braços e pernas do menino que também marchava de um lado para o outro aos poucos ia apresentado resultados positivos. Eu estava preocupada com a lei. O horário limite já havia excedido há muito tempo.

Anderson retornou para iniciar mais uma parte do ensaio. Ele solicitou que todos se posicionassem em filas, diferente de como estavam posicionados anteriormente (em posição de meia lua).

O coordenador da fanfarra veio assistir ao ensaio e percebeu que havia poucos integrantes em relação aos ensaios anteriores. Ele solicitou ao Anderson que anotasse o nome

das pessoas que haviam comparecido neste ensaio para mencionar em um agradecimento que seria registrado e exibido no grupo formado pelos integrantes desta fanfarra via WhatsApp.

Em seguida, Anderson conduziu mais uma vez a execução do arranjo. Ao final da execução, o coordenador interrompeu o ensaio para avisar que sorteará cinco reais entre eles. Uma salva de palmas foi dada e o ensaio prosseguiu. Anderson lembrou o passo da coreografia que ele havia ensinado no dia anterior, e usando o mesmo procedimento, lembrou os passos da coreografia a ser realizada durante a execução do arranjo.

Santarém, 10 de julho de 2015.

Ensaio da Banda Marcial da Escola “Pedro Álvares Cabral”

Cheguei à escola às 17h00min. Olhei para dentro do estabelecimento e percebi que não havia ninguém no local, mas o portão estava aberto. Entrei, peguei uma cadeira e sentei-me em frente ao jardim com vista para o que parecia ser a sala da banda. Fiquei observando a pintura da parede externa desta sala: No centro do desenho havia uma clave de sol. Dela saíam raios azuis. Do lado direito e esquerdo, asas complementavam o desenho das colcheias. Na parte inferior, o desenho de um trompete junto a um pentagrama que registrava algumas notas musicais pintadas aleatoriamente. Mais acima, ao lado esquerdo a sigla “BAMPAC” acompanhada da letra “I” e o desenho de um coração. A pintura trazia a cor azul e vermelha e transmitia, no silêncio daquele momento, seus significados de amor e pertencimento.

Fotografia 14: Pintura na parede da sala da “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Aos poucos, os integrantes da banda começaram a chegar. Alguns vestiam uma camisa estampada com a sigla da banda. Perguntei a um dos alunos se todos os anos eles adotavam camisa personalizada para a banda. Ele confirmou, dizendo que aquela era a camisa do ano passado e que a de 2015 ainda não estava pronta.

Mais estudantes chegaram. Eram 17h50min. Jovens, crianças e adolescentes pegaram instrumentos em uma pequena sala e acomodaram-se em algum lugar do espaço da escola. Em seguida, sons de trompetes, trombones, caixas e clarinetes surgiam no ambiente.

Fui até a sala de onde observei que os instrumentos estavam sendo retirados e perguntei se lá era a sala da banda. Uma mocinha respondeu: “É, não é? Um pouco...”.

Saí e fui à procura do Dennis. Voltei para a sala da banda e vi que os estudantes estavam varrendo o local.

Todos praticavam seus instrumentos ao mesmo tempo, uns ouvindo os instrumentos dos outros, ao ar livre ou em uma área coberta próximo aos blocos de salas de aula.

Dennis reuniu os estudantes e avisou que naquele dia eles deveriam praticar individualmente.

Nesta visita, pude observar alguns momentos das atividades do Dennis junto aos instrumentistas de sopro que estavam estudando seus instrumentos. Tentei deixá-lo à vontade. Mesmo o conhecendo há alguns anos, percebi sua inibição com a minha presença. Dennis me

olhava disfarçadamente enquanto, sentado em um pequeno elevado de madeira construído em uma área coberta próximo a um dos blocos de sala, orientava um jovem estudante de trompete.

Fotografia 15: Professor Dennis orientando um estudante de trompete da “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Mais à sua frente, sentada próximo a uma sala de aula do bloco seguinte e à vista do Dennis, uma mocinha ouvia as suas orientações. Enquanto mostrava ao jovem como deveria fazer para executar seu instrumento, ele, competindo com as demais sonoridades que ecoavam naquele ambiente (sons de clarinete, trombone, eufônio e percussão), também a orientava tentando, de lá mesmo, fazê-la ouvir a sua voz. Ela insistia no estudo de um determinado trecho musical. Dennis estava a alguns metros de distância dela. Em seguida, ele caminhou até a estudante e demonstrou o que ele havia orientado, naquele momento, de longe.

No mesmo elevado de madeira, três adolescentes – duas meninas e um menino – praticavam clarinete. Mais adiante, sob um telhado próximo a um bonito jardim, dois jovens e um adolescente praticavam seus instrumentos – trombone e trompete – apoiando suas pastas com partituras em cadeiras escolares. Todos os estudantes de instrumentos de sopro estavam praticando com auxílio de uma partitura intitulada “Pout Pourri”. Era um ambiente de cooperação. Um ajudando o outro a aprender.

Fotografia 16: Estudo em grupo de alguns integrantes da “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Dennis chamou os estudantes de instrumentos de sopro que estavam no local e os reuniu no pequeno elevado de madeira. Todos sentaram à beira do elevado, apoiaram suas partituras em algumas estantes ou carteiras escolares e lá iniciaram o ensaio em conjunto da música que antes estavam praticando sozinhos, ao mesmo tempo em que o ensaio do grupo de percussão continuava embaixo da árvore. Quanta concentração para manter a pulsação, pois a percussão não estava ensaiando a mesma música! Eram repertório e andamentos diferentes.

Fotografia 17: Grupo de integrantes da “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Continuei a observar o ambiente e registrei algumas imagens do local e dos estudantes. Encontrei um ex-aluno da época em que eu ministrava aulas de “musicalização” em uma Escola de Música da cidade. Nem acreditei que ele havia crescido tanto! O reconheci e lembrei

de seu nome. Jonny foi logo me dizendo que havia aprendido a tocar tudo: sax, trombone, clarinete etc. Disse que por necessidade ele teve que aprender vários instrumentos. Falou-me do seu trabalho com uma fanfarra de uma comunidade próxima a Santarém. A Fanfarra chama-se “Afro-Amazônida”. Jonny agora tem 28 anos de idade. O conheci quando ainda era criança.

Mais participantes da banda chegaram à escola. Dennis me apresentou o Reinaldo, regente do naipe de percussão daquela banda Marcial. E ali mesmo, embaixo de uma árvore, Reinaldo iniciou o ensaio. Eram doze percussionistas divididos entre pratos, caixas, surdos e bombos. Eles permaneceram de pé e em forma de meia lua durante todo o ensaio. A maioria, mulheres. Reinaldo, em poucas palavras e com sua voz mansa, instruía demonstrando a sequência rítmica desejada usando uma das caixas de um dos participantes. Reinaldo usou um único instrumento para demonstrar a sequência rítmica que os bombos, os surdos e as caixas deveriam executar.

Fotografia 18: Ensaio do naipe de percussão da “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Naquele dia, Dennis anunciou que estaria ausente das atividades da banda durante quinze dias. Ele indicou um rapaz e uma moça para serem os responsáveis em auxiliar nos estudos dos colegas durante a sua ausência. Solicitou aos participantes que viessem para a escola e estudassem para que em agosto soubessem tocar as músicas.

Santarém, 11 de julho de 2015.

Visita à Escola Municipal de Ensino Fundamental “Dom Anselmo Pietrulla”

Por volta das 18h00min, cheguei a Escola Dom Anselmo.

Vi uma jovem pedir que todos pegassem seus instrumentos. Alguém solicitou uma caixa de som.

Sentei-me e fiquei aguardando o início do ensaio.

Douglas chegou, cumprimentou alguns integrantes da fanfarra que ainda estavam por lá, foi até mim e estendeu a mão. Levantei e o acompanhei até outro banco onde me acomodei para assistir ao ensaio. Douglas sentou ao meu lado e rapidamente perguntei, apontando para uma sala de onde eu via sair os instrumentos, se aquela seria a sala da banda. Ele disse que lá os instrumentos são guardados e ressaltou que “cada um cuida do seu instrumento como se fosse seu próprio filho”. Ele foi até aquela sala e conversou por alguns minutos com os integrantes da fanfarra. Observei de longe, pois senti que ele gostaria de falar em particular.

O ensaio iniciou. Silêncio. As bandeirinhas da festa junina ainda decoravam o espaço utilizado para o ensaio. De onde eu estava, conseguia ver o outro lado da rua. O muro que contornava a escola era baixo para quem estava na parte externa da escola. Havia casas bonitas e protegidas com sistema de alarmes e cercas elétricas. Na lateral da escola, uma rua sem asfalto. O chão de cimento refletia o calor daquele fim de tarde.

Conferi 17 integrantes naquele dia. A maioria, homens. Havia três pessoas comandando o ensaio. Uma jovem fazia alguns sinais indicando auxílio para a coreografia. Douglas realizava uma espécie de acompanhamento usando um tambor apoiado em uma cadeira enquanto a fanfarra desenvolvia a sequência de ritmos unidos a uma coreografia. Outro rapaz sinalizava, auxiliando a postura e a marcha. Todos estavam vestidos à vontade. Algumas jovens usavam roupas características de ginástica. Os rapazes vestiam bermuda e camiseta.

Fotografia 19: Ensaio da Fanfarra da Escola “Dom Anselmo Pietrulla”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

A fanfarra ensaiava sem parar. Muito suor escorria pelo rosto dos integrantes. Era uma coreografia vigorosa. Os instrumentos pareciam ser pesados. Eles repetiram a performance mais uma vez do início ao fim sem interrupções. Ao término, a coreografia foi alterada. E mais uma vez todos ensaiaram do início ao fim.

Duas jovens revezam um par de pratos. Elas usam luvas protetoras. A maioria dos percussionistas ensaiava descalça. O chão de cimento parecia não ser confortável.

Fotografia 20: Ensaio da Fanfarra “Dom Anselmo Pietrulla”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

O pequeno intervalo de tempo permitiu que os integrantes tomassem água no bebedouro disponível na escola.

O ensaio continuou com a sequência de ritmos dançantes e acelerados unidos a uma coreografia sensual e vigorosa. Ao final do ensaio, Douglas me apresentou oficialmente aos integrantes da banda e pediu que eu explicasse a eles o que eu estava fazendo lá. Após um breve comentário sobre minha pesquisa, todos foram liberados pelo regente.

Nesse dia, conversei com o regente e seus auxiliares na “Fanfarra Simples” da Escola “Dom Anselmo”. Conversei com o coordenador, com a coreógrafa, com o responsável pela marcha e garbo e com outros integrantes que desenvolviam atividades de ensino junto àquela fanfarra.

Quando os diálogos terminaram, despedi-me do Douglas e ele foi embora. Sentei-me em um banco de madeira e iniciei uma conversa com um senhor, o vigia da escola. Perguntei há quanto tempo ele trabalhava naquele local. Disse que estava lá há dez anos, mas antes trabalhara na Escola “Princesa Isabel”. Dentre as histórias por ele contadas, lembro da ênfase dada à banda que existia naquela escola. Segundo ele, era muito bonita. Falou-me que lá “tem todo tipo de instrumento”, fazendo o gesto que corresponde a tocar trompete e sax. “Eles tocam músicas legais”, completou o senhor com a voz empolgada. “Eu estou velho. Não gosto de zoeira”. “Eles tocavam ‘Brasileirinho’”, recorda o senhor em tom de comparação. Porém, logo ele lembra do prêmio conquistado pela fanfarra da Escola “Dom Anselmo”, no ano passado. Orgulhoso, ele diz, levantando o dedo indicador: “Eles ficaram em primeiro lugar!”. E completa: “O troféu está lá na sala da diretora!”. O senhor ressalta que a fanfarra “melhorou muito o nome da escola, porém tem muita gente que reclama”. Ele disse que os vizinhos de trás da escola são os que mais reclamam e que em um determinado dia, houve briga na escola. Ele revelou o seu medo, pois, segundo ele, há ex-presidiários, moradores nos arredores da escola. O senhor segue o seu discurso e me conta sobre um rapaz que antes de participar da banda, era “muito esquentado” e que antigamente ele ameaçava agredir seus colegas. Aliviado, o vigia diz que atualmente aquele rapaz está mais calmo.

Santarém, 5 de setembro de 2015.

Planejei iniciar a minha segunda visita à Santarém no dia primeiro de setembro; assim poderia acompanhar os desfiles das escolas durante a Semana da Pátria e os ensaios que antecediam o dia do festival de bandas, mas não deu certo. Problemas no voo. Viajei na madrugada do dia 5.

Visita à Escola “Pedro Álvares Cabral”

Ao acordar, enviei uma mensagem via celular para o Dennis perguntando se a sua Banda iria acompanhar alguma escola naquela semana. Ele disse que neste dia seria o desfile oficial das escolas estaduais na Avenida Tapajós e que naquele momento os alunos estavam na escola limpando os instrumentos.

Fui até à escola. Ao chegar encontrei um pequeno grupo de alunos limpando, lavando e ajustando seus instrumentos. Duas moças que tocam pratos estavam abaixadas lavando e polindo o objeto usando creme dental, limão, detergente e esponja de aço. Elas reclamavam de dores nas mãos. “Minha mão já tá vermelha!”. Os pratos estavam realmente sujos. Em cima da grama uma fileira de pratos secava ao sol. Eles brilhavam. Pedi permissão para fotografá-las. Durante o tempo que passei lá, a limpeza continuou. Dei uma volta pelo espaço e na “sala da banda” estava um grupo de garotos também fazendo a higienização dos seus instrumentos.

Um garoto enrolava fita isolante preta em uma baqueta de percutir caixa, enquanto dois meninos aparentando ter entre 13 e 15 anos o observavam. Perguntei para que servia aquela fita. Ele respondeu que era para o objeto não escorregar da mão. Outro rapaz passava um pano na caixa. Eles me disseram que aquela era a “faxina anual”. Todos os anos, na época do desfile e festival, todos devem limpar seus instrumentos. Quem não pôde comparecer para aquela prática, solicitou ajuda de outro que fez o serviço. Perto das moças que lavavam os pratos, um garoto se queixava de dores na coluna e pernas. Ele estava falando sobre o último ensaio. O ensaio do dia 4 havia sido “pesado”. Foi o ensaio geral para o desfile. Aquele ensaio aconteceu com todos os alunos da escola. Era para o desfile cívico na orla da cidade.

Fotografia 21: Limpeza de instrumento na Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Chamou minha atenção o esforço das meninas ao lavar e polir seus instrumentos. Além de ensaiarem durante horas, ainda passavam horas lavando e polindo. Perguntei se estavam ansiosas para o desfile. Responderam que não, pois naquele dia era “só” o desfile. Uma delas disse que para o Festival sim, estavam “nervosas”. Para o Festival dá um “tremelique”. Uma jovem, que pressionava a esponja de aço no instrumento, fazendo movimentos com muita força, disse com certo repúdio: “Ai professora, a senhora vai tirar foto de mim fazendo isso?” Outra jovem lembra: “Ê, menina, isso faz parte!”.

Um jovem trompetista iniciou uma conversa comigo sobre suas intensas atividades em banda, em municípios vizinhos. Ele disse que, ano passado, havia tocado em outra cidade. Relatou que aprendeu a tocar trompete “por curiosidade”, “olhando os outros dedilharem” o instrumento e que era “pau para toda obra” na banda. O jovem disse que este ano ele não tocará em Itaituba, porém, todos os anos ele é contratado para tocar lá.

Em uma pequena área coberta, próximo a um dos blocos de salas, em um elevado construído em madeira, um grupo de rapazes e garotos tentava esticar um pedaço de borracha para cobrir a pele do bombo. Eles ficaram alguns minutos fazendo aquilo sem obter resultado. Perguntei a um deles qual era a função daquele material acrescentado ao instrumento. Era para abafar o som produzido pelo bombo. Uma maneira de melhorar a sonoridade.

Fotografia 22: Ajustes em instrumentos de percussão na Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Sentado em um banco perto da entrada da escola, um menino passava uma flanela em seu clarinete. Perguntei se ele havia lavado o instrumento. Ele disse que não, pois não sabia desmontar, mas gostaria de aprender.

Ouvi a música “Dança do Tipiti” vindo de uma das salas da escola. Estava sendo executada por instrumentos de sopro e percussão.

O ambiente era de descontração. Piadas, palavras de baixo calão, reclamações, expectativas estavam presentes nas conversas que ouvia entre os integrantes. Despedi-me e segui para a Escola “Frei Ambrósio”.

Visita à Escola “Frei Ambrósio”

Era quase meio dia quando cheguei à escola. Antes, enviei uma mensagem ao Anderson perguntando como estava a programação da banda para aquele dia. Não obtive resposta. Então, cheguei de surpresa. Logo na entrada havia uma faixa exposta na grade sobre o muro convidando a torcida a fazer-se presente no dia 9, um dos dias do Festival.

Fotografia 23: Faixa exposta na frente da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

A escola estava movimentada. Havia muitos integrantes da fanfarra por lá. Na área coberta, estavam dois grupos limpando seus instrumentos. Em volta de uma das mesas, estavam rapazes e moças polindo pratos. Eles usavam um produto polidor de metais e um pedaço de tecido. Alguém disse: “Parece novo!”. Perguntei se em todos os anos faziam aquela limpeza. Uma das meninas disse que aquela ação ocorria somente naquela época e que tudo deveria estar “brilhando” para as apresentações. Em outro ponto do local, um rapaz ajustava e limpava sua caixa clara.

Fotografia 24: Limpeza de instrumentos de percussão na Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fui até a sala onde estavam outros integrantes da fanfarra. Nela, encontrei alguns jovens que cortavam enquanto outros colavam papel laminado dourado em volta dos bombos, caixas, surdos e atabaques. Os instrumentos estavam sendo transformados, “repaginados”.

Fotografia 25: Jovens integrantes da Fanfarra “Frei Ambrósio Tito Viana” preparando instrumentos. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

No chão da sala, os troféus mais recentes conquistados. Na mesa, um grande estandarte, que segundo o coordenador havia sido confeccionado pelos próprios alunos. Era amarelo, dourado e azul brilhante. No centro do estandarte, um escudo com o nome da fanfarra e da escola. Nesse dia, soube que o nome da fanfarra era “Fanfarra Frei Ambrósio Tito Viana”.

Fotografia 26: Troféus recentes conquistados pela Fanfarra “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 27: Estandarte da Fanfarra “Frei Ambrósio Tito Viana”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Vi alguns chapéus que me lembraram o tema para o Festival anunciado por Anderson. Um dos integrantes da fanfarra ouvia música evangélica em seu celular. De súbito, um jovem pronunciou uma palavra de baixo calão. Ele foi repreendido pelo coordenador. O pedido “Respeita a professora!” veio de outro jovem.

Vi uma moça entregar dinheiro ao coordenador da fanfarra, justificando o troco. No quadro, havia informações sobre os uniformes que deveriam ser usados por quem iria levar o estandarte da fanfarra, o estandarte da escola, porta bandeiras, guarda de honra e pessoas da comissão de frente que levariam o troféu. Muitas cornetas estavam expostas nas mesas. Eram instrumentos danificados e com reparos improvisados. Havia pratos polidos em cima de cadeiras no entorno da sala.

Anderson chegou apressado e agitado. Nem percebeu a minha presença. Fiquei surpresa quando o vi. Estava mais magro e mais moreno. Ele aproximou-se do coordenador dizendo que estava precisando de dinheiro para comprar um material para a banda. O cumprimentei tecendo comentários a respeito dos preparativos que ali presenciei. Pedi que posasse para uma foto ao lado do Celso, coordenador daquela fanfarra, que estava sentado atrás de uma pequena mesa cheia de papéis e outros materiais.

Retirei-me da sala. Na saída, havia três garrafas térmicas com água em cima de um baú de madeira onde estava escrito: “baú do mágico”. Senti que havia saído de um baú de mágico mesmo. Aquela sala era um baú. De lá saíam surpresas preparadas pelos componentes da banda. Nunca imaginei encontrar naquela sala, que em julho era apenas um ambiente quase vazio, onde fiz a primeira entrevista com o Anderson, tanta gente trabalhando, tantas surpresas. Aqueles garrafas térmicas com água, em cima do baú, levaram-me a refletir sobre o que motivava preparar tantas surpresas. A água era uma necessidade para quem

enfrentava o calor daquele dia. Quais eram as necessidades do mágico ou dos mágicos donos daquele baú?

Fotografia 28: Material de cenário usado na apresentação da Fanfarra “Frei Ambrósio”, no ano 2014, cujo tema foi “Circo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Continuei a observar os meninos, rapazes e moças que limpavam seus instrumentos. Vi componentes limpando o instrumento de outro participante. Uma menina reclamou do produto usado para polir. Ela disse que suas mãos “ardiam”. Enquanto reclamava, pressionava o pano fazendo movimentos rápidos, em seguida experimentava seu reflexo no objeto.

Saí da escola pensativa, motivada por tudo que presenciei. Era uma mistura de impressões. Cooperativismo e consciência social *versus* poder e vaidade. Que benefícios ao ser humano aquele momento traria? O empenho era visível. Eu conseguia colocar-me no lugar daqueles jovens e adolescentes. Conseguia sentir a empolgação e a ansiedade, mas não conseguia aceitar as condições oferecidas em troca. Parecia que eu estava em outro lugar.

Ao sair, um pedido: “Tia, traz um lanche para mim?!”. Era quase uma hora da tarde. A mocinha que continuava a polir seus pratos, explicou: “Não posso sair daqui agora”. Dei um sorriso constrangido e um “Até mais tarde! Boa sorte!”. Ela perguntou: “A senhora vai assistir a gente?”. Respondi que sim. “Tire muita foto!”. Despedi-me imaginando como seria a apresentação da fanfarra mais tarde.

Fotografia 29: Componente limpando instrumento. Escola “Frei Ambrósio” Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora

Visita a Escola “Dom Anselmo”

Segui para a Escola “Dom Anselmo Pietrulla”. Eles já haviam participado do desfile na Semana da Pátria. Infelizmente não consegui acompanhá-los nessa preparação, porém a participação deles para o Festival seria dia 8 de setembro de 2015. Não consegui contato com o Douglas, regente da fanfarra. Antes, fui até o local onde ele trabalhava em julho, quando fiz a primeira visita a Santarém. Douglas não estava mais trabalhando lá. A moça da loja informou-me que ele havia saído em agosto.

Mais uma visita à Escola Estadual “Pedro Álvares Cabral”

Por volta de 18h00min, cheguei a Escola “Cabral” novamente. Alguns integrantes já estavam lá. O Dennis havia marcado um horário para ensaiar antes de ir para a orla da cidade onde aconteceria o desfile da escola. Havia alguns integrantes da banda conversando em um *hall* de entrada da escola. Todos estavam com a roupa da apresentação. Ao me verem, imediatamente solicitaram uma foto. Eu pensei: “Pela manhã ninguém queria tirar foto...”.

Estavam sorridentes e descontraídos. Alguns com a roupa completa: calça, gravata e paletó preto de *oxford*, camisa e meia branca e sapato social preto. Outros vestiam somente a calça e a camisa. Eles seguravam um *cap* preto com detalhes na cor prata. Apesar de o relógio marcar 18h00min em Santarém, o sol ainda não havia de posto e o calor era constante. Um dos jovens disse a um garoto adolescente: “Tu és doido, és? Está muito calor! Tu já estás todo

arrumado?!”. A conversa descontraída continuou. Um dos jovens disse: “Estou me sentindo um pastor com essa roupa!” Outro garoto lembrou-se de determinada roupa que era “bacana”, enquanto outros zombavam de um rapaz que estava colando o seu sapato usando cola *super bonder*. Ele disse que usa o seu sapato preto “chic” duas vezes ao ano. No desfile e no Festival.

Fotografia 30: Integrantes da Banda Marcial da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Reinaldo, regente do naipe de percussão desta banda, chegou apressado, pegou alguns instrumentos de percussão na “sala da banda” e os levou para o pequeno palco construído em madeira na área coberta em frente a um bloco e salas de aula. Colocou uma espécie de tela sintética por cima da pele das caixas. Segundo ele, isto faria a caixa soar melhor, além de ser um recurso acessível economicamente. Um menino o observava atento. Depois o ajudou na tarefa. Logo em seguida, outros rapazes começaram a colaborar com a atividade. Reinaldo disse que já deveria ter feito isso antes, mas que por desleixo não havia feito. Os ajustes nos instrumentos continuaram ao longo do tempo que antecedia o desfile cívico da escola.

Fotografia 31: Ajustes nos instrumentos. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Uma professora da escola chegou trazendo faixas que seriam expostas durante o desfile. Ela mostra-se insatisfeita ao perceber que estava faltando o sinal “#” antes da frase “Chega de descaso!”, escrita em palavras emendadas na faixa trazida por ela. Ali mesmo ela providenciou um tecido e um spray e com a ajuda dos integrantes da banda, fez outra faixa. Ela pediu a um garoto sem a roupa da apresentação que procurasse pedaços de madeira ou coisas pesadas para colocar em cima do tecido para não voar durante a pintura. É deste garoto que ela solicita ajuda. Durante a confecção da faixa, a professora revelou aos músicos que em uma determinada programação festiva da escola, seria realizada uma rifa. Tudo que fosse arrecadado com esta rifa seria para a compra da “bateria da orquestra”. Todos se mostraram satisfeitos com a notícia e logo citaram o nome de quem iria utilizá-la.

Fotografia 32: Produção de faixa para o desfile da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fui até à frente da escola observar o movimento. Vi uma mocinha aflita no portão de entrada. Ela estava à espera de uma amiga que traria a maquiagem. A mocinha disse: “Ela não é nem louca de não vir! Vou buscá-la na casa dela! Já pensou eu ir sem maquiagem?”. Alguns garotos conversavam descontraídos. Eles perceberam que a gravata de um menino estava colocada de maneira incorreta. “Tu és doido, és? Isso aqui é por baixo!” A gravata estava embaixo da gola do paletó. Então eles o arrumaram.

Fotografia 33: Integrantes da Banda Marcial da Escola “Pedro Álvares Cabral” antes do desfile. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Dois garotos chegaram trazidos por uma mulher em um carro grande. Eles entraram na escola e o carro partiu. Um dos garotos retornou correndo para fora da escola e sinalizou para que o carro voltasse. O carro estava na outra esquina quando fez o retorno. O garoto havia esquecido a palheta do seu clarinete.

Alguns garotos lanchavam enquanto conversavam e esperavam a hora do ensaio. Já eram quase 19h00min. Uma moça chegou e entregou os *caps* para os integrantes da banda. Ela estava bastante agitada. Percebeu que havia esquecido seu telefone celular. Voltou à sua casa para buscar. Fiquei observando o movimento que antecedia o desfile. O ônibus que os levaria para a orla da cidade estava marcado para as 19h00min.

O clima de descontração diminuiu. As emoções causadas pela aproximação do momento do desfile se revelavam nos comportamentos dos integrantes da banda.

DESFILÉ

Assistindo do palanque ao desfile da Semana da Pátria

Cheguei à Avenida Tapajós por volta de 18h50min. Ali aconteceria o desfile das escolas estaduais na programação da Semana da Pátria. Consegui permissão para assistir do palanque montado na metade do percurso a ser realizado pelas escolas. Caminhei alguns metros pela larga Avenida Tapajós. As arquibancadas montadas à margem da avenida faziam o público dar as costas para o Rio Tapajós. Não demorou para ficarem tomadas por pessoas de todas as idades. Andei mais alguns metros da “Praça do Pescador” até o palanque. O comércio de lanches, comidas típicas, bebidas, balões, algodão doce, pipoca e outros era visível no evento. Meu coração acelerou ao andar naquele lugar. Muitas recordações de uma época em que os desfiles aconteciam na Avenida Barão de Santarém. Eu desfilava com a minha escola, ficava mais um pouquinho para assistir às outras instituições e corria para casa a fim de assistir ao vivo ao desfile que era transmitido pela TV Tapajós.

No palanque, conversei com a Secretária de Educação do Município, a senhora Irene Echer. Falei de minha pesquisa e ela se dispôs caso eu precisasse de informações. Estavam no palanque: o Prefeito, sua esposa, a Vice-prefeita e outros políticos. Fiquei em um cantinho e com a ajuda de um amigo, colhi imagens naquela noite.

As arquibancadas ficaram completamente tomadas pelo público, assim como o outro lado da avenida. Pessoas de todas as idades. Algumas com suas cadeiras e outras em pé. A busca por um local com melhor visibilidade do evento fez com que o público também

ocupasse os espaços que havia embaixo das arquibancadas de ferro. Era um aglomerado de pessoas. Não adiantou muito a ação do corpo de bombeiros. As pessoas, insistentemente, permaneciam embaixo das arquibancadas.

Fotografia 34: Parte do público sob a arquibancada. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

O desfile iniciou às 19h15min. Apesar da greve das escolas estaduais, a maioria delas compareceu naquela noite. O tema para o desfile, segundo orientações da Secretaria de Educação, era “Santarém diz não ao preconceito!”. Não percebi o desenvolvimento do tema por nenhuma das escolas. O que vi foram manifestações, protestos, reivindicações ao governo e expressões de amor à Pátria em meio a apresentações artísticas de projetos desenvolvidos pelas escolas.

A primeira escola a desfilar foi o Instituto “Maestro Wilson Fonseca”, escola de ensino de música e artes do Município de Santarém. Ao som de sua Orquestra Jovem “Wilson Fonseca”, a escola apresentou seus cursos e polos de extensão. Em seguida, um grupo de crianças, jovens e adolescentes, patrocinados pela maçonaria, aproveitou o som da Orquestra Jovem e seguiu marchando.

No palanque, uma senhora, emocionada, acompanhou com seu canto o “Hino do Estudante” apresentado pelos componentes da fanfarrinha e demais alunos da escola Estadual de

Ensino Fundamental e Médio “Professor Aluizio Martins”. Percebi que o regente daquela fanfarra era um dos trompetistas integrantes da banda da Escola “Pedro Álvares Cabral”.

Vi à frente da Escola Estadual “Onésima Pereira de Barros” a coreógrafa da Escola “Dom Anselmo”. Ela conduzia o grupo de balizas à frente da fanfarra regida pelo Douglas (regente da fanfarra da Escola Municipal “Dom Anselmo Pietrulla”). Ele estava acompanhado de mais dois rapazes. Um do lado direito e outro do lado esquerdo. À sua frente, uma garotinha vestida com uma roupa de bailarina nas cores azul e amarelo. O narrador do desfile chamou a atenção do público para a presença da menina e teceu um breve elogio. A menina, que parecia ter 5 anos de idade, marchava com vigor, tentando acompanhar o andamento acelerado da fanfarra.

Em seguida, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Frei Othmar”, movida ao som de sua Banda Marcial, trazia faixas em alusão à violência. A banda possuía dois regentes: um conduzia os músicos que executavam instrumentos de sopro e o outro conduzia os percussionistas. O regente dos instrumentos de sopro estava sempre à frente da banda enquanto o regente da percussão posicionou-se em uma das laterais do grupo e de lá fazia sinais direcionados ao naipe de percussão. A banda fez uma apresentação em frente ao palanque conduzida pelos dois regentes à frente dela. A banda apresentou-se utilizando três saxofones, dois clarinetes, três trompetes, três trombones, um sax horn, quatro pratos, seis caixas, três surdos, cinco bombos e um quadriton. Uma faixa anunciava a presença do programa “Mais Educação” na escola.

Um grande pelotão anunciava a chegada da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “José de Alencar”. Eram quase quinze bandeiras, dentre elas, cinco bandeiras do Brasil e cinco bandeiras do Pará. À frente da fanfarra, três rapazes pareciam fazer parte da condução do grupo. Eles acompanhavam a fanfarra andando. Em um dado momento, um deles deu uma volta ao redor da fanfarra, observou a percussão e em seguida retornou para frente. O outro regente segurava uma batuta e a utilizava em alguns momentos para sinalizar a movimentação da fanfarra na avenida, bem como fazia sinais indicativos de mudança de sequência rítmica. À frente dos três rapazes, duas meninas pequenas, uma delas vestia roupa igual à da fanfarra e a outra trajava vestido azul marinho. Eram nove pratos, quatro caixas, seis surdos, três bombos e um quadriton. A escola recebeu o benefício do programa “Mais Educação”, assim estava escrito em uma das faixas levadas por alunos da escola.

Após a apresentação da Escola “José de Alencar”, assisti ao desfile da Escola Municipal “Ubaldo Correa”. Esta escola possui uma banda marcial com mais ou menos quarenta componentes, entre instrumentos de sopro e percussão. Todos estavam trajando

paletó e calça preta. A execução “desafinada” e empolgante do rock internacional, feita pela banda marcial da Escola “Ubaldo Correa” motivou os aplausos da plateia que naquele momento se aglomerava por todos os lados da orla.

De longe, ouvi a grande banda marcial da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Almirante Soares Dutra”. As cores azul marinho e branco tomaram conta da avenida. Um grande pelotão de meninas vestia roupa de marinheira. As coloridas balizas dançaram a sequência de rock executada pela banda. À frente delas, o seu coreógrafo. A banda foi regida por um jovem. Ele trajava paletó e gravata, e usava batuta. Passou a maior parte do tempo de costas para o grupo. Seus sinais eram mínimos. Ao seu lado direito e esquerdo, dois rapazes trajando também paletó e gravata o acompanhavam no desfile. No meio daquele grande “tapete branco”, tecido pelos componentes trajando *cap* e paletó branco, havia um pequeno clarinetista, ele marchava tocando o seu instrumento cuja campana chegava à altura do joelho. A massa sonora produzida pela Banda Marcial da Escola “Almirante” empolgou o público que aplaudiu intensamente. Eram muitos instrumentos de sopro, cerca de quarenta. Ao final, faixas com registros de manifestos e um grande pelotão vestido de preto, usando nariz de palhaço, protestou a favor da valorização do professor. O *release* da escola anunciado durante seu desfile apresentou projetos e programas de ensino presentes na instituição. Um deles foi o programa “Mais Educação”.

A Escola Particular “Batista Sóstenes Pereira de Barros”, oitava escola a apresentar-se, marchou ao som da Orquestra Jovem “Wilson Fonseca”.

A nona escola a desfilar na Avenida Tapajós, naquela noite, foi a Escola Diocesana “São Francisco” com sua banda marcial. As balizas, vestidas em estilo americano, coreografaram o repertório trazido pela banda. Uma das músicas não era estranha para mim. O mesmo rock executado pelas bandas marciais escolares anteriores a esta, novamente era apresentado em meio a outros rocks internacionais e nacionais. Os dois regentes, com suas batutas, conduziam a banda. Eles sinalizavam para o naipe de sopros e percussão, ora à frente, ora adentrando a banda. O rock ganhou outro ritmo nos arranjos musicais executados por aquele grupo. A grande banda marcial, com quase cem integrantes, seguiu marchando com seus uniformes que lembravam as roupas dos militares da Aeronáutica. Eles tocaram uma sequência de quatro músicas, naquela noite.

Ao longe, ouvi a banda marcial da Escola Estadual “Terezinha de Jesus”. Durante o desfile, a escola mostrou o incentivo dado ao esporte. Após a apresentação dos alunos de *taekwondo* em frente ao palanque, um grupo de meninas, dentre elas duas adolescentes trajando vestido azul e preto, duas crianças vestidas com roupas iguais às do regente (casaca,

calça e sapatos na cor branca) e duas jovens de saia preta e camisa social branca compunham o pelotão de frente da escola. O estandarte da banda foi conduzido por duas estudantes. Os 55 integrantes somavam no arranjo musical, na produção de um fortíssimo som, ora uníssono, ora dividido entre os naipes de madeira e metais, acompanhados pelas batidas da percussão. A regência do condutor da banda, na tentativa de desenhar a dinâmica desejada, fez seus braços girarem a 360 graus ao indicar um *break*. Os músicos trajavam casaca, calça e sapatos na cor preta. A banda marchou ao som da percussão. Em seguida, o repertório continuou em estilo *flashback*. O desfile finalizou com os demais alunos portando faixas que indicavam a presença de três projetos de ensino naquela escola.

O desfile do Colégio “Dom Amando”, como todas as escolas que vi naquela noite, iniciou com alunos portando bandeiras. Dentre elas, a bandeira da Congregação da Santa Cruz. Em seguida, trazido por duas alunas, o escudo da banda marcial anunciava a sua chegada. As primeiras fileiras da grande banda eram compostas, de modo geral, por crianças tocando flauta doce, clarinete, flauta transversal e saxofone. A narradora do desfile anunciou que havia 174 componentes naquela banda. O xaxado, o baião e o forró, gêneros que compunham o repertório daquele grupo, foram coreografados por alunas vestidas com figurino de cangaceiras. Vi o professor Júlio Heleno Lages regendo aquela banda. Ele estava de jeans e camisa de manga curta. Os integrantes da banda trajavam uniformes característicos de banda marcial nas cores branca e azul. Vi adultos tocando percussão na banda; pareciam não ser alunos da escola. Havia um pelotão que representava o “pré-vestibular solidário”, ação que beneficia alunos de escolas públicas. O desfile encerrou com os pelotões dos demais alunos da escola.

Após o desfile do Colégio “Dom Amando”, a Escola Estadual “Álvaro Adolfo da Silveira” adentrou a avenida e em frente ao palanque, sua banda marcial ficou em silêncio. Em seguida, os demais alunos da escola atravessaram por entre a banda, que permaneceu parada em frente ao palanque. Vi componentes da Orquestra Jovem “Wilson Fonseca” compondo o naipe de sopros. A banda executou arranjos musicais mais elaborados em relação ao que havia apreciado até o momento. A execução musical era mais afinada. O regente estava aos moldes de alguns condutores de bandas americanas. Seu chapéu com tufos de penas que iam até o meio das costas “roubou a cena” naquele momento. No ombro esquerdo, uma capa. Um traje que contrastava com o dos integrantes da banda. Uma das músicas do repertório daquela banda era, para mim, o “vírus” que contagiou quase todas as bandas naquela noite. Os projetos e programas desenvolvidos na escola também foram expostos durante o desfile: xadrez, astronomia, monitoria, rádio escola, educação especial com linguagem de sinais e

outros. A escola homenageou professores *in memoriam* e em atividade. Um tema para o desfile foi anunciado: “Cidadania é um direito de todos”.

A escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Nossa Senhora Aparecida” foi a próxima escola a desfilar. A única faixa trazida por três alunos registrava 55 anos de existência da escola no município. Em seguida, um pequeno grupo de quatro meninas coreografou as sequências rítmicas executadas pela fanfarra daquela escola. À frente do grupo de percussão, duas jovens seguravam o estandarte com as iniciais do nome da fanfarra. “Banda NSA”. O uniforme dos componentes era calça preta e camiseta preta. Em meio aos percussionistas havia uma jovem com um uniforme de outra escola. A fanfarra tinha um regente. O desfile da escola prosseguiu com a participação dos demais alunos, incluindo o pelotão de educação física. Os alunos levavam troféus e bolas de basquete.

Chegou a hora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Pedro Álvares Cabral”. Em meio aos projetos desenvolvidos pela escola, os protestos também foram destaque e arrancaram aplausos do público. Os projetos divulgados naquela noite, por meio de faixas, cartazes e ações de alunos e professores como o projeto “Literatura Fantástica”, motivaram o aplauso do público. Houve distribuição de livros para quem estava no palanque. Faixas com escritos anunciando “dez anos de luta por climatização das salas de aula”, “conclusão da quadra de esportes” e “reforma da escola” foram exibidas ao público. A faixa que vi ser pintada naquele dia por uma professora com ajuda dos integrantes da banda, estava lá. “#Chegadedescaso” era o clamor de alunos, professores e funcionários protestando em frente ao palanque.

Fotografia 35: “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral” junto a alunos com faixas de protestos. Santarém (PA), 2015.



Foto: Acervo da autora.

O grupo de meninas vestidas com uma roupa preta justa ao corpo, feita com um tecido que de longe parecia couro, aproximou-se do palanque dançando a sequência de músicas em estilo *rock* à frente e ao som da banda “Pedro Álvares Cabral” conduzida pelo Dennis. À frente do regente, três crianças pequenas, trajando uniformes iguais aos da banda, o acompanhavam marchando com movimentos de braços e pernas ainda desordenados. Uma delas observava, com um sorriso, a coreografia das dançarinas. O público ficou contagiado ao reconhecer o refrão da música “Ana Júlia” (Los Hermanos) e cantou junto. A banda marchou até a frente do palanque, fez um recuo até uma das laterais da avenida, e ao som somente da percussão, os demais alunos da escola passaram marchando. Vi Reinaldo segurando a mão de um menino enquanto apreciava a apresentação da banda. Ele não participou ativamente daquela apresentação.

Fotografia 36: “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 37: “Banda Marcial” da Escola “Pedro Álvares Cabral” marchando rumo à finalização do desfile. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

A Escola “Frei Ambrósio” compareceu ao desfile representada somente pela “Fanfarra com Melodia”. Um rapaz vestido com paletó, calça e *cap* aproximou-se de outro rapaz que estava preparando um objeto no chão. De longe avistei o Celso, coordenador da fanfarra. Ele aproximou-se do palanque e jogou para o prefeito um pequeno estandarte representando a fanfarra, em seguida foi até o jovem que estava preparando o lançador de fumaça. Celso ergueu o objeto apontando-o para cima. Do objeto saiu uma fumaça azul.

Fotografia 38: Coordenador da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio” posicionado à frente da fanfarra segurando o lançador de fumaça. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Um estandarte com o escudo da escola foi levado por uma estudante. Outro grupo de estudantes portavam as bandeiras do Brasil, do Pará e de Santarém. No entorno deste grupo havia alunos vestidos com roupas militares. Seis troféus foram levados durante o desfile por um grupo de estudantes vestidos com a camisa de ensaio da fanfarra, calça e luvas brancas. O troféu maior foi levado em posição de destaque. À frente do grupo de alunos que levava os troféus, e logo atrás do grande estandarte dourado da fanfarra, havia uma moça alta, marchando com uma postura que se destacava em relação às demais. Atrás do grupo que levava os troféus, marchando em posição de destaque, a “rainha” e o “rei” da fanfarra.

Dois rapazes vestidos com paletó, calça, gravata e *cap* passeavam em frente à fanfarra. A fumaça colorida enfeitou o espaço onde a fanfarra se apresentou. O histórico anunciado durante o desfile destacava os nomes dos organizadores da fanfarra, a quantidade de vezes que esta fanfarra havia sido campeã no festival de bandas e fanfarras e os lugares onde havia se apresentado.

A fanfarra da Escola “Frei Ambrósio” marchou em andamento acelerado e em um sincronismo sem igual até aquele momento. Suas roupas, nas cores branca, azul e vermelha eram únicas. Em frente ao palanque e ao sinal do Anderson, a fanfarra posicionou-se em forma de “V” e realizou uma apresentação.

Fotografia 39: “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 40: “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio” em frente ao palanque. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 41: Corneteiros da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Durante a apresentação, um breve show pirotécnico foi realizado em frente à fanfarra com a ajuda da sua equipe de apoio. O caráter de show era visível. A iluminação direcionada ao grupo proporcionou um efeito especial. Os elementos de cena trazidos pela fanfarra uniram-se à música em um espetáculo de “encher os olhos”. O arranjo e a coreografia eram especialmente para aquele desfile cívico.

Anderson conduziu a música e a coreografada. Sinalizou mudanças de passos ao mesmo tempo em que conduzia a execução com gestos firmes enfatizando a pulsação, utilizando uma batuta. Anderson deslocou-se pelo asfalto andando firmemente, seguindo o pulso do ritmo de marcha executado pelo grupo. Em direção ao palanque, cumprimentou as “autoridades” presentes. Demonstrou simpatia com seu sorriso, levantando o polegar e piscando os olhos para quem ele dirigia o olhar. Bateu no peito em um gesto de agradecimento. Fez sinal de continência voltando o seu olhar para o Prefeito Municipal. Anderson pareceu dominar o que estava fazendo. Seu desempenho como regente era cheio estilo e pertencimento.

Os pratos nas mãos de seus executantes pareciam leves ao serem girados. O suor passeava pela face de muitos. As evoluções com os braços feitas pelos percussionistas que utilizavam baquetas eram uniformes.

Ao final da apresentação em frente ao palanque, Anderson deu um breve aceno de despedida para o Prefeito e conduziu a fanfarra pela Avenida Tapajós rumo à finalização do desfile.

Após o desfile, todos foram para a escola ensaiar para Festival.

Fotografia 42: Finalização do desfile da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Santarém, 06 de setembro de 2015.

Visita à Escola “Pedro Álvares Cabral”

Cheguei à Escola “Pedro Álvares Cabral” às 14h00min. O portão ainda estava fechado. Na esquina, um grupo de integrantes da Banda Marcial aguardava a chegada dos regentes para iniciar o ensaio. Eles conversavam sobre o desempenho da banda no desfile do dia anterior e focaram o assunto na atuação das dançarinas (balizas). Eram elogios e críticas à beleza das moças que dançaram a sequência de rock nacional executada pela banda. “Aquela tem cara de baliza”, dizia a jovem avaliando o tipo físico de uma das integrantes do grupo. O critério principal parecia “ser bonita”. As roupas usadas por elas também eram alvo de comparações, elogios e críticas. A discussão girava em torno da adequação da roupa ao perfil da dançarina. “Não gostei daquela roupa. Ficou muito feia nela!”. Uma das jovens exibia registros daquela noite feitos em seu celular. Um adolescente assistia a um vídeo daquela apresentação registrado em seu celular.

A conversa prosseguiu e os comentários avaliativos sobre a banda e as balizas eram alimentados a cada minuto por mais opiniões. A rua deserta me permitia escutar as conversas entre os pequenos grupos que se formavam com a chegada dos integrantes da banda. Pareciam à vontade com a minha presença. Não economizavam suas expressões ao falar. Um vendedor de picolé aparece naquele cenário. Os acompanhei no momento de alívio ao calor daquela tarde. Ouvi um comentário sobre uma das músicas tocadas pela banda no desfile do dia 5. A música “Ana Júlia” provocou arrepios na jovem pratinheira ao ouvi-la sendo cantada pelo público. Logo depois ela falou da dificuldade que teve em mover as mãos após a apresentação. Disse que sua mão “ficou paralisada” e prosseguiu dizendo que uma das meninas “passou

mal”. Ela afirmou que a menina não tinha preparo físico suficiente, pois “não ensaiava.” Alguns integrantes deitaram sob a sombra de uma árvore em frente à escola. Uma moça pediu cigarro. Um rapaz reclamou do horário. Já eram três horas da tarde. Ele disse que deixou de ir à praia para estar ali naquele momento. Outro disse não ter ido à igreja.

Sentado isoladamente, vi um menino que parecia ter uns 12 anos. Percebi que ele brincava em seu celular. Não conversou em nenhum momento. Também não quis tomar picolé, cujas embalagens foram depositadas no bueiro próximo dali. Vi um garoto há um quarteirão de distância caminhando em direção à escola com seu trombone nas mãos. Uma moça comentou: “Temos que fazer nosso passeio”. Tratava-se da confraternização da banda. Alguns sugeriram lugares como a praia do Maracanã. E logo surgiram as opiniões negativas sobre o lugar. Segundo eles, é um local poluído. Um igarapé foi mencionado.

Reinaldo chegou. Ele não tinha a chave do portão da escola. Todos esperaram. Dois garotos chegaram em uma bicicleta. Um deles abriu o portão da escola enquanto os que observavam se admiravam comentando sobre a posse da chave pelo garoto. Alguém disse: “Acho que o Dennis mandou ele abrir”.

Apressados, todos entraram na escola. Alguns pegaram seus instrumentos, mas decidiram deitar-se no elevador de madeira que existe no local. Em pouco tempo estavam todos distribuídos pelo espaço da escola. O naipe de trombones reuniu-se embaixo de uma das árvores próximo a um dos blocos de sala de aula.

Fotografia 43: Naipe de trombones. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Na sala da banda, um garoto, saxofonista, auxiliava uma integrante na leitura de uma partitura, enquanto um garoto, tocador de caixa, o observava. O garoto saxofonista tinha em seu celular um aplicativo que exibia a partitura juntamente com o som. Consegui observar isso antes que ele apressadamente o guardasse em seu bolso ao perceber que eu estava observando. Imediatamente ele pegou a partitura registrada no papel e continuou a instruí-la.

Ao longe, avistei uma moça que, sozinha, praticava sua caixa. Chamou-me a atenção o seu olhar para o horizonte, postura e seriedade. Parecia que ela estava no momento de uma apresentação. Voltei minha atenção para o garoto saxofonista novamente. Após mostrar a partitura com o áudio de uma música, ele mesmo tocou a música seguindo o registro no papel.

Fotografia 44: Garoto saxofonista executa música seguindo o registro na partitura. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Saí da sala e voltei o meu olhar para a área coberta mais próxima ao portão de entrada da escola. Lá estavam reunidos alguns integrantes da banda, a maioria percussionista, praticando seus instrumentos. Liguei a filmadora e logo mais, outros integrantes tocadores de percussão se aproximaram para integrar-se ao grupo. Um trompete tocava a melodia das músicas enquanto os outros integrantes o acompanhavam. Eles executaram uma sequência de músicas selecionadas para o Festival.

Fotografia 45: Alguns integrantes da banda executam uma sequência de músicas selecionadas para o Festival. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Mais à frente, em outra área coberta, vi um jovem sentado manipulando uma caixa amplificadora e um computador. Aproximei-me e perguntei sobre a sua função na banda. Ele disse que fazia parte da equipe de apoio. Fui informada por ele de que aquele recurso era utilizado para os ensaios de coreografia em períodos de aulas regulares, pois não era possível ensaiar com a banda enquanto os integrantes estivessem cumprindo os horários de aulas da escola.

Um grupo de pratinheiros se aproximou e começou a dançar a música “Ana Júlia” ao som da gravação do arranjo executado pela Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral”. Eles repetiram muitas vezes o passo da dança. Percebi a presença de um garotinho no local. Ele brincava com um carrinho de supermercado que estava por lá. Aproximei-me dele e perguntei o seu nome. Guilherme tinha cinco anos de idade. Ele é filho da moça que estava ensaiando naquele momento. Guilherme foi até sua mãe e a convidou para dançar. Ele não dispensou o passo em que um dos dançarinos é elevado para o alto, carregado pela cintura. Fez questão que sua mãe fizesse o mesmo com ele. Ouvi Guilherme chamar o jovem que estava manipulando o som, de “papai”.

Enquanto isso, o grupo que ensaiava na outra área coberta, descansava no palco de madeira. Após aquele momento, a convite de um dos percussionistas, algumas meninas e meninos que tocavam surdo e bombo foram para uma das salas de aula ensaiar a sua parte

coreográfica. Um dos rapazes liderou o ensaio. Ele propôs aos integrantes que fizessem os passos da dança sem os instrumentos. Em seguida, com os instrumentos de percussão em mãos, todos realizaram a sequência de passos acompanhados pelas suas vozes que cantavam a melodia do arranjo da banda. Entre uma repetição e outra, comentários avaliativos a respeito do modo como estavam realizando a coreografia.

Fotografia 46: Algumas meninas e meninos que tocam surdo e bombo ensaiam a sua parte coreográfica. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 47: Percussionistas ensaiam a coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Próximo à sala da banda, sob uma pequena cobertura de telha, três adolescentes praticavam em conjunto seus trompetes. Eles tinham o auxílio de uma partitura e uma estante. Para todas as direções a que eu voltava o meu olhar, havia um espaço sendo ocupado por estudantes praticando o seu instrumento individualmente ou em grupo.

Fui até a sala onde algumas meninas que tocam pratos estavam ensaiando. Uma moça liderava o ensaio realizado primeiro sem o instrumento em mãos e ao som dos bombos e surdos que ensaiavam em outra sala. Ela corrigia e exigia que realizassem determinado passo da coreografia com mais perfeição. Durante alguns minutos elas marcharam naquele espaço.

Fotografia 48: Pratilheiras ensaiam a coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fui à sala de informática atraída pelo som dos instrumentos de sopro. Era uma sala grande com ar refrigerado. A primeira cena que presenciei foi a de um adolescente auxiliando um menino em sua prática no instrumento. A partitura exibida em um *notebook* era o foco. Naquela sala, dividindo o espaço, também estavam o naipe de trombones, saxofones e trompetes. Em um dos cantos, o naipe de trombones, conduzido pelo Reinaldo, ensaiava o arranjo para o Festival. Nos outros naites havia pessoas que lideravam o ensaio.

Todos estavam ensaiando a mesma música; porém, cada grupo tocava, em diferentes momentos, diferentes trechos da partitura. Dennis entrou na sala e orientou os naites um a um, e em seguida assumiu a orientação do menino que praticava o clarinete. Ele sentou ao seu lado e solicitou que tocasse a música. Dennis avisou ao menino que deveria estudar mais para conseguir realizar aquela música. E em meio aquele “quebra-cabeças” sonoro, o menino repetia o trecho musical.

Fotografia 49: Ensaio de naipes. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Saí da sala de informática e fui até onde estavam os percussionistas. Vi o Guilherme chorando no colo de sua mãe. Fui até eles e perguntei o que havia acontecido. Ele havia caído enquanto brincava. A descrição da queda me deixou comovida. Dentro do carrinho do carrinho de supermercado, Guilherme deslizou em uma rampa, desequilibrou-se e caiu. O tombo deixou um hematoma em sua cabeça. Tentei distraí-lo e enquanto ele chorava. Sua mãe também o distraía lembrando sobre o seu aniversário que seria no outro dia. Perguntei a ele se teria bolo, vela e balão e esfregando os olhinhos, balançou a cabeça indicando um “sim”. Imediatamente, sua mãe disse que não teria nada, pois passaria o dia na escola ensaiando e não teria tempo para fazer a festa. Guilherme retrucou dizendo novamente que “sim”. Seu pai confirmou o “não” dado por sua mãe.

Houve um intervalo. Saí da escola e fui até a esquina onde havia uma lanchonete. Comprei um pote de sorvete e levei para o Guilherme. Enquanto ele tomava o sorvete, conversei com sua mãe. Deane é animadora de festas infantis, e junto com seu esposo, trabalha quase todos os finais de semana. Em seu celular, exibiu algumas fotos das mais recentes animações em festas. Seu esposo é o DJ, enquanto ela, fantasiada, comanda a animação nos eventos. Ela me contou sobre as preferências do Guilherme em relação à música. Disse que ele tem uma bateria em casa e que gosta muito de atividades musicais.

Guilherme transitava pelos instrumentos de percussão que tinham sido deixados por lá. Percebi quando ele reproduziu uma das sequências rítmicas que eu escutara durante os

ensaios da percussão. Era um trecho percussivo contido no arranjo da música “Ana Júlia”. Enquanto o observávamos, Deane dizia que ela o ensinara a fazer aquilo. De longe ele ouvia as orientações de sua mãe que pronunciava sílabas em uma sequência rítmica para Guilherme reproduzir. Ele tocou o bombo e em seguida a caixa. Disse-me que quando ele crescer quer estudar na Escola “Maria Amália” e depois na Escola “Pedro Álvares Cabral”.

Fotografia 50: Guilherme reproduz uma das sequências rítmicas executada durante os ensaios da percussão. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Um integrante da banda se aproximou de Guilherme e realizou uma sequência rítmica no mesmo instrumento disponível. De forma cumulativa, o jovem ensinou ao Guilherme uma sequência contendo três partes. Depois de tentar algumas vezes diante da presença do percussionista que o ensinava, Guilherme ainda não havia conseguido realizar o proposto por ele. O adolescente se afastou e ele ficou mais um pouco praticando o que haviam lhe mostrado. Enfim, sozinho, depois de insistir por um tempo, ele concluiu a sequência sem errar. Seu pai estava próximo dele sem desviar seu olhar daquele pequeno percussionista. Guilherme veio até mim e disse: “Ainda não dá para ser da banda”. Impressionada com aquela súbita afirmação, lhe pergunto: “Por quê?” e ele diz: “Ainda não sei tocar todos os instrumentos”. E aponta para os que ele diz saber tocar: uma caixa, um surdo e um bombo que estavam no chão próximos de onde estávamos. Ele completa a sua “pequena” lista de instrumentos lembrando que ainda falta aprender a tocar aqueles instrumentos cujo contorno e o movimento feito pelos seus dedinhos parecia um saxofone e um trompete.

Fotografia 51: Um integrante da banda ensina Guilherme a executar uma sequência rítmica. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Eram mais de 18h00min quando ouvi: “Bora lá, pessoal? Ensaiar na quadra? O sol baixou!”. Todos se deslocaram até a quadra e posicionaram-se na formação inicial. O regente Dennis teceu comentários descontraídos ao regente Reinaldo. Todos sorriram das brincadeiras. Dennis deu alguns avisos sobre o ensaio do dia seguinte, alertando sobre o tempo que terão disponível para ocupar o local. O ensaio aconteceria na orla da cidade, no mesmo local onde seria a competição.

Fotografia 52: Ensaio na quadra, sob o olhar de Dennis, o regente. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Ele usou um apito para chamar a atenção dos integrantes da banda ao mesmo tempo em que pedia “Banda, atenção!” ou “Banda, sentido!”. Em seguida, ao seu sinal, um jovem trompetista executou uma sequência melódica, alguns instrumentos de percussão entraram logo em seguida e todos começaram a marchar. Dennis apitou novamente fazendo sinais com os braços indicando a primeira formação coreográfica. Parecia uma introdução da coreografia. Ao som do apito e da percussão, o grupo gritou “Cabral!”, em seguida formaram um desenho que parecia a letra “P”. Dennis passeou por alguns segundos observando a banda bem de perto, em seguida a banda tocou e coreografou a sequência de músicas para o festival. Dennis encostou-se na cerca próxima à quadra e de lá assistiu ao ensaio. Em alguns momentos ele deslocava-se até próximo à banda e fazia alguns sinais de regência. A performance foi realizada três vezes. O ensaio terminou por volta de 19h00. Os integrantes foram novamente lembrados sobre o ensaio do dia seguinte. E depois de guardarem os instrumentos, alguns integrantes limparam o espaço.

Fotografia 53: Integrantes da banda limpam espaço da escola após uso para o ensaio. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Dennis ofereceu-me carona. Ele também se encarregou de levar alguns integrantes a suas casas. No caminho, Reinaldo comentou com o Dennis sobre o repertório que estavam tocando. Pediu a ele que nunca o convidasse para tocar rock internacional, pois o que ele gostava mesmo era de rock nacional. Os regentes avaliaram o grupo em relação a sua performance. A conversa expressava expectativas positivas para a competição.

Santarém, 07 de setembro de 2015.

Visita à Escola “Dom Anselmo”

No dia seguinte, fui à Escola “Dom Anselmo”. Encontrei Douglas e outros integrantes da fanfarra fazendo ajustes nos instrumentos.

Fotografia 54: O regente Douglas e outros integrantes da fanfarra fazendo ajustes nos instrumentos. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Naquele dia conversei com duas crianças integrantes da fanfarra. Os meninos cursavam o ensino fundamental em outras escolas. Um dos garotos estava participando pela primeira vez e o outro participou de fanfarra durante um ano em outra escola.

No decorrer da conversa, eles se lembraram do primeiro dia de aula que receberam do Douglas. Segundo um dos garotos, ter “paciência” foi o conselho dado a eles no momento em que receberam o ensino. Um dos meninos compara o ensino que lhe dão na fanfarra “Dom Anselmo” ao ensino que recebia em outra fanfarra. Diz que seu antigo instrutor ensinava muito rápido e quem não aprendesse não poderia ficar no grupo. Aquele que errasse na hora do ensaio ficava sem tocar. Segundo ele, o ensino era por meio de repetição, igual na sua fanfarra atual.

Os dois garotos convergiram em seus discursos quando perguntei sobre “como é o ensino na fanfarra ‘Dom Anselmo’”. Ao descreverem o modo como o Douglas lhes ensinava suas lembranças não falharam. Um completava o que o outro dizia. Falaram-me sobre a insistência do Douglas na hora de repassar os “toques” aos alunos. Segundo eles, era necessário aprender bem um “toque” para dar prosseguimento ao estudo. Eles disseram que o Douglas repetia muitas vezes para que o grupo aprendesse. Os meninos destacaram que: “Aprender a tocar dançando é mais fácil”. Eles também comentaram sobre o ensino individual mesmo estando em grupo e os ensaios com grupos menores, para aqueles que têm dificuldades.

Um dos garotos revelou o motivo que o fez sair da fanfarra anterior. Ele disse que o instrumento que ele usava machucava a sua barriga chegando a causar hematomas. Naquela fanfarra ele tocava caixa clara. Na fanfarra “Dom Anselmo” ele toca o mesmo instrumento, porém o objeto adapta-se ao seu corpo e não causa dor, pois é acoplado nos ombros. Diferente do outro que era preso na cintura. Alan diz que deverá acostumar-se a um novo instrumento maior que chegará no dia seguinte, dia do Festival.

Segundo os garotos, a prática do instrumento se dá somente durante o ensaio e os passos da coreografia são ensaiados também em casa com o auxílio de filmagem feita usando o aparelho celular dos alunos a pedido do Douglas. Os meninos dizem que, a princípio, consideravam a coreografia muito difícil ao ponto de sentirem-se incapazes de realizá-las, mas na medida em que a praticavam, tornava-se fácil.

Quando perguntei se gostavam de participar da fanfarra, um deles disse que a principal motivação que o levava a estar lá era a solidão que sentia ao ficar em casa. Seus pais trabalhavam o dia inteiro. Ele disse que o ambiente da escola antes, durante e depois do ensaio é favorável à integração entre ele e os colegas. Esta integração ia desde a coleta para fazer um lanche até a troca de experiências. Alegres, os meninos lembraram-se da algazarra que faziam durante o lanche.

Sobre o apoio que recebiam da família para participarem da fanfarra, um dos meninos revelou que sua mãe foi quem pediu que ele ingressasse no grupo. O outro, sorrindo, disse que sua mãe não falta a nenhuma apresentação da fanfarra, porém, a família do seu pai não aceitava que ele participasse desse tipo de atividade.

Os meninos disseram que a fanfarra “Dom Anselmo” tem uma concorrente considerada sua rival. Acusam aquela fanfarra de copiar arranjos e coreografia deles, bem como enviar pessoas para assistirem aos ensaios da fanfarra “Dom Anselmo”. Seus integrantes os ameaçam dizendo que irão humilhá-los na hora de sua apresentação e que tais informações foram ditas usando meios de comunicação virtual. Eles também revelaram que já foram assistir ao ensaio da fanfarra concorrente e disseram que conseguiram descobrir que a roupa deles é semelhante à roupa da fanfarra “Dom Anselmo”. Os meninos relataram que, ao chegarem ao local do ensaio daquela fanfarra, seus integrantes pararam de tocar e desligaram as lâmpadas. Os meninos compararam esse comportamento ao deles, pois quando há a presença de integrantes de outra fanfarra em seu local de ensaio, eles também param de tocar o arranjo, executam apenas o toque de marcha.

Os pequenos percussionistas comentaram sobre como fazem para driblar a portaria baixada pela Secretaria do Meio Ambiente. Eles revelam que no momento em que o carro da

fiscalização passa na rua, todos param de tocar e fingem ter finalizado o ensaio. Após isso, o ensaio é retomado.

A conversa seguiu e eles me contaram sobre o repertório que iriam tocar no Festival. Disseram que a coreografia é parecida com a do ano passado, porém há algumas músicas e coreografias novas as quais são consideradas por eles suas “únicas armas”, as “surpresas” para o dia da competição.

Os meninos avaliaram o desempenho de outras fanfarras e enfatizaram as derrotas sofridas por outros grupos os quais “nunca mais se levantaram”. Inclusive derrotas causadas pela fanfarra “Dom Anselmo” que, segundo eles, “está ficando famosa”, sendo exibida em redes de televisão e despertando a curiosidade dos concorrentes. Eles recordam sobre os prêmios recebidos em anos anteriores e sobre o preconceito sofrido antes de serem campeões. Em seguida falaram sobre as participações em desfiles cívicos, acompanhando com percussão de marcha outras escolas públicas. O repertório utilizado para o desfile não era o mesmo apresentado no festival. Eles disseram tocar a música do Michael Jackson e revelam a sua preferência em apresentar-se no desfile da orla da cidade, pois lá há “muita gente de um lado e de outro”.

Os meninos informaram que a fanfarra ensaia todos os dias durante mais ou menos duas horas, com dois intervalos. Afirmaram que às vezes o início do ensaio atrasa por causa da desobediência dos integrantes. E em tom de brincadeira, eles contaram sobre o comportamento da coreógrafa: quando ela se zanga por não a obedecerem, ela tira a sandália dos pés e joga em direção ao integrante. Detalharam que, após o ensaio, todos guardam os seus instrumentos e se reúnem para ouvir os avisos e orientações sobre os próximos ensaios, e, por fim, fazem uma oração.

Um deles, revelou que ao chegar em casa fica ansioso pelo outro dia, pois quer voltar para o ensaio. E em determinados momentos, em casa, se dispersa pensando nos toques e coreografias da fanfarra. Na escola, chega a se desconcentrar nas aulas de Geografia. Sorridentes falam da repercussão em participar da fanfarra e da competição. Dizem ser famosos entre os colegas de classe. Eles me contam sobre as suas reprovações em matérias na escola e a regra do “Por um pagam todos” aplicada em sala de aula por seus professores. Eles compararam ao que acontece nos ensaios da fanfarra: quando um dos integrantes desrespeita, a punição é para todos.

Os meninos disseram admirar o Douglas e tê-lo como amigo. Eles o conheceram através das aulas de música do Programa “Mais Educação”. Falaram sobre as conversas entre eles e os meninos mais velhos do grupo. Em tom de brincadeira, disseram que um dos assuntos

durante essas conversas eram as meninas. Um deles não escondeu qual é a sua paixão entre elas. Disse a eles que não tinham idade para namorar. Então, o outro menino disse que sua mãe acha o mesmo. Nesse momento ele lembrou sobre o quanto ela gastou para adquirir todo o figurino que seria utilizado nas apresentações e revelou valores como: cento e dez reais para a roupa, trinta e cinco reais para o sapato, quatro reais e cinquenta centavos para as luvas, três reais e cinquenta centavos para as meias e vinte reais para a barretina. Eles aprovaram a roupa que usarão na competição. Acharam-na bonita. Um deles afirmou que se em 2016 for a mesma roupa, ele tocará novamente naquela mesma fanfarra.

O passeio realizado pela fanfarra após o período de ensaios e festival foi lembrado pelos meninos. Um deles lamentou a chegada desse dia, pois é o indicativo de que tudo cessará. “Sem ensaios e sem amizades até o próximo ano”. Sobre o passeio, eles contaram que será em um Igarapé. Lembraram que no ano passado houve discussão no local entre integrantes da fanfarra, o que os faz lembrar sobre a bebida alcoólica consumida por alguns integrantes. Eles destacaram a capacidade que um dos integrantes tem em tocar e dançar após passar uma tarde inteira no bar.

Passava das onze horas da manhã quando encerramos a conversa que durou cerca de 45 minutos. Alguns integrantes ainda estavam nas dependências da escola e outros haviam ido até o bar da esquina. Fui até lá com o pretexto de tomar algo para matar a sede. Ao chegar, ouvi: “Professora, paga uma pra nós?”. Sentei-me junto a eles na tentativa de participar da conversa. Um deles iniciou o assunto sobre o prêmio em dinheiro destinado ao vencedor da competição. Em tom de brincadeira, ele disse que será usado para cobrir as despesas do passeio. Comprarão carne para fazer churrasco e muita cerveja. Outro integrante revelou ser o personagem “Gordinho Gostoso” que aparecerá durante a apresentação da fanfarra no Festival. Então, ali mesmo, ele dançou para que eu visse como seria e posou para uma fotografia.

Nesse dia, acompanhei o ensaio geral que aconteceu horas mais tarde na escola e em seguida na quadra da escola vizinha. Ao observar o ensaio, percebi que havia mais integrantes em relação ao último ensaio que eu havia assistido em julho. A coreografia também havia mudado. Parecia que eu estava em outro lugar observando outra banda. Havia balizas e grupo de *street dance* integrados à fanfarra.

Havia a constante presença de crianças, jovens, adultos e idosos no lado de fora da escola, assistindo aos ensaios através dos portões de acesso ao local.

Fotografia 55: Público no lado de fora da escola, assistindo aos ensaios através dos portões de acesso ao local. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

O grupo ensaiou três vezes a performance e seguiu até a quadra da Escola “Rio Tapajós”, onde continuaram a ensaiar por mais duas horas. Saí do local por volta de 20h00. Eles continuaram a ensaiar.

Fotografia 56: Ensaio da performance. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 57: Ensaio da performance. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 58: Ensaio de naipes. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Segui até a Escola “Pedro Álvares Cabral”.

Acompanhando o ensaio na Escola “Pedro Álvares Cabral”

O ensaio já havia iniciado quando me aproximei da quadra para colher algumas imagens. Dennis estava regendo a banda com uma criança no colo. Em seguida Dennis o deixou no chão e a criança marchou livremente pelo meio da banda. Soube que era seu filho.

Em certo momento, a criança aproximou-se do naipe de surdos e depois, ao lado dos trompetes, permaneceu marchando até o fim da performance.

Em cima de um muro baixo, Dennis regeu o grupo, com poucas intervenções e repetidas vezes. A banda estava pronta e seguia sem sua regência. Após aquele ensaio, ele pediu que depositassem seus instrumentos em seu carro para serem transportados até a orla da cidade. Dennis dividia a sua atenção entre organizar os instrumentos no carro e cuidar de seu filho e sobrinhas.

Fotografia 59: Dennis rege a banda com seu filho no colo. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 60: Dennis rege o grupo de cima de um muro baixo. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 61: Finalização do ensaio. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 62: Dennis organiza os instrumentos no carro. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Acompanhando o ensaio geral na Av. Tapajós (orla da cidade) da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral”

A maioria dos integrantes seguiu a pé até a orla da cidade. Eu fui de carona com a Deane em sua motocicleta. O percurso não era longo. Pude observar que a maioria estava indo a pé. Ao chegar, o Dennis já estava no local desembarcando os instrumentos.

A banda da escola Cabral ensaiou após o ensaio da Banda Marcial da escola Terezinha de Jesus Rodrigues. Assisti do palanque. As bandas não tinham muito tempo naquela noite para ensaiar. A performance foi realizada duas vezes. Durante o ensaio uma das integrantes se desequilibrou e caiu após subir nas costas de um outro integrante para realizar um trecho da coreografia.

Após o primeiro ensaio geral, Dennis diz aos integrantes que o ensaio não foi bom e que em outro momento eles haviam “feito melhor”.

No final do ensaio, quando todos estavam reunidos para ouvir o discurso avaliativo dos regentes, Reinaldo pediu que todos olhassem para a outra banda que ao longe ensaiava. Então fez uma crítica em relação à performance daquele grupo, comparando a marcha deles à marcha dos integrantes da Banda Cabral. Em seguida disse que a maneira de marchar faria a banda do Cabral “subir” de colocação naquele concurso.

Dennis leva os instrumentos em seu carro de volta até a escola. Sua esposa, seu filho e sobrinhas estavam presentes no local.

O “grito de guerra” foi entoado com muita força após a oração realizada no fim do discurso dos regentes. Todos se retiraram em silêncio. Alguns integrantes retornaram ao local para assistirem outros ensaios.

FESTIVAL

Santarém, 8 de setembro de 2015.

Visita à Escola “Frei Ambrósio”

Às 11h00min fui à Escola “Frei Ambrósio” com a intenção de saber informações sobre horários de ensaios, pois o Anderson já não respondia minhas mensagens. Soube que eu havia perdido o ensaio geral para a competição. Fiquei muito triste por não ter acompanhado aquela preparação. O fato de no dia anterior a Fanfarras Frei Ambrósio ter realizado o seu desfile cívico, além de passar o dia inteiro em preparação, levou-me a conclusões erradas sobre não haver ensaio na manhã do dia 6. Restava-me o ensaio do dia 9, pois o do dia 8 à noite, dia em que também haveria ensaio, eu estaria acompanhando a competição entre as fanfarras simples no festival.

Nesta rápida visita, em que novamente cheguei sem avisar porque, sem respostas do Anderson, eu não podia mais esperar, encontrei os componentes da fanfarras em um clima

bastante agitado e movimentado. Eles estavam costurando, incrementando seus figurinos, limpando e enfeitando seus instrumentos.

Fotografia 63: Componente costurando figurino. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Anderson estava presente. Parecia preocupado. Ele ajudou na confecção dos adereços para os instrumentos de percussão. Havia muitos chapéus de *cawboy* em cima de uma das mesas da sala. O estandarte, fixado na parede, era o fundo para os troféus arrumados na mesa em frente ao quadro branco. Era comum, naquele ambiente, encontrar rapazes costurando ou incrementando seu instrumento.

Fotografia 64: Anderson ajudando na confecção dos adereços para os instrumentos de percussão. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Enquanto observava o ambiente, aproximei-me de um jovem. Na ocasião, ele estava cobrindo a lateral de um bombo com um tecido de juta. Era o Alan. Segundo ele, coreógrafo desta fanfarra. Comecei a indagá-lo sobre o seu trabalho. Alan disse que a primeira fanfarra a levar cenário para o festival foi a da escola Rodrigues dos Santos, da qual ele era o coreógrafo. Naquele ano foram campeões. Desde então, todas as escolas, em um total de quatro, pelas quais ele passou fazendo o mesmo trabalho, foram campeãs. Orgulhoso, ele revelou que é “tetra campeão”. Admirada, perguntei-lhe sobre os seus troféus. Então, Alan, torcendo os lábios diz guardar o registro das vitórias somente “na memória e no coração”, pois isto não era contemplado pelo edital.

Alan disse que após este festival partiria para o município de Itaituba, no Pará, para realizar seu trabalho de coreógrafo junto a uma das fanfarras locais. Afirmou que o Festival naquele município era semelhante ao Festival de Santarém e que isso era devido ao seu trabalho pioneiro no que diz respeito à utilização de cenários e alegorias em uma fanfarra que outrora havia trabalhado.

Alan tocou em fanfarra desde os nove anos de idade, e a partir de sua idade adulta passou a trabalhar somente com a parte coreográfica. Segundo ele, sua inspiração vem das festas tradicionais, como o “Sairé” da Vila de Alter-do-Chão, em Santarém, onde existe a “disputa entre os botos”. Para ele, as escolas de samba também são motivo para inspirar-se quanto aos cenários e movimentações.

Fotografia 65: Alan cobre a lateral de um bombo com um tecido de juta. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Despedi-me do Alan e fui até a área coberta onde estavam alguns integrantes trabalhando de algum modo nessa preparação. Por toda a escola havia integrantes fazendo algo, colaborando com as atividades em preparação para a apresentação. Caminhei rumo ao portão de saída e lá havia mais integrantes costurando suas roupas. Mais uma vez ouvi alguém perguntar: “A senhora vai, né?”. Confirmei e segui até a escola “Dom Anselmo”.

Visita à Escola “Dom Anselmo”

Ao chegar, encontrei o Douglas e alguns integrantes da fanfarra ajustando instrumentos em uma das salas de aula. Douglas estava fixando esponjas na parte interna dos bombos. Usava um grampeador. Ele me disse que aqueles instrumentos eram da Banda Marcial da Escola “Pedro Álvares Cabral”. Ouvi o nome do Reinaldo dito por um dos rapazes presentes afirmando que ele ficaria chateado ao saber o que o Douglas havia feito nos bombos. Douglas disse que aquele ajuste servia para eles também e que não havia motivos para o Reinaldo chatear-se. Ele me informou que sua fanfarra ainda não havia ensaiado com aqueles instrumentos.

Fotografia 66: Douglas fixa esponjas na parte interna dos bombos usando um grampeador. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 67: Componentes reajustam instrumentos de percussão. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fiquei observando o trabalho dos meninos menores. Eles manuseavam facas para tirar a esponja que o Douglas havia fixado nos instrumentos, pois ele havia decidido que não iria usar mais aquele recurso.

Mais componentes chegaram ao local. Um deles trouxe pequenos objetos luminosos. Ele exibiu os objetos para os outros integrantes e explicou a utilidade. Disse que era para colocar na parte central interna dos pratos. O objeto era um anel de borracha que continha uma luz acionada quando algo o pressionava. Os pratileiros incrementaram seus pratos. À medida que adicionavam o objeto no instrumento, eles o testavam fazendo os movimentos giratórios e percutindo um no outro.

Douglas estava muito apressado. Seu celular chamava a todo o momento. Ele não se dispunha a atender. Uma das integrantes segurou o aparelho ao seu ouvido para que ele não parasse o serviço de ajustes nos instrumentos. Perguntei a eles se já haviam almoçado. Disseram que não e não sabiam a hora em que estariam disponíveis para o almoço.

Percebi a presença de uma estudante da escola que não participava da fanfarra, pois não a havia visto nos ensaios. Estava em pé, do lado de fora, próximo à porta da sala, olhando para tudo que acontecia naquele local. Depois a menina entrou, encostou-se na parede e, segurando um par de pratos, continuou a olhar para aqueles que executavam suas atividades em preparação para a apresentação da fanfarra no Festival.

Ofegante, Douglas comentou que a exemplo de todos os anos, não sabia até que horas ficaria lá, pois era o dia da participação no festival. Alguns integrantes exibiam a faixa a ser

exposta no local onde a torcida ficaria na orla da cidade. Despedi-me com a intenção de retornar em outro momento, naquele mesmo dia.

Passava das 15h00min quando retornei a Escola “Dom Anselmo”. Os preparativos estavam a “todo vapor”. A área em frente ao refeitório estava tomada por integrantes da banda ajustando e limpando instrumentos. Era um dia letivo normal na escola. As salas de aula estavam ocupadas por seus alunos. Havia funcionários e professores no local.

Em cima da mesa do refeitório vi um grande instrumento confeccionado com tubos flexíveis de plástico. Lembrei-me do instrumento que o Douglas havia me falado durante a nossa conversa em julho. O tocador daquele instrumento estava experimentando a roupa que seria usada por ele naquela noite. Eram luvas e máscara de pano azul. Ele imitava um integrante do grupo internacional “*Blue Man*”. O instrumento era acoplado nas costas e executado utilizando duas solas de sandália de borracha. Pedi uma demonstração para perceber a sonoridade produzida pelo objeto.

Fotografia 68: Componente com instrumento acoplado nas costas e executado utilizando duas solas de sandália de borracha. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Douglas abriu uma mochila e de lá tirou algumas fitas com luz *led*. Estendeu um dos uniformes na mesa do refeitório e solicitou agulha e linha. Uma das integrantes saiu para providenciar. Minutos depois ela retornou e entregou o material ao Douglas. Ele pediu que um dos integrantes costurasse a fita na borda da capa do uniforme. O integrante disse que não sabia costurar, porém Douglas não lhe deu atenção. O jovem atendeu ao pedido de Douglas.

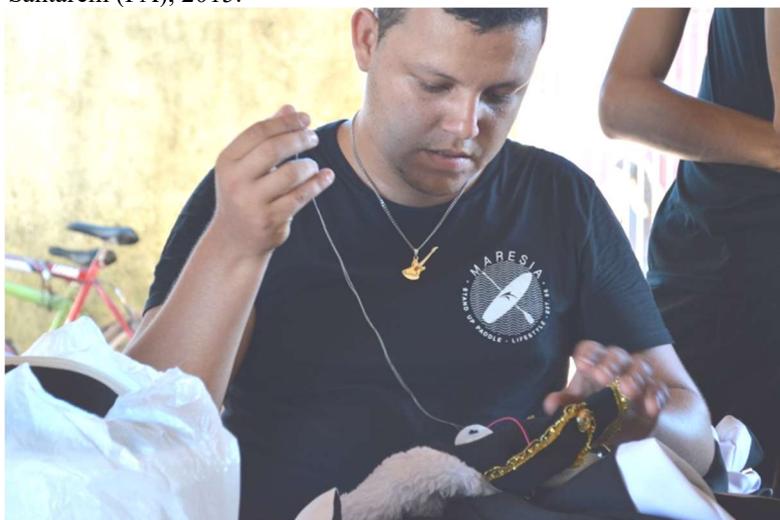
Fotografia 69: Componente costura fita *led* na borda da capa do uniforme. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Outros integrantes e uma funcionária da escola também fizeram aquele serviço. Ofereci ajuda para acelerar a conclusão do trabalho. Douglas assumiu o serviço e permaneceu no local para concluir o incremento dos uniformes. Ele recebeu a ajuda de um dos adolescentes, integrante da fanfarra, que lhe perguntou se haveria incremento em seu uniforme. Douglas respondeu que não e completou que aquele elemento seria somente para a roupa dos integrantes maiores. Mais uma integrante aproximou-se para ajudar Douglas a incrementar os uniformes, enquanto dois meninos o observavam. A hora avançou. Já eram quase 17h00min e ainda faltava concluir o incremento de alguns uniformes. Mais integrantes da fanfarra ocuparam o espaço da escola que em instantes ficou tomado por percussionistas, balizas e pelotão de frente. A hora avançava.

Fotografia 70: Douglas assume o serviço. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Um integrante chegou exibindo as baquetas dos bombos. Todos o elogiaram, pois ele havia encapado os cabos com fita isolante preta e tecido um barbante que ligaria o cabo do objeto aos dedos de quem o seguraria. As pontas das baquetas foram encapadas com tecido branco e nela foram fixadas fitas prateadas. Segundo o componente da fanfarra aquela ação era para tornar a baqueta mais bonita para o Festival. Os jovens que tocavam caixa também incrementaram suas baquetas envolvendo-a com fita isolante de ponta a ponta. Fitas cor de prata também fizeram parte do incremento.

Fotografia 71: Integrante exhibe as baquetas dos bombos preparadas para o Festival. Escola “Dom Anselmo I”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Em cima de uma das mesas do refeitório vi um cabide suportando um paletó “risca de giz” e uma camisa rosa. Pertencia ao Douglas. Segundo um dos componentes da fanfarra, ele iria usar naquela noite.

Uma das balizas da fanfarra chegou ao local e questionou onde estavam as outras meninas. Ela estava usando uma roupa azul e branca e um chapéu, botas e luvas brancas. Seus colegas lhe responderam dizendo que elas ainda não haviam chegado e que estavam vindo do outro local onde mantinham seus ensaios.

Ouvi alguém pedir para pegar os troféus na sala da direção, pois seriam exibidos durante a apresentação na competição. Dois troféus foram expostos naquela tarde. Os dois correspondiam a premiações em festivais. Um dos troféus era o mais manuseado pelos integrantes que estavam no local. O troféu correspondia à premiação do primeiro lugar da

categoria “Fanfarra Simples”. Eles o pegavam e olhavam bem de perto, principalmente os meninos mais novos do grupo. Eles pareciam deslumbrados pelo objeto.

Fotografia 72: Componente com troféu da premiação do primeiro lugar da categoria “Fanfarra Simples”. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Perto de mim, vi um dos percussionistas fazendo movimentos giratórios com as baquetas do bombo nas mãos. Pedi que me mostrasse mais de perto para ver como as baquetas estavam presas em seus dedos. O barbante, tecido com pontos da técnica do crochê estava entrelaçado nos dedos indicadores e médios das mãos direita e esquerda. Segundo ele, daquela forma evitaria que a baqueta caísse.

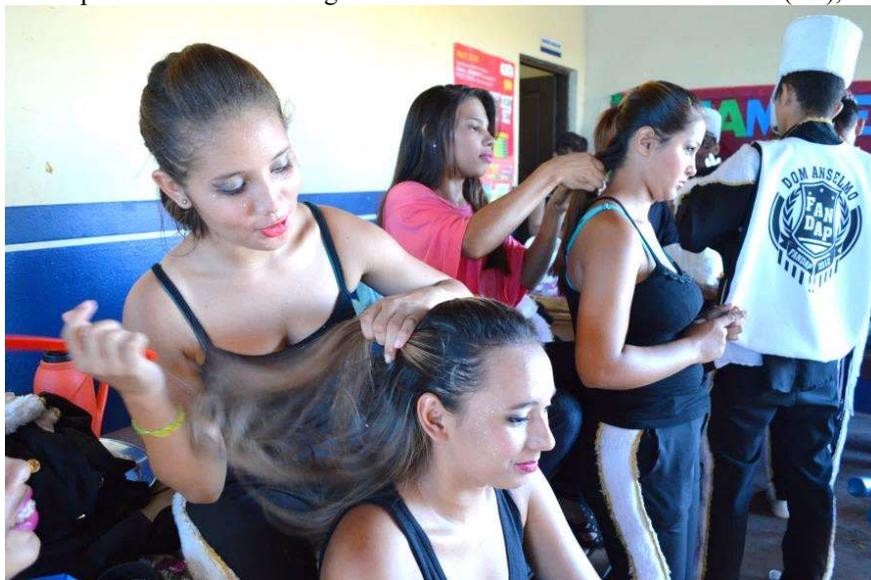
Fotografia 73: Componente com barbantes entrelaçados nos dedos indicadores e médios das mãos direita e esquerda para evitar que a baqueta caia. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Uma das integrantes pediu ao seu colega para ajudá-la com a maquiagem. Ele pintou seus lábios e aplicou pó de *glitter* afirmando que “quanto mais brilhante, melhor seria o efeito na hora da apresentação”. Outras meninas fizeram o mesmo. A coreógrafa fez os penteados nas integrantes da fanfarra. Outra componente a observou e em seguida fez o mesmo penteado em outra moça.

Fotografia 74: Coreógrafa faz penteado em integrante da fanfarra. Componente faz o mesmo penteado em outra integrante. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Eram quase 18h00min. Os rapazes tocadores de pratos envolveram parte dos dedos das mãos usando fita para curativo. Eles disseram que, devido aos ensaios, os dedos estavam marcados por calos. Aquela fita evitaria dores e a formação de outros hematomas.

Enquanto alguns almoçavam suas marmitas, outros continuavam a preparação para o Festival. Muita movimentação. A vizinhança aproximou-se para observar.

Um rapaz chegou ao local e Douglas o apresentou a mim como o seu real parceiro, afirmando que ele havia trabalhado bastante pela fanfarra. O rapaz estava vestido com camisa rosa e preta. Ele estava segurando a mão de uma pequena criança. Olhei para ela e elogiei sua linda roupa rosa de bailarina e perguntei-lhe seu nome e idade. A pequena menina de quatro anos de idade, toda prosa, pediu que eu a fotografasse. O rapaz a apresentou como sua filha.

Acompanhando o trajeto do ônibus

Depois de acompanhar a preparação dos integrantes da fanfarra “Dom Anselmo” na escola, era hora de ir para a condução que os levaria até o local da apresentação. Um jovem recolheu dinheiro dos integrantes. Era para custear as despesas do transporte. Todos deveriam contribuir com cinco reais. Ele precisava completar o valor para que o ônibus pudesse partir. Dei a minha contribuição e fui para o veículo que ainda ficou estacionado em frente à escola por mais alguns minutos.

O ônibus partiu às 17h40min conduzindo crianças acompanhadas por responsáveis, adolescentes, jovens e adultos integrantes daquela fanfarra. Eu estava angustiada, pois eles deveriam estar no local para a concentração das bandas às 18h00. Ouvi-os dizer que ainda tinham tempo suficiente para chegar ao local, pois havia três bandas que iriam apresentar-se antes da fanfarra “Dom Anselmo”. As mesmas não iriam competir. Antes de chegar à concentração o ônibus parou em frente à Escola “Rio Tapajós” para pegar instrumentos.

Os preparativos continuaram ao longo do caminho. Maquiagem, penteados, fitas adesivas nos dedos das mãos, fita isolante nas baquetas para o objeto “não escorregar das mãos” e para “ficar mais bonito”, segundo o integrante tocador de caixa. “Uma foto aí, professora!”, pediu-me um rapaz após colocar seus óculos escuros estilo Ray-Ban e seu chapéu branco e azul, alto e felpudo contendo as letras “F D”.

Um repertório de pagodes dos anos 90, *funk* e uma paródia feita com uma música em estilo axé cuja letra dizia respeito à fanfarra “Dom Anselmo”, cantados com muito volume de voz pelos integrantes que ocupavam os assentos traseiros do ônibus e tomavam bebida alcoólica, acompanhou todo o trajeto que durou mais de 12 minutos até chegar ao local próximo à concentração das fanfarras. No caminho, um pequeno encontro com integrantes de outras fanfarras, era motivo para gritarias e assovios.

Quando o ônibus estacionou, o silêncio tomou conta do ambiente. Os que cantavam alegres e batucavam em seus instrumentos e objetos disponíveis tomaram uma postura séria. E carregando os seus instrumentos, os integrantes da banda desceram apressados. Eles deveriam estar na concentração uma hora antes do início das apresentações. Não foi o que aconteceu. Apressei o passo para alcançar os regentes que já estavam longe. Vi-os dialogando com os fiscais do concurso. Soube que a fanfarra “Dom Anselmo” chegou com oito minutos de atraso. Um dos regentes justificava dizendo que ainda faltava bastante tempo para o início das apresentações.

Na concentração, enquanto os componentes da fanfarra se arrumavam, perguntei a três deles o que esperavam naquele dia. Todos responderam “Vencer!” e, junto a esta expectativa, expressaram sentimentos de nervosismo e ansiedade. Enquanto eu fazia perguntas a uma integrante, fui interrompida por um dos regentes que ao chamar enfaticamente o seu nome, a fez afastar-se de mim e posicionar-se em seu lugar na fanfarra. Em seguida, ouvi-o dizer a ela que aquele não era momento para dar entrevista.

O dia ainda estava claro. Caminhei até a frente do palanque. As arquibancadas estavam com muitos lugares vazios. O espaço reservado aos participantes da torcida da fanfarra “Dom Anselmo” estava identificado por uma faixa com o nome da escola. Os torcedores se instalaram no lado direito do palanque. Voltei até a concentração da fanfarra. O grupo posicionou-se no sentido da Avenida Tapajós, de onde partiria até o palanque armado no meio do percurso. À frente da fanfarra estavam duas crianças pequenas e logo atrás o estandarte da fanfarra segurado por dois alunos. Outros alunos da escola participaram do pelotão de frente da fanfarra segurando bandeiras e troféus.

O dia já estava escurecendo. Eram quase 19h00min. Faltava pouco para o início da competição. Douglas posicionou-se à frente da fanfarra e ao lado do seu “melhor parceiro”. Olhei rapidamente para os integrantes da fanfarra. Seus olhos lacrimejantes, rostos paralisados e sem sorriso, o silêncio deles me fazia sentir a tensão do momento. Desejei-lhes sorte.

Fotografia 75: Integrantes da fanfarra minutos antes do início da competição: olhos lacrimejantes, rostos paralisados, sem sorriso e silenciosos. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Apressei o passo em direção ao palanque e de lá, assisti à apresentação da fanfarra “Dom Anselmo Pietrulla”. O tema eleito para aquela performance foi “FANDAP: Junto e misturado. Tocando as melhores”.

Fanfarra “Dom Anselmo”: a hora da competição

Depois de ser anunciada, a fanfarra demorou alguns minutos até dar a partida. Segundo o pessoal da organização do evento, o grupo ainda estava passando por vitorias dos militares.

Após a vitória, a fanfarra marchou até a frente do palanque. Seu percurso foi coberto por gritos e assovios dos seus torcedores. O pelotão de frente anunciou a chegada do grupo que ao posicionar-se, depois de uma pequena pausa antes de, de fato, iniciar a coreografia, desta vez não tão forte como nos ensaios, gritou em coro: “Avisa que eu cheguei! Olá! Olá!”. Em seguida, sob a batuta metálica do Douglas, deu-se início à performance em frente ao palanque. Durou exatos sete minutos.

As “armas” mencionadas pelos meninos com os quais conversei no dia anterior foram apresentadas no momento da performance. Não vi a tocha que haviam planejado acender, mas o grupo de *street dance* surpreendeu. As faíscas produzidas utilizando a palha de aço como recurso, e que saíram de seus pés motivaram os gritos do público. Os oito pratos, surdos e caixas, os nove bombos, um repique e um quadriton formaram a fanfarra. O texto introdutório lido antes de iniciar a apresentação do grupo descrevia um objetivo almejado pela fanfarra: “trazer, através da musicalidade, a esperança de dias e melhores e a inspiração para sempre continuar entre as campeãs”.

Saltos, giros, malabares, piruetas e luzes combinados aos ritmos propostos pela fanfarra (axé, forró, *funk* etc.) foram realizados naqueles sete minutos. Não vi marcações no chão, porém percebi a boa noção de espaço do grupo. Douglas não centralizou o praticável onde ele estava, mas o grupo permaneceu no centro do local da apresentação. Era visível o domínio da coreografia. Ao final, o grupo retornou à posição inicial e seguiu marchando até o fim do percurso.

Fotografia 76: O regente Douglas e a fanfarra. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 77: A fanfarra em execução musical e coreográfica. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 78: O regente Douglas, as balizas e os instrumentistas da fanfarra. Escola “Dom Anselmo”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Santarém, 09 de setembro de 2015.

Acompanhando a preparação e apresentação da “Fanfarra com Melodia” da Escola “Frei Ambrósio”

Cheguei à escola por volta das 10h30min. Havia grupos de integrantes espalhados pelo espaço externo das salas de aula. No pátio em frente à cantina, um grupo de integrantes revestia com plástico adesivo dourado os revólveres de madeira que seriam usados pelos pratileiros e pratileiras da fanfarra. Ao meu lado, uma jovem enviava mensagens de incentivo ao grupo virtual via celular. Alguns limpavam, poliam ou ajustavam seus instrumentos. Outros confeccionavam adereços que seriam usados na performance.

Fotografia 79: Integrantes revestem com plástico adesivo dourado os revólveres de madeira a serem usados como adereços pelos pratileiros e pratileiras da fanfarra. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Em uma das salas, mais integrantes incrementavam seus uniformes. A maior parte do material já havia sido concluída. Na parede, um cartaz anunciava a existência de um aplicativo que permitia o acompanhamento do Festival de Bandas e Fanfarras via Internet.

Naquela manhã, conversei com uma jovem e um jovem que estavam higienizando instrumentos. Perguntei-lhes sobre como eram os seus ensaios de naipe e a preparação das coreografias. Resumidamente, a jovem disse que o Alan criava as coreografias para os pratileiros. Segundo ela, todos ensaiavam separadamente ouvindo uma gravação do arranjo.

Naquele momento ele pensava, realizava e ensinava os passos. A jovem foi interrompida pelo colega. Ele ressaltou que o Alan também planejava antecipadamente o que faria durante os ensaios. Ela completou o discurso afirmando que ele também aceitava sugestões dos alunos para a criação da sequência coreográfica, repetindo uma frase dita por ele: “Eu não faço concurso sozinho”. Ela disse que o coreógrafo “divide os ensaios por música”. A cada duas músicas ensaiadas, uma nova é acrescentada.

A jovem também falou sobre as mudanças na coreografia ao longo dos ensaios e disse que para ela é fácil realizar as mudanças, mas para os integrantes menos experientes, que não estão acostumados, é difícil. Exceto aqueles que têm facilidade em aprender algo, o que não depende do tempo que estão participando da fanfarra. A integrante ressaltou o fato de o Alan não interromper o ensaio quando alguém comete um erro. A coreografia vai aperfeiçoando de acordo com o tempo de prática. A conversa foi interrompida por uma ordem que chegou através de uma das integrantes: era a hora de buscar os instrumentos na sala.

Caminhei até à frente da escola e lá estavam as alegorias que seriam usadas naquela noite. Uma equipe formada pelo Anderson, Alan e mais duas pessoas conversava sobre a organização e posicionamento dos materiais no momento da apresentação da fanfarra.

Fotografia 80: Alegorias. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Pedi algumas informações aos integrantes da fanfarra sobre horários da preparação antes de irem para a concentração do evento e retirei-me da escola. Retornei por volta das 16h00min, pois haviam me informado que haveria ensaio naquele horário. Ao chegar, encontrei algumas jovens no auditório em construção. Elas estavam se vestindo e cuidando da

maquiagem e cabelos umas das outras. Havia um aluno da escola ajudando as meninas em sua maquiagem. O calor era intenso no local. Não havia ventilação. Parecia difícil fazer aquela atividade naquele calor das 16h00 em Santarém. Uma das jovens irrita-se com o clima. Ela reclama por estar naquele espaço. A mesma jovem assume a tarefa de maquiar e fazer o penteado nas integrantes da fanfarra. Enquanto ela realiza a tarefa, seus colegas a abanam. Uma das jovens me pergunta se tenho rímel para emprestar. Uma mocinha me pede para que eu faça a sua maquiagem. O calor e a pressa aumentam. Passava das 17h00min.

Aplique de cabelos longos amarrados, *shorts jeans*, bota cano longo, camisa quadriculada, colete e chapéu de *cawboy* compunham o figurino vestido ali mesmo. Um uniforme estendido sobre uma escada inclinada, escorada na parede, armava uma tenda para aquelas que não queriam expor-se às outras colegas no momento de se vestirem. Outras pareciam não se importar com a “falta de estrutura”. Em silêncio, cuidavam de sua aparência.

Perguntei onde estavam os rapazes. Alguém respondeu que estavam em uma das salas climatizadas. Fui até lá e encontrei alguns jovens enfeitando e ajustando seus instrumentos e outros vestindo sua roupa. Anderson estava arrumando e conferindo adereços quando percebeu o defeito nas meias de um dos jovens. Ele, então, enfaticamente ordena que encontre outra meia para usar, pois com aquela ele não poderia apresentar-se no festival. O rapaz retirou-se da sala e logo mais retornou com um novo par de meias. Anderson diz: “Agora sim estás digno para ir ao Festival”.

O cuidado com os detalhes nos uniformes era muito evidente. Tudo era minuciosamente tratado, buscando a perfeição. Um dos jovens passou caneta hidrográfica preta por cima da costura das calças de *cawboy* feitas de couro sintético com o objetivo de esconder pequenos defeitos causados pela costura.

Enquanto observava os jovens cuidando de sua aparência, engraxando os sapatos uns dos outros e arrumando os cabelos e instrumentos, eu aproveitava o clima do ambiente. Voltei até o auditório. No caminho, um rapaz usando o calor de uma tocha feita de papel, expandia a pele de um dos instrumentos de percussão. Segundo ele, era para melhorar a sonoridade.

O auditório, ainda em construção, estava tomado por mulheres se preparando para a apresentação. Fiquei mais um pouco naquele espaço, colhi algumas imagens e saí em direção à quadra onde aconteceria o ensaio.

Fotografia 81: Componentes se preparam para a apresentação. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Aos poucos, os integrantes da fanfarra chegaram à quadra da escola. Lá eles receberam orientações sobre o uso de um lenço no pescoço. Era o primeiro ensaio com os adereços (lenço, corda e chapéu). Abrir e fechar a túnica várias vezes, trocar o *cap* pelo chapéu de vaqueiro fizeram parte do treino naquela tarde. Cada detalhe do figurino foi tratado com o objetivo de manter a uniformidade das roupas. Eles estavam usando uma camisa de vaqueiro por baixo da túnica oficial. Havia uma pessoa responsável por orientar o uso do uniforme. Anderson também atuava nesse critério. Dirigiu, a alguns integrantes da fanfarra, palavras que são sinônimos de falta de atenção, pois ainda não haviam arrumado suas roupas devidamente.

A preocupação com a perfeição das roupas era enfatizada a todo instante. Anderson observou um dos uniformes e percebeu que estava sujo. Desejou que os jurados não vissem aquilo. Os integrantes mantinham-se silenciosos durante as orientações sempre cobertas por enunciados como: “Vocês entenderam?”, “Ajeita isso, rapaz!”, “Presta atenção!”, “Não faz assim! É caro um desses!”. Eles também foram orientados a responder possíveis perguntas que seriam feitas pelos avaliadores do uniforme. Naquele momento os integrantes ficaram sabendo do significado das cores do seu uniforme e foram ensinados sobre a resposta que deveriam dar caso os jurados perguntassem o porquê do lenço no pescoço.

A fanfarra posicionou-se em frente à escola com a intenção de fazer um breve ensaio com o cenário. Anderson andava de um lado para o outro repetindo orientações aos integrantes da fanfarra sobre como chegar e “marcar presença no local” evitando julgamentos errados sobre o horário de chegada do grupo. Todos deveriam chegar juntos. Anderson ordenou que ao chegarem ao local, os integrantes não saíssem da fila “nem para tomar água”. Ele estava muito preocupado com o horário. Faltavam alguns minutos para a hora em que eles deveriam

estar no local de concentração para a competição. O clima estava muito tenso. O grupo dividiu o espaço da rua com os carros que nela transitavam. A fanfarra ensaiou o arranjo que seria usado para marchar até o palanque. Após o ensaio, todos seguiram até a Avenida Tapajós.

Fotografia 82: O regente Anderson dá orientações aos integrantes da fanfarra. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Segui até a Escola “Pedro Álvares Cabral”.

Acompanhando a preparação da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral” minutos antes do Festival, na escola antes de irem para a orla

Cheguei à Escola “Pedro Álvares Cabral” por volta de 19h00min. Todos estavam vestidos com seus uniformes, o mesmo que haviam usado no desfile da Semana da Pátria. No auditório, as integrantes da banda cuidavam de sua maquiagem. O ambiente parecia tranquilo. Dennis e Reinaldo ainda não estavam no local. Fui até o laboratório de informática e lá estavam as balizas e outros integrantes femininos da banda. Elas também estavam se preparando com maquiagem e penteado.

Uma das balizas chorava lamentando um machucado no calcanhar. Estava realmente sangrando. Perguntei o motivo do hematoma e, segundo ela, foi devido ter ensaiado com um calçado desconfortável. Outra integrante tenta acalmá-la enxugando suas lágrimas.

Na sala da banda também havia integrantes. A maioria do sexo masculino. Eles engraxavam seus sapatos e cuidavam da aparência. Percebi que uma moça estava recebendo

um abraço de outro músico da banda. Aproximei-me e disseram-me que ela estava triste, por seus sapatos estarem fora dos padrões para a competição, ou seja, não era igual aos outros. Isto poderia comprometer avaliação no item “uniformidade”.

Fotografia 83: Integrantes vestem seus figurinos e colocam seus adereços. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Pedi informações sobre a hora da apresentação daquela banda, colhi mais algumas imagens e voltei para a orla da cidade. Fui até a concentração da fanfarra da Escola “Frei Ambrósio”.

Fanfarra “Frei Ambrósio” na concentração

Todos estavam posicionados na Avenida Tapajós ouvindo os conselhos do Anderson que, com voz forte, dizia frases de incentivo aos integrantes da fanfarra pedindo-lhes que repetissem em voz forte também: “Eu sou campeão!”, “Eu vou defender esse título!”, “Eu vou mostrar o que eu sou naquela Avenida!”. Anderson parabenizou a todos por terem conseguido chegar àquele momento. Ele pediu que todos olhassem para ele no momento da apresentação. Anderson pediu que todos batassem em seu braço e repetissem: “Eu sou Frei Ambrósio!”. A frase foi repetida três vezes.

Anderson percebeu uma das integrantes chorando. Ordenou-lhe: “Segure o choro!” e lhe disse que aquele momento não era para chorar; que o momento de chorar seria após “dar

o *show*”. Anderson falava rapidamente e com força. Enxugava o rosto e passava as mãos no cabelo. Falava e andava. Virava de costas para a fanfarra e rapidamente voltava-se de frente.

Outro jovem tomou a palavra e proferiu frases de incentivo pedindo que os integrantes fizessem somente o que haviam ensaiado e que todos “procurassem cantar com o coração”, usando bastante voz e expressão. Enquanto isso, Anderson fechou os olhos e com a testa franzida silenciou com uma das mãos na boca. Em seguida ele solicitou que todos, de mãos dadas, fizessem uma oração “como nunca fizeram na vida”. Ele afirmou, diante da fanfarra, que aquela atitude faria com que todos ao redor “respeitassem o Frei Ambrósio”. Em seguida, literalmente gritando, todos realizam a oração do Pai Nosso, Ave Maria e Divino Espírito Santo. Ao final das orações, um dos integrantes gritou: “O quê que vocês são?”. Eles responderam tão forte quanto a oração: “Frei Ambrósio!”. E caminharam até linha de largada dos grupos. Corri até o palanque para assistir à apresentação da Fanfarra “Frei Ambrósio”.

Hora da competição

Os gritos e aplausos da torcida sonorizavam a leitura do histórico da fanfarra “Frei Ambrósio Tito Viana”, assim mencionada naquele texto que trazia também um pouco da trajetória do grupo nos concursos e a explicação do tema levado para aquela apresentação: “Frei Ambrósio em festa de rodeio” era uma homenagem aos 60 anos da tradicional festa de Barretos.

Até então, eu não havia presenciado um comportamento alvoroçado do público como aquele. Muito som de gritos e assovios. Era difícil continuar ouvindo a leitura do texto que ainda anunciou o nome de todas as pessoas envolvidas na organização da fanfarra. Enquanto o texto era lido, de longe eu via um dos rapazes do pelotão de frente acenando para o público e motivando a torcida.

As iniciais “F” e “A” em tamanho grande eram empurradas por jovens vestidas a caráter. As bandeiras do Brasil, Pará, Santarém e da escola foram conduzidas logo em seguida por jovens trajando roupas características de militares. Vi duas crianças fantasiadas de *cawboy* marchando de mãos dadas com uma jovem vestida com a camisa de ensaio da fanfarra. Eles eram destaques no pelotão de frente. Ao redor, ainda compondo o pelotão, algumas jovens vestidas com chapéu, botas, *short jeans*, camisa branca de mangas compridas e colete preto desfilavam lentamente com suas mãos na cintura. Uma mulher, a caráter, desfilou à frente da fanfarra representando a tradicional “rainha do rodeiro”.

Os gritos do público aumentavam à medida que a fanfarra se aproximava do palanque. Aos poucos, parte da Avenida Tapajós fantasiou-se de arena de rodeio. A frase “Barretos hoje é aqui” grafitada em uma das alegorias que simulava um portão, reforçou a ideia do tema aos jurados. O “portão” foi posicionado em frente ao grupo de avaliadores que estavam no palanque. O cenário montado com a chegada de outras alegorias ia tomando forma com a ajuda dos integrantes da fanfarra vestidos com seus chapéus, roupas e adereços de *cawboy*, marchando aceleradamente, executando seus instrumentos de percussão.

A estratégia para a troca de figurino deu certo. Após a avaliação do quesito “uniformidade”, ainda na largada do percurso, os componentes tiraram a roupa que cobria o figurino de *cawboy* e trocaram o *cap* pelo chapéu. As camisas vermelhas e chapéus brancos tomaram o lugar das casacas azuis e vermelhas usadas no início do desfile. O movimento sincronizado dos braços e pernas dos corneteiros e percussionistas era enfatizado por seus sapatos brancos contrastando com as suas calças pretas. O naipe de percussão continuou a usar o uniforme inicial. Seus instrumentos, incrementados, agora estavam todos juntos e eu podia ver o efeito do trabalho dos componentes sendo iluminado pelo conjunto de luzes coloridas vindo do palanque. E lá em frente, todos se posicionaram e continuaram a marchar.

Ao sinal de um jovem, que segurava um bastão e estava posicionado à frente da fanfarra – enquanto ainda estava virada no sentido da Avenida Tapajós – os corneteiros posicionaram seus instrumentos e iniciaram a execução. O som grave dos cornetões motivou o aplauso da torcida. Em seguida, as cornetas uniram-se aos demais instrumentos para tocar a sequência melódica que compunha o arranjo musical.

O jovem vestido de *cawboy* e utilizando um bastão, conduziu os movimentos do grupo e os levou a posicionarem-se de frente para o palanque. Naquele momento, com muita energia, Anderson assumiu a regência do grupo, mas logo a deixou quando a fanfarra se movimentou conduzida pelo jovem com o bastão. Ao seu sinal, o grupo dividiu-se marchando para as laterais e abrindo espaço para a encenação teatral que ocorreu no centro.

Uma pausa deu espaço para o coordenador da fanfarra realizar a sua participação naquela performance. Naquela noite, Celson era um violeiro apresentador de “rodeio”. Sua voz forte, apresentando o grupo e falando do objetivo daquela apresentação, podia ser ouvida com clareza.

Enquanto ele falava, uma jovem se posicionou embaixo de um grande tecido azul, carregada nos ombros de outro jovem. O tecido azul simulava um manto sobre a sua cabeça. Celson, então, cantou acompanhado por seu violão e com a ajuda de todos os componentes da fanfarra, com os braços erguidos em direção à “Nossa Senhora de Aparecida”, o refrão da

tradicional canção “Romaria”, de Renato Teixeira. Um som de berrante surgiu após aquele momento. Os gritos do público eram intensos. O grande tecido azul foi estendido no ar a fim de abrigar os componentes que se posicionaram embaixo dele e fora de nossa visão.

Fotografia 84: Integrante, sob longo manto azul, é carregada aos ombros de outro jovem. Menção à imagem de Nossa Senhora. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Após aquele movimento, o tecido foi retirado e iniciou-se mais uma parte da apresentação da fanfarra. Anderson seguiu conduzindo o grupo com sua batuta e luvas brancas iluminado pela pirotecnia ao seu redor. O grupo que dançou no centro chamou a atenção com a sua coreografia intercalada com encenações teatrais que reportavam às arenas de rodeio.

Fotografia 85: Componentes apresentam coreografia intercalada com encenações teatrais. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Todos os componentes, de algum modo, participaram da encenação, coreografia e execução musical, seja interpretando com seu cantar, seja tocando seus instrumentos. A execução dos pratileiros foi compartilhada com sua coreografia. Trechos das músicas contidas nos arranjos também foram interpretados através do canto dos participantes.

Fotografia 86: Componentes participam da execução musical e coreografia. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 87: Destaque aos corneteiros. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

No final, a “rainha do rodeio” foi apresentada ao público ao som do canto do refrão da música “Festa de Rodeio” de Leandro e Leonardo, interpretado em ralentando.

Fotografia 88: Apresentação da “rainha do rodeio”. Escola “Frei Ambrósio”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Concluída a apresentação e ao som da torcida gritando “É campeão!!!”, a fanfarra e demais integrantes posicionaram-se em frente ao palanque, cumprimentaram os jurados e seguiram marchando.

Assisti à apresentação de outros grupos e voltei até a concentração da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral”. As arquibancadas e a calçadas estavam tomadas por pessoas. Havia muita movimentação e tumulto.

Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral” na concentração antes da competição

Já eram quase 22h00 quando cheguei próximo de onde estavam posicionados os integrantes da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral”. Eles conversavam em grupos divididos em naipes. Avistei uma criança vestida tal qual aos componentes da banda, próximo do símbolo da escola. Aproximei-me dela e logo apareceu uma pessoa adulta, sua responsável, orgulhosa, dizendo que a menina já sabia marchar. Então a menina mostrou-me a sua marcha. Eu já havia presenciado aquela cena antes do desfile cívico. A fotografei e desejei-lhe uma boa apresentação.

Andando mais um pouco por aquele espaço, vi uma moça, integrante da banda, chorando e sendo acalmada por outro jovem integrante. Segundo ela, estava emocionada com aquele momento, pois em 2016 ela não poderia mais participar da banda.

A pedido do Dennis, os naipes se reuniram para fazer a oração antes da apresentação, em seguida, eles me pediram que os fotografasse. Dennis, com aparência tranquila, sorriu para uma foto. Reinaldo também. Mais à frente, o grupo de dançarinas e seu coreógrafo concentravam-se para o início da apresentação. O clima era descontraído.

A hora avançou. Eles se posicionaram no sentido da Avenida Tapajós para aguardar o horário de sua apresentação. Todos ficam com seus semblantes sérios. O silêncio entre eles transmitia a tensão antes daquele momento. Um assistente, vestido com a camisa de ensaios da banda ajudava os componentes da banda nos últimos retoques nos uniformes. Fiquei por lá até os últimos instantes que precederam o início da apresentação, na tentativa de colher algum discurso dos regentes direcionado ao grupo. Porém, o máximo que ouvi foi: “Bora lá, pessoal!”, dito pelo Dennis.

Fotografia 89: Momento oração antes da apresentação. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Retirei-me do local e segui até o palanque para apreciar a apresentação.

Apresentação da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral” no Festival

A banda marchou até ao palanque conduzida por um grupo de pessoas que formava o tradicional pelotão de frente. Balizas, porta bandeiras, crianças e outros anunciavam a chegada da banda que se aproximou do palanque executando um repertório formado por músicas em estilo *rock* nacional. As músicas do arranjo eram conhecidas pelo público que, a exemplo do desfile cívico, participou cantando ao som dos instrumentos de sopro e percussão tocados na avenida. Cerca de quarenta pessoas integravam a banda. A maioria delas tocava instrumentos de percussão. Havia clarinetes, sax, trombones, trompetes, bombos, caixas, um quinto tom e pratos.

Fotografia 90: Instrumentistas de percussão. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

O tema apresentado reuniu uma sequência de *rock* nacionais. A coreografia, contruída com base nos passos característicos deste gênero também trouxe elementos cênicos que representavam o estilo. As roupas pretas usadas pelos músicos e balizas deram caráter à coreografia compartilhada por dançarinas e instrumentistas. Dennis regeu o grupo e utilizou um apito como recurso. Reinaldo tocou e coreografou junto com a banda.

Após a apresentação, que durou exatos sete minutos, a banda organizou-se em filas e marchou finalizando a sua participação.

Fotografia 91: Integrantes executam seus instrumentos e participam da coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 92: Coreografia compartilhada por dançarinas e instrumentistas. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 93: Instrumentistas participam da coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 94: Instrumentistas e dançarinas compartilham coreografia. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 95: Panorama geral da banda marcial. Escola “Pedro Álvares Cabral”. Santarém (PA), 2015.



Fonte: Acervo da autora.

Avaliação dos regentes da Banda Marcial “Pedro Álvares Cabral” após a apresentação

Ao chegarem ao local de encerramento da apresentação das bandas, todos se puseram em círculo para ouvir os discursos de Dennis e Reinaldo. Suas falas estavam repletas de boas expectativas em relação ao desempenho do grupo. As perspectivas futuras para a banda também se mostravam naqueles discursos. Reinaldo revelou-se preocupado com a descontinuidade das atividades da banda e ressaltou a sua preocupação com a falta de frequência dos alunos quando o Festival termina. Ele proferiu que o mais importante era manter as apresentações ativas e que aquele Festival era só mais uma apresentação cumprida.

CAPÍTULO 3 – REFLEXÕES SOBRE O DITO E O VISTO: VALORES EMERGENTES – O OLHAR DA PESQUISADORA

Os dois capítulos anteriores reuniram os “resultados” de minha imersão na realidade de três bandas escolares em duas etapas de preparação, respectivamente nos meses de julho e de setembro de 2015, e apresentação no Desfile e, como ponto culminante, no Festival, ambos em setembro daquele mesmo ano.

Por meio desses dois capítulos, pretendi fazer emergir, através das narrativas dos regentes e de minhas descrições do que vi em campo, os elementos didáticos (métodos, técnicas, materiais) reveladores de ensino que delineia uma “pedagogia do todo”, de modo a permitir a percepção de como aqueles elementos são desenvolvidos pelos regentes.

No presente capítulo, pretendo analisar como a “pedagogia do todo” emerge das demandas sócio musicais do Festival, e seus significados pedagógico-sociais no ensino de música aqui estudado.

FORMAÇÃO

A formação é um elemento-chave para a compreensão da “pedagogia do todo” e de como ela vai sendo incorporada pelo regente desde o seu processo de constituição como instrumentista componente de banda escolar, de tal modo que ele a reproduz na formação dos instrumentistas e futuros regentes preparados por ele na banda escolar por ele regida.

Todos os entrevistados têm em comum o fato de terem recebido formação em fanfarras de escolas públicas de Santarém. Dois deles foram iniciados ali. E ainda que os outros dois tenham iniciado no ambiente da família, a fanfarra veio em seguida.

Pesquisas, como de Amorim (2012), Nina (2015), Costa (2012), Kandler (2011), Almeida (2010), Cislighi (2009), Albernaz (2008), Binder (2006), Higino (2006) e Lima (2000) indicam que essa situação é recorrente: a formação de origem dos instrumentistas de bandas de música é sistematizada inicialmente na própria banda de música, diferente do que acontece na formação de instrumentistas de orquestras os quais quase sempre iniciam suas formações em conservatórios e somente depois ingressam em uma orquestra (VIEIRA, 2001).

Bourdieu (1989) assinala que é no devido espaço social que se reproduzem as respectivas condições de produção e os melhores são convocados a serem os reprodutores dessas condições. Assim é que se percebe que todos os regentes entrevistados, formados em

fanfarras, nelas atuaram como instrumentistas e auxiliares dos regentes titulares do grupo em que participavam. E em outro momento assumiram a liderança principal do grupo.

De fato, eles também repetem esse protocolo ao qual foram submetidos: os quatro regentes entrevistados possuem em seus grupos componentes que em outro momento foram seus alunos em outra banda ou fanfarra. Um deles declara abertamente a preocupação com a composição de sua “base”. Esta “base” é constituída pelos alunos iniciados por este regente. Outro regente iniciou o trabalho na atual escola após fazer migrar alunos (“formação [equipe] base”) da escola em que atuava anteriormente. Essa equipe “base” mencionada pelos regentes abrange instrumentistas com alguma experiência e que já incorporaram o *modus operandi* do regente, apoiam esse regente e “sustentam” uma banda que inicia sua formação.

Como efeito de tal protocolo de formação / recrutamento, os futuros instrumentistas e regentes saem, necessariamente, a exemplo de seus instrutores, de fanfarras de escolas públicas. Especialmente porque os regentes estimulam e desenvolvem, nos seus espaços de atuação, condições para que seus instrumentistas sigam a mesma trilha de suas próprias constituições como integrantes e regentes de banda.

Por exemplo: durante as observações, percebi que o regente titular de uma das escolas permitia que integrantes da banda assumissem a regência durante os ensaios. Sem aviso prévio. Isto me reportou à afirmação desse mesmo regente de que um dos critérios para ser líder de naipe era a coragem de estar diante do grupo. O fato de o integrante ter realizado a ação solicitada pelo regente lhe garantiu a sua confiança e mais oportunidades como membro da fanfarra.

Nesse ponto, é possível perceber o que é formulado por Bourdieu¹ (*apud* POZZOBON, 2008, p. 64): “[...] Para que um campo funcione é preciso que haja [...] indivíduos que estejam motivados a jogar o jogo, dotados de *habitus* implicando o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo”. Em outras palavras: para que uma banda escolar funcione é preciso que haja indivíduos que queiram dela participar, conhecendo e respeitando todas as suas regras de funcionamento, dispostos a incorporá-las como um modo de ser e fazer, isto é: de sentir, pensar e agir daquele grupo musical.

Este é um dos aspectos que, no caso desta pesquisa, encaminha a alguma pedagogia musical voltada para a preparação de um integrante de banda escolar, e caracteriza um ensino voltado, no primeiro momento, para o desenvolvimento de habilidades musicais não somente de execução instrumental (equipe de “base” que o regente translada consigo, pinçada de cada

¹ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução: Cássia R. Silveira e Denise Moreno. São Paulo: Brasiliense, 1990.

banda por onde passa, para atuar na próxima banda), mas também da liderança de naipe. Eis os dois critérios para a escolha de um auxiliar e formação de um futuro regente.

Além desses dois critérios de formação, as narrativas dos regentes apresentam outros, extrapolando a abrangência da música. Abarcam atividades como: conduzir o ensino da marcha e coreografia. Aqui, observei que o padrão de formação estabelecido pelos regentes corresponde ao de sua própria formação que envolveu experiências como coreógrafos ou dançarinos. Em um caso, o regente já se identificava com as artes cênicas antes mesmo que fosse uma exigência no campo de atuação das bandas; noutro, o regente se viu constringido pelas mudanças nas exigências de performance da banda escolar local a buscar conhecimento em dança. Tanto em um caso como no outro, os regentes exigem dos integrantes da banda o desenvolvimento de habilidades cênicas.

Nesse panorama, que abrange critério extra musical na formação do regente, uma pedagogia especificamente musical não dá conta das demandas da banda escolar envolvida nesta pesquisa. Evidencia-se aí, também, que desde a sua formação, o regente tem contato com uma pedagogia diferenciada, que nesta pesquisa vai se identificar como uma “pedagogia do todo”.

Analisando os dados acima, percebo ainda que, assim como há critérios, há estágios na formação de um regente de banda. O primeiro é a formação como instrumentista numa banda, neste caso, escolar. Nela, o futuro instrumentista e regente vai incorporando o modo como o seu regente opera em suas escolhas e execuções: o quê e como ensaia, ensina teoria musical / repertório / técnica, arranjo, concebe coreografia, orienta a marcha, distribui tarefas etc.

O estágio seguinte é o de auxiliar o regente em qualquer atividade que lhe seja proposta de acordo com as suas habilidades e experiências. A partir daí projeta-se o auxiliar. É necessário assinalar que, embora seja estimulada a condição de “herdeiro” do modo de ser, pensar e fazer de seu regente, o futuro regente acrescentará outras experiências que adquirirá como integrante de grupos em que vier a atuar ou em virtude de restrições do campo.

Por tudo isso, considero o que Setton (2002, p. 68) escreve quando trata da contemporaneidade na teoria do *habitus*. Ela reflete sobre a possibilidade de “pensar o indivíduo portador de uma experiência que o predispõe a construir sua própria identidade, a fazer suas próprias escolhas sem obedecer cega e unicamente a uma memória incorporada e inconsciente”.

Anderson e Dennis, por exemplo, revelaram através de suas falas uma identidade construída por meio de experiências vividas durante a suas formações que vão desde a

fanfarra, passando por cursos de curta duração até o curso superior, que algumas vezes não são somente de música. Dennis diz não gostar de cantar e por isso não faz o “processo de musicalização” com seus alunos. Ele foi aluno de uma Escola de Música que possui em seu sistema de ensino etapas de estudos em música. A primeira delas é a “musicalização” e corresponde às atividades que envolvem a prática do canto. Para ele é melhor iniciar o estudante diretamente no instrumento de banda. Já o Anderson considera importante o processo de musicalização por meio da flauta doce antes de estudar um instrumento de banda. Em sua narrativa, ele diz ter aprendido a tocar flauta doce na Licenciatura. Observo que mesmo não passando por esta experiência inicial em música, Anderson julga importante e escolhe fazê-la com seus alunos antes de começarem a praticar o instrumento de sopro que assumirão na futura banda marcial almejada por ele. O que Dennis acredita não ser necessário, mesmo tendo passado por tal experiência, Anderson considera importante, mesmo não tendo vivido tal processo.

Acredito que o universo teórico e prático da pedagogia que lhes foi apresentado na formação em Licenciatura, fundamentou suas escolhas. Isto também pode incluir a influência de colegas que também vieram do meio das fanfarras e seguiram seus estudos musicais optando pela Licenciatura. Anderson diz ter sido motivado por seus amigos regentes de fanfarra e egressos do curso superior em música a prestar vestibular para a Universidade do Estado do Pará. Os mesmos atuaram como professores no curso pré-vestibular em música do qual ele participou.

Os espaços de formação dos regentes, seja em fanfarra, em banda de música, em grupo de dança, como auxiliares, seja somente como instrumentistas, foram contextos que lhes proporcionaram oportunidades para adquirir habilidades como: liderar um grupo de pessoas e ensinar-lhes coreografias. Notei que as habilidades adquiridas por estes regentes estão diretamente ligadas à sua trajetória como músicos dançarinos. Suas narrativas apontam para uma formação que envolve aspectos que indicam a incorporação de conhecimentos que vão além das habilidades de um instrumentista convencional.

O que desejo remarcar é que “a experiência incorporada, mas também em construção contínua na forma de um *habitus* que habilita o indivíduo a construir-se processual e relacionalmente com base em lógicas práticas de ação ora conscientes, ora inconscientes” (SETTON, 2002, p. 68). Ou seja: embora haja padrões e, por conseguinte, recorrências, o *habitus* é dinâmico; não é cristalizado e tampouco determinista. Especialmente porque o processo de formação tem seus interstícios como espaços de possibilidades de escapar do “padrão”.

Exemplo do dinamismo do *habitus*: o ensino coletivo marcou o início das atuações dos regentes como instrumentistas em fanfarras (padrão). Do mesmo modo, atuam com seus grupos hoje. Porém, todos promovem o ensino individual para aqueles alunos cuja aprendizagem necessita de atenção especial. Os ensaios de naipe também são considerados como um caminho para o ensino direcionado. Vejo, portanto, que o modo de aprendizagem narrado pelos regentes no início de sua atuação difere do modo atual (ruptura).

Corroborando a tese dos interstícios para compreender as rupturas, o fato de que nem todos os regentes entrevistados formaram-se no mesmo percurso. Assim como Dennis foi o único a frequentar uma Escola de Música, Reinaldo e Douglas não passaram pela Licenciatura em Música, mas tiveram contato direto com pessoas da área que lhes apresentaram outros conhecimentos ou comportamentos.

Por outro lado, para Tardiff (2014), os saberes da experiência têm prioridade sobre os da formação acadêmica, pois nos desafios do cotidiano docente, os saberes experienciais incorporam-se à prática profissional sob a forma de *habitus*, manifestos nas habilidades.

As narrativas apontam que dentre as experiências, a mais determinante, já na formação de todos os regentes foi a vivência nos desfiles e sobretudo nos festivais de bandas e fanfarras, como plateia ou como músico. Durante as conversas com um dos regentes colaboradores, ouvi menções aos antigos festivais. Suas memórias se reportam à forma como eram organizados pelas associações estudantis da cidade. Sua vontade de participar daquele concurso era motivada pela apreciação do evento nos estádios onde ocorriam quando ele ainda era um adolescente. Outro regente recorda seus sentimentos de ansiedade ao participar pela primeira vez de um concurso de bandas.

ATUAÇÃO

A formação “abrangente” do regente pode ter como efeito o que Lima (2000, p.94), em suas pesquisas, denomina “regente solitário” aquele que cuida da organização da linha de frente da banda, com balizas, *mor*, corpo coreográfico e/ou outros componentes. Esse regente tem consciência de que precisará de muitos conhecimentos para estar pronto para ensinar qualquer integrante, em qualquer setor da corporação.

Todavia, na realidade com a qual convivi, os regentes optaram pelo trabalho em equipe, a exemplo do que Nina (2015) constatou em sua pesquisa. No presente estudo, observei que a condução do ensino e a gestão da banda não são solitários. Ainda que os quatro regentes ensinem a tocar todos os instrumentos que compõem a banda ou fanfarra onde atuam,

façam arranjos musicais, criem e/ou ensinem a coreografia, concebam figurinos, constatei a divisão de tarefas com outros profissionais. Na fanfarra “Frei Ambrósio”, existe um assistente social que exerce a função de coordenador geral. Há também um coreógrafo para os pratileiros. A banda marcial “Pedro Álvares Cabral” conta com um coreógrafo para as balizas. Na fanfarra “Dom Anselmo”, trabalham duas pessoas as quais o regente denomina “coordenadores”, responsáveis pela produção. Esta fanfarra também conta com uma coreógrafa para as balizas e banda. Nos três casos, os regentes gravam as músicas executadas pelas bandas e repassam aos coreógrafos para a preparação da coreografia. No caso da fanfarra “Dom Anselmo”, o regente dá idéias à coreógrafa para a elaboração da coreografia da fanfarra.

Em setembro, percebi a presença de outros regentes e ajudantes junto às fanfarras nos ensaios e principalmente no dia da competição do Festival. Na fanfarra “Frei Ambrósio”, havia mais um regente conduzindo a movimentação coreográfica do grupo. Ele atuou compartilhando a regência com o Anderson. O mesmo ocorreu na fanfarra “Dom Anselmo”. Este grupo contou com a presença de dois ajudantes. Eles conduziram a marcha e o alinhamento. Junto à banda “Pedro Álvares Cabral”, havia dois ajudantes prestando serviço de apoio aos músicos.

Entendo que, nesse âmbito, o regente atua como um diretor geral da banda, um gestor que coordena e dá o veredito final às propostas de uma equipe multidisciplinar. Ao que parece, as “subequipes” estão relacionadas especialmente às demandas do Festival. Os regentes distribuem cada critério descrito no regulamento do concurso de bandas e fanfarras a uma pessoa, que passa a ser responsável pelo desenvolvimento do item.

Mas não são envolvidos somente profissionais nessa divisão de tarefas. Assim como ocorreu na formação dos regentes, eles também incluem os componentes da banda. Em alguns casos, os integrantes tem autonomia para sugerir e conduzir o ensaio e o ensino quando lhes é oportuno. Por exemplo, quando se torna necessário contar com a ajuda de integrantes agindo como regentes substitutos do grupo ao acompanhar o desfile cívico de outras escolas públicas e / ou particulares nos horários em que os regentes titulares encontram-se indisponíveis, mesmo que o integrante não seja um líder de naipe – embora o líder de naipe seja um colaborador destacado entre os componentes da banda e seu papel emane em favor das necessidades do grupo no Festival, em desfiles cívicos e outros eventos.

Embora não seja tarefa simples fazer parte de uma banda, não há exigências ou restrições quanto ao perfil ou origem do participante. Todos os regentes afirmaram que o futuro participante não depende de teste para ingressar na banda. Porém, para alguns regentes,

é importante que sejam pessoas que residam no mesmo bairro onde ocorrem as atividades das bandas, em virtude da facilidade no acesso ao local de ensaio. A esse respeito, na pesquisa de Nina (2015), um regente de banda de escola pública do município de Santarém (PA) ressaltou que morar próximo ao local onde acontecem as atividades da banda ajuda a manter a frequência do participante.

As mudanças e / ou aumento na quantidade de integrantes nas bandas é fato observado. Os regentes atribuem esse acontecimento à aproximação do dia do Festival. Em uma das fanfarras, ouvi de seu regente que, naquele momento o “grupo estava melhor”, pois os “antigos integrantes” haviam voltado. Para que pudessem voltar, alguns integrantes menos experientes tiveram que sair, pois o limite de componentes, segundo ele, não poderia ser ultrapassado, ficando claro o aspecto competitivo do Festival como o fator determinante para as decisões desse regente. Esse “rodízio” de componentes talvez tenha relação com o número muito pequeno adolescentes se comparado à quantidade de jovens e adultos que integram a banda “Pedro Álvares Cabral” e a fanfarra “Dom Anselmo”, e com o fato de na fanfarra “Frei Ambrósio” não haver crianças instrumentistas.

Por outro lado, a aproximação do dia da competição influencia a saída de integrantes, pois à medida que as despesas com figurinos vêm à tona, os componentes se veem diante de dificuldades financeiras para custeá-las, motivando a desistência.

É importante acrescentar, ainda, a respeito do ingresso nas bandas onde realizei esta pesquisa que, não obstante a inexistência de testes de seleção, os regentes informaram que os interessados só iniciam seus estudos musicais após experimentarem diferentes instrumentos, para se verificar em qual haverá uma melhor adaptação. A partir daí, os regentes afirmam fazer o possível para que o estudante aprenda a tocar aquele instrumento, considerando a possibilidade de troca caso não haja uma real adaptação. A preferência por determinado instrumento também é considerada. Em alguns casos, o participante inicia o estudo no instrumento e após algum tempo troca por outro. Isto, segundo os regentes, é devido à carência de determinado instrumento na banda ou a falta de empatia do estudante pelo objeto que “revelou” sua aptidão inicial.

Essa realidade nem sempre se confirma na pesquisa realizada por Amorim (2012). Segundo os instrumentistas oriundos de bandas musicais, entrevistados pelo autor, embora o integrante ingresso seja introduzido e permaneça no instrumento ao qual melhor se adapte, ainda que não seja o mesmo que ele desejava a princípio, a tendência é que o ingresso seja destinado ao instrumento para o qual não há componente disponível. Essa introdução também

pode ser em um instrumento de percussão, como a caixa, quando não há qualquer outro instrumento disponível.

Não observei em outras pesquisas a ênfase que um dos regentes deste estudo faz à relação entre gênero e acesso a determinados instrumentos. Em sua narrativa, esse regente mencionou quebrar padrões por preferir preparar mulheres para executar cornetas. Ele não esclarece a razão de sua preferência e tampouco a resistência em outras bandas. Essa relação entre gênero e instrumento emerge novamente em seu depoimento quando diz ser comum a associação dos pratos ao gênero feminino, embora haja pratileiros nas bandas. De todo modo, não é incorreto afirmar que ainda se mantém o histórico perfil masculino desse conjunto musical, sinalizado pelo figurino dos instrumentistas (calças compridas, casaca, camisa, gravata, paletó, *cap*, sapatos fechados e meias) que disfarçam as formas do corpo feminino e escondem os cabelos longos em coques. Esse figurino é confirmado pela postura militar vertical e rígida e coreografias vigorosas que exigem força, diferente dos movimentos e trajés femininos das balizas. De fato, o modo como os regentes lidam com os seus grupos revela características militares, embora somente um deles sirva ao militarismo. Os outros três nunca serviram neste seguimento. Desse modo, posso considerar a afirmação de Lima (2000, p. 86) sobre heranças militares comuns às bandas que desfilam, pois, a disciplina e a postura são frutos de uma incorporação desse conhecimento.

O ensino do instrumento, como foi discutido no tópico anterior, é desenvolvido ora por naipe, ora no conjunto da banda e, dependendo da necessidade do aluno, individualmente, como foi possível observar em campo. O regente, o líder de naipe e um componente de nível mais avançado podem realizar esse ensino, indicando mais uma vez o compartilhamento de tarefas, pelo regente.

Raramente é mencionado o ensino de técnicas de execução instrumental. Em geral, quando os regentes tratam do ensino do instrumento, referem-se ao ensino da execução rítmica e melódica das músicas que compõem o repertório de cada banda.

Tendo em vista a execução rítmica e melódica por leitura de partitura, em duas bandas está presente o ensino de teoria musical. Um regente ensina teoria para os estudantes de corneta. Ele acredita que a aquisição desse conhecimento tornará seus alunos mais conscientes de suas práticas musicais. Propor conteúdos de teoria musical aos estudantes de corneta lhe trouxe desafios ressaltados ao relatar a crítica que sofreu diante de tal decisão, pois, não era comum ensinar a leitura de códigos musicais neste meio.

O outro regente que desenvolve o ensino de teoria musical, o faz a fim de que os instrumentistas de sopro tenham habilidades para ler partitura e assim, facilitar a

aprendizagem das músicas. Ele optou pela aplicação do método “Da capo” (método de ensino coletivo para instrumentos de sopro e percussão), de Joel Barbosa. Ele justifica a sua preferência pela obra, porque traz o ensino de teoria aplicado à prática, facilitando o seu trabalho. Do mesmo modo, Kadller (2012, p. 120), registra em sua pesquisa as preferências de alguns regentes das bandas do meio Oeste Catarinense por métodos de ensino instrumental que tragam em seu conteúdo a teoria aplicada à prática.

Os outros dois regentes não usam a leitura de partitura com seus alunos de percussão, pois julgam que é mais fácil ensinar e aprender os ritmos por imitação. Isto, como registra Cislighi (2009), em seus estudos sobre as concepções de professores sobre educação musical e os processos de ensino e aprendizagem de música realizados no projeto de bandas e fanfarras de São José (SC), é recorrente na prática de ensino dos regentes das bandas e fanfarras por ele investigadas.

O ensino aliado ao desenvolvimento da memória auditiva é objetivo dos regentes que ensinam a tocar instrumentos de percussão. Embora tocar instrumento de sopro seja precedido do aprendizado da leitura de partitura, foi possível perceber, entre os instrumentistas, suas habilidades de memorização ao executar decorado o arranjo musical apresentado no Festival.

Sobre o arranjo musical, dois dos regentes encomendam de alguém da cidade, porém o alteram de acordo com a necessidade. Os outros dois atuam como criadores principais. Esses arranjos são efetuados sobre as músicas escolhidas para compor o repertório a ser executado por cada banda.

Os critérios para a escolha do repertório variam de acordo com a organização e o sistema de cada banda ou fanfarra. Uma delas possui uma comissão organizadora, a qual decide o tema e as músicas. Em outra banda, quem decide é o próprio regente que age de acordo com o seu gosto musical. Há, em especial, a decisão de escolha do repertório de acordo com a demanda do Festival, após avaliação de concursos anteriores.

Percebi, em campo no mês de setembro, que os arranjos musicais executados pelos grupos sofreram alterações em relação aos que estavam sendo ensinados e ensaiados durante as visitas, dois meses antes, em julho. Segundo os regentes, à medida que são ensaiados, os arranjos são alterados de acordo com as necessidades ou demandas. Principalmente os arranjos criados pelos próprios regentes dos grupos. Por exemplo: faz-se outro arranjo ou toca-se somente parte de um, nos desfiles cívicos. Percebi, aí, a importância de reservar ou preservar arranjo dedicado à competição no Festival. Essa preservação, em alguns casos, vem acompanhada de sigilo.

O repertório e arranjo eram vinculados aos temas para a participação no Festival, lembrando o processo das escolas de samba, mencionadas em narrativa de um dos regentes. Percebi que os temas de 2015 não se relacionavam à cultura local; eram nacionais ou internacionais. Como efeito, os gêneros musicais não pertenciam ao vernáculo nem mesmo regional, embora fizesse parte do cotidiano musical dançante divulgado pelos meios de comunicação: *funk*, *axé*, *forró*, *dance*, *rock nacional*.

Diferentes argumentos fizeram parte das justificativas dos regentes sobre suas escolhas dos temas e repertórios para a apresentação no Festival. O regente da fanfarra “Frei Ambrósio” não escolhe o tema. Existe uma “comissão organizadora” responsável por esta escolha. Ao conversar com o coordenador geral dessa fanfarra, ele mencionou que há algum tempo era um desejo da equipe desenvolver o tema que envolveria a tradicional festa brasileira de rodeio que ocorre na cidade de Barretos. Não obtive informações suficientes que justificassem esta escolha; somente impressão de que houve uma preferência pessoal.

O regente da fanfarra “Dom Anselmo” avalia bandas vencedoras em festivais anteriores, a partir do quê opta por um tema e repertório que ele julga contagiante.

Reinaldo escolheu o tema “Rock nacional dos anos 90” e preferiu músicas conhecidas pelo público e que são veiculados pela mídia na atualidade. Seu gosto pelo estilo prevaleceu na hora da decisão. Segundo ele, houve uma preocupação com os arranjos destas músicas, para que atendessem ao nível de aprendizagem técnico dos instrumentistas. Essa preocupação em adequar arranjos e composições ao nível dos músicos e às estruturas de conjuntos musicais é comum entre regentes de bandas e corais e é observada por Aliverti (2004), em sua pesquisa sobre a obra musical do santareno Wilson Fonseca. As palavras da autora podem ser associadas ao que foi narrado por aquele regente desta pesquisa:

Algumas situações inerentes a sua própria realidade determinam o produto de seu trabalho, como é o caso da adaptação ou ‘facilitação’ da partitura ao instrumentista, por exemplo. Esta realidade vivenciada pelo compositor vem explicar, pelo menos em parte, a origem de certos arranjos, pois as limitações impostas pela realidade local referentes à condição humana e geográfica não lhe permitiram maiores elaborações da linguagem musical. Para Fonseca, a necessidade de atender ao contexto e ver sua música executada em sua cidade, pelos músicos de lá, e pelos instrumentos existentes, levava-o a transformar o ato de compor também em uma atitude social. (ALIVERTI, 2004, p. 205)

Portanto, a respeito da escolha dos temas de 2015, não há dados suficientes para uma análise, mas há indicativos de que são selecionados ora de acordo com a demanda do Festival, ora pelas preferências pessoais. Nisso, diferem de anos anteriores, em que as escolhas parecem

estar relacionadas às disputas no Festival. Verifiquei que em 2012, por exemplo, a fanfarra “Frei Ambrósio” e Banda “Pedro Álvares Cabral” apresentaram temas que incluíram músicas regionais. Observando registros de vídeos de apresentações de outras bandas e fanfarras no Festival daquele ano, percebi a presença de um repertório regional naqueles grupos. O mesmo aconteceu no ano de 2014, quando a fanfarra “Dom Anselmo” apresentou os estilos “*Funk* e *Dance*” como temas para aquele Festival. Naquele ano, outras fanfarras apresentaram repertório similar, embora outras tenham desenvolvido temas como “Brincadeira de Criança” – apresentado pela fanfarra de uma escola localizada próximo a Escola “Frei Ambrósio”. Isto ofereceu indícios de que os regentes e organizadores dos grupos decidem o tema e / ou repertório considerando o tema e / ou repertório de outras bandas e fanfarras, incluindo as preferências do público, as bandas e fanfarras campeãs e as bandas e fanfarras “rivais”.

Posteriormente à escolha do repertório e aos arranjos das músicas que o compõem segue o trabalho coreográfico. O caminho adotado para o aprendizado da coreografia é comum a todas as bandas. Os passos seguidos nesse caminho constituem dois grupos de procedimentos: 1º) procedimentos preliminares ao aprendizado da coreografia: aprender a tocar o arranjo, gravar a execução feita pela própria banda, ouvir a gravação; e 2º) procedimentos de aprendizado da coreografia: ensaiar sem o instrumento e ensaiar com o instrumento. A sequência coreográfica deve ser memorizada pelos componentes, assim como as músicas que serão executadas.

Internet, programas e aplicativos de dispositivos como o celular são recursos tecnológicos presentes nas bandas e fanfarras, que servem como ferramentas para a aprendizagem coreográfica e musical. Observei também que manipular programas de computador para editar músicas baixadas da Internet era uma habilidade de um dos regentes entrevistados.

Acrescento sobre o uso, no contexto das bandas, de tecnologias da informação e comunicação (conhecidas pela sigla TIC), a existência de grupos virtuais entre os integrantes. Era comum ver componentes se realcionando via Internet, por meio de seus aparelhos celulares. As interações por meio de aplicativos eram motivadas pela demanda da competição no Festival. Em alguns, como Facebook, era possível apreciar toda a mobilização dos participantes das bandas em torno do evento. Propagandas, fotos, palavras de incentivo, depoimentos de egressos das bandas e planejamento faziam parte dos registros feitos pelos usuários.

Os ensaios das músicas e coreografias têm como espaço principal as dependências da própria escola. Dois regentes dividem a banda em grupos. Estes grupos ensaiam em diferentes

espaços, ao ar livre, auditório, área coberta ou quadra. Outro regente também ensaia seu grupo nas dependências de uma escola vizinha ou em sua própria casa, ou ainda na casa de outra pessoa. Todos eles em algum momento ensaiam nas ruas ou praças da cidade. Embora vigorasse uma portaria da Secretaria Municipal do Meio Ambiente – SEMA proibindo os ensaios em locais públicos, fora do horário por ela definido, era comum encontrar as bandas ensaiando em locais e horários considerados impróprios.

Nesses ensaios, era comum a presença de namorados(as) e outros acompanhantes dos integrantes, ex-alunos e crianças. Algumas dessas crianças eram filhos(as) ou parentes dos regentes e de integrantes da banda. Crianças também estavam presentes no pelotão de frente das bandas e fanfarras nos desfiles cívicos e Festival. A frequência destas no ambiente das bandas tende a funcionar como uma familiarização com os processos de ensino, ensaios, repertório, desfiles e competições, “alfabetizando-as” “natural” e previamente por meio da incorporação de disposições que as anunciam como potenciais futuros integrantes.

Por fim, é interessante o fato de que alguns regentes desenvolvem trabalhos junto a outras bandas de escolas públicas. Um deles trabalha em mais três escolas além daquela onde esta pesquisa foi realizada. Esse fato revela um campo de trabalho aberto para essa atividade nas escolas públicas de Santarém.

Pelo acima exposto, percebo que a atuação do regente de banda compreende um “todo”, isto é, não se trata somente do ensino de música ou somente de ensino. Sua atuação abrange a gestão de tudo o que se relaciona a este ensino: seleção de ingressos, escolha de temas, repertório, arranjos, ensaios, aulas e interlocução com a equipe multidisciplinar que colabora com o regente na execução de todas essas tarefas. E todas essas tarefas irradiam de um ponto: o Festival. Nesse contexto, os estudantes, que ingressam nas bandas e fanfarras “de olho” no Festival, são conduzidos por um ensino do “todo” a uma aprendizagem do “todo”.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tanto nas narrativas, quanto na descrição do campo, é possível perceber elementos que dizem respeito ao suporte para o ensino, que envolve sustentabilidade na perspectiva de presente e futuro das bandas e fanfarras e que expandem ainda mais a abrangência da “pedagogia do todo”. Destacaram-se estratégias como parcerias, trabalho voluntário, meios para a aquisição, manutenção dos instrumentos musicais, envolvimento das bandas e fanfarras em outros eventos na escola e fora dela e os projetos futuros dos regentes para o grupo musical que lideram, bem como a forma de serviço voluntário que eles exercem. Há, ainda, a formação do comportamento musical, artístico e social, que ora visível ora invisivelmente vai sendo moldado.

Pude verificar em campo que tais ações de gestão do suporte para o ensino nas bandas convergem para a participação no Festival. Daí o caráter competitivo quase sempre incorporado aos trabalhos dos regentes junto às respectivas bandas. Esta marca da disputa emerge nas narrativas de dois regentes, que declararam ter como objetivo de seus trabalhos preparar a banda para participar do desfile e Festival. Para os outros dois, a musicalização dos alunos e a formação do caráter é a principal meta; estes veem a banda como uma oportunidade para o indivíduo vivenciar a disciplina, a concentração e o cooperativismo.

No entanto, a ação de todos os regentes é baseada no edital onde estão contidos os critérios para a avaliação do desempenho dos grupos, que passam a orientar todo o trabalho nas fanfarras. Isto se confirmava ao ouvir conversas informais de integrantes de uma das fanfarras a respeito do modo como um determinado “grupo rival” estava se preparando para o concurso ou como havia sido a sua apresentação no desfile da Semana da Pátria; e no discurso de um regente que apontava em outra banda problemas, estabelecendo paralelos com o desempenho da sua própria banda. Assim, as comparações entre práticas de banda orientadas pelas diretrizes do Festival sobre arranjo, marcha, figurino, coreografia, entre outros aspectos, têm como efeito a construção de práticas sociais marcadas pela “rivalidade” quando se trata de bandas que pertencem à mesma categoria.

Ao analisar esta situação, constatei que na observação em campo emergiram aspectos contraditórios às narrativas dos regentes entrevistados. Em seus depoimentos, especialmente no mês de julho, ainda distante da data do Festival, os regentes apresentaram um discurso com enfoque didático. No entanto, às vésperas da competição revelou-se realidade de comportamentos diversa àquela. Sobre esta situação que traz à tona certa tensão entre ideal e realidade, Vieira (2003), aponta as “constrições” do campo como determinantes: o afã de

ganhar o troféu do Festival e com ele todo capital simbólico de prestígio e destaque distanciaram os regentes de seus propósitos educativos convertendo-os em propósitos competitivos.

Para manterem ou prepararem seus grupos musicais, os regentes entrevistados mantêm parcerias como estratégia a fim de obter condições para participação no desfile e na competição do Festival. Entre elas está o empréstimo de instrumentos. Nesse âmbito, percebi a marca pró-ativa do perfil dos regentes. Eles têm que ter iniciativa diante de demandas emergentes relacionadas ao que é fundamental neste Festival – o instrumental. Em torno deste, eles: negociam, fazem empréstimo, consertam indo além do que comporta o papel de um regente. Nina (2015) demonstra esta realidade nas iniciativas do regente por ela pesquisado, que, como os regentes desta investigação, assume responsabilidades também em torno da infraestrutura da banda de música da qual está à frente.

Segundo os regentes, manter o grupo ativo depende também de estratégias econômicas. Estas incluem desde a cobrança de mensalidades pagas pelos componentes, até a promoção de sorteios de prêmios, e às vezes conta com a participação de professores simpatizantes e familiares dos componentes. Estas ações são recorrentes no contexto das bandas do Brasil. Assim, Lima (2000), em seu estudo sobre os desafios da banda para manter-se atuante, registra que tais práticas são formas alternativas para manter a banda em cena. Nos contextos em que convivi, ouvia expressões que sinalizavam tais iniciativas como um “autoinvestimento” dos regentes e dos componentes das bandas. Iniciativas para aquisição de uniformes, figurinos, adereços, camisas para ensaio, cenários e outros materiais usados individualmente e em grupo eram percebidas como investimentos dos integrantes ou de seus familiares.

Por que fazem isto? Por que entendem como “investimento” e não como “custo”? Para responder a estas perguntas é preciso entender o sentido da banda ou da fanfarra em suas vidas.

Observei que a importância desse conjunto musical na vida de seus integrantes ou pelo menos dos respectivos regentes está vinculada à “ambição” por crescimento. Nesse sentido, há, entre os regentes, a intenção de incrementar ou ampliar sua atual banda. Todos os regentes têm em comum o desejo de adquirir instrumentais melhores, bem como acrescentar instrumentos que possam diferenciar seus grupos da atual formação e que permitam a ascensão a outra categoria na competição do Festival. Isso mostra o desejo de desenvolvimento do trabalho, atendendo à demanda da atuação de cada grupo, seja em desfiles, seja em apresentações em outros eventos na escola, fora da escola ou em concursos.

A escola é o espaço fundamental em que se busca o apoio. Servir a própria escola onde funcionam as bandas é uma maneira de retornar o apoio recebido da instituição. É também uma forma de se manter em evidência no interior da escola. Tocar também em outros locais lhes garante prestígio e reconhecimento, além de divulgar a existência do grupo. A escola passa a ver a banda como sua referência de expressão junto à sociedade. A escola é vista “através” da banda. Já não se trata esta ou aquela escola como lugar de gangues, mas de bandas ou fanfarras reconhecidas a cada ano pelas outras escolas e pela sociedade local no Festival, espaço social de exposição e busca de distinção.

Tanto o Festival quanto os outros eventos que ocorrem fora da escola são um grande incentivo aos participantes das bandas, também porque acompanhar outras escolas em seus desfiles cívicos, sejam elas públicas (municipais) ou particulares, é um meio pelo qual as bandas ensaiam para as suas apresentações, embora não as realizem tal qual seria no dia dos seus eventos. Por exemplo: o uniforme usado por duas das bandas não era o mesmo usado no Festival. A “camisa de ensaio” ou outro uniforme é confeccionado para os desfiles cívicos.

Importante assinalar que as atividades desenvolvidas pelos entrevistados são marcadas pelo trabalho voluntário. A jornada de trabalho apresentada por eles varia entre trabalhar em dias alternados e trabalhar todos os dias da semana. Dois deles dividem seus horários entre os ensaios e aulas, emprego fixo e família. Um deles recebe uma ajuda de custo que corresponde ao faturamento de parte das mensalidades e o repasse da verba do programa “Mais Educação”. Esta situação também é observada na pesquisa de Nina (2015). Ali, a autora identifica, do mesmo modo que Vieira (2001), o “oblato” como marca no comportamento do músico. Ele se coloca como “oferenda” ou “sacrifício” em prol da música.

Esse sacrifício é ainda percebido no ensaio diário e, em todos os casos, incluir os sábados e domingos em suas jornadas de trabalho é comum entre os quatro regentes. Principalmente com a aproximação da data do concurso. Os ensaios se intensificam, mesmo que alguns regentes tenham afirmado que o concurso não era o objetivo principal. Isso é recorrente em diversas situações que envolvem concursos. Praticar durante horas seguidas para obter-se o esperado. A disposição dos integrantes das bandas que deixam seus afazeres do dia a dia, outras atividades de lazer, que exercem suas funções voluntariamente, se autossustentando e até mesmo agredindo seu próprio corpo, para cumprir a jornada ensaios, multiplica-se à medida que o concurso se aproxima. De fato, isto não é novidade em meio às situações que envolvem disputas, porém, vale ressaltar que o sistema que envolve toda a produção e que faz com que estes grupos mantenham-se ativos e possam chegar a competir é constituído de muitas especificidades que envolvem educação e arte.

Os discursos dos regentes após os ensaios apresentaram as suas concepções sobre o poder da música (como arte) em mudar a mente do indivíduo (como educação). Eis aqui outro dos sentidos do “autoinvestimento” dos alunos e regentes: o crescimento pessoal que o trabalho com a banda ou fanfarra promove. Os regentes transmitiam noções de responsabilidade e trabalho em equipe justificado pelo desejo de obter sucesso. As ações de colaboração entre os participantes iam desde o ensino até a produção de materiais, adereços, incrementos, limpeza de instrumentos e produção visual dos integrantes. São valores que os alunos levariam para as suas vidas, relacionados à autoestima e à transformação pessoal em vista da ascensão social. Trata-se da “redenção” ou “recuperação” humana e social do indivíduo por meio do trabalho artístico coletivo.

Nesse âmbito, a pesquisa de Amorim (2012, p. 101-103) revela como esta perspectiva é forte no mundo das bandas de música, consideradas como “segunda casa” onde se “têm a possibilidade de conviver juntos por muitas horas, ter contato uns com os outros, trabalhar em grupo com o qual desenvolvem identidade”, evidenciando forte valorização de “aspectos não musicais em sua formação”, como: disciplina, cordialidade, ambiente alegre, descontraído e responsável.

Neste ponto, emergem alguns conflitos provocados por contradições: entre esses aspectos sociais humanizadores internos em cada banda ou fanfarra e os comportamentos de disputa externos (em relação a outras bandas ou fanfarras) disparados pela competição que marca a participação no Festival; entre as conversas descontraídas e brincadeiras e as tensões e exigências extremas de horas de trabalho extenuantes; entre a exclusão dos ingressos menos experientes que participaram de todo o processo de preparação para os desfiles e Festival e a inclusão dos egressos veteranos cuja experiência em competições pode alavancar as condições na disputa; o trabalho voluntário e a busca de condições de sustentabilidade...

A “pedagogia do todo” abrange tais contradições que expressam a complexidade do ensino em bandas e fanfarras. É ao mesmo tempo efeito artístico e social das exigências artísticas e sociais do Festival, em torno do qual, como mariposa, o ensino gira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar os processos de ensino em bandas e fanfarras escolares na preparação para o IX Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém (PA). A fim de obter dados sobre referida preparação, realizei entrevistas com quatro regentes de três escolas públicas daquele município, assisti aos ensaios, desfile cívico e à apresentação no Festival de suas bandas e fanfarras. Através dos dados obtidos por meio da História Oral e de uma descrição densa, foi possível alcançar uma visão da “pedagogia do todo” que caracteriza a preparação daqueles grupos que participaram do Festival em 2015. A formação dos regentes e suas atuações no ensino, mediante as demandas do Festival, foram relacionadas a outras pesquisas sobre bandas de música identificando aspectos recorrentes. Também foram feitas reflexões a partir das noções de *habitus* como disposições incorporadas de forma dinâmica, e de campo como espaço específico com suas regras de conduta na disputa por manutenção ou por melhor posição, que serviram de “lente” para alguma compreensão das situações nas quais os regentes e outros integrantes dos grupos investigados estavam imersos.

As fases de transcrição, textualização e transcrição das entrevistas, bem como a descrição do observado em campo e organização do material coletado: fotos, filmagens, documentos que agora compõem um acervo sobre a história presente do Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém, foi de extrema importância no desenvolvimento deste trabalho. Busquei estabelecer diálogos (e não confrontos ou “caça” a evidências) entre os dados emergentes dos textos das narrativas e das descrições detalhadas, na interpretação, análise e discussão dos resultados desta pesquisa.

O “Festival de Bandas e Fanfarras” de Santarém acontece anualmente e conta com a participação de mais de vinte escolas (das 41 que possuem bandas ou fanfarras), dentre elas, as municipais, estaduais e escolas de municípios vizinhos. O evento é gratuito e, atualmente, é realizado na orla da cidade. Um grande público participa dos dois dias da programação, manifestando suas preferências e fazendo parte de torcidas.

Os caminhos pedagógicos atualmente assumidos para o ensino em bandas de escolas públicas de Santarém na preparação para o festival local foram descritos e analisados, buscando a compreensão daquela prática artístico-pedagógica e de como ela é influenciada pelo Festival para o qual as bandas se preparam e que se revelou como o fim último da existência daquelas bandas escolares, na atualidade. Eis o ponto central, para o qual converge e do qual irradiam as demandas do trabalho pedagógico desenvolvido nas bandas.

Os regentes são os principais responsáveis por conduzir o processo de ensino musical e coreográfico, e contam com a colaboração de professores, chefes de naipe e dos próprios músicos, também responsáveis pela produção dos grupos.

Além do ensino musical e coreográfico, os colaboradores dividem com o regente a liderança na realização de outras tarefas que incluem: a elaboração dos arranjos, a composição coreográfica, os ensaios, a organização de desfiles, a concepção e confecção de alegorias, figurinos e adereços, o empréstimo, aquisição e manutenção de instrumentos e a arrecadação de recursos financeiros para a sustentabilidade das bandas e fanfarras.

Essa equipe multidisciplinar realiza todas essas tarefas liderada pelo regente. É possível perceber, embora não profundamente, que as relações de cada membro da equipe se dá com o líder, salvo alguma exceção, de alguma “subequipe” que decide inicialmente, por exemplo o tema. Aqui se tem, portanto, a centralização das decisões no regente, embora as tarefas sejam divididas.

Os componentes da banda também se voltam a esse regente não só como aprendizes do que é ensinado sobre música e coreografia, mas também apreendendo tudo o que faz parte da cultura desse grupo social, porque são chamados a colaborar em todas as tarefas. Nessa participação mais abrangente, tal qual acontece nas aulas e ensaios, são aprendidos os conteúdos e também os modos de proceder para uma banda ou fanfarra “funcionar” e alcançar o objetivo almejado. Tais procedimentos envolvem o mínimo de verbalização e o máximo de ações (por vezes chegando a um ativismo que a todos deixa extenuados), o que faz perceber que são práticas cuja aprendizagem é marcada pela imitação e repetição.

Percebi que no cotidiano das bandas e fanfarra investigados, a multiplicidade de práticas são desenvolvidas em espaços compartilhados, onde todos estão “juntos e misturados” e várias situações de ensino e aprendizagem são realizadas simultaneamente em um mesmo espaço. A visualização dessa realidade leva a refletir sobre uma “educação difusa dos sentidos”: no ensino das práticas, mesmo quando a atenção dos componentes é direcionada um aspecto específico, isto acontece dentro de um contexto que lhes permite manter o campo de percepção mais amplo que envolve os demais fazeres aos quais aquela especificidade está relacionada.

Subjacente a todas as ações, por ela alimentadas e sustentando-as como princípios, há a formação de modos de sentir e pensar. Como já discutido, estes estão plenos de contradições e conflitos nas oscilações entre: subordinação a processos e seus procedimentos como aprendiz e rupturas com alguns desses processos e procedimentos como regente; passividade diante dos comandos e “coragem” para assumir a liderança de naipe; ternura nos conselhos e

autoritarismo nas ordens; fraternidade nas relações internas expressa no cuidado e na ajuda mútuos e rivalidade nas relações externas expressa em comentários e atitudes; oblação e auto investimento... No entanto, não obstante essa oscilação, as relações mantêm a sua verticalidade. Quem está no ponto mais alto é o regente, solitário. Na base, os componentes. Entre os extremos, colaboradores circulam fazendo as mediações.

Esses “princípios”, “métodos” e “procedimentos técnicos” parecem ser as marcas de uma pedagogia própria do mundo das bandas e fanfarras escolares de Santarém – pelo menos daquelas que investiguei e participam dos desfiles e do Festival e neste pretendem alcançar destaque. São modos de sentir, pensar e agir a uma vez artísticos e sociais, reciprocamente implicados que denomino de “pedagogia do todo”, porque já não se trata de um ensino estritamente musical, mas artístico e também de gestão, no qual se aprende a fazer tudo.

Considero que as narrativas e a descrição detalhada do campo permitem, mais do que a minha análise e interpretação, perceber como funciona a pedagogia que mantém e difunde o espaço social e artístico do qual fazem parte as quatro bandas e fanfarras escolares envolvidas nesta pesquisa. A análise sempre traz consigo os riscos da abstração ao fazer emergir conceitos (como esse da “pedagogia do todo”) que podem abandonar o êmico fazendo prevalecer o ético e conduzir a uma “invenção” da “realidade”, apesar de ser a “verdade” sempre buscada pela pesquisa.

Entendo que é preciso avançar na investigação de muitas questões que não puderam ser esclarecidas, e que pretendo abordar em outros estudos para que a “pedagogia do todo” seja melhor compreendida. Entre elas, estão: que outras influências sócio artísticas musicais emergem dos caminhos para o ensino adotado pelos regentes das bandas escolares que competem no Festival? Por meio de quais processos são avaliadas essas influências, esse ensino e a aprendizagem dele resultante? Ou ainda: como se dá o processo de organização e criação musical para a competição? Qual a identidade musical daquelas bandas e fanfarras? De que forma o repertório influencia na construção de suas identidades musicais?

Por fim, desejo que as experiências vividas pelos regentes e integrantes das bandas e fanfarras escolares de Santarém trazidas para as páginas deste trabalho sejam inspirações para mais investigações que busquem apreender as pedagogias emergentes de práticas sociais artístico-musicais.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, P.C. *A música, o conviver e o lembrar: um estudo etnográfico entre os músicos da centenária banda Rossine da cidade de Rio Grande – RS*. 154f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2008.

ALBERTI, Verena. A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica. *Estudos históricos – Historiografia*, Rio de Janeiro, v.9, nº 17, p.31-57, 1996.

_____. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. *Ouvir Contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALIVERTI, Mavilda Jorge. Wilson Fonseca e a música santarena. In: VIEIRA, Lia Braga; IAZZETTA, Fernando. *Trilhas da música*. Belém: EDUFPA, 2004. p. 185-219.

ALMEIDA, J. R. M. de. *Tocando o repertório curricular: Bandas de Música e formação musical*. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

AMORIM, Herson Mendes. *Contribuições das bandas de música para a formação do instrumentista de sopro que atua em Belém do Pará*. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, 2012

BINDER, F.P. *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808 e 1889*. Vl. 1, 135f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomas. Lisboa: DIFEL, 1989.

CHADA, Sonia. A Prática Musical no Culto ao Caboclo nos Candomblés Baianos. SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 3., 2007. *Anais...* Salvador: EDUFBA, 2007, p. 137-144.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. 4. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2011.

CISLAGHI, M. C. *Concepções e ações de educação musical no projeto de bandas e fanfarras de São José – SC: três estudos de caso*. 177 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

COSTA, L. F. *Transmissão de saberes musicais na Banda 12 de Dezembro*. 135 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

COSTA, M. A. T. *Vivas a República: representações da banda União XV de Novembro em Mariana – MG (1901 – 1930)*. 127 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

FONSECA, Wilde Dias da. *Santarém: momentos históricos*. Santarém: Gráfica Tiagão, s/d.

FONSECA, Wilson. *A Educação em Santarém: breve notícia histórica*. Santarém: UFPA, 1995.

_____. *Meu Baú Mocorongo – Pesquisas, recordações e reflexões sobre a vida histórica e sociocultural santarena*. Santarém: SECULT-PA, 2006.

GONÇALVES, L. N. *Educação Musical e sociabilidade: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia – Minas Gerais nas décadas de 1940 e 1960*. Tese (Doutorado em Educação Musical) 333 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HIGINO, E. *Um século de tradição: a banda de música do colégio Salesiano Santa Rosa (1888-1988)*. 141f. Dissertação (Mestrado profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa, Documentação e História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2006.

KANDLER, M. A. *Bandas musicais no meio Oeste catarinense: características e processos de musicalização*. 166 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

LIMA, M. A. *A banda estudantil em um toque além da música*. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____. *A Banda e seus desafios: Levantamento e análise dos elementos que mantem em cena*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

MAFFESOLI, Michel. *O Conhecimento Comum*. Introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATEIRO, Tereza; SOUZA, Jusamara (orgs). *Práticas de Ensinar Música*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe B., HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B. *Augusto e Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos*. São Paulo: Contexto, 2006.

MOREIRA, M. S. *Aspectos históricos, sociais e pedagógicos nas filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição, do estado de Sergipe*. 136 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NASCIMENTO, A. T. N. *Método elementar para o ensino coletivo de instrumentos de banda de música: “da capo” um estudo sobre a sua aplicação*. 88 f. Dissertação (Mestrado em Música

e Educação) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NINA, M.L.B. *As Bandas de Música na construção de saberes de formação e atuação de um professor de música em Santarém-PA*. 135f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, 2015.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PEREIRA, Júlio Heleno Lages. *O Contexto Social da Fanfarra da Escola Municipal Princesa Isabel – Santarém/PA*. 50f. TCC – Universidade do Estado do Pará, Santarém, 2008.

POZZOBON, M.M. O Habitus Professoral e o Campo. *Revista Educativa*, V.11, Goiânia, 2008.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. *Formação e profissionalização docente*. Curitiba: Ibepex, 2010.

SALLES, Vicente. *A música e o tempo no Grão Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

SALLES, Vicente. *Sociedades de Euterpe*. As Bandas de Música no Grão-Pará. Brasília: edição do autor, 1985.

SANTOS, Regina Márcia Simão (Org.). *Música, Cultura e Educação: os múltiplos espaços de educação Musical*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SENA, Cristovam (Org.). *Isoca: Idílio do infinito*. Instituto Cultural Boanerges Sena, Projeto “Memória Santarena”. vl. 3. Santarém: ICBS, 2012.

SETTON, M.G.J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n.20, p.68 – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, (2002).

SILVA, T. B. *Banda Marcial Augusto dos Anjos: processos de ensino-aprendizagem musical*. 152 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIEIRA, Lia Braga. *A Construção do Professor de Música: o modelo conservatorial na formação e atuação do professor de música em Belém do Pará*. CEJUP, 2001.

_____. Aulas de Música – Análise a partir de descrição etnográfica. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS CURRICULARES, 1., 2003. *Anais...* João Pessoa. Currículo e Contemporaneidade: Questões Emergentes, 2003.

WESTRUPP, S. L. *Representações sociais de música em processos de educação musical formal e não formal de uma escola de educação básica*. 122 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

TÍTULO DA PESQUISA: Bandas e fanfarras escolares: processos de ensino na preparação para o Desfile da Semana da Pátria e Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém-PA.

ENTREVISTADORA: Eliane Cristina Nogueira Ferreira Fonseca

ENTREVISTADO(A): _____

DATA: ____/____/2015

HORÁRIO: das ____h__min às ____h__min

LOCAL: _____

ROTEIRO

PARTE I: FORMAÇÃO

- 1.1 Quais as suas formações musicais?
- 1.2 Com quem você as desenvolveu?
- 1.3 Como foram desenvolvidas (aulas, encontros, formais, informais etc.)?
- 1.4 Quando foram desenvolvidas (em que período: datas)?
- 1.5 Onde foram desenvolvidas (nome do local: escola, trabalho, igreja etc.; em que cidade, bairro etc.)?

PARTE II: ATUAÇÃO ANTERIOR

- 2.1 Há quanto tempo você desenvolve atividades com banda e/ou fanfarra?
- 2.2 Em quais escolas você trabalhou com esta atividade?
- 2.3 Estas escolas participaram de Desfile da Semana da Pátria e de Festival de Bandas e Fanfarras?

PARTE III: ATUAÇÃO NO PRESENTE

- 3.1 Há quanto tempo você desenvolve atividades com banda e/ou fanfarra nesta escola?
- 3.2 Durante este tempo, esta escola participou de Desfile e de Festival?
- 3.3 Em quais categorias?
- 3.4 Quantos participantes têm no grupo?
- 3.5 De que forma acontece o ingresso desses participantes?
- 3.6 As aulas ou ensaios são individuais ou em grupo?

- 3.7 Como este ensino é organizado (como é planejado: se é voltado desde o início para o Desfile e o Festival e se não é assim, qual é o objetivo; se seleciona conteúdos de técnica instrumental, se seleciona conteúdos de teoria musical)?
- 3.8 Em qual período do ano o trabalho com a banda é desenvolvido (em quais meses do ano)?
- 3.9 Quanto tempo dura cada ensaio ou aula?
- 3.10 Quanto tempo dura cada ensaio ou aula quando o Desfile e Festival se aproximam?
- 3.11 Qual é o repertório musical trabalhado?
- 3.12 Quem escolhe o repertório?
- 3.13 Quem faz os arranjos?
- 3.14 O que determina a escolha do repertório e os arranjos?
- 3.15 Como a coreografia se relaciona com a música (o quê determina o quê)?
- 3.16 Como este repertório é escolhido e organizado para a performance?
- 3.17 Que materiais são utilizados nas aulas e/ou ensaios?
- 3.18 Como você observa o desenvolvimento e a aprendizagem musical dos estudantes?

APÊNCIDE 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que aceito colaborar voluntariamente com a Prof.^a Eliane Cristina Nogueira Ferreira Fonseca, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lia Braga Vieira, na pesquisa de Dissertação intitulada: “Bandas e fanfarras escolares: processos de ensino na preparação para o Desfile da Semana da Pátria e Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém-PA”. A assinatura deste termo preenchido significa que: 1- estou esclarecido(a) de que as informações e imagens por mim fornecidas contribuirão para o desenvolvimento desta pesquisa científica, 2- serão utilizadas com propósitos exclusivamente científicos e acadêmicos e 3- concordei livremente em participar desse estudo. Declaro que recebi uma cópia deste termo de consentimento.

Orientadora da Pesquisa:

Prof.^a Dr.^a Lia Braga Vieira: telefone (91) 98869-1170, e-mail: lbvieira@ufpa.br

Pesquisadora:

Prof.^a Eliane Cristina Nogueira Ferreira Fonseca: telefone (91) 99354-1801, e-mail: lilarosa31@gmail.com

Universidade Federal do Pará (UFPA) /Instituto de Ciências da Arte (ICA)/ Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES)

LOCAL E DATA: _____

NOME E ASSINATURA DO ENTREVISTADO

(Nome por extenso)

(Assinatura)

**ANEXO: REGULAMENTO DO IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE
SANTARÉM – 2015**



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

REGULAMENTO

1. FINALIDADE

Art. 1°. A Prefeitura de Santarém realiza o “**X Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém**”.

Art. 2°. O Festival visa integrar as escolas e a sociedade em geral, além de incentivar a prática musical e o desenvolvimento artístico cultural dos seus respectivos alunos, integrantes de entidades e cidadãos.

2. DO LOCAL E DATA

Art. 3°. O Festival será realizado em Santarém, nos dias 08 e 09 de setembro de 2015 a partir das 18h, tendo como perímetro a Praça Mom Senhor José Gregório até a Praça do Pescador.

3. DA COORDENAÇÃO E CRONOGRAMA

Art. 4°. A Coordenação será formada pela equipe que integra a **Secretaria Municipal da Juventude Esporte e Laser (SEMJEL)** com o apoio dos representantes das escolas e entidades musicais sob a orientação do seguinte cronograma de execução:

ATIVIDADE	DATA	LOCAL	HORÁRIO
Reunião com representantes das Bandas e Fanfarras (Socialização do Regulamento)	01 de agosto	Auditório da Escola de Artes Prof. Emir Hermes Bemergui	14h00min
Reunião com representantes das Bandas e Fanfarras (Definição dos Temas)			
Início das Inscrições		Secretaria Municipal da Juventude Esporte e Laser (SEMJEL)	Das 08h00min às 12h00min.
Término das inscrições		Secretaria Municipal da Juventude Esporte e Laser (SEMJEL)	Das 08h00min às 12h00min.



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

Reunião com representantes das Bandas e Fanfarras (Sorteio da Ordem de apresentação)			
Data final para entrega de Histórico e Relação de Componentes		Secretaria Municipal da Juventude Esporte e Lazer (SEMJEL)	Das 08h00min às 12h00min.
Realização do Evento	08 e 09 de Setembro	Orla da Cidade	19h00min
Apuração dos Resultados	10 de Setembro		16h00min

4. DAS CATEGORIAS E DAS INSCRIÇÕES.

Art. 5°. Poderão participar do Festival todas as entidades que se enquadrarem nas categorias técnicas do presente regulamento, sendo elas: “FANFARRA SIMPLES”, “FANFARRA COM MELODIA”, “BANDA MARCIAL”, podendo ser, inclusive, oriundas de outros municípios.

Art. 6°. As inscrições serão realizadas no período de 23 a 27 de julho na SEMJEL (Tv. Dom Amando nº 697 Santa Clara.) das 08h00 às 12h00.

Parágrafo Único - Após esse prazo ainda serão aceitas inscrições, porém a banda em questão sofrerá perda de 03 pontos na somatória geral das notas.

5. DAS CARACTERÍSTICAS DAS CATEGORIAS

Art. 7°. Para efeito de avaliação e classificação, as entidades serão classificadas nas seguintes categorias:

a) Fanfarra Simples (Banda de Percussão sem melodia)

- Instrumentos de Percussão: Bumbos, Treme-terras, pratos duplos, caixas claras (tarol) ou tenor, surdos e acessórios de sons não melódicos.

b) Fanfarra com melodia (Banda de Cornetas)

- Instrumentos de Sopros: Cornetas e cornetões lisos de qualquer tonalidade.



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

- Instrumentos de Percussão: Bumbos, Treme-terras, pratos duplos, caixas claras (tarol) ou tenor, surdos e acessórios de sons não melódicos.

C) Banda Marcial (Banda Musical)

- Instrumentos de Percussão: Bumbos, Treme-terras, pratos duplos, caixas claras (tarol) ou tenor, surdos e acessórios.

- Instrumentos de Sopros (Metais): Cornetas, Cornetões, Trompetes, Trombones e etc..

- Instrumentos de Sopros (Madeiras): Clarinetas, Saxofones, Flautas e etc..

Parágrafo Único: Não será permitida a utilização dos instrumentos:

- De percussão de teclas, tais como: Lira, Glockspeels, Marimba, Vibrafone e etc para as categorias “Fanfarra Simples” e “Fanfarra com Melodia”.

- Eletrônicos, tais como: Teclado, Contrabaixo elétrico, Guitarra e etc. para todas as categorias técnicas.

6. DA ORDEM DE DESFILE E ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO

Art. 8°. O Sorteio da ordem de apresentação e posicionamento das bandas e fanfarras do desfile nas diferentes categorias será no dia 03/08/12 de acordo com o cronograma do evento.

Art. 9°. A Banda iniciará seu desfile na Avenida Tapajós esquina com a Trav. 15 de novembro.

Parágrafo único: A dispersão será feita ao lado da quadra esportiva do Mascotinho, sendo que a Banda ou Fanfarra que dispersar antes perderá 02 pontos.

Art. 10°. A primeira banda a se apresentar estará na posição de início na Avenida Tapajós, em frente o cruzamento da Trav. 15 de novembro, ao lado esquerdo da comissão julgadora. Sempre da saída de uma banda para apresentação, a banda seguinte, pela ordem de sorteio, deverá ocupar o seu lugar, não sendo permitida alteração de posicionamento da ordem do sorteio.

Art. 11. O histórico deverá ser entregue junto à relação de componentes até o dia 24/08/12. Caso seja necessária a substituição de algum componente, a mesma será aceita mediante ofício da Escola entregue até o dia 31/08/2012 na SEMJEL (Tv. Dom Amando) até às 12h00. A Banda que por algum motivo entregar qualquer documento após esta data perderá 03 pontos na somatória geral das notas.



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

Parágrafo único: É vedado ao componente tocar em duas corporações musicais mesmo estando estas em categorias distintas conforme previsto no parágrafo 5º.

a) O histórico deverá ser redigido e entregue em formato de arquivo em um editor de texto (word, br office e etc) com fonte arial n°. 14 com texto de no máximo 30 linhas fora o título.

b) Somente serão aceitos os textos que reproduzirem o "real Histórico da Banda ou Fanfarra".

c) Não será aceito histórico entregue fora do prazo (24/08/12).

Art. 12. A cada Banda será facultado para sua apresentação o tempo máximo de 12 minutos. A banda a se apresentar terá o tempo máximo de cinco minutos, cronometrados a partir do momento em que começar a tocar, para se locomover, da posição de início até a frente do corpo de jurados. Em seguida, a banda terá 7 minutos para desenvolver sua apresentação musical e coreográfica na frente da comissão julgadora.

Parágrafo Único: O não cumprimento do artigo 11 implicará na perda de pontos de acordo com o previsto no artigo 12.

Art. 13. Durante a execução musical e coreográfica, o procedimento relacionado ao tempo de apresentação será o seguinte: Ao completar 5 minutos será erguida e assim permanecerá a bandeira amarela em sinal de atenção; Concluído o tempo de 7 minutos será erguida a bandeira vermelha; Completado 7 minutos e 1 segundo, será descontado 01 ponto na contagem geral; Completados 8 minutos, será descontado 02 pontos na contagem geral e assim sucessivamente até que se dê por encerrada a apresentação da banda ou fanfarra em questão.

7. DA CONCENTRAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Art.14. As Bandas devem comparecer no local do evento no horário estipulado para a concentração, sob pena de punição que prevê perda de 1 ponto a cada dez minutos de atraso se o mesmo vier a acontecer. Fica assim, estipulado os seguintes horários:

Abertura: Apresentação Extra

19h00min

Fanfarra Simples (Concentração):

18h30min para as 5 primeiras sorteadas.

19h30min para as demais.

Intervalo: Apresentação Extra

20h00min



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

Fanfarras com Melodia (concentração):

20h30min para as cinco primeiras sorteadas.

21h00min para as demais.

Banda Marcial (concentração):

21h30min para as cinco primeiras sorteadas.

22h00min para as demais.

Art. 15. As apresentações serão por ordem de sorteio, que será realizado no dia 03/08/12, se apresentando primeiro as “Fanfarras Simples” e em seguida as “Fanfarras com Melodia”, por último as “Bandas Marciais”, com intervalos entre as três categorias para organização de envelopes de notas, pausas e troca do corpo de jurados.

Parágrafo Único: Na ausência de uma banda ou fanfarra apresenta-se aquela que estiver na vez.

Art. 16. A apresentação da banda deverá seguir obrigatoriamente o seguinte roteiro:

- a) Deslocamento da Concentração até a frente da comissão Julgadora e leitura do histórico,
- b) Execução Musical e Coreográfica,
- c) Saída e dispersão.

Parágrafo Único - Caso ocorra alteração e/ou o não cumprimento da sequencia do roteiro proposto, a banda ou fanfarra terá a perda de 02 pontos na contagem geral.

8. DA COMPREENSÃO QUANTO AO ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO

Art. 17. O Deslocamento é o processo de locomoção do local de início até a frente da comissão julgadora. A banda deverá entrar tocando, alinhada em forma retangular no sentido horizontal, a marcação de passos obrigatoriamente adotada deverá ser a Marcha. O tempo máximo para o deslocamento é de 5 minutos.

Parágrafo Único: a cronometragem do deslocamento só será encerrada quando a banda ou fanfarra estiver em posição de início de sua execução musical e coreográfica.

Art. 18. A execução musical e coreográfica é a apresentação da banda com seu repertório e coreografias preparados para o evento. O tempo máximo da apresentação musical e coreográfica é de 7 (sete) minutos e deverá ser apresentado na frente da comissão julgadora, logo após o deslocamento.

Art. 19. Após a apresentação musical e coreográfica, a banda ou fanfarra deverá sair tocando com baixo volume de som (Dinâmica musical descrita como pianíssimo), marchando normalmente conforme o deslocamento inicial até o local de dispersão.



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

Parágrafo 1º: Caso ocorra a infração do art. 19, os jurados do aspecto musical assinalarão na ficha daquela determinada fanfarra ou banda o não cumprimento do referido artigo, tendo a fanfarra ou banda 02 pontos descontados de sua pontuação final.

Parágrafo 2º: Após a apresentação musical e coreográfica de uma banda ou fanfarra, inicia-se imediatamente o deslocamento da banda ou fanfarra subsequente, não havendo tempo de espera para montagem de qualquer tipo de cenário e/ou alegoria.

9. DO JULGAMENTO DAS BANDAS

Art.20. Cada banda será avaliada em três aspectos distintos, levando ainda em consideração seu tema desenvolvido nos aspectos musical e coreográfico, sendo que:

- a) Aspecto Marcial (somente no Deslocamento),
- b) Aspecto Musical (Durante a execução musical e coreográfica),
- c) Aspecto Coreográfico (Durante a execução musical e coreográfica)

Art.21. A comissão julgadora adotará a pontuação de 7 a 10 pontos para os itens abaixo representados e nos respectivos Aspectos de acordo com a categoria:

I – FANFARRA SIMPLES

- a) Marcha e Garbo;
- b) Alinhamento; Marcial
- c) Uniforme;
- d) Afinação
- e) Harmonia Musical
- f) Ritmo
- g) Criatividade e Originalidade
- h) Expressão Coreográfico
- i) Sincronismo

II – FANFARRA COM MELODIA



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

- a) Marcha e Garbo;
- b) Alinhamento; Marcial
- c) Uniforme;
- d) Afinação,
- e) Melodia; Musical
- f) Harmonia;
- g) Ritmo,
- h) Criatividade e Originalidade
- i) Expressão Coreográfica
- j) Sincronismo

III – BANDA MARCIAL

- a) Marcha e Garbo;
- b) Alinhamento; Marcial
- c) Uniforme;
- d) Afinação,
- e) Fraseado;
- f) Encandeamento Harmônico; Musical
- g) Articulação
- h) Ritmo,
- h) Criatividade e Originalidade
- i) Expressão Coreográfico.
- j) Sincronismo

Parágrafo Único - Para orientação geral dos participantes e da própria comissão julgadora, as bandas serão avaliadas nos aspectos Marcial, Musical e Coreográfico, de acordo com os seguintes conceitos.



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

10. ASPECTO MARCIAL

9.1. Marcha e Garbo (Ato ou efeito de Marchar; Passo cadenciado, de homens ou de um corpo de tropas, elegância e postura respectivamente), serão observados os movimentos de pernas e pés, com o devido sincronismo e postura exigida pelo conjunto.

9.2. Alinhamento (dispor-se em linha reta). Será observado o alinhamento das filas no sentido vertical e horizontal bem como a regularidade das distâncias entre as filas e a regularidade das distâncias entre as colunas.

9.3. Uniforme (vestuário feito segundo modelo oficial e comum, para uma corporação ou classe).

Será observado a uniformidade das indumentárias individualmente e no conjunto como calças, túnicas, sapatos, chapéis, cintos, talabartes ajustados ao manequim do músico, uniformemente abotoados e sem pontas soltas. Não se levará em conta o luxo, podendo ser uniforme para homem e para mulher.

11. ASPECTO MUSICAL

11.1. Afinação (Equilibrar, pôr no devido tom, igualar a altura sonora dos instrumentos musicais respeitando suas características timbrísticas em seus respectivos naipes e no conjunto). Será avaliada a afinação dos instrumentos, tanto de percussão (FANFARRAS SIMPLES e FANFARRAS COM MELODIA) quanto melódicos (FANFARRAS COM MELODIA), isolados em naipes e no conjunto.

11.2. Melodia (Sucessão rítmico-melódica de sons simples e intervalos diferentes, com certo sentido Musical). Será avaliado levando-se em conta a qualidade sonora quanto a sua articulação individual e coletiva, o fraseado rítmico e melódico das peças, o estilo da melodia segundo a temática desenvolvida e suas dinâmicas de interpretação.

Parágrafo Único - Para orientação geral dos participantes e da própria comissão julgadora, Apenas as “Fanfarras com Melodia” serão julgadas com o item Melodia.

11.3. Harmonia (conjunto de sons dispostos em ordem simultânea). Será avaliada a estrutura geral das composições e adaptações através do contraponto entre os naipes levando-se em consideração a Estética Musical do repertório, o estilo musical desenvolvido pela temática e o grau de dificuldade na execução.

11.4. Ritmo (Movimento ou ruído que se repete no tempo, a intervalos regulares, com acentos fortes - fracos). Serão avaliadas a ordem e a proporção em que estão dispostos os sons que formam as cadências percussivas de acordo com o estilo musical desenvolvido pela temática, levando-se em conta ainda a precisão, a



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

criatividade e a dificuldade rítmica na execução, individual e coletiva conforme o arranjo ou adaptação do repertório.

11.5. Fraseado (Disposição das notas musicais e figuras de tempo com sentido rítmico/melódico). Será avaliado o cumprimento das características rítmicas e melódicas das frases executadas das peças escolhidas segundo o tema proposto pelo grupo.

11.6. Encandeamento Harmônico (Disposição dos acordes existentes em qualquer peça de acordo com as regras da música tonal). Será avaliado o cumprimento dos padrões harmônicas da peça musical de acordo com sua estética e suas adaptações para o grupo.

11.7. Articulação (Técnica de produzir os sons de forma clara, explicada e coerente, de acordo com o fraseado, a interpretação e o encandeamento harmônico exigido pela peça). Será avaliado o domínio das técnicas instrumentais dos músicos, tal como a capacidade do conjunto em evidenciar os contrastes sonoros e as nuances interpretativas exigidas nas peças musicais apresentadas.

12. ASPECTO COREOGRÁFICO

12.1. Criatividade/originalidade (relacionado com a “novidade” que, necessariamente, está ligada à “originalidade”, ficando no contexto da organização daquilo que é novo e inovador). Será avaliada a estética dos movimentos de acordo com o Tema desenvolvido, tal como os efeitos visuais por eles provocados. Levando em consideração a combinação dos gestos e movimentos coreográficos com a música executada.

12.2. Expressão (Enunciação do pensamento por gestos, palavras e outras linguagens artísticas, representação, manifestação etc.). Será avaliada a performance artística da banda ou fanfarra em sua execução, sua temática, habilidade e domínio quanto à sua apresentação.

12.3. Sincronismo (Combinar ações ou exercícios para o mesmo intervalo de tempo, tornar sincrônico). Será avaliado o domínio técnico e o grau de dificuldade nas excussões coreográficas do conjunto e dos movimentos coreográficos apresentados simultaneamente durante a performance musical.

Parágrafo Único - Para orientação geral dos participantes e da própria comissão julgadora, serão Julgados no Aspecto Coreográfico dois Itens de domínio Artístico, Criatividade/Originalidade e Expressão, e um item de domínio técnico, o sincronismo. Sendo tais itens avaliados nos movimentos coreográficos em naipe e no conjunto inteiro.



PREFEITURA DE SANTARÉM
SECRETARIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER (SEMJEL)
DIVISÃO DE LAZER
IX FESTIVAL DE BANDAS E FANFARRAS DE SANTARÉM – 2015

13. DA PREMIAÇÃO

Art. 22. A premiação será realizada em dia e horário a serem divulgados posteriormente, serão premiadas as três primeiras Bandas ou Fanfarras classificadas em cada categoria. Todos os itens de premiação formam Kit's de instrumentos musicais.

14. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Art. 23. O resultado do VI Festival de Bandas e Fanfarras será apurado no dia 02 de setembro às 14h00min. Para tal, deve-se fazer presente no máximo dois representantes de cada banda ou fanfarra para acompanhamento da apuração.

Art. 24. Os componentes das bandas e fanfarras deverão aguardar o resultado da apuração em suas respectivas escolas. Não será permitida a presença de nenhum tipo de torcida nas proximidades do local de apuração, e se constatado a presença de alguma representatividade de alguma corporação, a mesma estará sujeita a eliminação do VI Festival de Bandas e Fanfarras.

Art. 25. Os casos omissos neste regulamento serão decididos pela coordenação respeitando sempre o bom senso e assegurando os direitos de todos.

Santarém-PA, 25 de Abril de 2013.